

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –PPGE
ANA TATIANA STAINÉ CARDOSO GOBATO

**EDUCAÇÃO NO CAMPO: ESCOLA DO ASSENTAMENTO MONTE
ALEGRE.**

SÃO CARLOS – 2012

ANA TATIANA STAINÉ CARDOSO GOBATO

**EDUCAÇÃO NO CAMPO: ESCOLA DO ASSENTAMENTO MONTE
ALEGRE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto.

São Carlos – 2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

G574ec

Gobato, Ana Tatiana Staine Cardoso.

Educação no campo : escola do assentamento Monte Alegre / Ana Tatiana Staine Cardoso Gobato. -- São Carlos : UFSCar, 2012.
268 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação. 2. Educação do campo. 3. Educação no c
campo. 4. Assentamentos humanos - educação. I. Título.


CDD: 370 (20^a)


BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto

Prof. Dr. Marcos Cassin

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Regina Moreno Caiado





K. M. Caiado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1: Assentamento Monte Alegre	46
Figura 2: Assentamento Monte Alegre 6 – Divisa Matão/Araraquara	47
Figura 3: EMEF do Campo Maria de Lurdes da Silva Prado.....	52
Figura 4: Horta.....	61
Figura 5: Horta I	61
Figura 6: Horta II	62
Figura 7: Horta III.....	62
Figura 8: Horta IV	62
Figura 9: Horta V	62
Figura 10: Pomar	63
Figura 11: Pomar I.....	63
Figura 12: Jardim.....	63
Figura 13: Jardim I.....	63
Figura 14: Jardim II	64
Figura 15: Jardim III.....	64
Figura 16: Jardim IV.....	64
Figura 17: Jardim V	64

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: População residente nas cidades	35
Tabela 2: Incidência da Pobreza	36
Tabela 3: Formação e Constituição do Assentamento.....	47
Tabela 4: Quadro Comparativo dos Alunos Matriculados.	54
Tabela 5: Alunos Matriculados, Transferidos, Aprovados, Reprovados e Evadidos em 2010	55
Tabela 6: Atividades Extra-Escolares.....	59
Tabela 7: Funções exercidas na escola pelos participantes da entrevista.....	67
Gráfico 1: Tempo de trabalho dos funcionários entrevistados nesta escola do campo	68
Gráfico 2: Funcionários entrevistados que já trabalharam em outras escolas	68
Gráfico 3: Há a necessidade de uma educação específica para o campo?.....	69
Gráfico 4: O programa escola do campo é realizado nesta escola?.....	70
Gráfico 5: Há a realização de trabalhos específicos do campo?.....	71
Gráfico 6: Existe diferença em relação ao comportamento entre os alunos do campo e da cidade?.....	78
Gráfico 7: Existe discriminação para com os trabalhadores, moradores e estudantes do campo?	79
Gráfico 8: Participação da comunidade na escola.	84
Gráfico 9: Idade dos alunos que responderam o questionário.	86
Gráfico 10: Percebe alguma diferença entre esta escola e as escolas da cidade?....	87
Gráfico 11: Vantagens em estudar em uma escola no campo.	88
Gráfico 12: Desvantagens em estudar em uma escola no campo.	89
Gráfico 13: Você já se sentiu discriminado por morar no campo?.....	92
Gráfico 14: Cidades mais frequentadas pelos alunos.	94
Gráfico 15: Frequência com que os alunos vão à cidade.....	95
Gráfico 16: Cidade em que os alunos pretendem realizar o Ensino Médio.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CER – Centro de Educação e Recreação

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IFDM – Índice de Firjan de Desenvolvimento Municipal

ITESP - Instituto de Terras do Estado de São Paulo

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

PPP – Projeto Político Pedagógico

PT – Partido dos Trabalhadores

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

SME – Secretaria Municipal de Educação

**Aos meus pais, irmãos, ao meu namorado e toda a minha família, por toda a
compreensão e apoio.**

**À todos da EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, para que
este trabalho contribua para a reflexão sobre qual educação pretende-se realizar
nesta escola.**

**À todos aqueles que não apenas sonham, mas também lutam e trabalham
em seu dia a dia em prol de uma educação pública de qualidade no nosso país.**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me abençoar em mais este trabalho.

Agradeço ao meu orientador Luiz Bezerra Neto, por toda a paciência, dedicação, instrução e incentivo durante a realização deste trabalho de mestrado.

Agradeço ao meu pai Leonardo, minha mãe Adriana, meu irmão Emerson, minha irmã Francielli, meu namorado Éder, meus tios, tias, primos, primas e minha avó Neusa por todo o apoio e incentivo nesta longa e árdua caminhada.

Agradeço à Secretaria Municipal de Educação de Araraquara pela autorização para a realização deste trabalho.

Agradeço à toda a equipe de gestão, coordenação, professores, funcionários e alunos da EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, por terem me recebido na escola e colaborado imensamente para a realização desta pesquisa. Espero que este trabalho possa contribuir para os que já estão e para os que virão trabalhar nesta escola pensar e repensar suas práticas educativas.

Agradeço ao Alexandre, por ter me recebido e contribuído para com este trabalho.

Agradeço à minha colega de mestrado Monica, por ter compartilhado de minhas ansiedades, frustrações, alegrias e conquistas.

Agradeço a todos os integrantes do grupo de estudos GEPEC, pelas discussões, orientações e sugestões que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à Andréa, Cristiane Carvalho, Cristiane Assis, Juliana e Priscila, por mesmo estando longe, ou pelo menos, não tão perto como gostaríamos, terem lido todos os emails intermináveis que enviei e terem me apoiado durante todo o mestrado.

Agradeço à todos os meus amigos e amigas pelas palavras de apoio e incentivo que sempre me deram ânimo para persistir.

Obrigada a todos!

Resumo

Esta dissertação de mestrado possui por objeto de pesquisa uma escola do campo localizada no município de Araraquara, São Paulo. Este município possui desde o ano de 2002 um programa denominado Programa Escola do Campo que abrange três escolas municipais: uma no distrito de Bueno de Andrada, uma no Assentamento Bela Vista e uma no Assentamento Monte Alegre, sendo que a pesquisa de campo desenvolveu-se nesta última escola. Este programa continua em vigência uma vez que no ano de 2004 foi contemplado no Plano Municipal de Educação para o decênio de 2004 a 2013. Ao adentrarmos na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, tivemos por objetivo descobrir se a educação que ali se ministra é realmente uma educação do campo ou se na verdade trata-se de uma educação no campo. Para isso realizamos entrevistas com a coordenadora, com os professores e funcionários desta escola para descobrirmos se na opinião deles existe a necessidade de uma educação diferenciada e se existe, se é realizada uma educação diferente daquela realizada nas escolas urbanas. Buscamos entender também o que este grupo entende por educação do campo e como alguns acreditam que a mesma deva ocorrer. Também realizamos questionários com os alunos do nono ano desta escola, buscando compreender se na opinião deles existe diferença entre a escola do campo, onde estudam, e a escola urbana, além disso, também questionamos as vantagens e desvantagens que estes alunos vêm em estudar em uma escola do campo. O que percebemos é que por mais que o Programa Escola do Campo continue em vigência, sua realização não encontra-se em andamento, uma vez que dentro destes dez anos de sua elaboração, muitas são as mudanças e transformações ocorridas no interior da secretária municipal de educação e das próprias escolas do campo.

Palavras chaves: Educação do campo; educação no campo; educação em assentamentos.

Abstract

This research has as its main aim a rural school in Araraquara, São Paulo. Since 2002, this city has a program named “Rural School Program” that covers three public schools: one in a county named Bueno de Andrada, another one in a rural settlement named “Bela Vista” and the last one in settlement, the “Monte Alegre”. The field research happened in the last school, at “Monte Alegre”. This program keeps working, once it was covered in the Municipal Plan of Education for the decade 2004-2013.

When we entered into the Rural Primary School “Maria de Lourdes da Silva Prado, we had the aim to discover if the education offered there is a real rural education or if is just an education in the rural area. For this, we’ve realized some interviews, with the coordinator, teachers and workers. We’ve tried to discover if for these people the education in this school is different or not of the one that is offered in the urban schools. We also tried to understand what this group think about rural education and how some of them believe that this should happen. We’ve used some questionnaires with the students, to see if they think there’s a difference between the rural school, where they study, and the school in the city, and also about the advantages and disadvantages that these students see in a rural school. What we realized is that even the Rural School Program keeps operating, it’s not working as it should, since that in these ten years there’re lots of changes in its elaboration. A lot of these changes are inside the municipal education secretary and others are inside the rural schools.

Key-words: Rural schools.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	9
Introdução.....	11
Capítulo 1: Educação do Campo: Origem.....	18
1.1. O Movimento Por Uma Educação do campo: Qual sua origem?.....	23
Capítulo 2: Analisando uma proposta no município de Araraquara – SP.....	32
2.1. A proposta de educação do campo do município de Araraquara.	36
2.2. A escola do Assentamento Monte Alegre	45
Capítulo 3: A EMEF do Campo Maria de Lurdes da Silva Prado.	52
3.1. A educação realizada na EMEF do Campo Maria de Lurdes da Silva Prado.	65
3.1.1. A Educação do Campo na concepção da comunidade escolar.....	67
3.1.2. A Educação do Campo na percepção dos alunos do nono ano.	85
3.1.3. Na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado é realizada uma educação do campo?.....	96
Considerações Finais	132
Bibliografia.....	136
APÊNDICE: Entrevistas	140
Entrevista 1: Professora Rosangela	140
Entrevista 2: Professora Laura.....	146
Entrevista 3: Agente Educacional Marcela	151
Entrevista 4: Professora Neusa	158
Entrevista 5: Agente educacional Claudio.....	170
Entrevista 6: Coordenadora Pedagógica Letícia.....	183
Entrevista 7: Professor Eduardo	197
Entrevista 8: Professora Cristina	202
Entrevista 9: Auxiliar administrativa Gabriela.....	206

Entrevista 10: Cozinheira Eliane	214
Entrevista 11: Funcionaria da Limpeza e mãe de alunos Fabiana.....	218
Entrevista 12: Professora Denise.....	222
Entrevista 13: Alexandre	230
Anexos: Questionários.....	255

Introdução

Durante a realização da minha monografia de conclusão de curso discutimos sobre a necessidade de uma educação específica para uma parcela da população brasileira, no caso a população que vive e trabalha no campo.

Nesta pesquisa de mestrado tivemos por objetivo aprofundar a discussão desta problemática uma vez que o problema que enfrentamos não se restringe ao investimento insuficiente para com a educação das populações que vivem no campo, tais como a população indígena, a população negra ou quilombola, a população ribeirinha, ou ainda a população das periferias urbanas. Entendemos que para, além disso, trata-se de uma educação pauperizada para com a população das camadas subalternas, das camadas desprovidas das condições de poder na sociedade capitalista.

É neste sentido que acreditamos que há uma insuficiência de recursos na educação pública, sobretudo nas modalidades de ensino fundamental e médio, embora, no ensino superior, também não tenhamos vagas para todos, uma vez que, pelo menos no que se refere à educação básica, as elites de nosso país estão sendo formadas nas escolas privadas e não na escola pública e gratuita.

A respeito da inadequação da educação pública para atender a toda a classe trabalhadora, muitos trabalhos estão sendo realizados. Em uma pesquisa no banco de teses e dissertações da Universidade Federal de São Carlos e nos livros da biblioteca desta universidade, percebemos, entretanto que estes, que a maioria destes trabalhos não se destinam a educação como um todo, mas a dar ênfase na educação de algumas parcelas da população que de uma forma ou de outra acabam sendo mais prejudicadas, sejam por motivos históricos e/ou culturais.

São os casos dos trabalhos referentes à educação da população do campo, podendo então ressaltar a contribuição de autores como SPAGNOLO, F. (1982), RIZZOLI, A. (1987), MEDEIROS, L. S. de. (1989), GRZYBOWSKY, C. (1990), VENDRANINI, C. R. (1992, 1997), BEZERRA NETO, L. (1998, 2003), COSTA, S. A. (2002), ANDRÉS, A. (2003), JESUS, V. G. S. de (2002), LIMA, E. N. (2004), BRANCALEONI, A. P. L. ; PINTO, J. M. R. (2003, 2010) entre outros. Estes trabalhos em suma referem-se às propostas de educação rural ou do campo, estando a maioria deles mais relacionada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, seja enfatizando na história de luta e

desenvolvimento de sua proposta pedagógica, nas experiências sócio-educativas ou até mesmo no desenvolvimento e na formação de uma consciência de classe entre os trabalhadores sem terra.

Mostrar a história de luta, pela qual os movimentos sociais do campo se empenharam em prol de uma educação tida como mais digna para a população que vive e trabalha no campo, a forma como algumas experiências têm resultado, as expectativas de alunos e familiares em relação a esta educação que está sendo pensada coletivamente são algumas das intenções mais relatadas em relação à educação do campo.

A educação para as populações indígenas, ainda não muito pesquisadas, apresenta-se como um tema promissor ao surgimento de novos estudos, principalmente agora em que os indígenas conseguiram o direito a cotas para adentrarem os “muros” das universidades. Poucas são as pesquisas a este respeito, podemos destacar a tese de DALMOLIN, G. F. (2004), e os trabalhos de HERNANDEZ, I. (1981), KINDELL, G. E.; JONES, J. W. (1978), EMIRI, L. (1993), e GRUPIONI, L. D. B. (2009).

Já a educação pensada para as populações negras, quilombolas e afrodescendentes também está sendo bastante pesquisadas e em crescimento, uma vez que grande parte da população brasileira descende de etnias africanas e por conta também das ações afirmativas que estão sendo implantadas em algumas universidades. Podemos ressaltar os trabalhos realizados por PEREIRA, L. R. B. (2007), RIBEIRO, C. M. (2005), ALGARVE, V. A. (2004), TÚBERO, R. (2003), CHIARELLO, R. A. P. (2003), LOPES, A. (1994), que referem-se à forma como a cultura negra é trabalhada na escola, a questão da identidade, do preconceito e da discriminação da pessoa, do aluno negro dentro da escola.

Podemos observar ainda a existência de trabalhos cujos temas referem-se à educação de alunos repetentes, em recuperação, de alunos moradores de rua e de alunos que residem nas periferias urbanas, como os apresentados por SOUZA, C. B. P. de (2008), MARTINS, C. A. (2007), OLIVEIRA, A. R. de (2004), LOPES, O. T. (2004) e MARINI, F. (2003).

Já alguns trabalhos, FERREIRA, S. A. (2004), COSTA, M. C. D. (2006), MONACO, F. M. (2003), referem-se especialmente as políticas de educação: inclusão social, progressão continuada, ciclos, bolsa-escola, escola do futuro, etc. Outros ainda se destinam a pesquisar sobre as finalidades da educação, se ela serve à burguesia, se reproduz ou serve para emancipar os sujeitos, como é o caso dos trabalhos de CASEMIRO, W. (1997) e DORNELLAS, O. (1988).

Ressaltamos neste levantamento apenas alguns dos trabalhos que foram realizados a cerca da educação no Brasil, seja a respeito da necessidade e/ou de propostas diferenciadas de educação para determinada parcela da população, seja a respeito das implicações a que a educação está sujeita.

Entre eles, entretanto, os que atingem maior repercussão são os que propõem uma educação diferenciada para a população que vive e trabalha no campo, se materializando no “Movimento Por Uma Educação do Campo” defendido, entre outros, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O MST constitui-se como define Bezerra Neto (1998) no “mais organizado e representativo dos movimentos de luta pela terra no último quarto do século XX e início do século XXI” (BEZERRA NETO, 1998, p. 257). Entretanto para o MST não basta fazer a reforma agrária e, sua luta não se constitui apenas numa luta pela divisão justa da terra, mas também pela conquista de todos os outros direitos que possibilitarão a cidadania plena de todos os trabalhadores do campo, bem como dos trabalhadores urbanos, dado que este movimento entende que não se fará uma revolução social se não modificar completamente a estrutura organizativa da sociedade brasileira.

Entre estes direitos encontra-se no centro das lutas pela cidadania, o direito a uma educação que seja pública, gratuita e boa de qualidade. O caráter público e gratuito refere-se ao financiamento que deve ser provido pelo poder público, uma vez que é a arrecadação dos impostos, grande parte, paga pelos trabalhadores que abastece os cofres públicos. Já o caráter qualitativo, refere-se a uma educação que seja voltada para o homem e a mulher do campo, específica para eles e para a realidade, trabalhando a partir das dificuldades que enfrentam, não mais uma educação que seja pensada para a população urbana e imposta para os trabalhadores do campo.

Para tanto esta educação deve ser realizada no próprio meio rural onde as crianças vivem, não sendo necessário que os mesmos se desloquem até a cidade mais próxima, tendo muitas vezes que permanecerem por horas em um ônibus escolar e até mesmo realizar grandes caminhadas para chegar ao local onde este transporte passará.

A intenção em se pensar uma escola do campo não reside apenas na sua localidade, desta forma seria uma educação no campo. Esta educação defendida pelo movimento deve estar voltada para a vida no campo, para os seus sujeitos, para os problemas e dificuldades que enfrentam. Uma educação que esteja vinculada a luta pela terra, a luta pela cidadania

plena, que se vincule a um projeto de desenvolvimento sustentável do campo e da sociedade como um todo, que ajude a preparar os futuros militantes do MST e para a causa da transformação social, levando em conta que

essa preparação implica em capacitar as crianças para transformar a realidade, construir o novo, a partir de aprender a enfrentar problemas concretos que existem no assentamento (ou no acampamento), mas cultivando uma perspectiva social mais ampla. E a escola consegue fazer isso, se garante o conhecimento da realidade, prepara para o trabalho, educa desde e para novos valores, desenvolve a consciência organizativa, educa para a participação coletiva democrática e estimula a participação nas lutas sociais concretas (DOSSIÊ MST, 2005, p. 7 - 8).

Como é possível observar, a escola que estes desejam para os movimentos que compõem a Via Campesina, assim como outros movimentos de luta em defesa dos trabalhadores rurais, possui um forte traço das lutas pela Reforma Agrária, que constitui uma realidade no nosso país.

Para este movimento social a luta pela educação iniciou-se praticamente junto com a luta pela terra, já que a educação constitui-se um direito que há muito lhes está sendo negado ou então que lhes é oferecido, em seu ponto de vista, de forma inadequada. Foi assim que a partir de 1998, com a realização da I Conferência Nacional “Por Uma Educação Básica do Campo” iniciou-se oficialmente a luta dos movimentos sociais pelo direito dos trabalhadores e trabalhadoras do campo à educação. Como Arroyo (2004) relata,

Quando situamos a escola no horizonte dos direitos, temos de lembrar que os direitos representam sujeitos – sujeitos de direitos, não direitos abstratos -, que a escola, a educação básica tem de se propor tratar o homem, a mulher, a criança, o jovem do campo como sujeitos de direitos. Como sujeitos de história, de lutas, como sujeito de intervenção, como alguém que constrói, que está participando de um projeto social. Por isso a escola tem de levar em conta a história da cada educando e das lutas do campo (ARROYO, 2004, p.74).

Além disso, quando a educação das crianças e dos jovens que vivem no campo é relegada a escolas urbanas, os autores relatam que não existe na mesma um projeto político pedagógico que leve em consideração as especificidades da vida no campo que é diferente da realidade urbana. Não se trata apenas do espaço, mas também dos tempos que são diferentes, uma vez que para o homem do campo as condições climáticas de cada dia que contam para o trabalho e não se o dia da semana é domingo, segunda-feira, terça-feira, etc.

As inadequações das propostas pedagógicas e do calendário escolar não se constituem como os únicos entraves para a educação da população rural nos centros urbanos.

Fernandes, Cerioli e Caldart (2004) trazem para a discussão o fato da exclusão ou então da discriminação que os alunos sofrem no sistema escolar, quando este não ocorre no seu meio. Segundo eles,

Como predomina a concepção unilateral da relação cidade-campo, muitas prefeituras trazem as crianças para as cidades, num trajeto de horas de viagem, por estradas precárias, com a finalidade de reduzir custos, e as colocam em classes separadas das crianças da cidade, reforçando desta forma a dicotomia ainda presente no imaginário da sociedade. Ou então são colocadas na mesma sala, onde são chamadas de atrasadas pelas colegas, ou mesmo por alguns de seus professores urbanos e, para serem modernas, passam a assumir valores duvidosos (FERNANDES, CERIOLI E CALDART, 2004, p. 38).

Por esta reflexão percebemos além da crítica a um possível desrespeito para com os alunos, uma vez que são discriminados, a preocupação para com a aquisição de “valores duvidosos” que não são bem especificados. Quais valores seriam estes, será que seria esta crítica filha daquelas promovidas pelos autores ruralistas, para os quais a população urbana “corrompia” o homem do campo?

É preciso ampliar o significado desta exclusão a que se referem os movimentos, buscando identificar em que escolas e ou em que cidades elas acontecem? Podemos observar que em algumas escolas não ocorre uma separação de alunos pela localidade em que moram, entretanto ocorrem outras, por exemplo, em algumas escolas a separação é baseada no nível de aprendizado dos alunos independentemente de serem eles oriundos de áreas urbanas ou rurais.

Em relação à escola que este movimento “Por uma Educação do campo” deseja, a crítica não difere daquela feita pelos defensores do ruralismo pedagógico na década de 1930, ao afirmarem que não basta que elas sejam pensadas para a população urbana, e implementada no campo. Neste sentido, os autores afirmam que

Não é do nosso interesse a cópia de modelos, importados de escolas que não contribuem para a compreensão de nossa realidade; queremos o direito a cultivar nossa própria identidade, para ter condições reais de intercâmbio e de participação na discussão da educação brasileira como um todo (FERNANDES, CERIOLI E CALDART, 2004, p. 52).

Desta forma nesta dissertação de mestrado tivemos como objeto de pesquisa uma escola municipal de Araraquara, localizada no Assentamento Monte Alegre. A escolha deste objeto deu-se devido ao fato de o Município de Araraquara, desde o ano de 2002, possuir um Programa de Educação do Campo, ainda vigente, conforme consta em seu Plano Municipal de Educação para o decênio de 2004-2013 (ARARAQUARA, 2004). Araraquara possui

atualmente três escolas do campo e dentre elas, por indicação da Secretária Municipal de Educação, a EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado foi a escola em que a pesquisa de campo aconteceu.

O objetivo da mesma foi verificar se de fato é realizada uma educação que seja do campo e não apenas no campo nesta unidade escolar, assim como a necessidade que se possui de uma educação do campo na opinião dos funcionários, professores e alunos desta escola. Pretendíamos também conseguir formular um panorama geral da escola, de forma a tentar compreender a sua realidade e os fatores que a influenciam e determinam.

As fontes privilegiadas desta pesquisa foram as teses e dissertações publicadas nas universidades brasileiras, os documentos referentes à educação do e no campo, assim como documentos e trabalhos elaborados a respeito da necessidade ou não de uma educação que seja específica para determinadas parcelas da população brasileira, privilegiando as propostas de educação do campo.

Nesta pesquisa além de nos atentarmos para a Proposta Político-Pedagógica da escola, também realizamos algumas entrevistas e conversas com alguns funcionários e professores da escola. Os objetivos da entrevista foram definidos de acordo com o grupo ao que o entrevistado pertence, mas todos tiveram o objetivo comum de tentar perceber se há alguma forma de diferenciação e/ou discriminação do sujeito que mora e trabalha no campo, nesta escola representados pelos próprios alunos que ali estudam.

Realizamos também um questionário com os alunos do nono ano para sabermos o que acham de estudar em uma escola no campo, se percebem alguma diferença entre esta escola e as escolas na cidade, de forma a também sabermos como os alunos se sentem.

Para chegarmos a estes resultados esta dissertação é apresentada em três capítulos. No primeiro apresentaremos a proposta de educação do campo defendida pelo Movimento “Por Uma Educação do Campo”, pensando no seu significado, seu surgimento, na diferença que trazem entre as terminologias campo e rural, nos seus pressupostos e na existência da necessidade da mesma.

No segundo capítulo trazemos alguns dados sobre o programa de educação do campo do município de Araraquara ao qual a escola pertence e, no qual veremos quais foram às diretrizes formuladas para as escolas do campo, já que as mesmas serviram de subsídio para a análise da proposta educacional da escola pesquisada.

No terceiro capítulo fazemos um estudo voltado para a educação do campo realizada na EMEF do Campo “Maria de Lourdes da Silva Prado”, pensando no modo como a educação se realiza; a quem se destina; qual a relação da escola com o movimento por uma educação do campo e como os movimentos sociais do campo atuam na escola, se atuam; como se sentem os alunos desta escola, são discriminados, não são, por quê? Como se sentem os professores e funcionários desta escola; e quais os princípios educacionais expressos nos documentos da escola, há referência à uma educação do campo?

Após a realização das discussões nestes três capítulos chegamos a conclusão de que na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado o que se realiza é uma educação no campo e não uma educação do campo. Durante toda a pesquisa procuramos pela existência nesta escola de conteúdos que fossem específicos do campo, entretanto os professores ensinam aos alunos os mesmos conhecimentos historicamente construídos, que são ensinados nas escolas urbanas, não trabalhando nenhum outro conteúdo que seja específico do campo. O que muitas vezes tentam na realidade é realizar uma contextualização dos conteúdos escolares para com a realidade do campo, relacionando estes conhecimentos com a realidade do campo, mas o mesmo pode ou pelo menos deve ocorrer em relação a regiões diferentes, uma vez que é apontado nos documentos educacionais nacionais a necessidade de que os conteúdos sejam adaptados segundo as realidades em que se encontram.

Capítulo 1: Educação do Campo: Origem

O que é educação do campo? Existe uma educação do campo? Melhor, existe a necessidade de uma educação para o campo? Ao iniciarmos esta dissertação se faz imprescindível fazer um resgate do que vem a ser considerado Educação do Campo. Sabemos tratar-se aqui de um termo bastante utilizado pelos movimentos sociais e até pelos governos, mas gostaríamos de ressaltar os valores e concepções que estão embutidas nesta terminologia.

Em nosso país, mesmo tratando-se até poucas décadas atrás de um país com fortes traços agrários, por muito tempo a educação da população que vive e trabalha em áreas rurais foi deixada de lado ou então buscou-se levar para escola do campo uma cópia da educação que era oferecida na cidade, sendo que nas últimas décadas, procurou-se levar as crianças e jovens do campo até a cidade para que pudessem estudar.

Em nossa monografia de conclusão de curso¹ fizemos uma discussão sobre a necessidade, ou não, de uma educação específica para os moradores e trabalhadores do campo, mas se pararmos um pouco para olharmos a situação da educação nacional já percebemos que mesmo nas cidades ainda há muito que se lutar por uma educação democrática e de boa qualidade para todos. Se nos pautarmos pelo que defende Boto (2005)

o direito à educação se teria desenvolvido em três gerações: 1. O ensino torna-se paulatinamente direito público quando todos adquirem a possibilidade de acesso à escola pública; 2. A educação como direito dá um salto quando historicamente passa a contemplar, pouco a pouco, o atendimento a padrões de exigências voltados para a busca de qualidade no ensino oferecido e para o reconhecimento de ideais democráticos internos à vida escolar; 3. O direito da educação será consagrado quando a escola adquirir padrões curriculares e orientações políticas que assegurem inversão de prioridades, mediante atendimento que contemple – à guisa de justiça distributiva – grupos sociais reconhecidamente com maior dificuldade para participar desse direito subjetivo universal – que é a escola pública, gratuita, obrigatória e laica. Aqui entram as políticas que favorecem, por exemplo, a reserva de vagas por cotas destinadas, nas universidades, a minoria étnicas (BOTO, 2005, p. 777).

Na primeira geração da democratização do ensino podemos perceber que se trata basicamente de garantir o acesso à educação. Oliveira (2007) ao realizar um estudo sobre a democratização do Ensino Fundamental no Brasil observa que na década de 1970 “intensificou-se a ampliação das oportunidades de escolarização para a população,

¹ Ver GOBATO, A. T. S. C.; BEZERRA NETO, L. (2010).

praticamente se universalizou o acesso e permanência no ensino fundamental e ampliaram-se significativamente os índices de conclusão” (OLIVEIRA, 2007, p. 667). O autor nos mostra que aos poucos foram aumentando as vagas de forma que a partir da década de 1980 já havia vagas suficientes para a inclusão de toda a população na faixa etária de 7 a 14 anos no ensino fundamental, o que, entretanto, não impediu que, ainda em 2002 existisse 3% desta população que não adentrara ao sistema educacional.

Segundo o autor isso se deve ao fato de que por mais que existissem vagas, “a entrada tardia na escola ou as múltiplas reprovações faziam com que alunos que deveriam estar mais adiantados em seus estudos ocupassem, ainda, os bancos escolares em séries anteriores às adequadas”. Além da necessária correção de fluxo, outra causa possível apontada pelo autor é a falta de escolas em regiões específicas, ou seja, “isso pode ocorrer porque a oferta excedente não se encontra, necessariamente, onde se encontra a criança excluída.” (OLIVEIRA, 2007, p. 670).

Mesmo ainda existindo crianças fora da escola, o autor nos alerta que

a universalização do ensino fundamental, processo ainda não inteiramente concluído, representa mudança de qualidade na dinâmica das contradições educacionais no Brasil. Se, de um lado, é processo de amplo sentido democratizador, por meio do qual parcelas da população historicamente alijadas progridam no interior do sistema de ensino, por outro, faz com que os processos de diferenciação social e de exclusão mudem de qualidade e de lugar. Emerge daí a crescente importância do debate acerca da qualidade de ensino como componente do direito à educação (OLIVEIRA, 2007, p. 661, grifos nossos).

Isso acontece, segundo Oliveira (2007), devido ao fato de que superado o problema da exclusão por falta de escolas, aparece outro, a exclusão no interior do processo de ensino, que pode ser reconhecido nas barreiras que são impostas ao progresso do aluno, nas múltiplas reprovações que muitas vezes são seguidas até o abandono escolar. Para o autor essa nova face da exclusão se evidencia em “uma grande seletividade no interior do sistema escolar” (OLIVEIRA, 2007, p. 671 - 672).

O resultado desta nova exclusão foi a “implementação generalizada de processos para regularização do fluxo ao longo destas décadas: a redução gradativa da exclusão no ensino fundamental por muitas reprovações ou evasão.” Para tanto o autor nos demonstra que foram adotadas algumas medidas educacionais que facilitaram esta redução, como são os exemplos do ensino em ciclos, os programas de aceleração de estudos, de recuperação paralela, de reclassificação, etc. (OLIVEIRA, 2007, p. 674).

Entretanto o autor nos chama a atenção para o fato de que estas medidas regularizam o fluxo, mas geralmente em detrimento da qualidade do ensino oferecido a estes alunos. Ou seja,

Sem entrar no mérito da discussão acerca do significado que o termo “qualidade” adquire nesse tipo de discurso, o que está se observando aqui é que um dos tradicionais mecanismos de exclusão da escola, reprovação seguida de evasão, está sendo minimizado. Esse processo coloca o sistema escolar, talvez pela primeira vez em nossa história educacional, ante o desafio de assumir a responsabilidade pelo aprendizado de todas as crianças e jovens, responsabilizando-se por seu sucesso ou fracasso. A estratégia de “culpabilização” da vítima perde a força (PATTO, KOZOL, 1992, apud OLIVEIRA, 2007, p. 676).

Com um maior contingente de alunos passando a concluir o ensino fundamental, as etapas educacionais seguintes também passaram a ser mais procuradas, uma vez que podiam agora adentrar ao ensino médio e posteriormente buscar o ensino superior. Entretanto muito ainda precisa ser feito para que as séries finais da educação básica, que compreende o ensino médio, e para que o ensino superior também possam ser democratizados em nosso país. Oliveira nos chama a atenção para o fato de que a desigualdade e a exclusão permanecem, apontando que:

Não é por isso que sequer o ensino fundamental tenha deixado de ser etapa produtora de desigualdade educativa. Além disso, os discriminados de ontem continuam a ser os discriminados de hoje. Mas a desigualdade existente hoje não é a mesma e nem ocorre nos mesmos termos da que ocorria no passado. Setores mais pobres reprovam mais, evadem mais, concluem menos, o mesmo ocorre com negros e meninos, mas, mais importante que isso, aprovam mais, permanecem mais e concluem mais do que em qualquer outro momento de nossa história educacional, ainda que permaneçam como os setores mais excluídos. Só que não são excluídos da mesma maneira que no passado! O ponto é que, se não se enfatizar a positividade que a universalização do ensino fundamental representa, não conseguiremos compreender porque os desafios passam a ser outros. Ao se enfatizar a exclusão de sempre, não se tem elementos para perceber que ela já não é a mesma de duas ou três décadas. A primeira consequência disso é a notável expansão do ensino médio (OLIVEIRA, 2007, p. 682, grifos nossos).

Era neste ponto que gostaríamos de chegar. Precisamos entender a positividade da universalização do ensino fundamental, para podermos lutar por causas novas, diferente da luta pelo acesso gratuito, mas que além do acesso a uma educação gratuita e laica, possamos ter também uma educação que preze pela sua qualidade. Uma educação que não queira apenas se ater aos índices de matrícula, aprovação, reprovação e evasão, mas uma escola que se preocupe com o educando e com o que se ensina a eles. Como diz Oliveira (2007),

A superação da exclusão por falta de escola e pelas múltiplas reprovações tende a visibilizar a exclusão gerada pelo não aprendizado ou pelo aprendizado insuficiente, remetendo ao debate acerca da qualidade do ensino. É a qualidade “que oprime o cérebro dos vivos” e ocupa o centro da crítica ao processo presente de expansão, tornando-se a questão central da política educacional referente à educação básica nos próximos anos (OLIVEIRA, 2007, p. 697).

Ao entrarmos na discussão da qualidade do ensino, ao qual grandes parcelas população, sobretudo aquela pertencente à classe trabalhadora tem acesso, nos remetemos à segunda geração da democratização do ensino a que se refere Boto (2005), pois estando praticamente suprido o problema com o acesso à educação, passamos a nos preocupar com a sua qualidade. Isso significa que tomamos consciência de que não basta termos acesso a educação, ou seja, não basta aumentarmos o número de escolas e conseqüentemente o número de vagas nas redes públicas de ensino, precisamos que esse ensino que é ministrado nestas escolas possua boa qualidade.

Qualidade na educação pública, ou seja, uma educação que possibilite que os alunos aprendam, que possibilite aos alunos compreender a realidade em que vivem na sua complexidade, dentro de um processo de lutas de classes, que lhe ofereça ferramentas para agir, criar e organizar-se na luta pelos seus direitos e melhores condições de vida, ainda é uma bandeira de luta que necessita ser mantida. Entretanto observamos que Boto (2005), faz referência ao surgimento do que para ela já vem a ser a terceira geração da democratização do ensino:

Pode-se, de qualquer modo, intuir a emergência – já bastante evidente, em nossos dias – de uma terceira geração de direitos públicos em educação. O debate contemporâneo relata a urgência de se revisar a cultura escolar à luz de questões advindas do debate atinente à diversidade. (...) Romper algumas amarras simbólicas do conhecimento escolar exigiria um esforço voltado não mais agora para a direção exclusiva da igualdade, ainda que com qualidade, mas, substancialmente, para projetar, acatar e conviver com diferenças: distintas trajetórias, percursos alternativos, diferentes pertenças culturais passam a reivindicar fazer parte do currículo. Um currículo que, aberto quanto aos conteúdos, possa entretecer a diversidade, mobilizando-se pela desconstrução de uma falsa unidade de um saber seqüencial, repartido em disciplinas estanques e hierarquizadas entre si. A terceira geração dos direitos educacionais pauta-se pelo signo da tolerância, mediante a qual o encontro de culturas se faça e se refaça constantemente em uma sempre renovada convivência e partilha entre diferentes nações, diferentes povos, diferentes comunidades, diferentes grupos sociais, diferentes pessoas (BOTO, 2005, p. 790).

A autora alega que o surgimento desta terceira geração dos direitos educacionais pode ser observado na luta que se faz por medidas e políticas que se destinam a atender os

grupos sociais que historicamente possuíram e muitas vezes ainda possuem “maior dificuldade para participar deste direito subjetivo universal – que é a escola pública, gratuita, obrigatória e laica.” Alguns dos exemplos destas políticas citados pela autora são “a reserva de vagas por cotas destinadas, nas universidades, a minoria étnicas” (BOTO, 2005, p. 777).

É dentro desta terceira geração dos direitos à educação que podemos compreender a defesa de uma educação diferenciada para determinados grupos sociais, como é o caso da educação dos povos indígenas e da educação do campo, ou será que já na segunda geração da luta pelos direitos educacionais já poderíamos encaixar a luta por uma educação que estivesse voltada para o homem do campo? Boto (2005) nos diz que:

Talvez haja (...) diferentes e sucessivos degraus na edificação dos direitos públicos de educação. Para resumi-los, poder-se-ia dizer que o primeiro deles consistiria, antes de tudo, no reconhecimento da igualdade matricial dos sujeitos perante seus direitos de serem todos educados. A seguir, poder-se-ia pensar em critérios norteadores de alguma plataforma no âmbito da qualidade do ensino ministrado, mediante possível flexibilização de conteúdos e de métodos com o fito de obter maior êxito consoante às distintas populações de alunos com que se trabalha. Finalmente, caberia ponderar as necessidades de equidade e de justiça para traduzir, no universo da escolarização, algum nível de justiça distributiva, com o propósito de construir o que John Rawls (2001) chamaria de “sociedades razoáveis”. Trata-se, nesse caso, de pensar na diversidade, sem abdicar, de maneira alguma, do ainda necessário código de universalidade. Seriam essas o que aqui compreendemos como três gerações de direitos educativos (BOTO, 2005, p. 793).

Após ler o que Boto (2005) escreve podemos pensar que a luta por uma educação específica para o homem do campo, já se inicia juntamente com a luta pela qualidade da educação oferecida aos diferentes grupos sociais. Se fizermos uma relação com o que escreve Oliveira (2007), poderíamos então pensar que quando os alunos que moram no campo têm garantido o seu direito ao acesso à educação escolar e ingressam na escola, ela própria, ou seja, a escola se transforma em um mecanismo de exclusão destes alunos, mas esta exclusão muda de espaço, se antes ela era externa à escola agora ela é interna, o que significa que ela se concretiza dentro da escola.

Essa exclusão que é interna ao sistema educacional, a que Oliveira (2007) faz referência se realiza por meio dos mecanismos seletivos que são próprios das escolas e que se personificam nas reprovações e punições que por consequência podem levar a multirrepetências ou até mesmo no abandono e evasão deste aluno da escola. No caso dos alunos moradores do campo o que temos observado é que além destes problemas que favorecem a exclusão dentro das escolas, também há depoimentos da existência de mais dois

complicadores que dificultam o acesso a uma educação de qualidade que são: a falta de relação entre o conteúdo escolar e a realidade em que os alunos moradores do campo vivem, e a discriminação que sofrem dentro das escolas urbanas e até mesmo rurais, por serem moradores do campo. São estes fatores que, segundo os movimentos sociais do campo, possibilitam perceber a inadequação das instituições escolares à população do campo e fortalecem a luta por uma educação que seja voltada para o campo através de uma educação do campo.

Esta luta tem se fortalecido ao observarmos que nas últimas duas décadas houve um grande movimento de fechamento de escolas no campo, com graves conseqüências para os alunos que tiveram que se submeter a longas jornadas de transportes diários, muitas vezes passando mais tempo no interior da condução do que da escola.

Seria então nesse meio, entre lutas pela educação em meio à constatação de que não basta apenas ter uma escola que em nada se identifique com a população a que se destina e que ao invés de contribuir para o desenvolvimento da comunidade em que se insere, apenas se solidifica como mais um dos entraves que precisam ser superados, que os movimentos sociais do campo começam a reivindicar uma educação para o homem e a mulher do campo, uma educação que não seja mais cópia da oferecida nos centros urbanos, mas uma educação que, construída junto com os trabalhadores do campo possa trazer em seu seio, seus valores, suas tradições e sua cultura.

Nos próximos tópicos tentaremos discutir um pouco sobre o surgimento do Movimento “Por Uma Educação do Campo”, o porquê de sua denominação e quais seus pressupostos, ao mesmo tempo que tentaremos refletir sobre a necessidade ou não deste movimento que reivindica uma educação diferenciada para povos que se sentem e são tratados como diferentes.

1.1. O Movimento Por Uma Educação do campo: Qual sua origem?

O Brasil tem assistido nas últimas décadas, ao ressurgimento de uma nova força, que luta pelos direitos dos trabalhadores do campo. A grande força que a Via Campesina vem adquirindo por meio de suas manifestações põe em evidência alguns dos movimentos sociais que a compõe, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST – que

possui maior destaque dentre todos, principalmente no que se refere às grandes ocupações de terra que vêm realizando ao longo das últimas décadas e às poucas, mas significativas conquistas que foram conseguindo com a instalação de seus acampamentos e com os assentamentos de reforma agrária.

Entretanto os movimentos sociais do campo enquanto lutam pela reforma agrária, lutam também para que outros direitos que lhe foram negados ou mesmo aqueles que foram concedidos de forma inadequada sejam agora garantidos aos trabalhadores do campo. Este é o caso do direito a educação e para lutar por ele surge o que muitos dizem ser a “construção de um novo capítulo da história da educação brasileira, marcando o nascimento de um projeto de educação protagonizado pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo e suas organizações sociais” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 7).

Já na apresentação da coletânea de textos em que Miguel Arroyo, Roseli Salette Caldart e Mônica Molina (2004) procuram tratar dos objetivos e nos mostrar o nascimento deste movimento em prol da educação do campo, eles nos trazem pontos que consideram marcantes para a história que pretendem reconstruir. Trata-se primeiramente do que chamam de “*silenciamento*, esquecimento e até o desinteresse sobre o rural nas pesquisas sociais e educacionais um dado histórico que se torna preocupante”. Os autores se preocupam aqui com os motivos que contribuem para que a educação no campo caia no esquecimento e seja pouco protagonista de pesquisas universitárias e de projetos de financiamento governamentais, levantando algumas hipóteses para este fato:

O rural teria perdido consistência histórica e social? O povo do campo seria uma espécie em extinção? O fim do rural, uma consequência inevitável da modernização? A escola do campo teria que ser apenas um remedo da escola da cidade? (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 8).

O segundo ponto ressaltado pelos autores é o que chamam de “o *clamor da terra*”. Os autores procuram nos alertar para o fato de que “nos últimos 20 anos a sociedade aprendeu que o campo está vivo. Seus sujeitos se mobilizam e produzem uma dinâmica social e cultural. A educação e a escola são interrogadas por essa dinâmica” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 9). E é através dos relatos de experiências que estão sendo vivenciadas e do debate sobre a educação do campo que está sendo realizada, que os autores nos dizem que:

Podemos perceber que o silenciamento e o esquecimento não tem mais sentido, e se torna urgente ouvir e entender a dinâmica social, cultural e educativa dos diferentes grupos que formam o povo do campo. Este movimento pretende instigar mais pesquisas, mais dissertações e teses nos programas de pós-graduação. E sobretudo lutar por maior atenção dos

governos federal, estaduais e municipais para seu dever de garantir o direito à educação para milhões de crianças e adolescentes, de jovens e adultos que trabalham e vivem no e do campo. (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 9).

O terceiro ponto levantado pelos autores é o dos “*direitos usurpados, negados*”, pois segundo eles desde a década de 1980 o Brasil levantou a bandeira da educação como um direito de todos, entretanto alegam que,

Os homens e as mulheres, as crianças, os adolescentes ou jovens do campo não estavam excluídos desse grito, porém não foram incluídos nele com sua especificidade. Consequentemente, ficaram à margem. O direito à educação foi vinculado a uma concepção abstrata de cidadania, e não fomos capazes de chegar à concretude humana e social em que os direitos se tornam realidade (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 10).

Os autores nos chamam a atenção para o fato de que a educação que foi realizada no campo, quando chegou até lá, foi repleta dos problemas crônicos da educação brasileira: “analfabetismo, crianças, adolescentes e jovens fora da escola, sem escolas, defasagem idade-série, repetência e reprovação, conteúdos inadequados, problemas de titulação, salários e carreira dos seus mestres”. Foi uma educação quase que exclusivamente nas séries iniciais do ensino fundamental, sem que fossem realizadas políticas públicas que alterassem esse quadro nos campos brasileiros (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 10).

O quarto ponto levantado pelos autores se deve ao fato de que “a Educação do Campo nasce de outro olhar sobre o campo”. Os autores nos dizem que esse “esquecimento” da educação do campo, dos trabalhadores e moradores do campo na discussão e implementação da educação nacional, se deve ao fato de o campo sempre ter sido visto como atrasado e ultrapassado em relação ao urbano. Sendo assim,

O debate da relação campo-cidade perpassa todas as reflexões da Educação do Campo. Por muito tempo a visão que prevaleceu na sociedade, continuamente majoritária em muitos setores, é a que considera o campo como lugar atrasado, do inferior, do arcaico. Nas últimas décadas consolidou-se um imaginário que projetou o espaço urbano como caminho natural único do desenvolvimento, do progresso, do sucesso econômico, tanto para indivíduos como para a sociedade. De certa Maneira essa foi a visão-suporte para o processo de modernização da agricultura implementado no país (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 10).

Arroyo, Caldart e Molina procuram ressaltar a necessidade de “um outro olhar sobre o papel do campo em um projeto de desenvolvimento e sobre os diferentes sujeitos do campo”. Um olhar em que os povos do campo sejam vistos como “sujeitos de história e de direitos; como sujeitos coletivos de sua formação enquanto sujeitos sociais, culturais, éticos,

políticos.” Ao modificar-se a visão que se tem dos sujeitos do campo, deve-se rever a visão do próprio campo em si, projetando-o como um “espaço de democratização da sociedade brasileira e de inclusão social” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 12).

Arroyo, Caldart e Molina (2004), nos dizem ainda que estas mudanças já estão ocorrendo na forma como os próprios sujeitos do campo se identificam uns com os outros, eles já estão conseguindo se vê fora daquela visão estereotipada do homem da roça, dos moradores das áreas rurais, do tão estereotipado caipira. E para que isso se fortaleça, para que se possa trabalhar por uma educação que não seja discriminadora do povo do campo, que possa identificar-se com sua luta por terra, por melhores condições de trabalho, pelo cumprimento de seus direitos é que educadores e movimentos sociais do campo

(...) se descobrem agentes dessa formação. Todos estes ricos processos constituem o que aqui se entende por Educação do Campo. Um movimento de ação, intervenção, reflexão, qualificação que tenta dar organicidade e captar, registrar, explicitar e teorizar sobre os múltiplos significados históricos, políticos e culturais (consequentemente formadores, educativos) da dinâmica em que outras mulheres, outros homens, vêm se confrontando no campo (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 10).

O quinto ponto a que os autores se referem é o do “*direito à escolarização ressignificado*”, eles nos dizem que é necessário um despertar da função social e cultural da escola de forma que esta possa se articular “organicamente com a dinâmica social e cultural do campo e de seus movimentos”. Eles nos dizem que mesmo a educação não se restringindo a escolarização, este é um direito social e humano que deve ser respeitado. Entretanto, os autores não se referem aqui a uma educação escolarizada qualquer, pelo contrário, eles falam “de uma educação e de uma escola vinculadas aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural dos diferentes grupos sociais que habitam e trabalham no campo” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 13).

E dizem ainda, que

Quanto mais se afirma a especificidade do campo mais se afirma a especificidade da educação e da escola do campo. Mais se torna urgente um pensamento educacional e uma cultura escolar e docente que se alimentem dessa dinâmica formadora. Também mais se afirma a necessidade de equacionar a função social da educação e da escola em um projeto de inserção do campo no conjunto da sociedade (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 13).

Mas os autores chamam a nossa atenção para o fato de que não adianta pensarmos em uma proposta educacional específica para as necessidades dos trabalhadores do campo se

não pensarmos também em um projeto novo de desenvolvimento nacional para o campo, ou seja,

As reflexões que abarcam a complexidade dos problemas da Educação do Campo, não podem ser compreendidas sem se analisar a dificuldade maior, que é a de sobrevivência no espaço rural na sociedade brasileira. É preciso educar para um modelo de agricultura que inclui os excluídos, que amplia os postos de trabalho, que aumentam as oportunidades do desenvolvimento das pessoas e das comunidades e que avança na produção e na produtividade centradas em uma vida mais digna para todos e respeitadora dos limites da natureza (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 13).

Miguel Arroyo, Roseli Salette Caldart e Mônica Molina (2004) nos falam ainda que já está em construção um projeto popular de desenvolvimento do campo, exigindo então que a educação cumpra com o papel de educar os trabalhadores e moradores do campo, para que estes se tornem sujeitos dessa construção. Para que isso possa acontecer a educação precisa garantir “o direito ao conhecimento, à ciência e à tecnologia socialmente produzidas e acumuladas”, precisando também contribuir “na construção e afirmação dos valores e da cultura, das autoimagens e identidades da diversidade que compõe hoje o povo brasileiro do campo” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 14).

O último ponto levantado pelos autores como importante na história da construção desta proposta de educação para o campo é apresentado da seguinte forma: “*Em defesa de Políticas Públicas de Educação do Campo*” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 13, grifos dos autores). Neste ponto os autores pretendem mostrar que o Movimento Por Uma Educação do Campo, protagonizado pelos movimentos sociais, carrega “bandeiras de luta popular pela escola pública como direito social e humano e como dever do Estado”. Além disso, nos falam que “nas últimas décadas os movimentos sociais vêm pressionando o Estado e os diversos entes administrativos a assumir sua responsabilidade no dever de garantir escolas, profissionais, recursos e políticas educativas capazes de configurar a especificidade da Educação do Campo”. Entretanto na maioria das vezes não conseguem o apoio necessário e “no vazio e na ausência dos governos os próprios movimentos tentaram ocupar esse espaços, mas cada vez mais cresce a consciência do direito e a luta pela Educação do Campo como política pública” (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 14).

Mas a qual modelo de política pública os autores se referem? Eles nos dizem que esta deve ser

Uma política pública que parta dos diferentes sujeitos do campo, do seu contexto, sua cultura e seus valores, sua maneira de ver e de se relacionar com o tempo, a terra, com o meio ambiente, seus modos de organizar a

família, o trabalho, seus modos de ser mulher, homem, criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso; de seus modos de ser e de se formar como humanos. Fazer do povo do campo e dos seus processos de formação o ponto de partida para a formulação de políticas públicas educativas significa garantir o caráter popular destas políticas e sua articulação com um projeto de país e de campo (ARROYO; CALDART; MOLINA; 2004, p. 14 - 15).

Ao observarmos os seis pontos levantados pelos autores (o silenciamento; o clamor da terra; direitos usurpados, negados; a Educação do Campo nasce de um novo olhar sobre o campo; o direito à escolarização ressignificado e em defesa de Políticas Públicas de Educação do Campo) podemos perceber a necessidade de que para a efetivação da Proposta de uma Educação do Campo, segundo os movimentos sociais que defendem a educação do campo, primeiramente existe a prerrogativa de voltarmos nossos olhos para os campos, para os homens e mulheres que vivem e trabalham no campo. Se este olhar, não tratar-se de um olhar novo, diferente, sem os preconceitos habituais e sem tomar a educação do campo com uma especificidade que a diferencie da educação que deve ser realizada nas cidades, não se conseguirá o resultado que desejam, pois o que diferencia esta proposta de educação do campo é o fato de que não basta pensar uma educação para o homem do campo, pelo contrário, o próprio homem do campo deve participar da elaboração da sua proposta de educação.

Se estes foram os pontos que levaram a construção do projeto, a sua sistematização foi elaborada na I Conferência Nacional por uma educação do campo, realizada em 2001. Após esta data alguns dos resultados obtidos pelo movimento foram a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo em 03 de Abril de 2002 e a aprovação das Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo em 28 de Abril de 2008. No primeiro documento, a escola do campo ficou assim definida:

Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, CNE/CEB 1/2002, p. 1).

Estas diretrizes também apontaram para a necessidade de que as especificidades da vida do campo sejam inseridas nas escolas do campo, de forma que

Art. 5º As propostas pedagógicas das escolas do campo, respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o

estabelecido nos artigos 23, 26 e 28 da Lei 9.394, de 1996, contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia. (BRASIL, CNE/CEB 1/2002, p. 1).

Assim a presente lei complementa o que já está disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 de 1996 nos artigos 23, 26 e 28, que referem-se respectivamente: à sua forma de organizar os alunos no processo de aprendizagem; à obrigatoriedade de contemplar nos currículos os conteúdos definidos pela base nacional comum (contidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais) e complementá-los por uma “parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”; e à possibilidade de adequação e adaptação dos conteúdos, metodologias, organização escolar e do calendário escolar à natureza do trabalho na zona rural, assim como as necessidades e interesses dos alunos da zona rural (BRASIL, 1996, s/p.).

Com a publicação desta resolução ficou exposto a aprovação da questão sobre a existência ou então da necessidade de uma especificidade na educação realizada nas escolas do campo, demonstrada sobretudo pelo governo federal de então. Desta maneira o discurso da necessidade de educações específicas, voltadas para diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira ganhou mais destaque nas discussões educacionais.

Entretanto aqui nos cabe perguntar: Existe mesmo a necessidade de uma educação específica para alguns grupos sociais? Será que ao pensar em grupos, não estamos deixando de lado algumas questões importantes, como por exemplo, pensarmos a necessidade de uma reestruturação da educação básica nacional, que atinja a toda a população, sobretudo aqueles que dependem da escola pública para estudar?

Estas foram algumas perguntas que já nos fizemos e até discutimos anteriormente² e que nos voltam à mente quando o assunto é a defesa de educações específicas para diferentes grupos sociais. A questão da especificidade segundo Élcia Esnarriaga de Arruda e Silvia Helena Andrade de Brito (2009) devem ser encaradas de forma mais crítica, uma vez que segundo elas

A educação, e especialmente a proposta de uma escola para todos e de uma escola diferenciada para os “diferentes grupos de excluídos”, tem sido tratada, com muita frequência, de forma messiânica. Compreende-se o caráter ideológico do discurso, quase que hegemônico, de representantes do aparelho de Estado, todavia, da classe trabalhadora deve-se exigir uma análise da escola à luz das leis que regem a produção de mercadorias para

² Ver GOBATO, A. T. S. C.; BEZERRA NETO, L. (2010).

que a proposta educacional não fique ancorada no terreno movediço das ideologias (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 24).

Élcia Arruda e Sílvia Brito chamam a atenção para o fato de que os movimentos sociais ao ficarem no discurso das especificidades, ao dividir a classe trabalhadora entre os trabalhadores urbanos e rurais, podem cair num equívoco e perder de vista a totalidade dos trabalhadores. E, também podem ainda, não perceberem o fato de que a questão destas diferenças, destas desigualdades, econômicas, sociais, educacionais, ocorrem no interior do sistema capitalista, pois estamos inseridos em uma sociedade que é desigual e que está baseada na produção de mais-valia, extraída da expropriação da força de trabalho, próprios do sistema capitalista de produção.

A produção no campo, seja ela baseada no agronegócio ou na agricultura familiar, não se isentam das características capitalistas de produção. As autoras nos dizem que o capital,

Que tudo subordina na busca de sua reprodução, industrializou a produção agropecuária e dotou-a das seguintes características: incorporação de alta tecnologia, produção em escala, divisão do trabalho e superfluidade do trabalhador no processo produtivo. Isso não quer dizer que o campo desapareceu ou desaparecerá, mas implica reconhecer que a ele foram atribuídas outras funções, a depender do lugar que o país ocupa na produção de mercadorias (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 32).

Ao nos atermos para as mudanças que ocorrem nos campos brasileiros, segundo Arruda e Brito (2009, p. 34-35) podemos observar que as mudanças que ocorreram na produção industrial, também possuem reflexos nas mudanças ocorridas na produção agropecuária, podendo ser possível falarmos de uma “toyotização da produção agrícola”. Esse processo teria sido iniciado com a incorporação das tecnologias na produção agrícola, podendo ser observadas nas plantações e colheitas mecanizadas, na maior utilização de insumos químicos (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 34). Outros fatores importantes desta toyotização do campo estariam ligados ao crescimento da terceirização do trabalho no campo e do crescimento dos setores de serviços não-rurais no campo, como exemplo as autoras citam “o comércio, emprego doméstico, construção civil e restaurante” (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 36).

Ao realizar esta análise sobre a existência de uma especificidade do trabalho no campo que o diferencie do trabalho urbano, do trabalho industrial, as autoras pretendem discutir se existe a necessidade de uma educação que seja pensada especificamente para a educação dos trabalhadores do campo e concluem que

A análise empreendida até aqui aponta o fato de que as relações de trabalho que se estabelecem nas empresas localizadas no espaço geográfico denominado campo não são dotadas de especificidade, quando se tem como parâmetro a organização do trabalho industrial. (...) Portanto, ainda que não possam ser negadas as singularidades que determinadas situações impõem, tais singularidades não podem ser explicadas por qualquer especificidade do campo, senão que estão circunscritas à determinação do capital. Logo, ao lançar mão do discurso da especificidade, se estará contribuindo para escamotear as semelhanças que identificam os trabalhadores enquanto classe, dissuadindo os trabalhadores da necessidade de empreitar uma luta conjunta contra o único móvel que, de fato, tudo subordina: o capital. (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 41).

Se não há então, uma especificidade no trabalho do campo, porque pensar em uma educação que seja específica para os trabalhadores do campo? Ao defender que a educação do campo possibilite aos alunos a compreensão da realidade em que os alunos do campo estão inseridos, não podemos apartá-los das condições materiais que determinam as relações sociais e econômicas nas quais vivem. Como nos questiona as autoras:

Como entender o escravo na estância – ou a produção da miséria no acampamento, na barranca dos rios ou entre os trabalhadores rurais - sem remeter à sociedade capitalista, que não só cria como reproduz a miséria, de todos os trabalhadores? (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 53).

É neste sentido que defendemos que as propostas de educação não devem ser pensadas para uma ou algumas determinadas parcelas da população, principalmente se o que se pretende com esta proposta é realizar uma educação voltada para a classe trabalhadora, seja ela do campo ou urbana. Não podemos cair no erro de causar ainda mais rupturas na classe trabalhadora, mas ao contrário, devemos buscar mecanismos que visem uni-la para que juntos possamos pensar em propostas de educação, que se não podem nos favorecer ao menos nos armem para a luta contra o capital. Sobre esta questão Arruda e Brito (2009) nos falam que

Somente partindo do entendimento das funções que a escola tem desempenhado na sociedade capitalista na atualidade, bem como as funções adscritas à defesa do específico, é que podemos pensar na melhor e mais adequada forma historicamente falando, de construir uma educação na perspectiva da classe trabalhadora (ARRUDA e BRITO, 2009, p. 58).

Será então a partir deste posicionamento de que a educação deve ser pensada de forma ampla e não enaltecendo discursos sobre especificidades que faremos a partir de então o estudo de uma proposta de educação do campo realizada no município de Araraquara, São Paulo. Como o próprio município possui um programa de educação do campo, faremos inicialmente uma exposição de seu conteúdo teórico, para em seguida nos adentrarmos em uma de suas escolas do campo.

Capítulo 2: Analisando uma proposta no município de Araraquara – SP

O município de Araraquara situa-se no estado de São Paulo e está localizado a 270 km da capital, na área central do estado. Sua localização privilegiada, inicialmente habitada por índios nativos, no período da busca pelo ouro foi um dos caminhos alternativos utilizados para se chegar às minas de Cuiabá. Posteriormente os próprios rios da região, Jacaré-Pipira, Jacaré-Guaçu, Chibarro, Ribeirão da Cruzes e do Ouro, foram explorados na busca pelo ouro trazendo para os “Campos de Araraquara” os primeiros habitantes não nativos, sendo representados por negros fugitivos e garimpeiros (História de Araraquara, s/d.3).

O povoamento dos “Campos de Araraquara” passou a receber um maior contingente populacional após a chegada de Pedro José Neto, considerado o fundador da cidade em 1790, quando algumas famílias de cidades próximas vieram para essa região fixar moradia. Fundada em 1817, a Freguesia de São Bento de Araraquara contava com 303 habitantes, entre eles fazendeiros, agregados e escravos dispersos em várias propriedades rurais. Inicialmente seu território foi destinado principalmente à criação de animais e da produção de culturas de subsistência, servindo de suporte às grandes regiões açucareiras com as quais comercializavam seus produtos. Seu pequeno núcleo urbano foi concentrado ao redor da Capela de São Bento, padroeiro da cidade (História de Araraquara, s/d.).

Como nos mostra Telarolli (s/d), em 1825 a lavoura açucareira foi instalada na região, de forma que a economia local girou em torno de fazendas mistas de cana-de-açúcar, criação de gado e a plantação de culturas de subsistência. Apenas no final

da década de 1860, o café ganha os contornos de ciclo econômico poderoso, colocando Araraquara em consonância com o que acontecia em outras regiões do país, desencadeando um vertiginoso processo de concentração e valorização da terra e o acirramento da crise de mão de obra gerada pelo sistema escravista em seus estertores, impasse este que somente seria minimizado a partir das políticas de estímulo à imigração estrangeira – particularmente a italiana. A riqueza advinda da agricultura cafeeira transformou o modo de vida de Araraquara: a abundância de capitais viabilizou a criação do Banco de Araraquara e a construção da estrada de ferro em 1885, ligando São Carlos a Araraquara e abrindo as janelas da Vila para o mundo. Ao mesmo tempo, o espaço urbano se redefinia a partir do funcionamento da ferrovia (TELAROLLI, C., s/d).

3 História de Araraquara, s/d. Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/sp/Araraquara/historia.htm>
Acesso em 09/06/2011.

Outra fonte em que podemos encontrar dados sobre a história das cidades o site “Ache tudo e região⁴ nos mostra que em Araraquara,

O crescimento demográfico e comercial da cidade, a circulação de capitais, como ocorrera em outros centros urbanos de São Paulo, criaram, no final do século XIX e início do século XX, as condições propícias à diversificação das atividades econômicas, incluindo a produção manufatureira em pequenas oficinas domésticas, comandadas por imigrantes europeus. Esse contexto possibilitou que em 1910 já existissem em Araraquara 141 pequenos estabelecimentos industriais. Produziam bebidas, alimentos, artigos têxteis, móveis, roupas, chapéus, calçados, perfumaria, torrefação, beneficiamento de algodão e mamona, ferramentas e material de construção. Foi nesse cenário que em 1919 foi instalada a tradicional fábrica de meias Lupo. (História de Araraquara, s/d.).

Mesmo após a década de 1930, quando o país enfrentou a crise do café, este produto ainda continuou a ser muito importante para a economia da região, por mais alguns anos, dando aos poucos, lugar para a retomada do cultivo da cana, para a plantação de laranja e algodão, assim como, para o seu desenvolvimento, principalmente a partir da segunda metade da década de 1940, através de pastagens para a criação do gado leiteiro.

Telarolli (s/d) nos diz que nesta mesma época a região começava a sofrer com a escassez de mão de obra agrícola e com a intensificação do êxodo dos trabalhadores rurais para as áreas urbanas que estavam se desenvolvendo. Pesquisando dados sobre a história deste município observamos que

A partir de 1960, ao mesmo tempo em que se constitui como um centro comercial e de serviços, Araraquara firma-se como um dos principais núcleos nacionais da agroindústria sucroalcooleira e citrícola. Além disso, conta com um parque industrial em ascensão, merecendo destaque os setores de mecânica, metalurgia, têxtil, alimentício, bebida, implementos agrícolas (História de Araraquara, s/d.).

Atualmente, segundo Rosseto (2005, p. 39), Araraquara é considerada a terceira cidade mais arborizada do Brasil. Seu processo de urbanização e modernização deu-se de modo a tentar manter os vínculos entre o homem e o meio ambiente de forma que seja destaque entre os cenários regional e nacional quando o assunto é a qualidade de vida de sua população, uma vez que saltam aos olhos a sua arborização, o grande número de jardins e praças e a limpeza de suas vias públicas que também contribuem para essa qualidade. O resultado pode ser observado pelo seu elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),

⁴ Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/sp/Araraquara/historia.htm>. Acesso em 09/06/2011.

que conforme dados da prefeitura municipal é de 0,8305 e pelo seu alto Índice de Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) em que ocupava no ano de 2010 a primeira posição nacional e estadual, com um índice de 0,93496.

Em relação a sua infraestrutura educacional, segundo os dados constantes no site da prefeitura de Araraquara, a cidade conta atualmente com trinta e cinco Centros de Educação e Recreação, onde é realizada a educação infantil, e com treze escolas municipais de ensino fundamental, destas, duas estão localizadas nos assentamentos das usinas Bela Vista e Monte Alegre e uma, no distrito de Bueno de Andrada. Além disso, a cidade conta ainda com vinte e sete escolas estaduais⁷ com o ensino fundamental e médio.

Nos dados do Plano Municipal de Educação podemos observar que em 2004 a cidade contava com quarenta e seis escolas privadas, destinadas aos níveis de educação infantil, fundamental, ensino médio e profissionalizante. A cidade também possui uma universidade pública estadual, a UNESP, e “três instituições de ensino superior privado: UNIARA, UNIP e Faculdades Integradas de Araraquara.” (ARARAQUARA, 2004, p. 25).

Com 208.662 habitantes, conforme o Censo Demográfico de 2010, a cidade possui 97,2% de sua população residindo em áreas urbanas e 2,8% de sua população residindo em áreas rurais.

Abaixo colocamos uma tabela de algumas cidades da região segundo o número de habitantes:

5 Dado retirado do sítio: <http://www.araraquara.sp.gov.br/Pagina/Default.aspx?IDPagina=7> Acesso em 09/06/2011.

6 Dado retirado do sítio: <http://webmais.com/ranking-das-melhores-cidades-brasileiras-segundo-ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal/> Acesso em 09/06/2011. Para mais informações sobre os índices dos outros anos da cidade de Araraquara ou de outras cidades do Brasil pode-se consultar diretamente o site do Sistema Firjan disponível em: <http://www.firjan.org.br/IFDM/index.html>.

7 Este dado foi retirado do Plano Municipal de Educação da cidade, promulgado pela lei Nº 6.208, para o decênio de 2004 a 2013.

Tabela 1: População residente nas cidades

UF	MUNICÍPIO	PESSOAS
SP	Américo Brasiliense	34.478
SP	Araraquara	208.662
SP	Ibaté	30.734
SP	Matão	76.786
SP	Ribeirão Bonito	12.135
SP	Ribeirão Preto	604.682
SP	Rincão	10.414
SP	Rio Claro	186.253
SP	Santa Lúcia	8.248
SP	São Carlos	221.950

Tabela produzida a partir de dados do IBGE 20108.

Araraquara é a terceira cidade com maior população entre estas cidades da região. Em relação ao seu índice de pobreza temos o seguinte resultado:

8 Os dados e a comparação entre as cidades foi produzida pelo site do IBGE situado no seguinte endereço: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Tabela 2: Incidência da Pobreza

UF	MUNICÍPIO	%
SP	Américo Brasiliense	27,21
SP	Araraquara	9,92
SP	Ibaté	33,88
SP	Matão	21,94
SP	Ribeirão Bonito	31,42
SP	Ribeirão Preto	11,75
SP	Rincão	28,30
SP	Rio Claro	13,51
SP	Santa Lúcia	36,85
SP	São Carlos	12,08

Tabela produzida a partir de dados do IBGE 2010.

Entre as dez cidades pesquisadas, Araraquara se destaca por ser aquela que possui o menor índice de pobreza. Com tantos atributos a cidade ainda é palco de um projeto de educação voltado para o campo que segundo a reportagem de Simone Iwasso para o jornal o Estado de São Paulo⁹ já lhe rendeu um prêmio de “Iniciativas inovadoras de Estados e Municípios” concedido pela Fundação Getulio Vargas em 2004. Será sobre este projeto que teceremos algumas reflexões no próximo tópico.

2.1. A proposta de educação do campo do município de Araraquara.

Conforme consta no Plano Municipal de Educação “o programa *Escola do Campo*, articulado com o projeto Escola Interativa¹⁰, é parte integrante da oferta do ensino

⁹ Dado retirado do sítio: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=23983>

¹⁰ Sobre o projeto Escola Interativa, voltarei a escrever ainda neste capítulo, a partir da página seguinte.

fundamental municipal e existe, em Araraquara, desde 2002” (ARARAQUARA, 2004, p.70, grifos do autor).

Este programa abrange atualmente três escolas do município: a EMEF Hermínio Pagotto, localizada no assentamento Bela Vista; a EMEF Maria de Lourdes Silva Prado, localizada no assentamento Monte Alegre; e a EMEF Eugênio Trovatti, localizada no distrito de Bueno de Andrada.

Mesmo participando do mesmo programa educacional estas escolas estão inseridas em realidades muito diferentes umas das outras, principalmente no que diz respeito às condições de habitação da população a que se destinam. A comunidade da EMEF Eugênio Trovatti, por estar localizada em Bueno de Andrada pode contar com todos os serviços públicos como água encanada e serviço de esgoto, luz, telefone, serviços de saúde e transporte público, assim como a comunidade da EMEF Hermínio Pagotto, que mesmo situada no assentamento Bela Vista, está instalada na agrovila,

onde se concentra uma parcela dos habitantes do assentamento, contando, por isso, com um núcleo de organização comunitária e de serviços públicos como água, luz, telefone, posto de saúde e transporte público (ARARAQUARA, 2004, p. 71).

Entretanto a comunidade do

assentamento Monte Alegre, ao contrário do Bela Vista, não possui uma agrovila, estando seus moradores distribuídos em habitações nos próprios lotes. Estas condições dificultam a criação de um sistema de serviços públicos, tais como transporte coletivo, canalização de água, esgoto e telefone. O solo empobrecido e esgotado pela mata de eucaliptos, que recobria a área no passado, exige grandes investimentos para o cultivo, o que explica que muitos assentados não cultivem a terra, optando por trabalhar na cidade ou na safra da laranja. Quando investem na terra, o fazem na criação de gado bovino (ARARAQUARA, 2004, p. 71).

Por se tratar de um documento escrito no ano de 2004 algumas mudanças ocorreram após a sua publicação, como é o caso da Agrovila que foi construída no Assentamento Monte Alegre, entretanto um fato que ainda continua diferenciando este assentamento do assentamento da Bela Vista é que a escola do Assentamento Monte Alegre não se localiza na Agrovila, ficando ainda isolada entre os lotes.

Como tentamos mostrar estas três comunidades possuem suas diferenças populacionais, estruturais, infraestruturais, mas possuem um elo que permite que ambas participem de um mesmo projeto e um mesmo programa, o projeto Escola Interativa e o programa Escola do Campo. Antes de nos adentrarmos no estudo do programa Escola do

Campo, teceremos algumas linhas que nos ajudarão a entender em que projeto maior este se insere, no caso o projeto Escola Interativa.¹¹

O projeto Escola Interativa foi iniciado no município de Araraquara em 2002 como um “projeto piloto” inicialmente realizado em três escolas, as duas dos assentamentos e uma escola urbana, a EMEF Henrique Scabello. Inspirado nas experiências das cidades de Belo Horizonte, Porto Alegre e Blumenau, sua principal característica é a de organizar o ensino em ciclos de formação (ARARAQUARA, 2004, p. 67).

Conforme consta no Plano Municipal de Educação (2004),

nessa proposta o ensino fundamental se organiza em três ciclos de três anos cada um, atendendo aos educandos de acordo com as suas faixas etárias: 1º ciclo – dos 6 aos 8 anos; 2º ciclo – dos 9 aos 11 anos; 3º ciclo – dos 12 aos 14 anos (Plano Municipal de Educação, 2004, p. 68).

A organização das classes é realizada com base no ano de nascimento do aluno e há a existência de “turmas de progressão” para aqueles alunos que possuem defasagem entre a idade e a escolaridade, que apresentam lacunas significativas no seu processo de construção de competências fundamentais em leitura, escrita e cálculo, ou aqueles que, não tendo freqüentado a escola, ou ainda, que a tenham abandonado, retornam à escola com grandes lacunas de conhecimento (ARARAQUARA, 2004, p. 69).

Estas turmas de progressão são organizadas com uma grade curricular especial e são atribuídas a professores com condições técnico-pedagógicas para restabelecer os fundamentos necessários a que esses alunos possam voltar a acompanhar o grupo de sua própria faixa etária, à medida que forem considerados aptos para tal, a qualquer momento do ano letivo (ARARAQUARA, 2004, p. 69).

Nesta proposta o currículo escolar é pensado tomando como ponto de referência a concepção

de que o processo pedagógico deve orientar-se pela criticidade, criatividade, curiosidade, problematização e percepção das contradições da realidade, pelo reconhecimento da provisoriedade do conhecimento, por formas emancipatórias de avaliação, por uma distribuição dos tempos e dos espaços na escola, e pela gestão democrática da vida escolar (ARARAQUARA, 2004, p. 69).

¹¹ É importante estarmos atentos para o fato de que estamos apresentando aqui três projetos diferentes que se interligam: O programa escola do campo, que encontra-se dentro de um projeto maior o Projeto Escola Interativa, que por sua vez está localizado dentro do Plano Municipal de Educação de Araraquara para os decênios de 2004 a 2013.

Assim ao pensar o currículo desta maneira, fica explícita a necessidade de se transformar os métodos avaliativos, para que realmente se possa buscar formas emancipatórias de avaliação escolar. O Plano Municipal de Educação (2004) nos aponta que esta avaliação deve ser realizada por meio de um “processo contínuo, participativo, com função diagnóstica, prognóstica e investigativa, cujas informações propiciam o redimensionamento da ação pedagógica e educativa” (Porto Alegre, in: ARARAQUARA, 2004, p. 69).

Para que esta proposta de avaliação emancipatória seja alcançada, a Escola Interativa desenvolveu um sistema avaliativo composto pelos seguintes momentos: uma avaliação formativa, uma avaliação sumativa, uma avaliação especializada e uma avaliação da própria instituição escolar.

Foi no interior deste projeto que se inseriu o Programa Escola do Campo no município de Araraquara. Um programa que “busca despertar o interesse do educando, para que possa unir o saber científico ao saber prático e necessário à vida e produção de homens e mulheres do campo” (ARARAQUARA, 2004, p. 72). Além disso,

O programa está articulado às outras políticas municipais de apoio e valorização da agricultura familiar, sendo o espaço da escola um espaço de realização de atividades comunitárias, projetos de alfabetização e suplência, preparação para o vestibular (cursinhos populares), formação profissional, além de propiciar espaço de convivência, lazer e atividades esportivas (ARARAQUARA, 2004, p. 72).

Com a implantação desse programa, o Plano Municipal de Educação (2004) aponta para uma estimativa de que “100% das crianças e adolescentes, residentes nas áreas atendidas pelas escolas, na faixa etária correspondente ao ensino fundamental, estão integrados nas três unidades”¹² que abrangem esta iniciativa.

Segundo o Plano Municipal de Educação (2004), o programa Escola do Campo, tem trazido para as escolas do campo que o compõe várias parcerias que enriquecem não apenas o saber escolar, mas os saberes da própria comunidade em que a escola se insere e que com ela se relaciona. Estas parcerias são realizadas

Com as Secretarias de Cultura e Esporte da Prefeitura Municipal. Além disso, com entidades comunitárias, como o PROEAJA (Projeto de educação de Jovens e Adultos), ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo) e o Departamento de Odontopediatria da UNESP – Araraquara. No caso do

¹² Plano Municipal de Educação, 2004, p. 72.

ITESP, a convite do programa, os técnicos que dão assessoria aos assentados acompanham as atividades externas dos educandos e educadores nas aulas de campo (que se realizam nos próprios lotes). No assentamento Bela Vista, alunos estagiários da UNESP, sob a orientação de uma professora, dão orientações de saúde bucal (ARARAQUARA, 2004, p. 73).

Ao nos aprofundarmos no estudo do “Programa Escola do Campo”, temos inicialmente que nos atentar para a terminologia adotada em sua denominação, na qual a utilização da expressão *educação do campo* e não *educação no campo* ou mesmo *educação rural*, possui um grande diferencial que vem sendo estudado e discutido por diversos autores e movimentos sociais, como já discutimos no primeiro capítulo¹³. Essa opção foi adotada no município de Araraquara uma vez que no processo de elaboração desse programa participaram representantes de diferentes organismos sociais, tais como os da própria prefeitura, dos movimentos sociais presentes nos assentamentos, entidades da sociedade civil, educadores e cidadãos, tanto moradores do campo como da cidade, que defenderam que não bastaria apenas uma mudança no local em que a escolarização seria realizada, ou seja, o projeto não tinha por objetivo levar a educação da cidade para o campo, transformando-a em educação no campo, ou levar a educação urbana e torná-la uma educação rural.

Pelo contrário, segundo Rossetto (2005) que também estudou o processo de elaboração deste programa em Araraquara,

é importante esclarecer o título “Escola do Campo” e não “Escola no Campo”, pois na compreensão dos Movimentos Sociais, Entidades e Organizações que participaram da construção deste projeto, o mesmo não significa a transferência da escola urbano para o campo, mas sim, a construção de uma Proposta Político Pedagógica *com e para* o camponês. Também não é uma escola rural, pois para estes, o rural tem um duplo sentido: de um lado significa o atraso, e de outro, o lugar da agricultura monocultora exportadora e excludente, por isso, o termo campo serve para demarcar a se contrapor a este modelo de agricultura que em nossa região é predominante (ROSSETTO, 2005, p. 38).

Além disso, Rossetto (2005) nos fala que este programa possui dois objetivos:

promover a cidadania através da implementação da escola de ensino fundamental completo (de nove anos), democrática e solidária; e desenvolver com os educandos, seus pais e com toda a comunidade, os saberes necessários para a construção de um modelo de desenvolvimento agrário, social e economicamente viável, para a permanência do homem, da mulher, do jovem e crianças no campo (ROSSETTO, 2005, p. 38).

¹³ No primeiro capítulo pretende discutir a educação do e no campo.

Para a elaboração da proposta que viria a ser transformada no projeto de Educação do Campo, em 2001 foi constituído um Grupo de Trabalho de Escola Rural no Fórum Municipal de Educação composto pelos diferentes sujeitos sociais elencados acima. Podemos dizer que as comunidades assentadas na região desde o início de sua luta pela terra, também tiveram que lutar pelos seus direitos mais básicos: “saúde, crédito e educação, este último em especial. E foi através desta luta que, pouco a pouco, foram conquistando os direitos essenciais” (ROSSETTO, 2005, p. 40).

Foi assim que os Assentamentos Monte Alegre e Bela Vista conseguiram suas unidades escolares, que o assentamento Bela Vista se organizou para que a sua escola não fosse anexada a outra escola na cidade, que juntos suas comunidades lutaram pela implementação do ensino fundamental completo em suas instituições escolares, e que lutaram pela municipalização da escola estadual “Hermínio Pagotto” como um passo importante para a implantação de uma escola do campo, uma vez que a Secretaria Estadual oferecia muitas limitações no que se refere a gestão das escolas rurais (ROSSETTO, 2005, p. 40).

A municipalização da escola do campo “Hermínio Pagotto” e a extensão da abrangência do ensino oferecido nas escolas do campo para todos os anos do ensino fundamental, foram diretrizes expostas pelo Grupo de Trabalho de Escola Rural ainda em 2001, quando apresentaram as seguintes diretrizes para a Escola do Campo:

- Implementação de uma proposta pedagógica do campo;
- Desenvolvimento de um programa específico de formação continuada de educadores do campo;
- A municipalização do ensino na Escola Estadual Prof. Hermínio Pagotto, garantindo um ensino combinado a reflexão teórica com a atuação prática no campo [...], além do fortalecimento dos vínculos com a família e a terra;
- Implantação da Educação Infantil, através de convênio com o Centro de Desenvolvimento Comunitário do Assentamento Bela Vista;
- Implantação de atendimento na rede municipal de ensino, da 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, a partir de 2002, com proposta especial voltada ao homem e à mulher do campo;

- Implantação do Programa Educação Complementar nos Assentamentos Bela Vista e Monte Alegre, através dos Centros de Desenvolvimento Comunitário;
- Inclusão de bibliografia pertinente à realidade da comunidade rural (SANO, SPERANZA, 2004, p. 155).

A demanda pela municipalização da escola “Prof. Hermínio Pagotto”, se deu a partir da necessidade de possuir maiores possibilidades de atuação na unidade escolar, uma vez que o grupo de trabalho da educação rural reconheceu as “limitações da Secretaria Estadual de Educação no que se refere à gestão das escolas rurais” (ROSSETO, 2005, p. 40). Sano e Speranza (2004) que realizaram um estudo sobre este programa da Escola do Campo no município de Araraquara, nos dizem que em relação à ampliação das séries atendidas pelas escolas do campo, tratou-se aqui de atender a uma reivindicação das comunidades rurais, uma vez que

após o ensino fundamental I (1ª a 4ª série), os alunos eram obrigados a se deslocar para a área urbana para estudar, criando um ‘choque’ cultural e ficando expostos à discriminação por parte dos alunos da cidade (SANO, SPERANZA, 2004, p. 155).

Além disso, é de nosso conhecimento o fato de que o deslocamento dos alunos das áreas rurais até as áreas urbanas para a conclusão dos estudos, não apenas se mostra como uma opção demasiada cansativa, devido às longas horas dentro de ônibus em condições precárias, mas também era um dos agravantes da evasão e desistência escolar de muitos destes alunos.

Com relação ao projeto de escola do campo, Edna Rossetto (2005) nos diz que,

O primeiro passo para a construção do Projeto da escola do campo foi dado em uma série de reuniões entre educadores, pais, educandos e colaboradores do Projeto, coordenadas por um representante da Secretaria Municipal de Educação, para elaborar os princípios desta Escola. Os colaboradores do Projeto foram: alunos de Graduação e Pós-Graduação de várias universidades da região (UNESP, USP, UFSCar), representantes do Coletivo Estadual de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a ONG Brincadeira de Criança, voluntários interessados e representantes do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP) da região (ROSSETO, 2005, p. 40 - 41).

Durante este processo de discussão e construção dos princípios da Escola do Campo que seriam adotados pelo município de Araraquara, Rossetto (2005) nos mostra que houve momentos de contradições e divergências entre as concepções dos diferentes sujeitos

participantes. Entretanto esta não foi uma barreira para a construção dos princípios pelo contrário fortaleceu a discussão, atentando-se para o fato de não limitar o projeto à realidade local,

mas que este pudesse interagir com o contexto nacional e global. Houve consenso de que o trabalho deveria começar pela valorização da cultura e do trabalho local, tentando a superação da dicotomia entre teoria e prática (ROSSETO, 2005, p. 41).

A autora nos diz que os dez princípios da Escola do Campo formulados pelo grupo são:

- Qualidade Social e Educação;
- Democratização do Acesso ao conhecimento;
- Gestão democrática com a participação da comunidade escolar na tomada de decisões;
- Valorização da cultura e do trabalho do campo superando a dicotomia entre a teoria e a prática;
- Integração e interação com o meio ambiente e a conscientização ecológica;
- Inserção da escola no contexto regional, nacional e global;
- Construção de espaços pedagógicos e tempos alternativos para o fenômeno educativo;
- Resistência e luta do Homem e Mulher do campo;
- Concepção de que a história é construída pelas lutas sociais;
- Construção de um novo Homem e de uma nova Mulher a partir do resgate de suas identidades (ROSSETO, 2005, p. 41 - 42).

O programa Escola do Campo, como viemos tentando demonstrar, possui uma proposta curricular diferenciada de forma a possibilitar uma maior relação entre as esferas escolares e a comunidade em que os alunos estão inseridos. Uma forma de diminuir a distância entre escola e comunidade são as aulas realizadas nos próprios lotes e as aulas de experimentação nos laboratórios das escolas do campo.

Cada uma das escolas do campo possui em suas instalações,

Salas de referência para a sistematização do conhecimento e com laboratórios de informática, de Ciências, de Multimeios, além de Biblioteca para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares, de modo a despertar o interesse do educando, para que este possa unir o saber científico ao saber prático e necessário á vida e produção de homens e mulheres do campo (ROSSETTO, 2005, p. 40 - 41).

As escolas do campo estão inseridas no projeto Escola Interativa e como vimos anteriormente, esta prevê o ensino por meio de ciclos de formação. Sano e Speranza (2004) ao se debruçarem sobre a proposta pedagógica das escolas do campo do município de Araraquara nos mostram que

Uma das principais propostas dos ciclos de formação é desenvolver os currículos de acordo com “complexos temáticos, ou seja, dos temas geradores obtidos junto à comunidade escolar” (...). Estes temas geradores são trabalhados em atividades de classe, mas principalmente em trabalhos de campo (SANO, SPERANZA, 2004, p. 155).

Além destas atividades que possuem por objetivo promover uma maior interação entre os conhecimentos escolares e os conhecimentos da terra e da cultura do campo existe nestas escolas do campo outra característica que lhes dá esta personalidade diferenciada da personalidade da escola urbana. Trata-se da utilização de um calendário escolar específico às escolas do campo, no qual são incluídas como parte das “comemorações e atividades culturais datas como o dia internacional de luta camponesa (17/04), dia da luta indígena (19/04), entre outras” comemorações próprias dos trabalhadores do campo (SANO, SPERANZA, 2004, p. 161).

Estas são as bases do Programa Escola do Campo, do município de Araraquara. Nele pudemos observar um pouco da estrutura e infraestrutura que alicerçam os projetos políticos pedagógicos de cada uma das três escolas do campo, pois como já salientamos, cada uma delas possuem suas diferenças e especificidades que devem ser estudadas e compreendidas dentro do contexto de cada uma.

Antes de nos aprofundarmos no estudo de uma destas escolas, gostaríamos ainda de ressaltar que em relação aos profissionais da educação que atuam nas escolas do campo deste município, o programa prevê que além da formação continuada voltada para a educação do campo, estes profissionais também possuem o direito a um

sistema de transporte exclusivo para o deslocamento entre a cidade e o campo. A segunda iniciativa corresponde a um projeto de lei municipal para que os professores da escola do campo recebam um adicional de 10% nos vencimentos (SANO, SPERANZA, 2004, p. 161).

Entre direitos e desejos, realidades e sonhos, vamos agora voltar um pouco nosso olhar para a escola “EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado”, localizada no assentamento Monte Alegre, de forma a podermos traçar algumas reflexões sobre a possibilidade de que esta escola possa estar conseguindo solucionar os antigos problemas da escola rural.

2.2. A escola do Assentamento Monte Alegre

Segundo relata Oliveira (2008), o Assentamento Monte Alegre foi criado em junho de 1985 impulsionado pelo movimento dos Bóias-Frias e com o apoio dos sindicatos de trabalhadores rurais da região. Sua criação permitiu “uma reforma agrária que favorecia o retorno à terra dos trabalhadores itinerantes da agricultura paulista” (OLIVEIRA, 2008, p. 158). Pelo que nos mostra a autora, o assentamento passou por muitas mudanças e rupturas, principalmente enquanto se constituía em um acampamento, o que provocou sucessivas mudanças das famílias que ali se fixaram, de forma que, “com a desistência de uns, outros vinham para ocupar o espaço deixado, e essas mudanças ocorreram tanto no período do acampamento e atualmente também” (OLIVEIRA, 2008, p. 159).

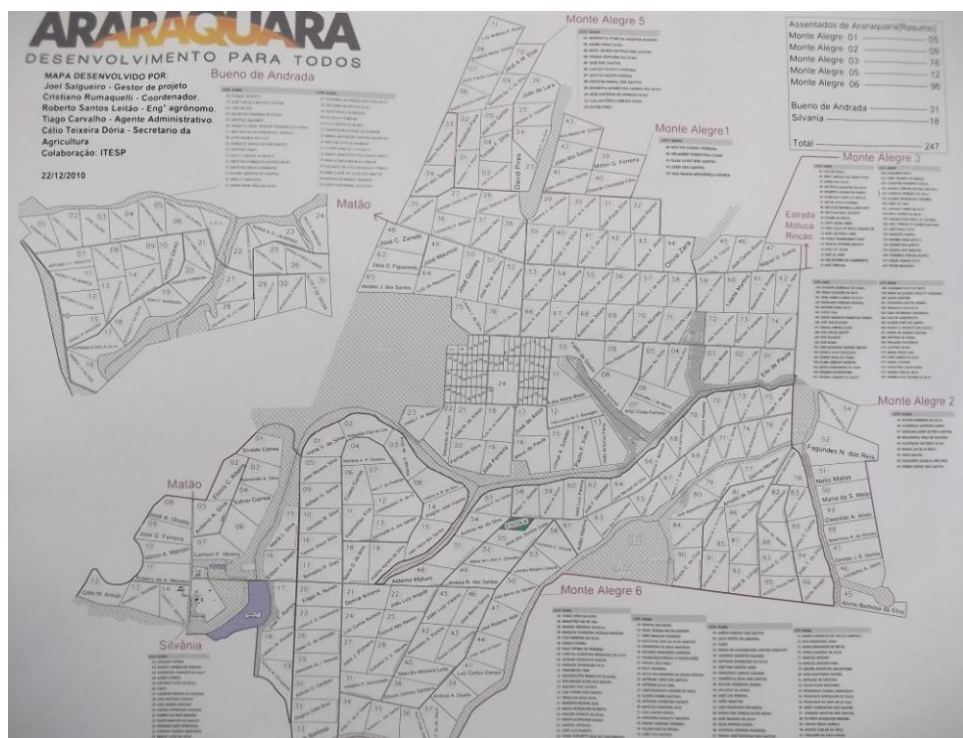
Oliveira (2008) nos diz ainda que

Os constituintes da primeira fase do assentamento são em sua maioria de um passado inteiramente ligado à terra, há toda uma história familiar de relação com a terra. Ou seja, a terra é o fio condutor dos antepassados e herdeiros. São várias gerações estabelecendo uma relação de dependência e sobrevivência com a terra. A terra, para eles, é bendita. É passado, presente e futuro. (...) As famílias que já perduram em suas gerações a ligação com a terra, formam um ciclo de repasse dos conhecimentos “a tradição” (OLIVEIRA, 2008, p. 160).

O Assentamento Monte Alegre foi constituído em diferentes etapas e para tanto recebeu uma divisão interna determinada não apenas pela data de sua criação, mas também fazendo referência à sua localização física. Podemos observar nas figuras abaixo que por ser muito extenso, o Assentamento Monte Alegre ultrapassa os limites da cidade de Araraquara, possuindo lotes também nas cidades de Motuca e Matão, já que em 2008 o assentamento foi aumentado até Matão, onde deram o nome de Silvânia ao novo conglomerado de lotes. Assim segundo os dados disponibilizados no sítio do Instituto de Terras do Estado de São Paulo –

ITESP – na Internet¹⁴, hoje possuímos os seguintes assentamentos nesta região, por ordem de criação: Monte Alegre 1, Monte Alegre 2, Monte Alegre 3, Monte Alegre 4, Monte Alegre 5, Monte Alegre 6, Bueno de Andrada e Silvânia. Nas figuras também podemos observar a localização da escola que estamos realizando nossa pesquisa dentro do assentamento, sua localização está pintada de verde para melhor visualização.

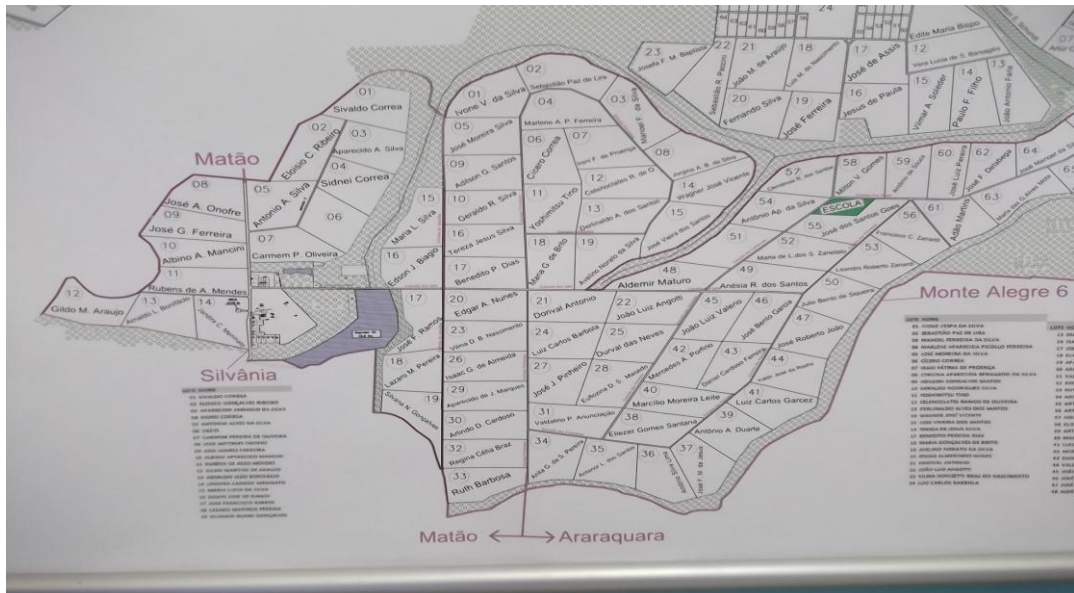
Figura 1 – Assentamento Monte Alegre



Fonte: Fotografias registradas pela pesquisadora a partir de um mapa exposto na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, no dia 27/07/2011.

14 Os dados disponibilizados encontram-se no endereço do ITESP na Internet: <http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/assentamentos.aspx>. Acesso em 01/07/2011.

Figura 2: Monte Alegre 6 – Divisa Matão/Araraquara



Fonte: Fotografias registradas pela pesquisadora a partir de um mapa exposto na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, no dia 27/07/2011.

Para termos uma noção da ordem cronológica de criação do Assentamento Monte Alegre, trazemos abaixo alguns dados disponibilizados pelo ITESP:

Tabela 3: Formação e Constituição do Assentamento.

Município	Projeto Assentamento	de	Início	Domínio da Terra	Nº de Lotes	Área Total (ha)
Motuca	Monte Alegre 1		05/85	Estadual	49	726,00
Motuca	Monte Alegre 2		10/85	Estadual	62	857,70
Araraquara	Monte Alegre 3		08/86	Estadual	76	1.099,56
Motuca	Monte Alegre 4		08/86	Estadual	49	679,35
Motuca	Monte Alegre 5		10/91	Estadual	34	483,76
Araraquara	Bueno de Andrada		05/97	Estadual	31	472,41
Araraquara	Monte Alegre 6		05/97	Estadual	88	1.253,94
Matão	Silvânia		09/98	Estadual	19	405,40

Fonte: Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP. In: <http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/assentamentos.aspx>. Acesso em 01/07/2011.

Observando a tabela acima podemos perceber que o Assentamento Monte Alegre 3, Monte Alegre 6 e o conjunto de lotes que denominam de Bueno de Andrada, são os únicos que estão dentro dos limites do município de Araraquara. É importante ressaltarmos esta questão porque o projeto de educação do campo que analisamos para servir de suporte à análise da proposta de educação do campo da escola que será pesquisada é o do município de Araraquara como pudemos observar durante a leitura deste trabalho.

A EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado está localizada no Assentamento Monte Alegre 6, mas mesmo pertencendo ao território de Araraquara, sua localização é muito mais próxima da cidade de Matão. Segundo relatos da diretora da escola pesquisada, esta questão do município ao qual cada parte do assentamento pertence, constitui-se em motivos para muitas discussões, principalmente no que se refere à questão da oferta de vagas da escola. Isso se deve ao fato de que os municípios e suas secretarias, atendem às suas respectivas áreas físicas não aceitando, no caso da Secretaria de Educação, matricular alunos que moram dentro dos limites de outro município na escola do campo do Monte Alegre 6. Mas existem exceções que são autorizadas pela Secretaria Municipal de Araraquara, como foi o caso de permitirem a matrícula de uma criança com necessidades especiais de aprendizagem que não mora nos assentamentos pertencentes à Araraquara, mas como disponibilizam este recurso de aprendizagem, concordaram em recebê-la.

Em relação às constantes mudanças pela qual o assentamento passa, como se refere Oliveira (2008), a diretora da escola em uma de suas falas nos confirma esta realidade, dizendo que a população desse assentamento, Monte Alegre 6, é muito flutuante, ou seja, existe uma grande movimentação entre os que chegam ao assentamento e os que saem dele, chegando a ser possível observar o pedido de matrícula de um aluno na escola em um dia e o pedido de sua transferência no dia seguinte à sua chegada.

Em relação à infraestrutura do assentamento Monte Alegre 6, assim descreve o Projeto Político Pedagógico – PPP- da EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado de 2008:

Embora habitado, o Assentamento Monte Alegre VI não possui saneamento básico e posto de saúde. Há o programa de Saúde Familiar, que é um programa de atendimento aos doentes, com médico da família, enfermeira e agentes de saúde. Não há asfalto e no ano de 2004 iniciou a coleta de lixo (uma vez por semana), a água é retirada de poços. As casas são modestas e a exploração agrícola é individual (EMEF do Campo Maria de Lourdes Silva Prado, 2008, p. 3).

Hoje já podemos observar algumas mudanças neste assentamento, como é o caso da Padaria Artesanal que foi construída ao lado da escola do campo. Padaria esta, que segundo a professora Neusa¹⁵, foi conseguida através de reivindicações do Movimento Social das Mulheres Assentadas do Monte Alegre 616, nas reuniões do Orçamento Participativo¹⁷.

Em relação aos aspectos sócio-econômicos deste assentamento, o PPP da escola do campo, assim apresenta seus alunos:

A grande maioria das famílias do assentamento vivem com problemas financeiros, dependem em sua grande maioria da bolsa escola e outras ajudas governamentais para garantirem a permanência de seus filhos na escola e assim seu sustento. Pela pesquisa antropológica realizada, também podemos constatar que muitos pais de família continuam a trabalhar como lavradores em usinas, pois de alguma forma precisam aumentar a renda familiar, uma vez que estes não possuem recursos financeiros ou até mesmo conhecimento da terra para assim a cultivarem, estes vivem com apenas 1 salário mínimo mensal. (EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, 2008, p. 9).

Esta não é, entretanto a única realidade sócio-econômica vivenciada pelos assentados, o próprio documento faz referência a existência de famílias que estão bem estruturadas no que concerne à produção no campo, possuindo condições de produzirem para o próprio sustento e para a comercialização, conseguindo assim, “viver dos frutos de sua terra” (EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, 2008, p. 9).

Há ainda outro dado importante a trazermos para esta contextualização do assentamento Monte Alegre 6, que também faz referências as constantes modificações pelas quais o assentamento passou e continua passando. Este dado refere-se ao que Neusa, explicou como sendo a inversão do êxodo rural. O êxodo rural constituiu-se como um momento histórico no qual a população do campo, por questões variadas, deixou o campo ou foi obrigada a abandoná-lo para ir às cidades em busca de melhores condições de vida e trabalho.

Segundo relatos de duas professoras, Neusa e Rosangela¹⁸, é possível observarmos uma inversão neste fluxo, as famílias agora estão deixando a cidade, também por várias

¹⁵ Neusa é o pseudônimo que adotamos para uma das professoras entrevistadas.

¹⁶ Este movimento social, como o próprio nome já diz é composto pelas mulheres moradoras do Assentamento Monte Alegre 6.

¹⁷ Orçamento Participativo ou Orçamento e participação para todos, como está definido no sitio da prefeitura de Araraquara, é uma forma de gestão da atual administração, onde são realizados encontros com a comunidade dividida em setores para a decisão conjunta de como serão aplicados os recursos da prefeitura. Nestas reuniões a comunidade traz para o grupo as necessidades que sua região possui e todos votam para a realização das mais urgentes e prioritárias para o coletivo.

¹⁸ Neusa e Rosangela são os pseudônimos que adotamos para duas professoras entrevistadas.

razões, e voltando para o campo em busca de melhores condições de vida. E esta situação interfere no modo de vida e cultura dos moradores e trabalhadores do campo. Um exemplo vivo disto é a existência na escola de crianças que já moraram na cidade, grande parte de sua vida e agora estão no campo, mas não conseguem se identificar nem com o campo e nem com a cidade à qual não mais pertencem.

Primeiro acontecia isso, veja bem, no êxodo rural, os pais largaram tudo no campo e foram para a cidade, o aperto do agronegócio foi empurrando eles. Foram para a cidade, lá criaram filhos, mas os pais que foram para a cidade não possuíam uma identidade urbana para passar para estes filhos e não tinham condições de passar para esses filhos lá na cidade uma identidade rural. Ai eles ficaram sem identidade, nem urbana e nem rural.

Daí, houve esse retorno com a fundação dos assentamentos, houve esse retorno, saíram da cidade e vieram para cá, eles não aguentaram a cidade. Entre os pais, os filhos dessa gente vieram para cá e pegar o lote, mas não tinham identidade nem rural e nem urbana, porque não foi passado. Então aqui eles só sofreram, daí o problema: eles não sabiam tratar solo, eles não sabiam nada. (...)

Hoje o assentamento é outro, porque existe essa troca de identidades. Os filhos desse pessoal já veio para cá diferente, já veio com uma identidade urbana e essa identidade urbana eles estão passando para os pais aqui e um pouco do rural os pais estão passando para eles. Há um intercâmbio, por isso que eu acho que o intercâmbio é muito importante e o assentamento de uns cinco anos para cá, está uma maravilha. (...) Eles cresceram, mas cresceram mesmo, tanto que você vê, parecem crianças da cidade. Os filhos mais novos, os pais vão buscar recursos na cidade. (NEUSA, professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Se antes os trabalhadores rurais saíram do campo e foram para a cidade possuindo uma identidade com a terra, com o campo, seus filhos que lá cresceram não puderam ter a mesma identidade enraizada, nem puderam ter uma identidade urbana enraizada, agora os seus filhos, criados já na cultura urbana, estão sendo trazidos de volta ao campo, sem que consigam reconhecer-se como camponeses.

Está havendo uma inversão de valores, ou melhor, um intercâmbio de valores no campo, que não podem ser prejulgados como negativos, pois as trocas estão trazendo também pontos positivos, estão trazendo melhorias para o assentamento. Esta será uma das questões que precisarão ser retomadas e pesquisadas a fundo para que possamos chegar a uma conclusão sobre as implicações que trarão para a vida, a cultura e a economia do assentamento.

Agora que já possuímos um pequeno panorama do Assentamento Monte Alegre 6, vamos nos atentar mais cuidadosamente para com o nosso objeto de estudo: A EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado.

Capítulo 3: A EMEF do Campo Maria de Lurdes da Silva Prado.

Figura 3: EMEF do Campo Maria de Lurdes da Silva Prado



Fonte: Fotografia registrada pela pesquisadora no dia 27/07/2011.

Esta escola do campo atualmente atende a cento e vinte alunos no ensino fundamental e mais quarenta alunos na Educação de Jovens e Adultos. Sua estrutura física conta com uma diretoria; uma secretaria; uma coordenação, que funciona junto com a sala de recursos; dez salas de aulas; um laboratório de informática; um laboratório de ciências; uma cozinha experimental; um refeitório; uma cozinha; dois banheiros para funcionários, sendo um feminino e um masculino; dois banheiros para alunos, um masculino e um feminino; dois depósitos; um depósito para a merenda; um depósito de produtos de limpeza; dois tanques de areia com escorregador e casinha de madeira; uma quadra de esportes coberta, mas sem depósito para materiais esportivos; três passarelas cobertas por toldo, ligando os prédios; uma caixa d'água; mais dois banheiros de alunos no Centro de Educação e Recreação – CER –, estes também possuem sanitários específicos para deficientes físicos; uma sala de recursos, uma sala multimeios e um berçário também no CER.

A escola conta ainda com jardins, gramados e árvores variadas, mas estas ainda em sua maioria não produzem muitas sombras. Fruto de projetos da escola, também podemos observar a existência de uma horta, da qual já podem colher algumas hortaliças e um pomar, com uma grande variedade de árvores frutíferas, mas que por ter pouco tempo de plantação, ainda são pequenas e não produzem frutos ou grandes sombras.

Em uma visão geral a escola é muito bonita, possui suas paredes externas pintadas de azul escuro e amarelo, os detalhes em madeira do pátio e de toda a estrutura, como por exemplo, a quadra esportiva e os toldos das passarelas, também são azuis escuro. O amarelo e o azul escuro combinam perfeitamente com o verde dos jardins e dos gramados, futuramente também combinarão com as árvores que foram plantadas.

Esta escola não apenas possui uma boa estrutura física, mas também possui bastante profissionais que atuam nesta unidade. Hoje ela conta com uma diretora, uma coordenadora pedagógica, um agente administrativo, sete professores I, dez professores II, seis agentes educacionais da EMEF e do CER, um agente educacional na biblioteca e, quatro agentes sociais, entretanto ainda percebemos a falta de profissionais como, por exemplo, uma vice-diretora. Em uma de minhas visitas precisei aguardar horas para poder falar com alguma pessoa responsável pela escola, pois era uma quinta-feira, a coordenadora pedagógica participava de um curso de capacitação para a utilização do material, adquirido junto ao SESI. A diretora precisou ir para a cidade levar uma funcionária ao hospital, pois tinha passado mal e também precisou ir até a prefeitura resolver um problema com o transporte escolar das crianças. Para resumir, cheguei à escola às 9h30m e só consegui falar com a diretora às 13h30min.

Em relação à quantidade de alunos atendidos, como já falamos no início deste tópico, a escola atualmente atende a cento e vinte crianças no Ensino Fundamental e quarenta alunos no Ensino de Jovens e Adultos. Esse número é relativamente pequeno em vista da estrutura física da escola, o que permite que as classes possuam um número entre oito e vinte alunos por turma. Na tabela abaixo podemos observar como se deu a distribuições dos alunos por turma nos últimos três anos:

Tabela 4: Quadro Comparativo dos Alunos Matriculados.

CLASSES	Número de Alunos Matriculados		
	2009	2010	2011
ENSINO FUNDAMENTAL			
1º ano	09	21	08
2º ano	11	09	21
3º ano	11	11	09
4º ano	16	11	11
5º ano	15	16	11
6º ano	12	17	16
7º ano	15	12	17
8º ano	20	15	12
9º ano	15	20	15
Total de Alunos	110	122	120
EJA			
2ª série	10	15	20
3ª série			20
Total de Alunos	10	15	40

Fonte: EMEF do Campo Maria de Lourdes Silva Prado, 2011.

Além de um número pequeno de alunos por turma, podemos observar pelos dados disponibilizados pela escola, para a realização desta pesquisa, que no ano de 2010, dos cento e vinte e dois alunos matriculados nesta unidade escolar, apenas oito alunos foram reprovados e dois alunos se evadiram da escola. Na tabela abaixo, poderemos observar ainda a quantidade de alunos transferidos para outras escolas e a quantidade de alunos recebidos ao longo do ano por transferência no ensino fundamental.

Tabela 5: Alunos Matriculados, Transferidos, Aprovados, Reprovados e Evadidos em 2010.

Ensino Fundamental	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Matricula inicial	23	14	13	11	16	16	11	20	16	140
Matricula final	23	13	12	13	15	18	10	18	20	142
Matricula geral	27	16	15	15	16	19	13	23	21	165
Transferências recebidas ao longo do ano	4	2	2	4	0	3	2	3	5	25
Transferências expedidas ao longo do ano	4	3	3	2	1	1	3	5	1	23
Alunos recebidos por reclassificação	0	1	2	0	1	0	0	0	0	4
Alunos eliminados por reclassificação	0	0	0		0	0	0	0	0	0
Alunos evadidos	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Alunos freqüentes	23	13	12	13	15	18	10	18	20	142
Total de alunos promovidos dentre os freqüentes	21	11	12	13	14	17	10	18	20	136
Total de alunos retidos dentre os freqüentes	3	2			1	1		1		8

Fonte: EMEF do Campo Maria de Lourdes Silva Prado.

Em relação ao ensino oferecido na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, este possui sua base teórica no projeto Escola do Campo. No PPP da escola podemos observar a utilização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – 9.394/96, da Diretriz Operacional para a Educação Básica do Campo (2002) e de alguns princípios que regem a educação municipal, para a formulação dos princípios e objetivos desta unidade escolar.

Os princípios da educação municipal aos quais nos referimos acima e que são citados no PPP da escola são: gestão escolar democrática; qualidade social da educação e escola inclusiva. Sobre a gestão escolar democrática, fica estabelecido que esta deverá ser partilhada entre a Direção da escola e o Conselho de Escola. Em relação à qualidade social da educação, colocam “a apropriação do conhecimento, como instrumento de desenvolvimento social e humano, que promova a solidariedade, e o respeito às diferenças e ao meio ambiente. Em síntese uma educação voltada para o desenvolvimento da cidadania.” Já em relação à escola inclusiva, salientam a importância de incluir não apenas os alunos com deficiências, mas também criar condições para que todos os alunos independentemente das condições sociais, étnicas, de gênero e ainda daqueles que revelam dificuldades de aprendizagem, possam se beneficiar da escolaridade e finalizar com sucesso o ensino fundamental (EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, 2008, p. 6).

Em relação aos objetivos da escola do campo, colocaremos abaixo os objetivos gerais e específicos apresentados no Projeto Político Pedagógico da escola para os anos de 2008 a 2011:

Objetivos Gerais da Escola do Campo

- Organizar uma escola para atender os educandos do campo, da área rural e dos assentamentos resultantes da reforma agrária;
- Universalizar o acesso, regresso e a permanência da população rural na Educação Básica;
- Instrumentalizar o educando com as concepções de processo permanente de escolha e luta e de trabalho produtivo e coletivo da terra;

Objetivos específicos:

- Desenvolver esforços para inserir o tempo da escola num tempo cultural e humanizador, que valorize as habilidades cognitivas e humanas como: sensibilidade, comunicação, simbolismo, autonomia, memorização, corporeidade na apropriação e construção dos saberes e valores culturais;
- Fomentar a reflexão coletiva e o aprofundamento teórico sobre a produção do conhecimento em suas diferentes áreas, proporcionando nos professores a compreensão de seu papel como mediadores do processo de aprendizagem e ampliando sua competência didático-pedagógica;
- Promover discussões e reflexões sobre a importância de implementarem princípios e práticas interdisciplinares entre as várias áreas do saber;
- Desenvolver uma concepção dinâmica e justa de avaliação escolar em que a ação de avaliar se caracterize como um processo capaz de compreender e promover o potencial de aprendizagem do aluno;
- Proporcionar uma bagagem teórico-prática sólida, orientando nossos alunos na construção e resignificação do conhecimento, através do desenvolvimento de sua expressão criadora e consciência crítica;
- Assegurar efetivamente a cidadania do indivíduo;

- Garantir o respeito à pluralidade cultural, política, étnica e religiosa, para que todos possam exercer plenamente sua liberdade de opinião e expressão;
- Promover as competências e habilidades para o trabalho, através de um referencial teórico-prático que permita a flexibilidade para novas ocupações no mercado, a busca pela valorização profissional e que ajude a reduzir os efeitos dos meios de produção da nossa sociedade.
- Educação voltada para a Valorização da Cultura do trabalho do Campo
- Resgatar práticas e costumes dos diferentes membros da comunidade;
- Desenvolver o conhecimento técnico da comunidade em particular e o geral;
- Estimular a sistematização do conhecimento, história oral da comunidade depois de vivenciado. (EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, 2008, p. 8 - 9).

Podemos perceber principalmente nos tópicos dos objetivos gerais e nos tópicos da educação voltada para a valorização da cultura do trabalho no campo, uma tentativa, um desejo de fazer uma educação do campo que traga para dentro da escola a questão da terra, do trabalho e da cultura do campo. Entretanto como será que estes objetivos são transformados em ações no dia-a-dia escolar? Será que no currículo escolar são abordados conteúdos que permitam que estes objetivos sejam alcançados? Ou será que a escola possui outros mecanismos para que os mesmos possam ser alcançados?

Responder a estas questões não é tão fácil, como apriori aparenta ser. Na realidade para sabermos se a educação do campo, com as características definidas pelos movimentos sociais e seus idealizadores, realmente acontece nesta ou em qualquer outra escola do campo. É preciso muito cuidado e principalmente contar com a ajuda de todos os envolvidos nesta educação.

Foi por isso que optamos nesta pesquisa por tentar ir além do que os documentos escolares nos dizem, afinal, eles são, nada mais nada menos, do que uma carta de intenções da unidade escolar para com o ensino, para com a educação que será oferecida. Não estamos aqui desvalorizando a importância da elaboração do Projeto Político Pedagógico, pois é de

fundamental importância que a comunidade escolar possa em determinado momento parar para pensar nos objetivos que esperam alcançar, nos desejos que possuem para a educação de seus alunos, para que consigam avaliar o que foi feito, o que precisa ser feito e principalmente pensar em formas de como conseguir alcançar os objetivos que desejam.

O que estamos querendo dizer é que na verdade, o PPP por si só não faz com que a educação do campo, tal como foi pensada pelos seus proponentes aconteça, ele serve para direcionar o trabalho, mas se o coletivo escolar não se organizar para alcançar esses objetivos, de nada adiantará para que os objetivos expostos sejam realizados.

Desta forma, pensamos em realizar entrevistas com alguns professores e funcionários da escola, assim como realizar um questionário com os alunos do nono ano, para que possamos assim possuir uma visão um pouco mais ampla sobre a forma como a educação do campo é realizada nesta unidade escolar e se ela é realizada.

Antes de nos dirigirmos para o estudo destes dados que apontamos acima, queremos trazer alguns elementos que podem nos auxiliar a pensar a forma como é trabalhada a educação do campo nesta unidade. Na tabela das atividades extra-escolares realizadas e a ser realizadas neste ano, disponibilizadas pela escola podemos perceber algumas atividades que possuem um vínculo com a questão do campo. Para melhor compreendermos a forma como estas atividades foram planejadas, as apresentaremos a seguir, na mesma forma como foram descritas no quadro:

Tabela 6: Atividades Extra-Escolares.

Classes	Nº Alunos	Cidade	Local	Projeto/ Objetivo	Responsável
1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos	59	Bauru	Zoológico	Conhecer a diversidade do reino animal e compará-la com os animais existentes em nosso Assentamento	Professoras: Neli de Oliveira Gasiorski, Vanessa S. Moreno Soares Santos, Larissa Pereira Ramalho, Rosimeire de Lourdes B. Costa e Anésia S. Ribeiro.
1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos	59	Araraquara	EMEF Herminio Pagoto	“Dia da Luta Camponesa” – integração entre as escolas do campo	Professoras: Neli de Oliveira Gasiorski, Vanessa S. Moreno Soares Santos, Larissa Pereira Ramalho, Rosimeire de Lourdes B. Costa e Anésia S. Ribeiro
1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos	59	Araraquara	EMEF Eugênio Trovati	“Dia do Artista Plástico Brasileiro” – integração entre as escolas do campo	Professoras: Neli de Oliveira Gasiorski, Vanessa S. Moreno Soares Santos, Larissa Pereira Ramalho, Rosimeire de Lourdes B. Costa e Anésia S. Ribeiro
3º, 4º e 5º anos	29	Matão	Fábrica Predilecta	Conhecer o processo de fabricação de alimentos industrializados.	Larissa Pereira Ramalho, Rosimeire de Lourdes B. Costa e Anésia S. Ribeiro
7º, 8º e 9º anos	44	São Paulo	Museu da Língua Portuguesa	Perceber que a Língua Portuguesa sofreu transformações no decorrer dos tempos, que é dinâmica, rica e se manifesta de diversas formas.	Professores Edgar Alexandre C. D. Junqueira, Evelyn da Silva Cunha, Flávia Ap. Francisco da Silva, Ivete Constancio M. de Aquino e Lucimara Silvia G. de Oliveira.

Fonte: EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado.

Se pararmos para observar esta programação¹⁹, as principais atividades que poderíamos dizer que direta ou indiretamente podem estar relacionadas a um desejo de se trabalhar com os alunos, conteúdos e experiências que podem possuir relação com a vida no campo ou podem auxiliar na compreensão das relações entre campo e cidade, são previstas para serem realizadas com os alunos do 1º ao 5º ano, estando planejado para os alunos maiores uma visita ao Museu da Língua Portuguesa, que poderíamos dizer que dependendo do enfoque, da forma como for exposto aos alunos, eles poderão durante a visita ir percebendo algumas variações linguísticas que foram ocorrendo em nossa língua e até perceber as variações linguísticas que são próprias da cultura do campo.

Outra atividade extracurricular que não consta neste quadro, mas que ocorreu no mês de agosto foi uma atividade em comemoração ao Dia do Campo Limpo, ocorrida no dia 19 de

¹⁹ Colocaremos em anexo, a programação completa das atividades extra-curriculares previstas para o ano de 2011. Aqui utilizamos apenas estes tópicos, pois são os que se referem direta ou indiretamente ao campo, ou podem ser trabalhados relacionando o campo.

agosto. Nesta data todos os alunos saíram da escola para realizarem as atividades propostas. Como fui informada por uma professora da escola, esta atividade já é realizada há alguns anos nas escolas do campo e possui por objetivo trabalhar com os alunos a questão da utilização dos agrotóxicos, assim como as formas certas de descarte das embalagens vazias.

Pelo que conseguimos entender, esta atividade possui um planejamento no qual as crianças dentro de seus níveis de escolaridade participam de concursos, sempre com um tema diferente e, produzem desenhos e redações que são selecionadas para a premiação. A professora Letícia²⁰, afirmou que geralmente alguns dos alunos premiados são alunos desta escola do campo, por exemplo, no ano passado, uma aluna do 7º ano foi contemplada com o prêmio de melhor redação.

Nesta escola do campo, também é realizado um Projeto Horta, Pomar e Jardim descrito no PPP – 2008. Sua realização possui como uma de suas finalidades ser o principal elo de ligação entre a escola e a vida no campo, de forma que os objetivos gerais deste projeto são assim definidos:

O Projeto Pomar tornar-se-á a principal diretriz para o desenvolvimento do projeto do Campo nesta unidade escolar. A fim de proporcionar o conhecimento formal capaz de ser utilizado e aplicado na vida do educando em seu lote.

Criando a expectativa de uma nova atividade a ser desenvolvida com a família e para ela, tanto no consumo, quanto no comércio, poderá, respectivamente, melhorar a vida e o bem estar (EMEF do Campo Maria de Lourdes Silva Prado, 2008, p. 18).

Trazem também, como objetivos gerais do projeto a possibilidade de possuírem um maior cardápio de frutas a serem inseridos na merenda escolar, favorecendo uma alimentação mais saudável para os alunos. Além disso, apontam para o fato de que este projeto deixará a escola com um ambiente mais agradável e propício a atividades diversificadas fora das salas de aula, uma vez que a escola não possui atualmente árvores que produzam sombras para que os alunos e professores possam realizar atividades externas à sala de aula, abrigados contra o sol.

Por se tratar de um projeto considerado pela escola, um dos principais elementos para a realização de uma escola do campo, vamos nos aprofundar um pouco mais nos

²⁰ Letícia será o pseudônimo adotado para uma das professoras entrevistadas.

objetivos que a escola deseja, ou pelo menos, desejava alcançar com sua implementação no PPP – 2008. Segue abaixo os objetivos específicos deste projeto:

Objetivos Específicos

Construir com os educandos a consciência do trabalho com a terra;

Atrair pássaros da região;

Buscar o conhecimento sobre o solo do assentamento, e abordar quais as árvores frutíferas que melhor irão se desenvolver na escola e, conseqüentemente, nos seus lotes;

Desenvolver uma melhor técnica de plantio destas árvores, a fim de ajudar, com o conhecimento adquirido na escola, a prática em seus lotes juntamente com suas famílias;

Utilizar melhor o espaço da escola;

Desenvolver a responsabilidade pelo cuidado com a terra, com o plantio e sua manutenção;

Aprender a definir o espaço necessário de plantio de uma árvore à outra (EMEF do Campo Maria de Lourdes Silva Prado, 2008, p. 19).

Foi com estes objetivos que a escola elaborou o Projeto Horta, Pomar e Jardins. Hoje podemos observar que ele já se encontra em andamento e devido ao pouco tempo de criação, de plantação, os resultados são mais visíveis na horta, onde várias hortaliças já foram colhidas, outras já estão prontas para serem colhidas e outras se desenvolvendo. Em relação ao pomar, ele está plantado, mas as árvores demoram anos para crescer e gerarem frutos, mas já podemos ver seus troncos em desenvolvimento. Observem abaixo algumas imagens destes espaços:

Figura 4: imagens da horta



Figura 5: imagens da horta



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

A horta da escola possui muitas verduras plantadas, por exemplo, alface, cebolinha, couve, chicória, tomate, etc. Há também a plantação legumes, como cenoura e beterraba e também a plantação de ervas medicinais.

Figura 6: imagens da horta



Figura 7: imagens da horta I



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

Podemos observar pelas fotos que os canteiros quando não retangulares, foram construídos em formas geométricas ou mesmo de maneira artística como no caso dos canteiros que juntos formam a imagem de uma borboleta.

Figura 8: imagens da horta II



Figura 9: imagens da horta III



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

O Pomar da escola conta já com várias mudas de árvores e com algumas árvores em crescimento. Algumas árvores plantadas neste espaço são as mangueiras, os pés de limão, as

laranjeiras, goiabeiras, jabuticabeiras, bananeiras, etc. Nas fotos abaixo podemos observar algumas destas árvores e outras, mas em sua grande maioria são muito pequenas devido ao grande tempo necessário para o seu crescimento.

Figura 10: do pomar IV



Figura 11: do pomar V



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

Os jardins da escola também estão em elaboração, abaixo colocamos algumas fotos das dependências da escola para podemos observar o que já foi produzido:

Figura 12: Jardim



Figura 13: Jardim I



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

Como podemos observar pelas fotos, já foram elaborados canteiros e gramados por toda a escola onde também foram plantadas árvores e coqueiros, alguns dos quais já se encontram em tamanho considerável e já começam a produzir pequenas sombras.

Figura 14: Jardim II



Figura 15: Jardim III



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

As árvores e plantas foram distribuídas ao longo de toda a escola, de forma que não existe um lugar específico reservado para os jardins, mas toda a escola possui ao seu redor árvores, plantas e gramados que possibilitam imaginar que após o crescimento de todas haverá bastante sombra derivada das mesmas.

Figura 16: Jardim IV



Figura 17: Jardim V



Fonte: Imagens registradas pela autora em 11/08/2011.

Um dos problemas que dificulta a realização deste Projeto Horta, Pomar e Jardins é a questão de que apenas durante a semana ele é realizado e cuidado, aos finais de semana ele fica abandonado às intempéries climáticas e como está localizado em uma região muito quente, às vezes um final de semana ou um feriado prolongado, são os responsáveis por algumas secas e conseqüentemente a destruição de algumas hortaliças, sobretudo aquelas que são mais frágeis.

Após apresentar a EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, conforme nos apresenta o seu Projeto Político Pedagógico, vamos nos adentrar na seguinte questão: Será

que a educação realizada nesta escola é realmente uma educação do campo, nos moldes propostos pelos movimentos sociais?

3.1. A educação realizada na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado.

Nos tópicos acima tentamos fazer uma exposição da proposta de educação do campo elaborada pelo município de Araraquara e da proposta de educação contida no Projeto Político Pedagógico – PPP – da EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado. É importante ressaltarmos que este PPP foi elaborado em 2008 quando a escola estava sob a direção de uma equipe gestora diferente da atual e que neste ano de 2011 um novo PPP está sendo elaborado, mas o mesmo não foi aprovado pela Secretaria Municipal de Educação de Araraquara em tempo de ser utilizado nesta dissertação. Desta forma, como o novo PPP não foi ainda aprovado e o mais recente é o de 2008, foi com base nele que tecemos as considerações elencadas no tópico acima.

Ao nos adentrarmos nesta escola para pesquisar a educação do campo que ali é realizada nos atemos a dois principais pontos:

1º- Na questão da especificidade defendida pela proposta de educação do campo, em que a educação não deve ser apenas no campo, mas do campo, pensada e construída para os trabalhadores e moradores do campo;

2º- Na questão da discriminação do trabalhador e morador do campo, que se constitui como um dos motivos que levaram a construção de uma proposta de educação do campo.

Sobre esta questão da discriminação, existe na verdade um discurso de que a educação urbana quando oferecida aos alunos moradores e trabalhadores ou filhos de trabalhadores do campo, seria discriminatória para com estes, uma vez que além de não basear-se na sua realidade, também o excluem por serem diferentes. Miguel Arroyo (2004) ao falar sobre as políticas educacionais e os currículos escolares nos diz que estes

são pensados para a cidade, para a produção industrial urbana, e apenas se lembram do campo quando se lembram de situações “anormais”, das minorias, e recomendam adaptar as propostas, a escola, os currículos, os calendários a essas “anormalidades”. Não reconhecem a especificidade do campo. É curioso constatar que se pensa na escola e na professora rural apenas para sugerir que sejam adaptados calendários, flexibilizados os conteúdos, ou que sejam levados em conta os regionalismos... O suposto é que as propostas, os conteúdos, sejam iguais para todos e devam ter a mesma

finalidade: habilitar todas as crianças e jovens do campo ou da cidade para as experiências da produção e do mercado (ARRROYO, 2004, p. 80).

Esse “desejo” denunciado de que as escolas urbanas ou mesmo as escolas localizadas no campo que continuam a reproduzir a cultura urbana, possuem o objetivo de adaptar os sujeitos do campo à realidade urbana, não se atentando para as suas diferenças e singularidades que são consideradas por alguns autores como uma forma de discriminar, de excluir o estudante do campo. Caldart (2004), também reforça esta denúncia da discriminação dos sujeitos do campo no sistema educacional, dizendo que nas

escolas tradicionais não tem lugar para sujeitos como os sem-terra, assim como não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, sua forma de aprender e de ensinar (CALDART, 2004, p. 93).

Ainda sobre a questão da discriminação podemos trazer a reflexão elaborada por Fernandes; Cerioli; Caldart (2004), em que nos dizem que

Devido à situação geral da educação brasileira hoje, e em particular da tendência de marginalização das escolas do meio rural, é também um problema grave o tipo de escola pública oferecida à população do campo. De modo geral é uma escola relegada ao abandono. Em muitos estados recebe a infeliz denominação de *escolas isoladas*. Como predomina a concepção unilateral da relação cidade-campo, muitas prefeituras trazem as crianças para as cidades, num trajeto de horas de viagem, por estradas precárias, com a finalidade de reduzir custos, e as colocam em classes separadas das crianças da cidade, reforçando desta forma a dicotomia ainda presente no imaginário da sociedade. Ou então são colocadas na mesma sala, onde são chamadas de atrasadas pelas colegas, ou mesmo por alguns de seus professores urbanos e, para serem modernas, passam a assumir valores duvidosos. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p. 38).

É então, em meio a este discurso da existência de uma discriminação dos trabalhadores e moradores do campo e da necessidade apontada de uma educação específica que realizamos na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, doze entrevistas²¹ junto aos professores, funcionários e gestores que trabalham nessa escola, e também realizamos um questionário²² com treze alunos do nono ano que estudam na escola. O resultado das entrevistas é apresentado a seguir.

²¹ As entrevistas estão transcritas no anexo 2.

²² Os questionários respondidos pelos alunos estão no anexo 1.

3.1.1. A Educação do Campo na concepção da comunidade escolar.

Iniciamos a exposição dos dados resultantes das doze entrevistas realizada na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado apontando para as funções exercidas na escola pelos participantes deste grupo.

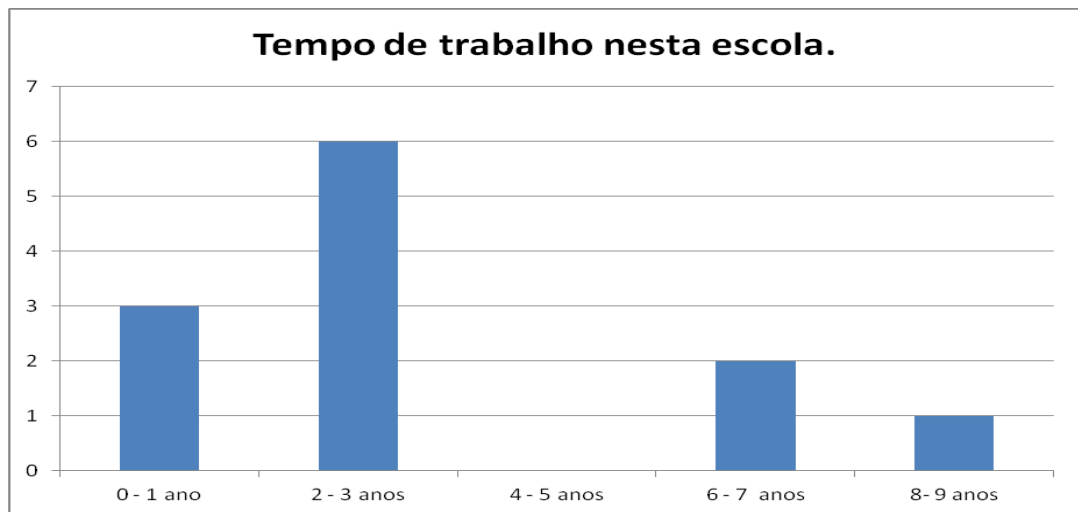
Tabela 7: Funções exercidas na escola pelos participantes da entrevista.

Quantidade de participantes na pesquisa.	Função exercida nesta escola
Agente Administrativo	1
Agente Educacional	2
Agente Social (merendeira)	1
Coordenação Pedagógica	1
Professor PI (Educação Infantil)	1
Professor PII (Séries Iniciais do Ensino Fundamental)	2
Professor PIII (Séries Finais do Ensino Fundamental)	3
Pessoa da Limpeza e mãe de aluno	1

Fonte: Produzida pela pesquisadora a partir dos dados das pessoas entrevistadas na escola.

Após apresentar a função exercida pelos participantes das entrevistas que foram realizadas na própria escola de forma individual, apresentamos um gráfico em que podemos observar o tempo de trabalho destes funcionários nesta unidade escolar.

Gráfico 1: Tempo de trabalho dos funcionários entrevistados nesta escola do campo.



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Os funcionários entrevistados nesta pesquisa possuem em sua maioria mais de dois anos de trabalho nesta escola. Destes funcionários alguns já trabalharam em outras escolas do campo, em outras escolas da cidade, em outras escolas do campo e da cidade ou até mesmo não trabalharam em nenhuma outra escola, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Funcionários entrevistados que já trabalharam em outras escolas.

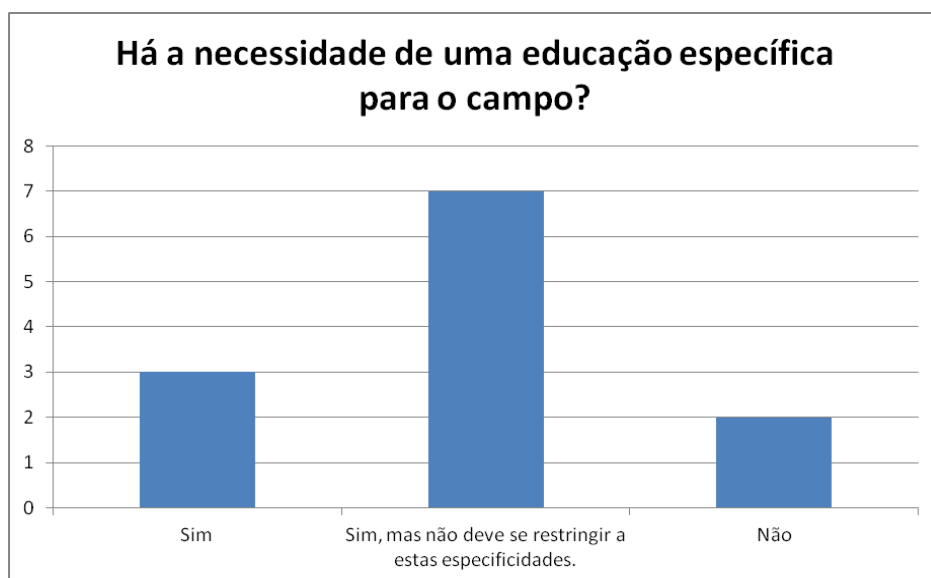


Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Como pode ser verificado, a maioria dos funcionários entrevistados já trabalharam em outras escolas na cidade, enquanto poucos já haviam trabalhado em outras escolas no campo. Ao serem questionados sobre a proposta de educação do campo e se tinham

conhecimento da mesma, dez dos funcionários responderam que sim, conheciam ao menos um pouco, enquanto apenas dois não tinham nenhum conhecimento. Aos que não tinham conhecimento lhes foi explicado no que consiste a proposta e aos que já conheciam, foi ressaltada a questão da defesa de uma educação específica para os trabalhadores e moradores do campo, de forma que pudessem responder se acreditam que existe a necessidade de uma educação específica para os moradores e trabalhadores do campo.

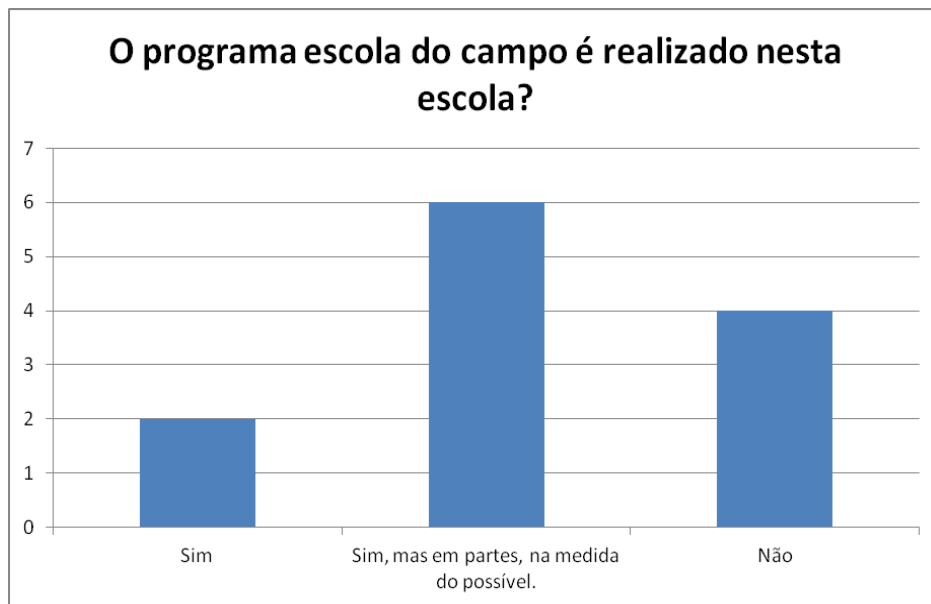
Gráfico 3: Há a necessidade de uma educação específica para o campo?



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Com as respostas sendo em sua maioria positivas os funcionários foram questionados sobre a realização efetiva de uma educação do campo nesta escola. Segue abaixo um gráfico com o resumo das respostas:

Gráfico 4: O programa escola do campo é realizado nesta escola?



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Sim, mas em partes. Sim, mas na medida do possível. O que isso significa? A educação realizada nesta escola é ou não é do campo? Seria talvez, uma educação no campo? Como já dissemos anteriormente, não basta ter um programa de educação do campo, não basta escrevermos um Projeto Político Pedagógico que aponte para a realização de uma educação do campo e não realizarmos uma educação do campo na prática, no dia-a-dia escolar.

Foi pensando desta maneira que nossa próxima questão foi se eles trabalhavam, neste caso a pergunta foi direcionada aos professores, ou se percebiam o trabalho de conteúdos específicos do campo na escola, pergunta destinada aos outros funcionários da escola que não estão em sala de aula. As respostas podemos verificar abaixo:

Gráfico 5: Há a realização de trabalhos específicos do campo?



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Vejamos, a maioria dos funcionários diz que trabalha ou vê a realização de trabalhos com conteúdos específicos do campo, apenas dois dizem não haver o trabalho com conteúdo específico do campo na escola. Quais conteúdos são estes? Nas falas das pessoas entrevistadas podemos ter algumas pistas do que estes funcionários consideram como conteúdo específico do campo.

Assim, ao ser indagada se na sala de aula, a professora Rosangela conseguia utilizar conteúdos próprios da cultura do campo, solicitando inclusive que ela citasse alguns exemplos, a professora respondeu.

Então, também já conversamos um pouquinho sobre isso²³. Eu procuro sim, próprio do campo, trazer essa releitura do nosso material didático, que nem precisa dizer que é totalmente urbano, então to sempre fazendo interferência assim transformando projetos, fazendo aulas dinâmicas, tomando a realidade deles como exemplo. Como lá em ciências, vamos fazer um canteirinho, eu falo canteirinho, não diminuindo em termos de qualidade, mas por ser mais uma atividade significativa junto à história e geografia. Como eles falam muito em ervas medicinais, um dia cheguei aqui com dor de cabeça e eles

²³ Neste mesmo dia no período da manhã, conversei um pouquinho com a professora Rosangela enquanto esperava que os alunos do nono ano respondessem o questionário da pesquisa. Ela está atuando como professora substituta de filosofia para estes alunos e no período da tarde atua com um quarto ano. Em filosofia ela está trabalhando memoriais com os alunos, fazendo um resgate das memórias da comunidade.

falaram toma não se que tem, mastiga lá..., você viu não é como eles estão sempre nos ajudando, auxiliando com o conhecimento deles, então jamais os desmereci, tudo o que eles trazem eu tento transformar em conhecimento do campo. Então vamos fazer um canteirinho de ervas medicinais, eu faria, por exemplo, um projetinho de flores, eu amo flores, mas a necessidade deles, a realidade de fato, eles gostam de ervas medicinais, então já estou levantando, já estou buscando, estou vendo o que eles têm em casa. É assim que eu vou transformando (ROSANGELA, professora, entrevista realizada em 11 de agosto de 2011).

Assim, podemos perceber através desta entrevista realizada com a professora Rosangela que possui uma turma das séries iniciais e que é polivalente, que a educação do campo pode ser realizada através de trabalhos na horta e do uso de plantas medicinais. Outra professora que também trabalha com as séries iniciais e que foi entrevistada nesta pesquisa é a professora Neusa, que respondeu a esta mesma pergunta da seguinte maneira:

Há várias, muitas. Por exemplo, nós fomos pra horta e vimos as formas geométricas com os canteiros, trabalhamos contagem, tabuada, trabalhamos os nomes das culturas, trabalhamos bastante coisas. Agora acho que é o que falta com os adolescentes que vão lá só planta, regar... Com eles poderia ser aplicado área, perímetro, ângulos, podia ser aplicado muita coisa da matemática, agora é necessário primeiro que tenha vontade. Você aplicando a matemática ali, você tem condições de formar engenheiros que se formam na cidade e podem viver aqui, são dois valores. (NEUSA, professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Neste mesmo sentido, e levantando a mesma questão, ou seja, nas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo? podemos observar Abaixo colocamos um trecho da entrevistas palavras da professora Laura, que ministra as aulas de língua portuguesa para as séries finais do Ensino Fundamental, que alega sempre utilizar textos de interesse dos alunos. Embora isto não torne específica a educação do campo ou mesmo indique que necessariamente os textos de interesse dos alunos são aqueles relativos à vida e o trabalho no campo é interessante observar suas afirmações, já que ela diz que:

Ah, sempre quando a gente..., na área de português tem muitos textos, então a gente sempre coloca textos que citam coisas da convivência deles ai... Tem vários conteúdos que dá para a gente trabalhar, no caso específico desta classe, o sexto ano, a gente está vendo, por exemplo, substantivo, podemos colocar nos substantivos tudo o que faz parte da realidade deles ou então no trajeto que eles fazem todo dia de casa até na escola, ou vice-versa. Sempre dá para a gente associar, mas eu particularmente não fico colocando somente as coisas daqui, eu gosto de relacionar, de comparar. Então aqui é assim, como que poderia ser de repente na cidade? Vocês pensam de tal forma sobre tal coisa, o que vocês acham que outras crianças pensariam se morassem num outro lugar ou se nunca tivessem visto como se faz ... Por

exemplo, a gente vai tirar leite hoje, vocês acham que as crianças da cidade se comportariam de que forma ou então vocês em outro ambiente na cidade... Eu gosto de estar sempre relacionando eles aqui no campo, com os que não são do campo e vice-versa. Acho que tem que ter esse equilíbrio, não só daqui, mas não só de lá também. (LAURA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

É claro que este tipo de trabalho pode perfeitamente ser realizado com os alunos das escolas urbanas, tanto da periferia quanto das escolas centrais. Como podemos observar, partir da realidade da criança não significa necessariamente que estejamos aplicando a proposta de educação do campo. Ainda nesse sentido temos também a fala do professor Eduardo sobre a questão dos conteúdos específicos. Para ele,

Em artes, bastante, se for citar todos ficamos aqui até amanhã. Só na parte folclórica nós temos festas típicas, a parte de culinária, vestimenta, esse aqui seria apenas um fator, um exemplo do que poderia estar trabalhando a realidade deles ou a origem, o local, com a minha matéria, minha arte. Ai podemos partir para vários itens, a música, ritmo e também colocar tudo isso em relação a outros conhecimentos específicos, mais técnicos em artes, estar utilizando dessa localização em que estamos com outras partes das artes, parte de pintura, desenho, luz, dá para aproveitar bastante (EDUARDO, professor, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Aqui é possível perceber, que embora os professores afirmem que utilizam uma educação específica para o campo, também não se percebe diferenças, dado que os objetos apontados como diferenciadores, como comidas, folclores, etc., também fazem parte do currículo urbano. Ao insistir se ele usa isso em suas aulas, o professor responde:

Tenho feito, o sexto ano, por exemplo, daqui a pouco vou estar levando eles no ambiente externo. Eles estão conhecendo arte contemporânea, o artista Franz Krajcberg, ele trabalha com esculturas e trabalha com madeira ou árvore que foi queimada e ele aproveita aquele material para criar as suas esculturas e ainda passar as suas mensagens, protestos sobre aquilo. Então ele é um artista contemporâneo, atual é vivo, embora bastante idoso, o tema que ele trata é um também atualíssimo, ecologia, preservação, arte e o material, o suporte técnico que ele usa, é madeira, ele aproveita restos de madeira, restos de árvores, e isso tem a ver com esses alunos, tanto o material, e o assunto ecologia (EDUARDO, professor, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Mesmo apontando no início de sua fala para muitas possibilidades de trabalhar conteúdos específicos com os alunos nas aulas, nesta mesma entrevista ao refletir sobre a proposta de educação do campo e sua realização na escola, este professor nos chama a atenção para o fato de que o currículo realizado na escola é um currículo urbano, ao afirmar:

Eu acho que muitos desses itens desses programas que estão sendo trazidos, eles são boas ideias e podemos estar trazendo estas ideias para estar trabalhando junto, embora nosso conteúdo não seja muito diferente do da

cidade, não dá para ficar muito diferente disso. Nós trabalhamos o conteúdo da cidade, porque a gente segue uma linha e todas as escolas tem aquela programação, mas aqui é campo, não é? Então realmente teria que ter um programa que tivesse uma diferençazinha para eles, aí seria trabalhar a realidade deles, o campo e tudo mais. Alguma coisa a gente até faz, mas os alunos daqui, como falei para você, não têm esse pensamento de permanecer no campo, haja visto que você vê, aqui tem a horta, tem alguns programas, a horta em que os alunos podem participar, mexer, ver como é; tem o Campo Limpo, que é sobre a embalagem de defensivo agrícola, de como descartar. É feito e temos que estar abertos a toda ideia que vier a gente tem que tentar implantar, é bem vinda, a gente procura estar fazendo o máximo possível, tentando ser igual a uma escola da cidade, porque embora tenhamos o conteúdo nosso é meio igual. (EDUARDO, professor, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Ainda em relação a questão do trabalho com conteúdos específicos do campo, a professora Cristina também relatou que a utilização desse componente se dá em suas aulas. Segundo ela, é possível a abordagem destes conteúdos, como verificamos em sua fala:

Ah, com certeza. Eu sou professora de ciências então trabalho muito a conscientização do ambiente em que eles vivem, de como conservar, como tomar os cuidados com os agrotóxicos e fertilizantes, trabalho horta também, como cultivar a terra, como o solo, a água são importantes, tem muita coisa que trabalho que é voltada para o campo e que na cidade já é diferente, não dou tanto enfoque. Lá eu direciono para outra realidade. (CRISTINA, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Sendo assim, é possível verificar que também em ciências, não há uma diferenciação ou uma especificidade, pois a discussão sobre o meio ambiente, é um componente também do meio urbano, sobretudo nesse momento em que a discussão sobre a preservação do planeta ganha fôlego.

Como podem observar no Gráfico 5, não foram todos os funcionários que apontaram para a realização de trabalhos específicos do campo em suas aulas ou no trabalho de outros funcionários. Este é o caso da professora Denise que atua na escola com a educação infantil, em sua resposta à pergunta se nas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo, ela nos disse o seguinte:

Específico não, eu tento fazer um elo entre a questão da cidade e a questão do campo. Por exemplo, o trânsito aqui é muito diferenciado do trânsito da cidade, até porque existe a questão das carroças, a dos cavalos, os tratores. Então demanda assim de um conhecimento maior de mão, do que é esquerda ou direita, e também fazendo um elo com o trânsito da cidade, porque morar aqui não impede as crianças de irem pra cidade. Então a gente faz um paradoxo, mas assim um conteúdo específico do campo eu não trabalho, eu quero trabalhar, mas eu acho que precisa de pessoas especializadas, precisa de demanda e ter um foco e isso a gente não tem, um planejamento e isso a gente não respeita. Meu planejamento é um planejamento urbano, então para você criar do nada... a gente tenta fazer como falei, paralelos, então

vamos trabalhar uma cultura, por exemplo, estamos na época da laranja, vamos trabalhar a cultura da laranja, por que essa é a época da laranja, a plantação da laranja, como isso ocorre e tal; fotossíntese, o que é isso, lógico voltado para a faixa etária e idade dos meus alunos²⁴, mas conteúdos específicos, não temos. (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Além desses professores, outros funcionários da escola entrevistados também responderam a perguntas sobre a utilização de conteúdos específicos do campo, separamos alguns trechos de suas repostas que poderá contribuir para a realização de nossas análises. O primeiro deles foi a resposta da Letícia, coordenadora pedagógica da unidade escolar. Que ao responder à pergunta: Você consegue trabalhar com os professores alguns conteúdos, pensar junto com eles alguns conteúdos para ensinar para as crianças, que seja específico da realidade e cultura do campo? afirma:

Olha uma coisa que eu acho que é uma conquista é o trabalho com o memorial que a gente tem feito. (...) E o que seria esse memorial? É tentar resgatar a identidade, o entorno da escola. Então isso pode ser feito em qualquer unidade escolar, mas na nossa especificamente isso tem grandes chances de ser um trabalho riquíssimo, porque nós temos uma história pura aqui, viva, se pensarmos como esse assentamento começou.

Então eu planejei junto com os professores o que cada um poderia fazer do primeiro ao nono ano, pensando nas disciplinas. Por exemplo, as professoras de português e de história, estão trabalhando a história das mulheres do assentamento, porque elas são muito fortes aqui, elas que chegaram montaram suas tendas, têm as mulheres da padaria, do posto de saúde, tem a Associação de Mulheres, então elas estão resgatando esta história; as professoras de matemática e geografia estão trabalhando a produção agrícola e se há, então elas querem observar se aqui realmente tem mais produção agrícola, se as pessoas que moram aqui se envolvem realmente com a terra ou se a maioria trabalha fora e poucos tem essa relação com a terra. (...)

Outro trabalho é o da professora de educação física que está pesquisando as formas de lazer aqui do assentamento, o que eles fazem fora da escola, o que tem fora da escola. (...) Outra professora, a do quarto ano, tem trabalhado de onde vieram os pais, a origem, pra pensar um pouco em como são, de onde vieram esses moradores, as características regionais.

Então o projeto memorial é um resgate dessa memória para que a gente possa refletir o que é o assentamento hoje, o que essa escola representa pra eles e ai sim direcionar o trabalho. É um primeiro passo que a gente dá.

(...)

²⁴ Esta professora atua com a educação infantil possuindo uma turma de alunos com a idade entre quatro e cinco anos.

É só isso que a gente tem, a horta também, mas como você vê ela fica muito nas mãos do Claudio²⁵, não é uma coisa que envolva a escola. Tem a horta, mas é um professor ou outro, sabe? O primeiro ano foi lá e plantou, a professora do quarto ano quer fazer um canteirinho de ervas, os alunos vão trazer da casa deles, então um ou outro professor que utiliza. Tem horta, mas não faz parte do projeto da escola. (LETICIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Como podemos perceber por estes e outros trechos das entrevistas os funcionários da escola fazem muitos comentários em relação à horta que a escola possui. Esta horta encontra-se atualmente sobre a responsabilidade do agente educacional Claudio, sendo ele quem realiza a maior parte dos trabalhos referentes ao plantio, cuidados e colheitas das hortaliças. Entretanto, Claudio assumiu esta função por gostar desta atividade e por ser necessário que alguém cuidasse desta horta, uma vez que ela atualmente não está incluída dentro das atividades escolares regulares. O que observamos durante nossa pesquisa foi que existe uma abertura para que os professores realizem atividades educativas na horta, mas a decisão da realização ou não destas atividades cabe a cada um dos professores.

Por perceber que dentro da escola o espaço que mais foi citado em referência as especificidades do campo foi a horta, perguntamos ao Claudio com que frequência os professores utilizam este espaço em suas aulas. De acordo com ele, os professores a utilizam, embora ele alegue que:

eu tenho alguns professores, não digo para você frequentemente, mas eu tenho alguns professores que eles procuram realmente levar as crianças lá. Porque você pega um professor e por incrível que pareça, você pode fazer um trabalho de matemática em cima de uma horta. Por exemplo, a forma como eu fiz os canteiros, por incrível que pareça dá para trabalhar figuras geométricas lá dentro, ai vai de o professor criar isso.

Então ai sim fica uma aula diferenciada, como eu já tive professores que fizeram esse tipo de trabalho com as crianças, mesmo no plantar uma multiplicação, uma subtração, uma adição; na própria alimentação em si, pois não é porque a criança esta no campo, por incrível que pareça, tem muitas crianças que não sabem diferenciar determinadas verduras de outras verduras. Ele chega na casa dele, o pai dele dá um saquinho de semente na mão dele e diz “planta pra mim” e muitas vezes ele nem sabe plantar essa verdura, porque o pai vai lá e quando não compra a semente já compra a muda. O professor consegue fazer esse tipo de trabalho também, por exemplo, a professora de ciências falar a importância de determinado alimento, ela já fez isso sim com outras crianças, então dá sim para se trabalhar, uma planta medicinal que temos ai, a propriedade dessa planta, para que serve essa planta, para que serve aquele chá, porque é muito

²⁵ Claudio é o pseudônimo adotado para este agente educacional que também foi entrevistado para este trabalho de pesquisa.

benéfico pra criança ter aquele chá natural do que o remédio que você compra na farmácia. Então essa cultura não pode ser perdida, essa eu falo para você que não, ela tem que continuar a ser introduzida na criança e essa cultura jamais deve ser perdida pela criança do campo (CLAUDIO, agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Ainda em relação ao Cláudio, perguntamos se ele entendia que essa cultura era bem trabalhada ou se, na opinião dele, ela deveria ser melhor explorada pelos professores? Ao que ele respondeu:

Eu acho que poderia ser mais trabalhado, às vezes pode ser falha minha também, porque eu sou muito imediatista. (...) eu preparo o canteiro e eu quero que a criança faça, é aquilo que eu te falei se você tem um profissional adequado para aquela coisa, então possa se sair até melhor, possa ser que ele tenha técnicas pra trazer a criança mais próxima, pra ela querer fazer aquilo lá, então eu gosto assim, eu faço, as vezes o professor me diz “essa semana é de prova”, bom mas eu já comprei a semente, eu já comprei a muda, o que eu faço? Ai eu vou falar para essa criança que a gente faz esse trabalho à tarde, mas 90% dos professores saem daqui e tem que dar aula em outro lugar, em outra sala, em outra escola. Então como ele vai fazer esse trabalho com essa criança e ao mesmo tempo, eu vou deixar aquela muda morrer? Então eu vou e eu planto, não sei se estou errado.

Ai em outra oportunidade o professor vai lá na horta e faz outro trabalho com a criança, mas é realizado esse tipo de coisa. (...) Mas voltando ao assunto, eu acho que dentro da possibilidade do professor é aproveitado, na minha visão (CLAUDIO, agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

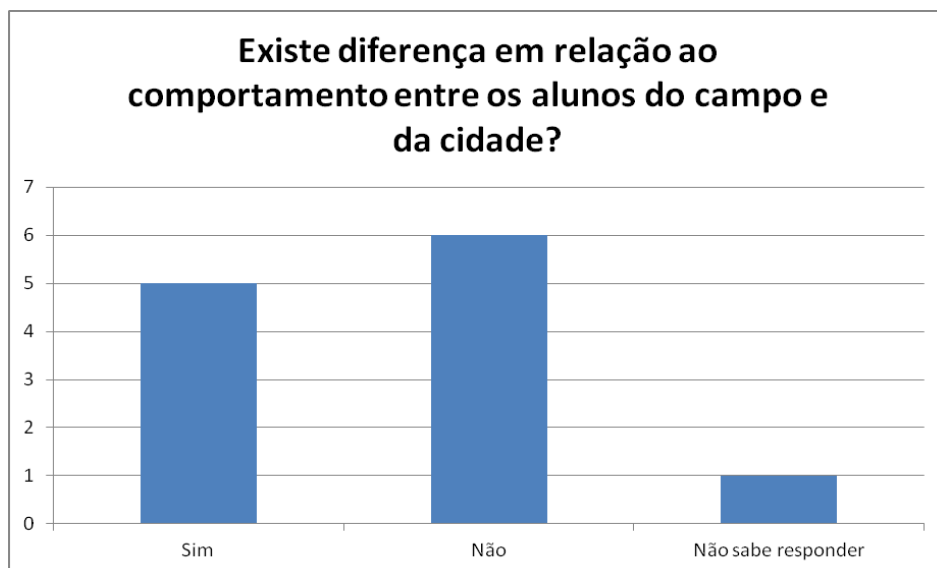
Como podemos observar por esta fala, os cuidados com a horta nem sempre podem ficar esperando aquela aula planejada pelo professor chegar para serem realizados e como o Claudio mesmo relatou, as vezes até mesmo a falta de uma formação e quem sabe até mesmo de um planejamento melhor entre os trabalhos com a horta e os conteúdos escolares, acabam dificultando a possibilidade de um interligação entre horta e conteúdos escolares.

Vejamos, até aqui trabalhamos com os dados referentes à questão da necessidade e realização de uma educação do campo, mas ao ser proposta uma educação específica para determinada parcela da população, nos vem a seguinte pergunta à mente: Estes alunos possuem alguma outra diferença em relação aos alunos da cidade sem ser a localidade de suas residências?

Para tentar tecer reflexões sobre este questionamento, fizemos a seguinte pergunta em nossas entrevistas: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

Em relação à existência de diferenças entre os alunos do campo e da cidade no que diz respeito a sua aprendizagem, as respostas dos funcionários foram em sua grande maioria (dez respostas) de que não há uma diferença no quesito aprendizagem, um dos entrevistados disse não saber responder e outro entrevistado alegou que os alunos do campo possuem vantagens em relação à aprendizagem, devido ao menor número de alunos por classe. Já em relação à existência de diferenças entre os comportamentos dos alunos da cidade e do campo, as respostas apontaram tanto para a existência quanto para a não existência, como verificamos a seguir:

Gráfico 6: Existe diferença em relação ao comportamento entre os alunos do campo e da cidade?



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

Os motivos apontados pelos entrevistados para justificar esta diferença giram em torno da questão de alguns acreditarem que no campo a educação familiar é bastante tradicional, sendo mais rigorosa para com os filhos, e também para o fato de que o número reduzido de alunos por classe aumenta as possibilidades de controle que o professor possui sobre a turma, diminuindo os problemas com indisciplinas de alunos. É importante ressaltar o fato de que existe indisciplina nesta escola no campo, mas, até por conta de a escola possuir poucos alunos, os casos de indisciplina são menores do que nas escolas urbanas.

E em relação a existência de uma discriminação para com o trabalhador, o morador, o estudante do campo, será que os funcionários entrevistados acreditam ou não em sua existência? Observemos o resumo das respostas:

Gráfico 7: Existe discriminação para com os trabalhadores, moradores e estudantes do campo?



Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora

De fato, a maioria destes funcionários acredita na existência desta discriminação ou mesmo não tendo certeza, sabem que os alunos se sentem discriminados perante os outros membros da sociedade que não residem em áreas rurais. Então se a discriminação existe, será que algo pode ser feito? Será que a educação do campo poderia ajudar a combater esta discriminação como sugere a proposta de educação do campo? Dez dos funcionários entrevistados acreditam que sim, que a educação pode ajudar a combater ou pelo menos diminuir a discriminação sofrida pelos moradores, trabalhadores e estudantes do campo. Mas de que forma? Será que a educação por si só conseguiria ajudar a resolver este problema?

Ao responder à questão proposta: Se a discriminação existe, a proposta de uma educação do campo pode ajudar a solucionar esse problema? a professora Rosangela responde que,

Se for efetiva, se for trabalhada, claro. Por que a gente estaria trabalhando justamente a auto-estima. Você leva em consideração esse conhecimento prévio que todos temos, então não estou falando nada exclusivo do campo, isso é obvio tem que ocorrer, mas nós estamos no campo, é esse conhecimento prévio que tem que ser valorizado. (...)

E a questão da identidade e auto-estima é fundamental, porque quando você tem uma auto-estima, eu falo por mim, quando você tem uma auto-estima alicerçada, você é concorrente, porque se alguém me olhar torto por eu ser negra, por exemplo, eu só vou retribuir assim, você vai me engolir. Vamos lá? Vamos pro embate? Se eu não consegui, não vai ser pela cor da minha pele, mas porque eu não estudei bem, eu não me preparei legal. E é o que eu quero que eles pensem, não porque eu moro no campo, porque eu vim da zona rural, você não estudou bem, vai se preparar melhor, vai buscar, se você não tem internet em casa vem na biblioteca, vai entrar e se prepara. (ROSANGELA, professora, entrevista realizada em 11 de agosto de 2011).

Ao admitir que há discriminação sobre os moradores do campo, a professora Rosangela aponta para a possibilidade de sua superação através de trabalhos específicos elaborados por professores, sobretudo com o desenvolvimento de um trabalho voltado para a elevação do autoestima dos alunos. Em posição diversa da professora Rosangela, a professora Laura afirma acreditar que o problema da discriminação está no imaginário dos alunos. Nesse sentido, ela afirma:

Eu acho que... sei lá, acho que preparando o aluno para que cada vez mais para ele conseguir ter autonomia, para ele realizar as atividades dele, confiar naquilo que ele sabe. Eu acho que é mesmo a gente transmitir várias coisas, inclusive para que eles se sintam preparados, seguros para enfrentar até futuramente o mercado de trabalho. Eles conseguirem superar estas barreiras que por ventura eles imaginem que tenham ou a gente às vezes acha que é sugestivo, que eles acham que existe isso, mas pode ser que nem seja tão agravante da forma como eles pensam que seja (LAURA, professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Se algumas professoras como Rosangela acreditam no fim da discriminação pela via educacional, a agente educacional Marcela mesmo não acreditando no fim da discriminação também aponta para o caminho da valorização do aluno e do morador do campo, ao responder que:

Bom em se tratando de discriminação eu acho que sempre vai existir, por mais diferenciado que seja o trabalho feito, acho que sempre vai ter um pouquinho de discriminação. Mas procurar valorizar mais os alunos do campo através de projetos, de trabalhos mesmo, em que eles possam estar participando mais, serem vistos de outra forma, não só como aquele caipira que mora lá no sítio, mas uma pessoa comum, uma pessoa como todas as outras. Porque realmente somos pessoas como todas as outras, não é porque a gente mora aqui no campo que a gente é diferente e tem que ser tratado diferente, acho que tem que ter um respeito, principalmente pelo fato de ser do campo. É importante, é do campo que sai praticamente tudo para cidade, então acho que teria que ter uma valorização maior pras pessoas do campo mesmo, os alunos, os adultos, enfim, a população toda (MARCELA, agente educacional, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Embora não aponte para a especificidade da educação, a professora Denise, como podemos no trecho abaixo aponta a necessidade de se trabalhar com a valorização da autoestima dos moradores do campo:

Sim, eu acredito e a partir da educação infantil. Eu acho que a gente tem que passar a valorizar a pessoa, pelo que ela é, por onde ela vive, porque que ela vive assim, toda a história, a memória dessa história do campo, dessa história do produtor rural, das crianças que vivem aqui. Elas precisam ser valorizadas como um todo, não só pelo pessoal daqui, que é o principal, mas por toda a sociedade e a sociedade reconhecer realmente quem são estas pessoas e porque elas estão no campo, então a importância disso.

Isso deve ser levado em consideração e a partir do momento em que eu me valorizo, as pessoas vão passar a me valorizar também. Então eu acho que é uma questão de autoestima e é o professor que tem que acreditar nisso e passar esse lado positivo para os alunos, sabe? Não podar, mas sim abrir um leque de possibilidades sem esquecer as suas raízes. (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Sobre esta questão, a coordenadora pedagógica afirma que:

Eu acho que tem que sair dessa mesmice, pensando nos alunos, por exemplo, eles têm que sair desse estado de se sentir menor. Também parte da gente mostrar esse trabalho, mostrar que aqui também tem humano, é diferente? É diferente, mas é tão importante quanto. Eu acho que tem que partir dessa valorização daqui, da nossa valorização, dos próprios trabalhadores se sentirem valorizados. (...) Então acho que é um trabalho a longo prazo (LETÍCIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Tal qual alguns professores, a funcionária da limpeza que também é mãe de alunos que estudam nesta escola do campo também deu sua opinião sobre a possibilidade de a escola poder ajudar a solucionar o problema de discriminação para com o trabalhador, o morador e o estudante do campo. Assim ela afirma:

Não sei explicar de que forma, mas acho que sim viu, mas na realidade temos que mostrar para as pessoas como é a realidade aqui dentro, somos pessoas iguais eles, temos que explicar para as crianças que somos como eles. Moramos aqui, mas é a mesma coisa que na cidade, temos escolas, médicos, dentista, padaria a gente tem tudo que as pessoas que moram na cidade tem. Temos que mostrar para as crianças as nossas realidades (FABIANA, funcionária da limpeza e mãe de alunos, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

As respostas dos funcionários entrevistados não se restringiram apenas à questão da valorização do aluno e da identidade do campo, mas também ressaltaram a necessidade de aproximar a educação do campo e a educação da cidade, de forma que os alunos possam perceber que tirando a localização de sua residência, não existem muitas outras diferenças entre eles. Podemos perceber isso na fala da professora Cristina ao afirmar que:

Eu acredito que a educação do campo pode ajudar a solucionar esse problema, mas eu acredito também que teria que fazer uma educação paralela e mostrar para o aluno que ele é tão bom quanto o aluno da cidade e que ele tem tantos recursos quanto o aluno da cidade. Isso tem que ser bem claro na cabeça destes alunos do campo, porque eles têm também uma ideia errada de que na cidade é melhor do que aqui e não é porque eu dou aula nos dois lugares. Eles têm que entender que possuem recursos, tem poder aquisitivo, tem a capacidade intelectual pra fazer o que eles quiserem. A educação do campo é importante porque ela dá para o aluno duas vias: se ele quiser permanecer no campo, ele tem a possibilidade de permanecer no campo e se ele quiser fazer alguma coisa diferente, ele também tem essa possibilidade (CRISTINA, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

A professora Neusa e o agente educacional Claudio em suas respostas trouxeram a questão da necessidade de uma maior interação entre os alunos do campo. Para eles não basta realizar um trabalho de valorização, de autoestima com os alunos do campo se eles continuarem a tecer ideias de que os alunos, as pessoas da cidade são diferentes deles. Os alunos tanto do campo quanto da cidade precisam se conhecer, precisam conhecer a realidade do outro para assim acabar com estes sentimentos de diferenciação, inferioridade e discriminação. Ao ser questionado se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma? Ele responde que:

Interagindo mais, não sei..., trazer mais as crianças da cidade pra cá, levar eles mais para cidade dando muito mais oportunidades. Você não precisa fazer passeio pra biblioteca, que eles vão continuar com o grupinho deles, pra cinema, porque eles vão continuar com o grupinho deles, mas leva na outra escola, pra assistir uma aula, sei lá, através de e-mails, sei que é difícil, mas têm professores aqui que também dão aulas na cidade, pega dois, três alunos traz aqui. Muitas vezes você não precisa fazer exatamente aula, faz lazeres. Então traga mais eles pra cá, para que ao mesmo tempo eles aqui e as crianças lá da cidade, sintam que não existe diferença, que a criança de lá, acaba tendo os mesmos problemas que as daqui. Lá tem droga? Aqui também tem droga, você não pode achar que no campo não existe droga. Lá existe lazer? Aqui também existe lazer, de formas às vezes diferenciadas, mas existe.

Então tentar interagir hoje, não tenta você interagir o aluno lá com quinze anos, pois ainda vai haver um pouco de barreiras, mas começa ali pelo primeiro ano, pelo segundo ano, vai devagar que lá na frente essa criança amanhã vai sair daqui e encontrar com ele num cinema e vai ter assunto, mas hoje não, vai encontrar lá, mas não conhece, nem sabe quem é. Vai encontrar num campeonatinho de futebol, também, mas não já teve a oportunidade de se conhecerem antes, de saber quem é quem, ter algum tipo de contato, “oh, aquela criança do campo, não é um bicho de sete cabeças”, “oh, aquela criança da cidade não é metida”, de certa forma somos todos iguais. Então eu vejo assim, não sei se... (CLAUDIO, agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Como nos relatou a professora Neusa, sua ideia é mais inovadora, até mesmo um pouco utópica, pois sugere a criação de escolas modelo no campo para os alunos da cidade estudarem e escolas modelo na cidade para os alunos do campo estudarem, pois apenas conhecendo as duas realidades poderão perceber a importância e o valor de cada um, campo e cidade, para a sociedade. Em sua opinião uma escola específica para o campo apenas aumentaria ainda mais a discriminação:

Sim, não pode ter duas educações diferentes, por isso que já propus que aqui fizesse uma escola em que os alunos da cidade viessem para cá, entendeu? Pra ver o trabalho no campo e estudar o trabalho no campo. Ai, uma vez os alunos daqui também fossem para uma escola da cidade, uma escola piloto talvez, que estudasse o campo. Porque existe, ninguém pode negar esta interrelação. Ou fossem para uma indústria que usassem os produtos do campo, depois fossem pra uma escola que estudasse os problemas do campo. Um intercâmbio também de educação nas duas realidades: cidade e campo.

Então eu cheguei à conclusão de que não pode nem ser só campo, nem ser só cidade, porque senão nunca vai acabar, nunca vai ter uma consciência real desta interrelação, desta interdependência. Porque eu falei interrelação, mas acho que é uma palavra errada na verdade, é interdependência, ninguém vive sem a comida do campo e ninguém vive aqui no campo sem os produtos da cidade: pasta de dente, sabonete, uma bijuteria que seja, um batom, roupa, etc. Não é isso, você não concorda comigo? (...) Eles sabem que existe esta interdependência, mas eles não têm consciência do valor de cada, por isso a discriminação e o preconceito. Tanto aquela como esta tem valor, tanto aquele trabalho como esse tem valor e que valor! Acho que aqui tem mais valor, por causa da comida, da roça, mas não vamos entrar neste campo do que é valor, do que tem mais valor, porque tudo nesta vida tem valor. Então eu acho que tem que haver nem só do campo, nem só da cidade, mas um intercâmbio (NEUSA, professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Após trazer os dados dos funcionários que participaram das entrevistas; da necessidade ou não que vêm na educação do campo; da realização ou não de uma educação do campo nesta escola, em suas opiniões; do que pensam sobre a existência de diferenças na aprendizagem e comportamento entre os alunos do campo e da cidade; se acreditam na existência de discriminação para com o trabalhador, morador e estudante do campo e se acreditam na discriminação, se também acreditam que a educação do campo pode ajudar a solucionar este problema, traremos agora os dados referentes à forma que este grupo vê a participação da comunidade na escola. Existe participação da comunidade na EMEF Maria de Lourdes da Silva Prado? Vejamos no Gráfico 6 o resumo das respostas dos entrevistados:

Gráfico 8: Participação da comunidade na escola.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir de questionários.

Como podemos observar o grupo encontra-se dividido, mas a maior parte acredita que eles não participam ou então deveriam participar mais (7 pessoas). A coordenadora pedagógica Letícia assim refletiu sobre a seguinte questão: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

Então é aquilo que te falei, eu não vi ainda. A gente faz as reuniões e são aqueles mesmos problemas que a gente vê na cidade, vem poucos, mesmo que eles trabalham aqui, às vezes não deixam a roça pra vir, alguns pais são mais preocupados, mas assim, eu nunca tive uma discussão com um pai, uma conversa com um pai em que eles se posicionassem dessa forma: “olha a escola do campo é importante por causa disso, ela precisa ter tal direcionamento”. Eu não acho que eles tenham..., assim é o “achismo”, estou aqui a muito pouco tempo, mas eu não acho que eles vêm a escola dessa forma. Muito pelo contrário, às vezes acho que eles acham importante ter a escola para um ensino mínimo, mas não se importam muito de o aluno parar de estudar para ajudar na roça. Eu acho que eles não veem a escola como um lugar reflexivo, em que eles possam pensar em mudar essa situação em que eles estão e também não acho que eles querem uma escola que seja do campo. Essa é minha visão, mas é isso que te falo, estou aqui a muito pouco tempo, mas assim, não percebo nenhum movimento como tem em outros assentamento, acho eles mais apáticos. (LETÍCIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Ao responder a esta mesma questão, a professora Cristina afirmou acreditar que

Eles participam sim, mas eu acho que poderiam participar mais, às vezes por falta de tempo, porque a maioria dos pais trabalham, mas quando tem algum evento na escola os pais participam os pais ajudam. Na reunião de pais sempre vêm pais de alunos, tem também o Conselho de Escola, que têm participação de pais dos alunos. (CRISTINA, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Já a funcionária da limpeza e mãe de alunos respondeu que a comunidade participa sim e bastante, como vemos em sua fala:

Sim, apóiam bastante, em todos os eventos que tem aqui, eles estão sempre presentes, toda reunião eles vêm, qualquer coisa que a diretora põe, até o prefeito, eles sempre vêm, sempre apóiam. (FABIANA, Funcionária de limpeza e mãe de aluno, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Já a professora Denise respondeu a esta mesma pergunta negando a existência de um conhecimento por parte da comunidade do que venha a ser a educação do campo, impedindo-os assim a participar e apoiar esta proposta de educação do campo, como relatou em sua entrevista,

Eu acho que eles desconhecem a educação do campo e também existe uma questão assim, de como seria essa educação do campo, entende? Porque eu sei que os pais daqui não querem que os filhos sejam agricultores como eles e talvez eles façam uma ideia disso de que eles estão querendo formar as crianças pra ficar no campo ou para serem agricultores como eles. Então dependendo do que o pai deseja para o filho e se os pais não souberem exatamente o que é a escola do campo, eles não vão ter nem uma opinião ou dizer, porque isso não foi aberto pra eles, eles não têm um conhecimento específico sobre isso, sabem que é uma escola do campo, mas imaginam que é porque ela está no campo, entende? Então do meu ponto de vista, eles não tem opinião formada sobre o assunto até porque eles não conhecem. (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Ao concluirmos as discussões a partir das entrevistas realizadas com alguns dos funcionários desta escola, passaremos então para a discussão dos dados referentes ao questionário respondido pelos alunos do nono ano do ensino fundamental.

3.1.2. A Educação do Campo na percepção dos alunos do nono ano.

Para a discussão sobre o que os alunos, sobre a educação do campo, foi elaborado e aplicado um questionário aos mesmos. O questionário aplicado aos alunos foi formulado de forma a podermos saber a quanto tempo estes alunos estudam nesta escola, o que acham de

estudar em uma escola do campo, quais as vantagens e desvantagens que eles entender haver, em estudar em uma escola do campo, onde estudariam se pudessem escolher entre uma escola na cidade e uma escola no campo e se sentem-se discriminados por morar e estudar no campo. Não constava das questões iniciais o local onde estes alunos que estão concluindo o ensino fundamental pretendem estudar no ano de 2012, mas este dado solicitado e foi pedido que acrescentassem esta informação ao final ou atrás da página de questões.

Realizado em 11 de agosto de 2011, contamos com a participação de treze alunos do nono ano, destes 7 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Como podem observar nos próprios questionários²⁶ a forma de identificação pedida aos alunos foi a definição da idade e do sexo do estudante. Abaixo no Gráfico 7 colocamos as idades destes alunos:

Gráfico 9: Idade dos alunos que responderam o questionário.

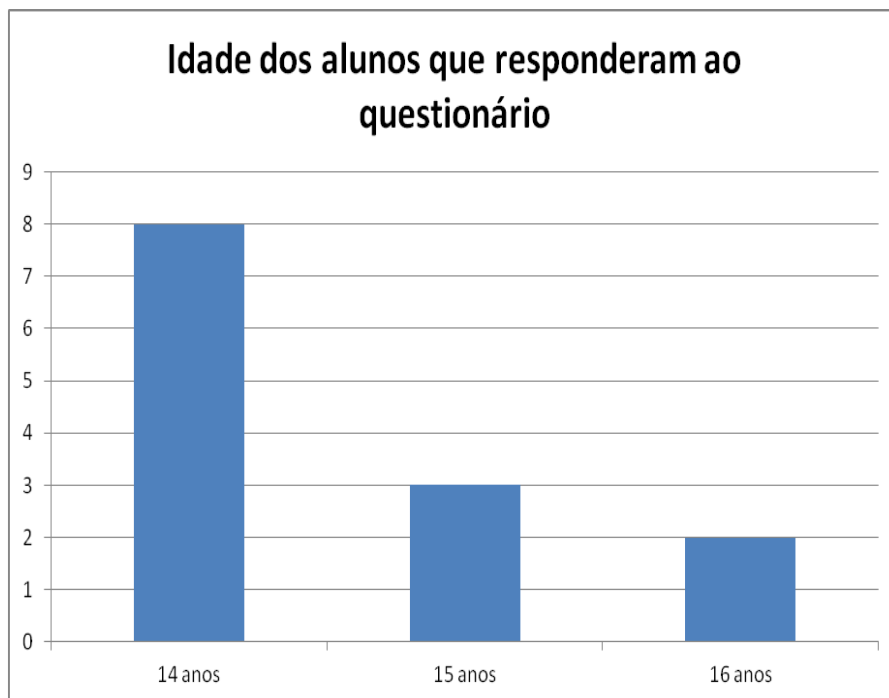


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Estes alunos em sua grande maioria estão na escola a mais de 10 anos, como é o caso de oito alunos. Dois alunos estão na escola desde o primeiro ano, dois alunos a cinco anos e apenas um dos alunos a duas semanas. Ao serem questionados sobre a existência de alguma

²⁶ Os questionários foram escaneados e encontram-se em anexo.

coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade a maioria dos alunos responderam que sim, como podemos observar no Gráfico 8.

Gráfico 10: Percebe alguma diferença entre esta escola e as escolas da cidade?

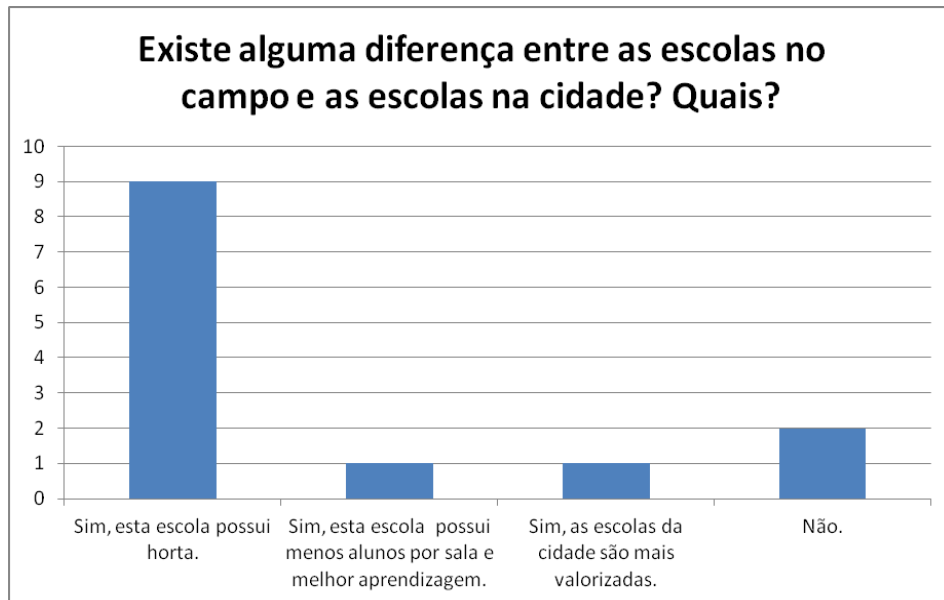


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Podemos verificar que a existência de uma horta na escola é apontada pela maioria destes alunos como uma coisa que diferencia a escola no campo, da escola na cidade. Em relação às vantagens em estudar em uma escola do campo, colocamos abaixo um resumo das respostas formuladas pelos alunos, salientamos que o gráfico foi formulado conforme as justificativas dos alunos e que alguns alunos colocaram mais de uma justificativa em suas repostas:

Gráfico 11: Vantagens em estudar em uma escola no campo.

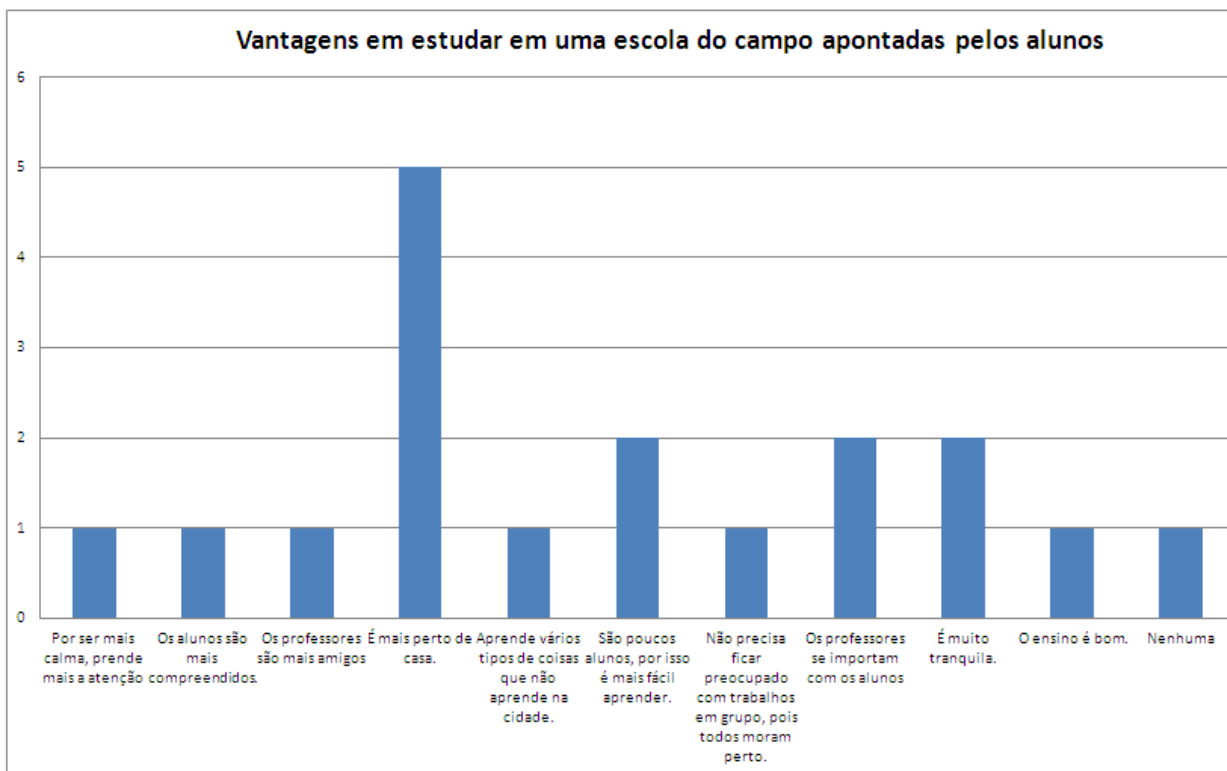


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Com relação ao que eles entendem como sendo bom, perguntamos não apenas sobre as vantagens, mas também sobre as desvantagens que os alunos acreditam ter em estudar em uma escola no campo. Para demonstrarmos os resultados, elaboramos o resumo das respostas que encontram-se no gráfico abaixo, conforme demonstrado:

Gráfico 12: Desvantagens em estudar em uma escola no campo.

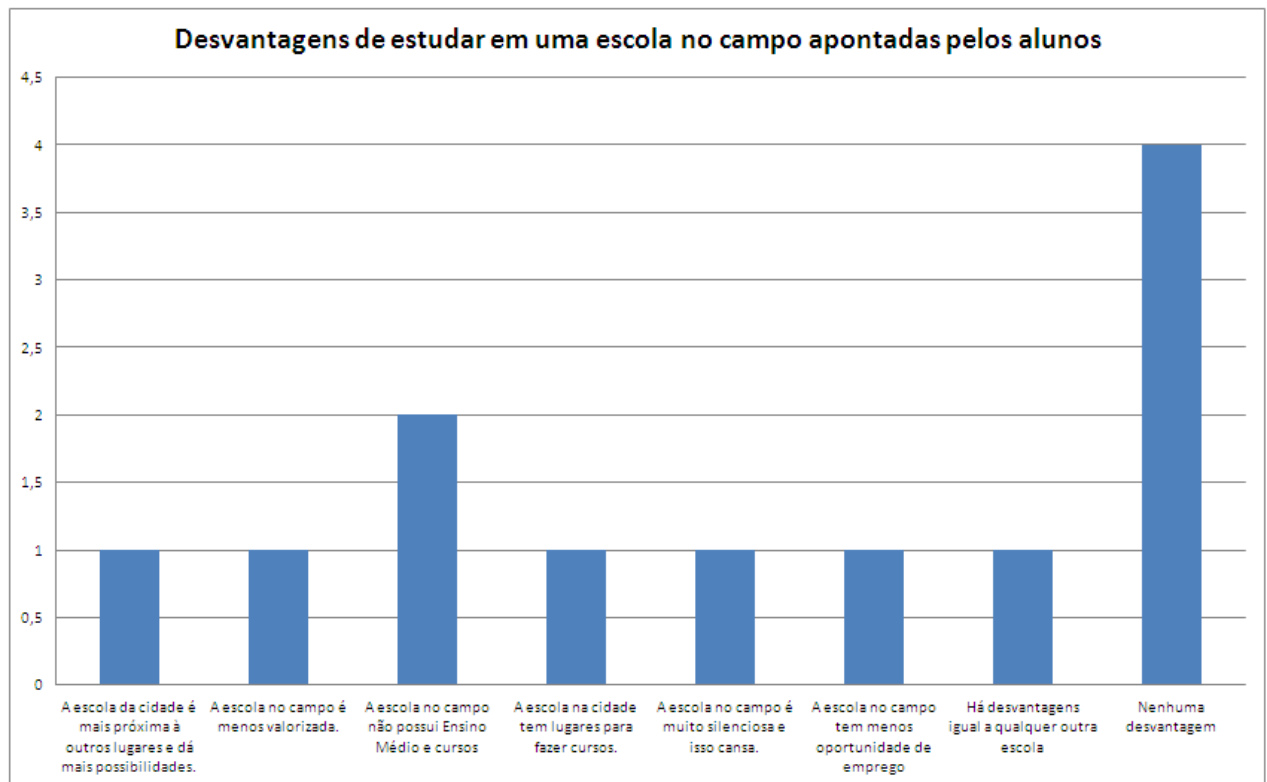


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Para entendermos o que os alunos pensam sobre a especificidade da educação no campo e até mesmo se tem conhecimento da proposta, perguntamos a eles se nas disciplinas é trabalhado algum conteúdo específico do campo. Quatro alunos fizeram referência ao projeto do memorial, já relatado pela coordenadora pedagógica em uma de suas falas referentes ao trabalho com conteúdos específicos do campo, como podemos observar em uma das respostas destes alunos:

Sim. Os professores estão trabalhando as memórias do assentamento para resgatar aquilo que já foi esquecido (ALUNA 2, questionário respondido em 11 de agosto de 2011).

Como é possível perceber através das respostas dadas por alguns aluno e especificado abaixo, três alunas fizeram referência em suas respostas sobre conteúdos específicos a atividades relacionadas à horta:

Sim planta mudas. (ALUNA 1, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Aprendemos a época necessária para plantar algo. (ALUNA 6, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim, aqui nós trabalhamos com internet fora do período de aula, também trabalhamos com a horta. (ALUNA 7, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

O Aluno 3 respondeu que o professor de artes aproveita bem estes conteúdos; já o Aluno 9 respondeu que são trabalhados conteúdos específicos do campo nas aulas de ciências e a Aluna 4, escreveu a seguinte resposta:

Sim. Falar o que fazemos nas horas vagas no campo (ALUNA 4, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Ou seja, de uma ou de outra maneira se discute alguma coisa sobre o campo, mas, parece que nada elaborado a partir daquilo que propugna os defensores da educação do campo. Por outro lado, é possível perceber que muitos alunos sequer observam alguma relação entre o que é tratado e o campo, como é o caso de três alunos, que responderam que não é trabalhado nenhum conteúdo específico do campo nas disciplinas.

Ao responderem a pergunta referente a gostarem de estudar nesta escola, nove dos alunos que responderam ao questionário, escreveram respostas positivas, sendo apenas as justificativas diferentes umas das outras.

Sim por que mais bõo prende mais tenção. (ALUNA 1, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim eu gosto por que é muito mas melhor que a cidade tem menos poluição. (ALUNA 5, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim. Porque é mais calmo, perto de casa, não existe barulho nas ruas que possa incomodar. (ALUNA 7, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim, porque todos moram no mesmo lugar (perto) e a escola do campo tem horta e da cidade não tem como. (ALUNO 8, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim por que são poucos alunos e não tem violência. (ALUNO 9, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Aqui a gente tem mais liberdade por isso eu gosto daqui. (ALUNO 10, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Gosto porque é perto de casa e o ônibus passa em frente. (ALUNO 11, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Eu gosto porque fica perto da natureza. (ALUNO 12, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim, porque aqui é um lugar bom o estudo é tranquilo e isso é muito bom. (ALUNA 13, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Houve ainda aqueles alunos que ficaram em dúvida sobre gostar ou não de estudar em uma escola no campo, cujas respostas foram as seguintes:

Mais ou menos, porque em uma parte é bom e em outra não, porque na cidade nos temos mais oportunidades de conseguir uma boa faculdade e etc. (ALUNA 2, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Mais ou menos porque algumas coisas são boas favorecem quem mora no campo e outras desfavorecem. (ALUNA 4, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Um dos alunos escreveu que não gosta muito de estudar no campo, embora reconheça que a escola tem uma boa qualidade. Nesse caso, ele alega que:

Eu não curto muito, mas é bom porque aprendemos muito. (ALUNA 6, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

E um dos alunos disse não gosta de estudar em uma escola no campo por entender que o ensino é mais fraco do que no setor urbano. Nesse caso ele afirmou:

Não, porque eu acho que na cidade eu teria mais estudo. (ALUNO 3, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Como podemos observar pelas respostas acima a maioria dos alunos desta escola que responderam ao questionário, por estar saindo, cursando o nono ano, gostam de estudar em uma escola do campo, os motivos variam, mas por uma coisa ou outra responderam afirmativamente à esta pergunta. Mas e se pudessem escolher onde estudar, estudariam em uma escola no campo ou na cidade? Como poderemos observar em suas respostas apenas quatro alunos disseram que estudariam no campo, dois deles por ser mais perto de casa e uma mesmo dizendo optar por estudar no campo diz que sempre teria dúvidas de “como seria estudar em outra escola fora do campo” (ALUNA 13, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Os outros nove alunos optariam por estudar em uma escola na cidade, algumas das respostas com suas justificativas encontram-se logo abaixo:

Na cidade porque tem mais tipos de cursos, mais fácil de arrumar um trabalho quando terminar os estudos. (ALUNA, 4, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Gostaria de estudar numa escola particular para ter uma oportunidade de emprego melhor. (ALUNO 9, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Em uma escola na cidade porque a mais disponibilidade de estudo. (ALUNO 11, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Na cidade, porque tem mais oportunidades. (ALUNO 12, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

A maioria destes alunos, caso pudesse escolher gostaria de estudar em uma escola na cidade, pois entendem que no meio urbano as oportunidades aparecem com mais facilidades. Será então que eles se sentem mesmo discriminados por morarem no campo, conforme argumentam alguns autores que defendem a necessidade de uma educação do campo? Ao serem questionados sobre já terem se sentido discriminados por morarem no campo houve uma divisão entre os que afirmaram que já e os que afirmaram que não, nunca sentiram esse tipo de discriminação.

Gráfico 13: Você já se sentiu discriminado por morar no campo?

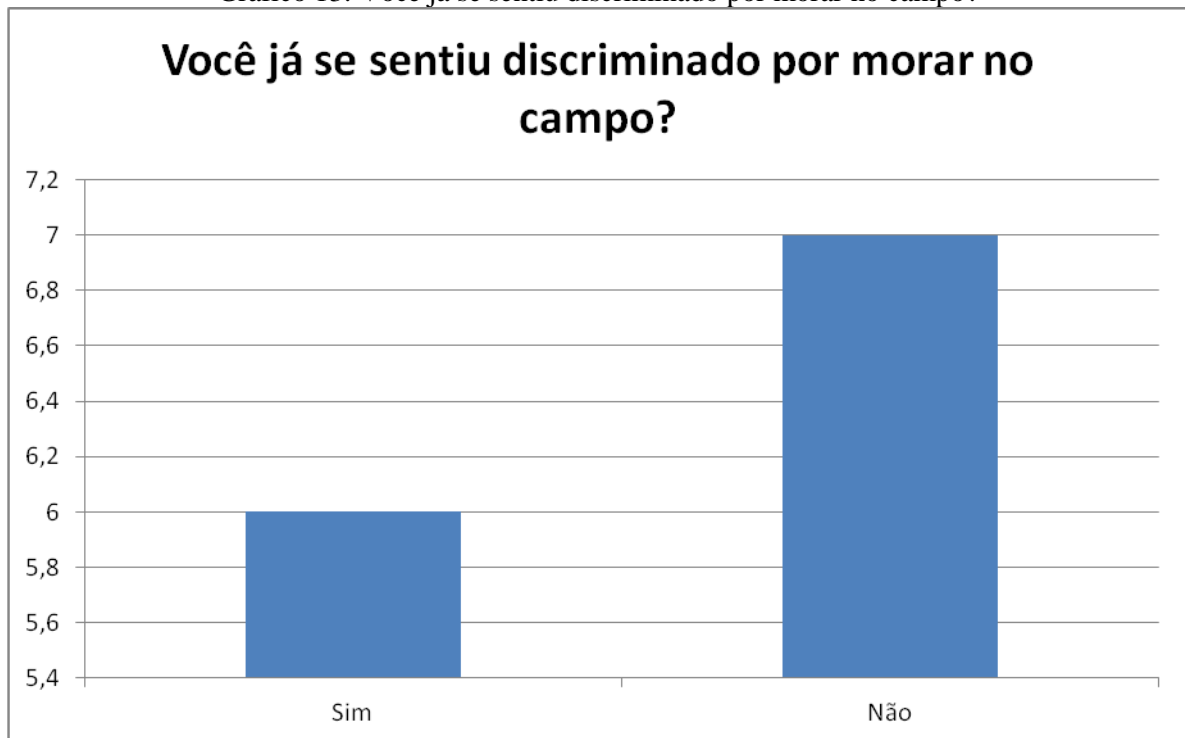


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

No gráfico 13, podemos verificar que dos treze²⁷ alunos que responderam a este questionário sete alunos disseram não terem sofrido nenhum tipo de discriminação por

²⁷ A seleção dos alunos que iriam responder ao questionário foi feita pela escola, uma vez que estes são os alunos mais velhos da escola, já estão no último ano do ensino fundamental e já estão pensando em qual

morarem no campo e seis alunos disseram que já foram discriminados por morarem no campo. Dentre estes seis alunos que responderam afirmativamente a esta questão, os exemplos e justificativas de discriminações sofridas citadas por eles foram:

Sim. Muitas vezes, às vezes tenho medo de ir estudar em uma outra escola por causa disso, tem alunos que não gosta de ter amizade com a gente (ALUNA 2, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Quando fomos à cidade de ônibus e o ônibus estava todo cheio de poeira aí as pessoas da cidade começaram a fazer brincadeiras de mal gosto (ALUNA 4, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Já por pessoas da cidade que acabam brincando por sermos do campo (ALUNA 5, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Quando eu vou para Matão, às vezes ele pergunta onde eu estudo, aí eu falo, aí eles tem o costume de chamarmos de pé vermelho (ALUNA 6, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim. Quando dizemos que moramos aqui, as pessoas acham que não sabemos nada, que somos ignorantes por morarmos aqui, etc. (ALUNA 7, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Sim quando ia para a cidade me chamavam de caipira. Mas quase não existe mais discriminação (ALUNO 12, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Por mais que seis alunos tenham dito que já sofreram discriminação e este ser um número menor do que o dos alunos que disseram que não sofreram esta discriminação, dos sete alunos que alegaram não sofrer, três apenas escreveram “Não” em suas respostas os outros tentaram se justificar, como podemos observar nas respostas abaixo:

Não, a esse ponto, não (ALUNA 2, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Não, nunca (ALUNO 8, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Nunca porque todos são iguais a mim (ALUNO 10, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Por estudar ou morar no campo nunca fui discriminado (ALUNO 11, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Não, jamais aconteceu isso comigo, pois há muitas pessoas na cidade que gostaria de estudar aqui no campo (ALUNA 13, questionário realizado em 11 de agosto de 2011).

Por meio desta pequena amostra de dados, que como já salientamos não abrange um grande percentual de alunos, dado que se somente os alunos do nono ano foram entrevistados, podemos perceber um pouco do que alguns deles pensam, podemos pensar que a maioria dos alunos deste nono ano não se sentem discriminados, mas em contrapartida um número significativo deste grupo de alunos acredita já terem vivido situações em que se sentiram discriminados por morarem no campo.

Perguntamos também no questionário qual a cidade que os alunos mais frequentam, alguns colocaram mais de uma cidade em sua resposta e o resumo delas podemos verificar no gráfico abaixo:

Gráfico 14: Cidades mais frequentadas pelos alunos.

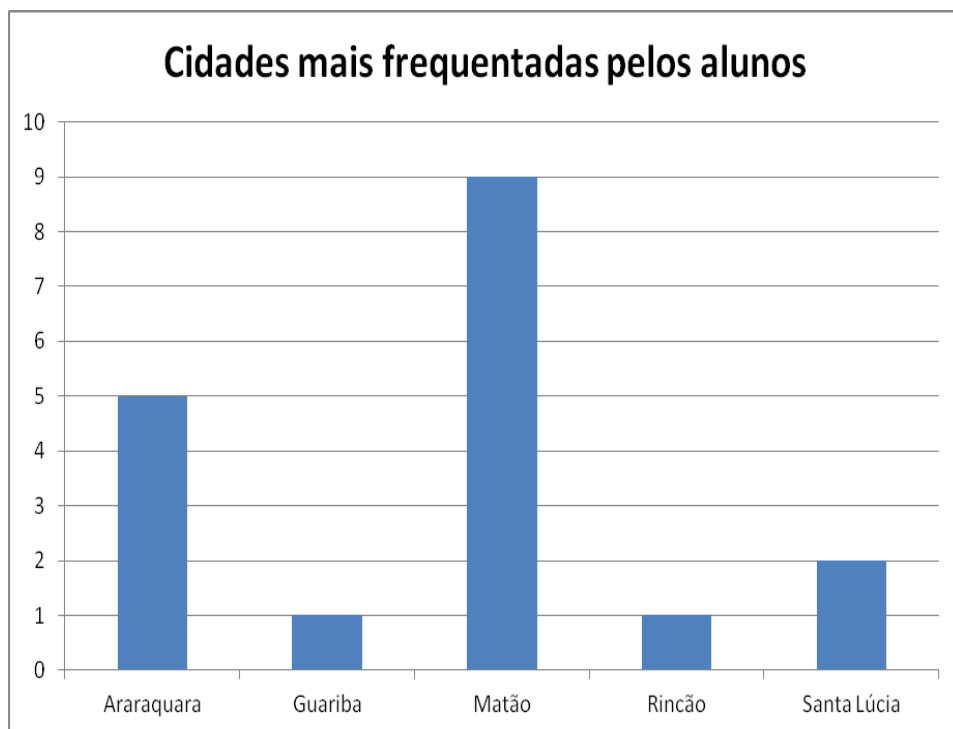


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Além da cidade mais freqüentada, outra questão constante do questionário refere-se à regularidade com que os alunos visitam estas cidades. O resumo destas respostas foi:

Gráfico 15: Frequência com que os alunos vão à cidade.

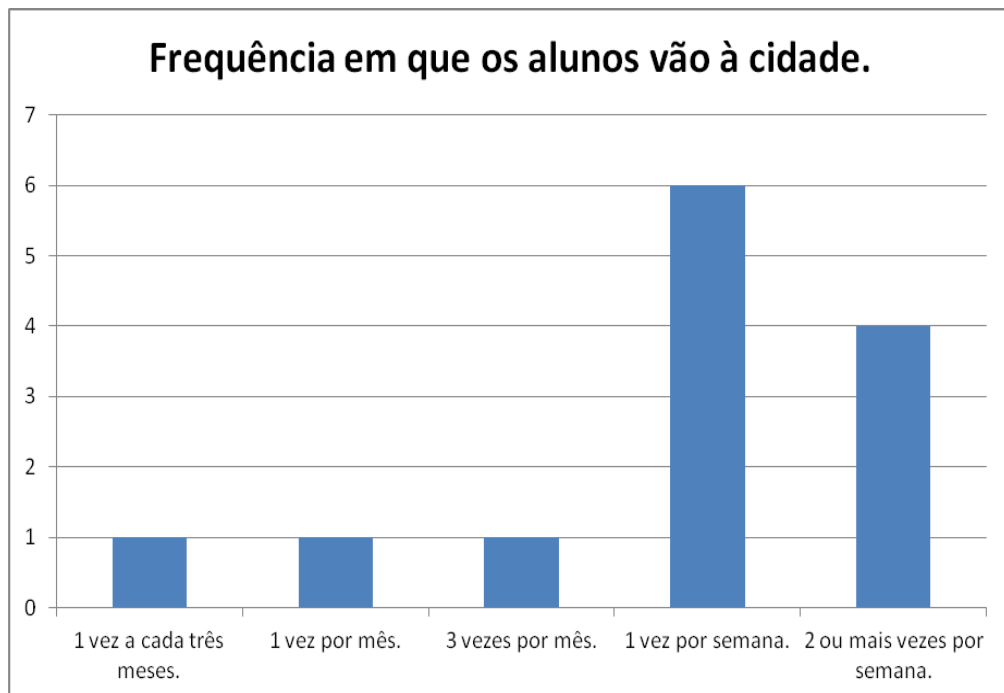


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Os resultados demonstram que a maioria dos alunos vai regularmente à cidade.

Não colocamos uma pergunta no questionário que fosse específica sobre a cidade em que os alunos pretendem cursar o Ensino Médio, mas ao pedirmos para que os mesmos anotassem no final ou no verso da folha, o nome desta cidade, passamos a ter a possibilidade de aferir para onde eles pretendem ir. A maioria dos alunos colocou apenas o nome da escola em que gostaria de estudar e, a partir daí pudemos pesquisar a localidade da mesma de forma a podermos chegar ao seguinte resultado:

Gráfico 16: Cidade em que os alunos pretendem realizar o Ensino Médio.

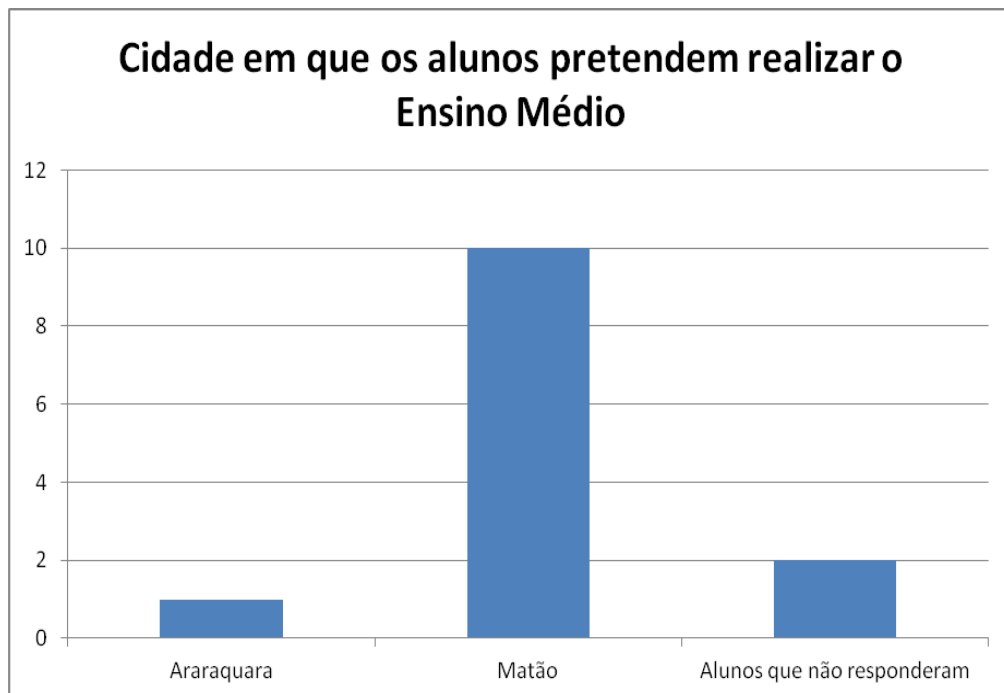


Gráfico elaborado pela autora a partir de questionário aplicado aos alunos

Como podemos perceber a grande maioria destes alunos afirmaram pretenderem estudar em Matão, devido a maior proximidade do assentamento para com esta cidade. Com estes últimos dados encerramos a apresentação dos resultados do questionários e passamos para a análise destes dados e dos dados das entrevistas.

3.1.3. Na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado é realizada uma educação do campo?

O objetivo deste item é procurar responder à seguinte questão: Podemos dizer que na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado é realizada uma educação do campo, segundo as proposições do movimento “por uma educação do campo”?

De acordo com os depoimentos obtidos nas entrevistas poderíamos dizer que nessa escola a educação do campo ainda não é realizada da forma como os professores, funcionários e gestores acreditam que deveria ser. O que acontece na verdade é que os professores e

funcionários ao longo dos anos em que estão trabalhando na escola tentam trazer para a sala de aula, questões, discussões e relações que fazem parte do dia a dia dos alunos, mas estas atividades não fazem parte do currículo escolar, são realizadas na maioria das vezes pela vontade única e exclusiva do professor, uma vez que até o momento não possuíam um projeto que realmente fosse colocado em prática para toda a escola.

Quando questionados sobre essa questão de ser oferecido ou não uma educação do campo, a maioria dos funcionários respondeu que “sim, na medida do possível”, outros já simplesmente apontaram a não existência de uma educação que seja específica para o campo.

O porque deste fato, o porque de a escola possuir um Projeto Político Pedagógico que traz a necessidade de uma educação do campo e de vermos que na prática o mesmo praticamente não é realizado, pode ser consequência de diversos fatores. Os mais apontados pelos professores e funcionários nas entrevistas foram:

1º- As grandes rupturas na gestão escolar.

A EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, assim como já apresentamos, está localizada no Assentamento Monte Alegre, estando distante do centro de Araraquara. Este fator é um dos responsáveis pela grande rotatividade dos gestores e também de alguns professores nessa escola, uma vez que ao serem convocados os gestores e professores assumem seus respectivos cargos, mas devido ao difícil acesso à escola, logo que passa a existir uma oportunidade pedem remoção para alguma outra escola do município.

Esta rotatividade por sua vez, dificulta a implantação e continuidade de projetos que possuam por objetivos realizar uma educação voltada para o campo. Desta forma, a cada novo ano uma nova equipe gestora vem para a escola e, praticamente todo o trabalho recomeça do zero nas questões pedagógicas relacionadas ao campo propriamente dito, uma vez que além de estarem conhecendo a escola em que acabaram de chegar, muitas vezes vão para lá pensando haver uma proposta de ensino diferenciada que não é observada e efetivada na realidade. Este foi o caso da coordenadora pedagógica Letícia que ao ser questionada como se deu sua vinda para uma escola do campo, assim nos respondeu:

Foi uma escolha minha, estou a doze anos na rede municipal como professora, passei pelo processo seletivo que é interno e escolhi vir para cá mesmo, pois passei em primeiro lugar no processo seletivo, tinha a possibilidade de escolha entre sete ou nove escolas e eu quis vir para cá. Na verdade eu não conhecia a escola do campo, apesar de estar a tanto tempo na rede eu não tinha muito contato com a escola do campo, mas a minha

escolha foi uma mudança, assim, conhecer uma escola nova, menor, pois eu sabia de algumas características, eu imaginava que pudesse ter um projeto diferenciado, tinha um número menor de alunos, então a minha atuação ia ser uma atuação pedagógica mesmo, porque a gente percebe que muitas vezes em escolas muito grandes o coordenador faz de tudo menos atuar pedagogicamente. Então eu queria ter experiência na função real, então a minha escolha foi essa, uma escolha menor, mais distante que eu imaginava ter um projeto diferenciado (LETÍCIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Como todo processo de mudança, esse também não ocorreu ser dor. De acordo com a coordenadora pedagógica, embora ela tivesse escolhido ir para o campo, até porque a escola é pequena e tem um pequeno número de alunos, podendo possibilitar um bom trabalho, ela afirma que a mudança,

também me gerou um pouco de conflito e angústia, porque eu nunca parei para pensar na escola do campo, não fez parte do meu percurso, da minha formação, dos meus estudos, meus direcionamentos. A escola do campo nunca fez parte, nem de uma ideologia, sabe eu nunca parei para pensar numa escola do campo. Então a minha primeira escolha ir para escola menor, mas afastada, onde eu pudesse atuar mesmo como coordenadora e daí sim, vivenciar o que ela tem para me oferecer. É diferente, só que eu pensei que já tivesse uma trabalho mais estruturado.

Então eu tinha a ideia de que os alunos fossem diferentes, então o meu primeiro choque, eu cheguei aqui e me deparei com alunos que são muito mais parecidos com aqueles alunos com quem eu trabalhei como professora, alunos de periferia, alunos da cidade, com estas características. Também pensei que fosse uma escola mais estrutura em relação aos projetos do campo, apesar de eu não conhecer eu achei que eles tivessem. Logo que eu cheguei e fiz o primeiro HTPC²⁸ e levantei essa questão porque eu queria conhecer, não tinha nada, os professores me surpreenderam, disseram que não tinha que já tinham ido fazer trabalhos na horta, mas não tinham nenhum projeto estruturado que fizesse parte mesmo da história da escola. (LETÍCIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Entre adaptar-se a uma nova comunidade escolar ou mesmo tentar adaptá-la aos seus objetivos, encontram-se problemas cotidianos que precisam ser resolvidos, metas que precisam ser alcançadas, grades curriculares que precisam ser cumpridas, projetos municipais que precisam ser desenvolvidos e no caso do ano de 2011, a adoção de uma nova metodologia didático-pedagógica, que precisava ser adotado, no caso a implantação da metodologia do Sistema SESI de Ensino em todas as unidades escolares municipais.

²⁸ HTPC, é o horário de trabalho pedagógico coletivo que os professores cumprem na escola e que já está computado dentro de sua carga horária semanal, geralmente é realizado em um dia da semana, com duração de duas horas.

Em meio a tantas demandas a questão da educação do campo e o esforço para a sua efetivação acaba sendo minado por questões que poderíamos dizer serem mais “imediatas” e que a equipe gestora quando consegue elaborar um projeto, muitas vezes não “possui pernas” para dar conta de pô-lo realmente em prática.

Na entrevista realizada com a agente educacional Marcela, podemos perceber a falta de um entendimento por parte dos funcionários sobre o fim da realização de um trabalho diferenciado na sala de informática e na biblioteca da escola, voltado para o atendimento dos alunos da EJA deste assentamento. Como ela nos contou, trabalhava em um horário diferenciado para atender a estes alunos, mas durante o ano de 2011 não houve continuidade do trabalho e ao ser questionada do motivo e se este tinha alguma coisa relacionada a sua impossibilidade de cumprir o mesmo horário a resposta foi a seguinte:

Não é que não deu para eu fazer, eu não sei exatamente dizer o porquê que não teve continuidade esse ano, mas cada ano aqui é uma direção, então não sei se são muitos compromissos e acaba ficando alguma coisa, mas esse ano não foi feito um projeto, ainda tem as aulas à noite, mas a informática foi cortada. Eu achei uma judiação mesmo, porque eles estavam aproveitando muito e você via os olhinhos brilhando, aquelas pessoas com mais de sessenta, setenta anos ali no computador, com dificuldades com o mouse, mas se esforçando, tentando, procurando e conseguindo. É a mesma coisa que você ensinar uma criança a ler, a escrever. Acho que pro adulto é bem melhor que pra criança, eles valorizam mais, já tiveram uma vida toda, já viveram muito, já sofreram tanto e de repente conseguem clicar um botãozinho ali e descobrir alguma coisa ali, e descobrir o mundo. Isso é muito bom, melhora a autoestima da pessoa, eles se sentem importante, se sentem gente valorizada. Então eu acho que deveria continuar esse trabalho, já que esta se falando em acabar com a discriminação, então porque não começar daí, tem que ter um começo (MARCELA, agente educacional, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

A questão da troca de gestão não foi apontada apenas em relação as mudanças que ocorrem na escola de uma gestão para outra, mas também na questão de que estas trocas dificultam um direcionamento necessário para a formulação e desenvolvimento de uma educação específica para o campo. A auxiliar administrativa Gabriela, em sua entrevista nos relatou o seguinte:

Aqui na cidade, então eu não conheço, não conheço nenhuma escola assim, dizem que o Bela Vista é uma escola de referência, tem a mesma diretora há 17 anos, mas não posso falar porque eu não conheço, dizem que é, tanto que lá eles recebem bastante coisas, assim, toda vez que for pensar em uma escola do campo na maioria das vezes eles são sempre são direcionados pra lá. Acho que não é porque lá seja melhor ou não que aqui e sim porque lá a diretora está desde o início, há 17 anos, então ela conhece a questão do campo, ela entende, então ela busca.

Aqui a gente tem um pouco de problema, pois cada ano tem uma pessoa diferente na direção, então uma vem com uma ideia, aí muda toda a escola e faz aquilo; aí outra tem outra ideia do seja esse planejamento do campo muda tudo; aí a outra vem, entendeu... Então às vezes fica difícil da escola conseguir entender o que seria essa especificidade. (GABRIELA, auxiliar administrativo, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

O que podemos observar por meio das entrevistas realizadas na pesquisa de campo é que neste ano de 2011, as três escolas do campo do município de Araraquara estão juntas realizando um projeto comum que possui por título: Memorial. O projeto Memorial, trata-se de um projeto descrito pela coordenadora pedagógica Letícia e outros professores entrevistados, que possui por objetivo resgatar as memórias do assentamento e a identidade do assentamento hoje. Para conseguir alcançar estes objetivos, os professores junto com a coordenadora pedagógica elaboraram pequenos projetos de pesquisa com a finalidade de recolherem dados sobre a história do assentamento; dados que mostrem a realidade que o assentamento vivencia para que a partir do estudo destes dados possam pensar qual a educação do campo que deve ser realizada, quais os caminhos que pretendem seguir para que a educação do campo possa ser efetivada nessa escola.

Alguns exemplos de pesquisas que estão sendo realizadas para este projeto do Memorial são: a pesquisa sobre a história das mulheres do assentamento, uma vez que foram e ainda são de grande importância para a consolidação do assentamento; a pesquisa sobre as formas de lazer dos alunos, o que eles fazem nas horas livres, nos finais de semana; a pesquisa sobre a origem regional dos pais dos alunos, assim como as diferentes culturas regionais que trouxeram consigo para o assentamento; outra pesquisa é a dos caminhos frequentados pelos alunos da escola até sua casa e vice-versa, na qual a professora responsável está indo até os lotes conhecer a casa e os locais próximos à casa dos seus alunos; etc.²⁹, como podemos verificar através da fala da auxiliar administrativa, que demonstra a realização destas pesquisas:

Então a gente tem o projeto horta que são os alunos que plantam, na verdade acho que é eles que acabam ensinando pra gente, sabe, agora iniciou esse projeto do memorial das escolas do campo, também. (...) Inclusive ele tem que estar incluso nos projetos que os professores entregam para coordenadora, então todo bimestre o professor tem que apresentar algo, ele tem que planejar algo dentro da perspectiva do campo, isso faz parte, então ele vai preparar, na hora que ele prepara lá o conteúdo, faz o planejamento de matemática, português, etc., e dentro disso ele tem que incluir a perspectiva do campo, entendeu? Esta incluído no planejamento, então todos

²⁹ Estes projetos que utilizo de exemplo são alguns dos projetos que nos foram apontados nas entrevistas.

os professores estão tendo que trabalhar e tem acontecido sim, porque as vezes a pessoa fica só no papel, mas tem acontecido (GABRIELA, auxiliar administrativa, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Mais do que apenas resgatar a memória, o que se pretende com a realização deste novo projeto é conseguir resgatar a identidade destes alunos, uma vez que percebe-se que muitos, ou senão, a maioria não possuem uma identidade que os faça se reconhecerem como moradores do campo. Em uma das falas da coordenadora pedagógica podemos perceber essa intenção em relação ao projeto do memorial, ao nos dizer:

Claro que eu acho que é um trabalho importante de resgatar a identidade, de envolver a comunidade, de buscar essa origem, essa identidade, pra entender o porque nossos alunos de certa forma renegam essa origem... acho que é um início. (LETÍCIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Entretanto nos cabe lembrar que o projeto do Memorial foi iniciado no ano de 2011, com a atual gestão da escola e ainda nos cabe saber se a mesma dará continuidade aos trabalhos nos anos seguintes ou se novamente chegará uma nova equipe para conduzir esta unidade escolar. Em entrevista, a coordenadora pedagógica nos falou que pretende continuar nessa escola no ano que vem, mas não depende apenas da sua vontade ficar ou não, ela precisa ser avaliada pela Secretaria Municipal de Educação e pelo Conselho de Escola para poder, se aprovada, permanecer mais um ano na escola.

2º- A falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação.

Antes de concluirmos a discussão em torno desta pesquisa sobre a educação do campo nessa escola, é preciso dizer que não foi por mera coincidência que decidimos iniciar nossa pesquisa trazendo logo de início a proposta de educação do campo do município de Araraquara e o que ela defende em seu “Programa Escola do Campo”.

Ao adentrarmos na escola e observar, conversar e entrevistar as pessoas envolvidas na educação escolar percebemos a existência de um entrave entre os objetivos da Secretaria Municipal de Educação – SME – e a efetiva proposta de uma educação do campo, nas escolas do campo do município.

Não queremos aqui fazer uma crítica a SME, no sentido de dizer que não realizam o devido investimento nesta escola do campo. Pelo contrário, a escola do campo pesquisada, possui toda a infraestrutura de uma escola na cidade, com o bônus de ao terem a mesma

quantidade de equipamentos, possuir um número significativamente menor de alunos para utilizá-los.

Não se trata de falta de investimento, mas, de apoiar esta proposta de educação do campo, como se referiu à coordenadora entrevistada. Sem o apoio da Secretaria Municipal de Educação, é muito difícil para que o projeto de educação do campo se desenvolva. É muito complicado para gestores e professores se engajarem para a efetivação do mesmo, até porque segundo a coordenadora da escola, para a própria SME, este não deve ser o “carro chefe da escola, e sim este material”, se referindo aqui ao material didático do grupo SESI adotado recentemente em todas as escolas do município. Desta forma, ela nos diz que

Pensar um ensino diferenciado é, principalmente agora que estamos com o Sistema SESI, que é outra incoerência, pensar num material que foi pensando para filhos de industriais em escola do campo. Então tentar fazer essa relação é muito complicado, não que o material, seja assim..., é um material também reflexivo que pensa na questão da língua, traz vários temas, inclusive coisas ligadas muito ao meio ambiente, ao campo. Estava ontem dando uma olhada no material do primeiro ano e tem bastante a relação de diferença entre campo e cidade, então dá pra fazer um trabalho muito interessante. Mas quando você pensa assim, ah, vamos chamar alguém pra orientar esses professores, fazer uma palestra ou participar de um congresso que vai ter na UFSCar sobre isso, é como aconteceu nesse encontro que nós fizemos, foi muito difícil. Porque assim, o que aconteceu? As diretoras das escolas foram chamadas e elas foram assim... sabe parece período de ditadura! Então na hora apareceram várias pessoas além de gerente de educação e vieram nos falar em alinhamento, por que estávamos pensando em uma escola diferente, por que a gente estava se apartando tanto se eles estão tentando fazer um alinhamento? Então eles não pensam nas especificidades da escola do campo, ninguém quer se apartar do currículo, ninguém está negando esse novo material, essa nova metodologia, de forma alguma, mas a gente precisa pensar nas especificidades, se pelo MEC a gente recebe uma verba diferenciada, então tem uma especificidade. Só vale pelo dinheiro e não vale em sua concepção ideológica, não é? (LETÍCIA, coordenadora pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Trata-se, portanto, de uma luta desta e das outras duas escolas do campo, que existem no município, para tentar por em prática aquilo que nos leva ao seguinte questionamento: Porque um Programa de Escola do Campo, se na verdade o desejo dos administradores do município é o de alinhamento?

Não é fácil responder a esta pergunta e nem é o que pretendemos nesta dissertação, possuímos algumas hipóteses na qual a principal é a de que formulado a nove anos este Programa não possua mais, na atual administração municipal, os mesmos sujeitos que elaboraram e aprovaram o Programa Escola do Campo. Houve uma mudança no quadro, com as trocas de mandatos governamentais, assim como houve mudanças nas concepções que

regem e conduzem a educação no município, um exemplo claro disso é a adoção do material didático do Sistema SESI de ensino. E esta questão nos leva a mais um ponto a ser discutido, ou melhor, se interliga a ele

3º - A falta de uma coordenação geral para as escolas do campo.

A coordenação geral para as escolas do campo, talvez seja, na verdade o que poderíamos considerar na opinião dos entrevistados, como uma das melhores recordações e dos melhores exemplos de um momento em que a educação do campo no município de Araraquara era, não apenas valorizada, mas também realizada. Nesta época que muitos trazem na memória, Araraquara possuía um coordenador para as escolas do campo que possibilitava o planejamento coletivo entre as escolas, possibilitava momentos de discussão e formação para a equipe escolar, assim como permitia a participação desta equipe escolar em congressos na área de educação do campo.

É desta organização que muitos sentem falta, de possuírem alguém a quem recorrer e poderem ao mesmo tempo contar uns com os outros, na luta pela defesa da educação do campo.

Na busca para ao menos entender os motivos que levaram Araraquara a construir em 2002 um Programa de Escola do Campo, que foi incluído em 2004 no Plano Municipal de Educação para o decênio de 2004 a 2013, e que hoje após nove anos de criação está cada vez mais caindo no esquecimento, realizamos uma entrevista com o Alexandre, atual secretário da educação de Matão e o responsável em 2001-2004 pela coordenação do grupo que discutiu e formulou a Programa Educação do Campo em Araraquara.

O ex-coordenador do programa de educação do campo município de Araraquara, Alexandre nos relatou como se deu o processo de criação e desenvolvimento do Programa Educação do Campo. Ele iniciou sua fala retomando os motivos que o levou a deixar Matão, sua cidade natal, para ir trabalhar na Secretária de Educação de Araraquara. Administrada naquele momento pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e após a derrota deste partido nas eleições de 2000 em Matão, foi convidado a integrar a equipe da Secretária de Educação em Araraquara, onde o PT havia ganho as eleições. Em Araraquara, o novo prefeito teve como meta realizar um Congresso Municipal de Educação, onde inicialmente não havia nenhum grupo de trabalho que discutisse a educação no campo, mas que durante os processos de

discussões surgiu a demanda por um grupo que discutisse a educação rural. Como em Matão já havia tido experiências com a educação rural, Alexandre foi indicado pela secretária da educação da época a assumir a coordenação deste grupo de trabalho (ALEXANDRE, entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012).

Como apresentamos no início do capítulo 2, este momento de discussão contou com a participação dos funcionários das três escolas do campo de Araraquara, assim como de integrantes de suas respectivas comunidades, de integrantes dos movimentos sociais, FERAESP e MST, e estudantes e pesquisadores das universidades. (ROSSETO, 2005).

Duas principais propostas foram levadas para votação pelo Grupo de Trabalho de Educação Rural, a primeira a criação de um programa de educação do campo, com um projeto político pedagógico próprio para as escolas do campo e a segunda, a possibilidade de realização de concursos específico para a contratação de professores para as escolas do campo. Como nos conta Alexandre apenas a primeira proposta foi aprovada.

Após a aprovação foram realizados encontros com os professores e diretores das escolas para que pensassem no que desejavam para a educação do campo e depois abrissem a discussão para a participação das comunidades, mas antes mesmo do que esperavam, alguns professores espalharam para a comunidade que estava sendo discutida uma proposta diferenciada de educação para as escolas no campo e os moradores dos assentamentos foram em grande quantidade para participar das discussões. Segundo relato do Alexandre a comunidade do Assentamento Monte Alegre foi uma das mais atuantes nas discussões e se “a do Bela Vista começou, pra você ver que interessante, a do Bela Vista começou, mas quem participou mais foi a do Monte Alegre”. (ALEXANDRE, entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012).

Resumidamente, apenas para entendermos as mudanças pela quais as escolas do campo passaram de 2001 a 2011, com a implantação do Programa Escola do Campo efetivado, as escolas do campo passaram dentro do Projeto Escola Interativa, com o ensino dividido em ciclos e o trabalho realizado a partir de temas geradores. Alexandre coordenou as atividades das escolas do campo de Araraquara, realizando discussões entre as escolas, planejamentos conjuntos, levando os professores para participar de encontros e congressos sobre educação do campo, até o ano de 2004. Neste ano o PT continuou na gestão de Araraquara e também venceu as eleições em Matão, possibilitando ao Alexandre voltar a trabalhar e realizar um trabalho de educação do campo em sua cidade.

Araraquara não ficou sem um coordenador que direcionasse os trabalhos nas escolas do campo, outra pessoa da secretaria municipal de educação assumiu a função, mas com o passar do tempo as discussões, os planejamentos coletivos entre as escolas foram perdendo a força e por motivos que Alexandre não possui conhecimento, foi deixando de ser realizados.

Alexandre em sua entrevista nos contou que ao voltar para Matão, acreditava que as escolas já possuíam condições de continuar a realizar uma educação voltada para a educação do campo, mas o que percebemos pelas pesquisas já realizadas na escola do Bela Vista e por esta pesquisa que estamos realizando no Monte Alegre, a realização da educação do campo acabou ficando restrita à decisão e ao direcionamento dado em sua grande parte pela gestão e pelos professores de cada uma das três escolas.

Na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, percebemos pelos relatos do pessoal da comunidade escolar, que o grande dificultador da realização de uma educação do campo na escola, na opinião dos funcionários entrevistados, deve-se a ausência de uma continuidade nos trabalhos de gestão, para que houvesse um direcionamento maior para a realização e efetivação de uma educação do campo, como ocorre na escola do campo do Assentamento Bela Vista, sob a gestão da diretora Adriana. Na opinião de Alexandre, estas rupturas na gestão não seriam a principal causa, mas a falta de uma coordenação municipal para auxiliar o trabalho nas três escolas.

Perguntamos ao Alexandre sobre a realização de algum tipo de formação com os professores das escolas do campo quando ainda estava em Araraquara, ele nos respondeu que:

Não, não tiveram nenhuma formação específica. A gente percebia que algumas pessoas saíram do campo, eram professoras, mas os pais moravam no campo, então algumas até se arriscam a dar um palpite, a falar alguma coisa. Nós tivemos situações em que a professora morria de medo, ela não ia pro campo, não ia pro lote do assentado, porque ela tinha medo. Ela não sabia distinguir um porco de um cachorro, não sabia distinguir uma erva de outra planta, então também morria de medo, mas nós começamos, não formação, formação eu só vim fazer somente em Matão com dinheiro do governo federal, tal, mas nos começamos a visitar estes lugares. Então, por exemplo, eu já tinha conhecido, então eu fiz essa proposta de que eles fossem conhecer também, então um dia eu fui com os professores de Araraquara até Itapeva, nós fomos lá conhecer uma cooperativa, o sistema de cooperativas deles, porque o tema cooperativa, era um do temas da escola do campo, era um dos temas geradores, porque a gente tinha avaliado que melhor seria trabalhar de forma coletiva a terra, né? Ou pelo menos a comercialização dos produtos ou a compra dos insumos, dos maquinários, pelo menos isso. Então nós fomos visitar a cooperativa e aí nós tivemos uma aula de cooperativismo lá, como funcionava... Então foi a partir destas coisas. (ALEXANDRE, entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012).

Hoje a cidade de Araraquara está sendo governada pelo PMDB e não mais pelo PT, o que pode ser mais um dificultador da realização deste projeto que foi pensado e formulado por um outro grupo político, com outra concepção de educação.

4º- A falta de um consenso do que vem a ser a educação do campo e como esta deve ser realizada na prática.

Outro fato observado durante as entrevistas é que a maioria dos entrevistados possuem uma ideia do que vem a ser uma educação do campo, mas não sabem exatamente como ela deve ser realizada na escola, com base em quais atividades, em quais especificidades, qual os seus objetivos, etc. A professora Denise assim apresentou suas dúvidas em relação a educação do campo e qual a sua opinião a respeito da mesma,

Até pra nós é um enigma, que criança nós queremos formar? Eu não acredito que seja uma criança especificamente rural, mas eu acredito que a criança tem que saber onde ela está, porque que ela está, ter uma autoestima e estar preparada para todos os campos, não só o rural, como o campo urbano também. Eu quero uma formação para uma criança ampla, que ela tenha oportunidades como todo mundo, uma oportunidade social, assim como os negros, todos. Então tem que ser uma coisa que tenha esse foco e eu acho que isso ainda não existe. (DENISE, Professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Mas será que todos possuem a mesma opinião do que deve ser uma educação do campo? A professora Rosângela em sua entrevista ao se referir à questão da educação do campo salienta a necessidade de educar com base na realidade em que a criança está inserida e nos diz que pensa

que não é exclusivo da proposta da escola do campo trabalhar a realidade na qual a unidade escolar está inserida, não é verdade? Isso você encontra em qualquer documento, enfim, não é novo isso. Você precisa conhecer a clientela, você precisa conhecer a realidade da comunidade, as necessidades, para poder planejar, para saber, você precisa conhecer o seu público e isso não é exclusivo nosso. Então o que realmente precisa ter aqui? Um conhecimento dessa realidade, das necessidades, um conhecimento do nosso público alvo, da nossa comunidade para poder planejar, aí você justifica a uma proposta de escola do campo (ROSANGELA, Professora, entrevista realizada em 11 de agosto de 2011).

Partindo também dessa questão sobre o trabalho que deve se dar a partir da realidade em que o aluno se encontra, a professora Laura assim nos fala sobre a questão da especificidade da educação do campo:

Bom eu defendo a idéia de que o aluno tem que ter todo o respaldo de acordo com a realidade dele no campo, mas também tem que ser oferecido o outro lado do ensino, para que ele tenha contato tanto com a realidade dele quanto o que não faz parte da realidade dele. Para que quando ele precisar estudar em outra escola, porque aqui só temos o ensino até o nono ano, quando ele tiver que partir para outra escola ele consiga superar as dificuldades, até de diferenças entre a realidade em que ele vivia e a que ele passa a viver com isso, para que ele não encontre grandes barreiras para superar tudo isso e também para que ele consiga poder escolher realmente qual é a aptidão dele, o que ele realmente vai querer fazer da vida (LAURA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Já a professora Neusa ao pensar sobre a educação do campo realizada na escola nos diz que esta acontece apenas em partes e que na verdade para ser uma educação do campo deveria ser pensada diferentemente do que é. Como ela nos fala,

essa educação é uma amostra de educação do campo. Porque de acordo com a minha opinião, uma educação do campo mesmo, seria conteúdos interligados com o trabalho no campo e ainda reconheço que só em 40 minutos é impossível, tinha que ser uma escola integral para fazer valer. De manhã eles aprenderiam os conteúdos caso fossem pra cidade, à tarde a prática destes conteúdos na terra, no campo. Ai valia, só que é uma utopia, mas as utopias também podem acontecer é só dá vontade, vai da vontade (NEUSA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Para a professora Cristina:

A educação do campo é importante porque ela dá para o aluno duas vias: se ele quiser permanecer no campo, ele tem a possibilidade de permanecer no campo e se ele quiser fazer alguma coisa diferente, ele também tem essa possibilidade.

Então a educação do campo prepara para as duas coisas, tanto para ele ter uma profissão voltada para a cidade, quanto uma profissão voltada para o campo. Ele tem duas opções, as duas opções são válidas, isso que é importante (CRISTINA, Professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Ou seja, na opinião destas professoras a educação do campo não deve formar trabalhadores apenas para o campo, não deve ter por objetivo formar a mão de obra para o campo ou mesmo fixar o homem ao trabalho e vida no campo, pelo contrário a educação do campo deve possibilitar que o aluno tenha todos os conhecimentos necessários para trabalhar onde escolher: no campo ou na cidade.

Ainda sobre a necessidade de não centrar a educação apenas no campo o agente educacional Claudio assim nos fala a respeito desta educação do campo que não é apenas realizada no campo, mas pensada para os moradores e trabalhadores do campo e a necessidade ou não que se tem da mesma:

Eu acho que para essas crianças aqui, você tem que tentar interligar isso, você tem que dar as duas possibilidades para eles, para que no futuro eles possam escolher isso. Mas você tem que dar uma visão também de outro mundo, senão eles sempre vão estar fechados aqui. É muito no campo, do campo, mas não é só o campo, tem-se uma vida lá fora (CLAUDIO, Agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Mais uma vez temos afirmada a questão de que a educação do campo não deve ser pensada e realizada com o objetivo único de formar futuros trabalhadores do campo. O que seria então essa educação do campo? Uma educação que parte da realidade do aluno, mas não se restringe a ela? Seria este um consenso entre as pessoas entrevistadas? Olhando para estes depoimentos mostrados a cima até poderíamos dizer que sim, mas esses tratam apenas de uma parte das pessoas que trabalham nesta escola, não são todos, mas apenas uma parcela deles. O que acontece então? Existe uma diferenciação entre a educação urbana e a educação do campo? Em que sentido?

O que nos parece acontecer nessa escola é que os conteúdos trabalhados não são diferentes daqueles trabalhados na cidade. O que acontece na maioria das vezes é que o enfoque dado é o da realidade dos alunos, o que os professores tentam fazer é relacionar campo e cidade, possibilitar comparações, elos, pontes entre uma realidade e outra uma vez que as duas se interligam, se inter-relacionam e não existem separadamente uma da outra.

Os professores e funcionários entrevistados não desejam que seus alunos conheçam apenas a realidade do campo, até porque essa faz parte do seu dia-a-dia, eles desejam que os alunos possuam uma educação ampla que possibilite ao aluno escolher em que meio deseja viver, no urbano ou no rural.

A gente tem que trabalhar todo o processo de noção matemática, de produção do conhecimento em linguística, porém levando em consideração a realidade da criança, mas levando em consideração também a cobrança da sociedade. (...) então tem que dar todo o aparato pra matemática, todo o aparato pra português, porque na hora em que ela for prestar uma prova para um vestibular, se ela não tiver um bom conhecimento nisso, lá no vestibular, não vai ser considerada a realidade do campo, vai ser considerada a realidade toda, assim como o SARESP. Então eles precisam ser bons em tudo também.

Então eu falo assim, não é uma educação voltada só pra realidade, mas uma educação que pondere as coisas, que não seja só urbana, mas que também

não seja só rural, que siga os dois caminhos paralelos, fazendo elos. (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

De forma geral todos vêem uma necessidade de trabalhar a realidade do campo, de possibilitar que a educação oferecida seja significativa para os alunos, mas não sabem realmente como fazer isso, vão seguindo seus instintos, testando suas hipóteses na busca por metodologias que possibilitem alcançar este objetivo. Muitas vezes acham que estão conseguindo, outras desistem e voltam atrás, vão basicamente pela tentativa e erro, sem possuírem um planejamento conjunto da didática que será adotada. Isso fica claro quando entrevistamos o professor Eduardo e quando este nos diz que tentam fazer tudo que lhes é apresentado, ao afirmar que

Eu acho que muitos desses itens, desses programas que estão sendo trazidos, eles são boas ideias e podemos estar trazendo estas ideias para estar trabalhando junto, embora nosso conteúdo não seja muito diferente do da cidade, não dá para ficar muito diferente disso. Nós trabalhamos o conteúdo da cidade, porque a gente segue uma linha e todas as escolas tem aquela programação, mas aqui é campo. Então realmente teria que ter um programa que tivesse uma diferençazinha pra eles, aí seria trabalhar a realidade deles, o campo e tudo mais. Alguma coisa a gente até faz, mas os alunos daqui, como falei para você, não têm esse pensamento de permanecer no campo, haja vista que você vê, aqui tem a horta, tem alguns programas, a horta em que os alunos podem participar, mexer, ver como é; tem o Campo Limpo, que é sobre a embalagem de defensivo agrícola, de como descartar. É feito e temos que estar abertos a toda ideia que vier a gente tem que tentar implantar, é bem vinda, a gente procura estar fazendo o máximo possível, tentando ser igual a uma escola da cidade, porque embora tenhamos o conteúdo nosso, é meio igual (EDUARDO, Professor, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

É preciso observar que ele se refere a projetos no plural, ou seja, eles tentam realizar uma educação do campo, mas não possuindo um norte a ser seguido, muitas vezes pegam aquilo que acham interessante em cada proposta de educação do campo e tentam realizar isso em sala de aula. Se entrelaça aqui então a necessidade que já foi apontada de um coordenação de educação do campo, que pudesse auxiliar estes professores a formularem uma proposta de educação do campo, que pode ser parecida com a criada em 2002 ou que seja diferente, mas que possua um consenso, que possibilite aos professores saber direcionar o seu trabalho, sabendo identificar quais os princípios que devem reger os seus trabalhos e quais os objetivos que possuem para com a educação que realizam, é trabalhar uma educação específica? É realizar uma educação com o mesmo conteúdo curricular das escolas urbanas, fazendo apenas elos com a realidade do campo? É trabalhar os conteúdos exigidos nacionalmente, acrescentando os conteúdos importantes para a vida e trabalho no campo? É trabalhar os conteúdos curriculares por meio de temas geradores relacionados à vida e trabalho no campo?

Estas são perguntas ao qual o grupo escolar deve responder para que consigam a partir de sua resposta planejar e realizar a educação que acreditam ser a melhor para a realidade desta escola, seja ela uma educação no campo ou uma educação do campo.

Estas incertezas que cercam este grupo escolar são derivadas na opinião FERNANDES; CERIOLI; CALDART (2004) de dois problemas que envolvem os docentes de nosso país: a valorização do magistério e formação de professores. Segundo estes autores esses problemas não são apenas do meio rural, “mas sim de todo o sistema educacional brasileiro”. Dizem ainda em relação à formação dos professores rurais, que

o que todos sabemos é que (...) são mínimas as possibilidades de formação no próprio meio rural, e que de modo geral os programas de formação de professores, incluindo os cursos de Magistério e os cursos superiores, não tratam das questões do campo, nem mesmo nas regiões em que grande parte dos futuros professores seguramente irá trabalhar neste contexto, ou se o fazem, é no sentido de reproduzir preconceitos e abordagens pejorativas; e que, por extensão, praticamente inexistem materiais didáticos e pedagógicos que subsidiem práticas educativas vinculadas às questões específicas da realidade do campo. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p. 37).

A falta de uma formação voltada para a educação do campo e principalmente a falta de materiais didáticos voltados para a educação do campo dificultam o trabalho destes funcionários uma vez que durante suas formações acadêmicas não tiveram nenhum contato com a educação do campo, como por exemplo, relatou a coordenadora pedagógica Letícia e a professora Denise, e no dia-a-dia, durante o exercício da docência não podem contar com nenhum material didático voltado para o campo. A professora Denise ao ser questionada sobre o apoio dos professores e da gestão da escola para a realização da educação do campo, assim respondeu a pergunta:

O que eu penso é que a gente precisa cumprir cronogramas, por exemplo, aqui tem uma apostila do SESI que é voltada pra cidade, com textos especificamente urbanos e eu não vejo nenhum trabalho voltado assim diretamente para o campo, nenhum material, nenhum conteúdo, nada de apoio. Então eu nunca vi uma formação pedagógica voltada para o campo, eu não conheço ninguém que dê palestras e que me esclareça o que é a escola do campo, entende, como posso falar dos professores? Porque no mesmo patamar em que eu estou, eles estão. Eles não vão dar aulas naquilo que eles não conhecem, eles vão dar aulas naquilo que eles dominam, até porque precisam estar seguros naquilo que estão ensinando e eu acho que é essa segurança que falta. É isso que eu penso, que a lacuna esta nisso, em a gente saber claramente o que é a escola do campo, quais são os conteúdos específicos, por exemplo, parâmetros curriculares nacionais, a gente precisa ter um currículo flexível, qual é o nosso currículo flexível? O que a gente deve trabalhar? De acordo com a realidade do nosso aluno, mas o que especificamente? O que a gente pode trabalhar? (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Em outro trecho de sua entrevista, a professora Denise ao se referir novamente a questão da carência que possuem de não possuírem uma educação do campo, com planejamento, material e metas específicos, novamente se volta para a questão de não haver um delineamento visível entre o que é a educação do campo e o que é a educação urbana. Como ela nos disse,

a grande carência é essa, porque se existe a escola no campo, mas a escola do campo criada especificamente, com planejamento pedagógico, currículo e isso ser respeitado é outra realidade, até porque os professores não sabem trabalhar assim. Eu apesar de ser assentada, os meus conhecimentos práticos são urbanos, porque quando eu comecei, eu comecei a lecionar na cidade, então tudo que eu aprendi na prática foi o conhecimento urbano, pelo que acontece lá na cidade, e aí como eu tenho um pouco da realidade aqui do campo, eu faço esse elo, tento fazer, nem sempre dá certo, mas eu tento fazer por conta própria, sem nenhum apoio específico. (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

É por estes e outros motivos que FERNANDES; CERIOLI; CALDART (2004) ao redigirem as bases para elaboração da proposta de educação do campo, assumem como uma de suas lutas a defesa por políticas públicas que possibilitem

Programas específicos de formação continuada de educadores/educadoras do campo;

Inclusão de habilitações específicas ou, pelo menos, de disciplinas específicas a esta formação nos cursos de Magistério e nos cursos superiores de Pedagogia e demais licenciaturas.(FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p. 51).

Como tivemos a oportunidade de conversar com o Alexandre, um dos formuladores do Programa de Educação do Campo no município de Araraquara, perguntamos a ele onde reside a especificidade da educação do campo, questionando se esta especificidade defendida pela proposta encontra-se no conteúdo ou na forma de abordar os conteúdos trabalhados com os alunos, ao que ele nos respondeu da seguinte maneira:

É, acho que a especificidade da educação do campo está em todas estas coisas, está na forma de abordar, que eu acho que a gente pode trabalhar com os lotes dos assentados e trabalhar com vários temas que são importantes. Está no conteúdo, eu acho que sim, conteúdos que estão mais vinculados ao campo e nas questões que valorizam o campo. Então, nos temas, nos textos que não tratam o campo de forma pejorativa, mas tratam o campo da forma como deve ser tratado, também não supervalorizar, né? Não precisa florear, mas colocar o campo da forma como é, quais são as possibilidades que o campo tem: que é possível trabalhar, que é possível morar, que é possível produzir, que é possível ter uma vida mais tranquila, que é possível ter uma vida... Enfim. Eu acho que esta especificidade está aí.

É lógico que quando me perguntavam assim: “mas e a matemática?” Eu falava: “mas, gente, é lógico que a matemática é matemática, não existe matemática no campo, matemática na lua? Como que é a matemática na lua? É a mesma, nós temos matemática na lua? Nós não temos, é a matemática nossa que a gente vai usar lá na lua. Agora, vai usar em cima daquelas coisas que tem na lua, então, vamos usar a matemática de uma forma que a gente possa fazer uma aproximação com o campo, né? Então ao invés de a gente contar palito de sorvete, vamos contar graveto, contar torra, palanque, cerca, sei lá alguma coisa assim... Então traz a matemática pra isso. Vamos fazer a área quadrada da horta, área quadrada do galinheiro, área quadrada do canteiro onde vocês vão semear, enfim, utilizem desta forma a matemática, porque não tem uma matemática...”

Outra coisa, uma aula de geografia que eu fui, que a professora entendeu, quer dizer ela estava começando a entender, como era essa aula de geografia e nós fomos visitar um cara que plantava lá no Assentamento Bela Vista, ele plantava brócolis, aí ele mesmo colhia, fazia os fardos, tinha uma perua velha que ele colocava e trazia na cidade pra vender. Nossa, só uma visita desta era uma aula pra um semestre, porque ele tinha irrigação, eu vi lá, a professora acho que fez três ou quatro perguntas pra ele, o nome dele, quantos anos eles tinha... As crianças foram com o caderno tudo preparadinho, a professora montou todo um negócio... Claro que depois eu conversei com ela, falei pra professora o que ela podia ter explorado; então perguntaram o nome, a idade, quanto que ele tinha de área e o que ele plantava. Aí ele trabalhava com irrigação, ele tinha uma represa, tinha irrigação tanto por gravidade, quanto irrigação gerada por um motor.

Aí eu vi uns galões de defensivo agrícola, é porque eu tenho uma ligação com o campo, então tudo bem né? Sou filho de engenheiro agrônomo, então ele tinha defensivo agrícola jogado de qualquer jeito, daria pra ter trabalhado isso; a forma de aplicação, se ele tinha todos os equipamentos de segurança pra fazer isso; claro, trabalhar a área, quanto que ele produzia, quanto que ele tirava dali; dava pra ter trabalhado com matemática quase que uma semana inteira; depois os macinhos, como que ele fazia, qual a forma de transporte, pra onde ele levava, quanto ele vendia, pra quem que ele vendia; então a relação campo-cidade; ah, dava aula pra seis meses, tranquilo, só com uma única visita. Então a intenção não era ficar visitando, não era que eu propunha que eles ficassem indo todo dia num lugar, não, não precisava fazer isso, uma só. Aí ela podia registrar, fazer todos os registros, levar pra sala de aula, trabalhava todos esses registros, né? Então se ele estava lucrando, se ele não estava; sobre os defensivos, voltava lá depois e dizia “olha estas embalagens nós vimos”, podia tirar fotos, nossa tanta coisa dava pra fazer... Claro, aí dava pra fazer uma ligação com história, como que no Egito eles fazia, quem trabalha com irrigação, todos os povos...

Claro que nem tudo dá pra gente fazer isso, nem tudo dá pra fazer essa relação. (ALEXANDRE, entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012).

Assim, após analisarmos às diferentes opiniões referentes ao que é a educação do campo e a forma como ela é realizada, passamos para o tópico seguinte.

5º - A falta de comprometimento de alguns professores com a educação do campo.

Por mais que não se possua um consenso sobre o que é a educação do campo e de como a mesma deve ser realizada, existem algumas reclamações, feitas por funcionários da escola, de que existem alguns professores que não se comprometem em ao menos tentar realizar uma educação que esteja voltada para a realidade dos alunos do campo. Muitas vezes esse não comprometimento se deve a uma não concordância com esta proposta de educação que tenta partir da realidade do aluno, uma vez que alguns professores não se identificam com a mesma e possuem por objetivo de ensino apenas transmitir aos alunos os conteúdos que estão no livro didático ou na apostila escolar.

Outra possível causa apontada nas entrevistas é que alguns professores na verdade possuem uma dificuldade em realizar uma educação do campo, que não é resultado de uma não identificação com a proposta, mas sim da sua pouca ou nenhuma vivência no campo e com a realidade do campo. A esse respeito a professora Neusa nos diz que

existe uma diferença entre o professor que teve vivência no campo, que nasceu na roça e professor que viveu única e exclusivamente no meio urbano, existe uma diferença, ele não compreende a realidade e muitas vezes até discrimina mesmo, porque eu já vi. Eu já vi aqui uma discriminação muito séria, já vi aqui na escola, alias, muito. Do tipo assim, nós vamos à horta, mas quem vai plantar é você, você que está acostumado a mexer na terra, eu não. Entendeu, isto pra mim é discriminação. Você que tem que ser tatu eu não.

Sendo assim, a maioria dos professores tendo uma vivência essencialmente urbana, ela tem muita dificuldade em integrar os conteúdos, com o trabalho no pomar, no jardim, na horta que são os projetos que a gente desenvolve. Muita dificuldade mesmo (...).

Agora o que falta é a compreensão de uma realidade rural, vestir a camisa. É diferente de quem nasceu na roça, gosta da roça, nasceu no campo, gosta do campo. Não é fácil para um professor urbano chegar aqui, ele faz só o que é necessário mesmo e às vezes nem entende o que o aluno fala, porque ainda existe uma variação linguística e nós temos que trabalhar para a transformação, pois quando o aluno for para cidade, ele vai de cabeça alta, ele fala igual aos da cidade e não reforçar (NEUSA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Mas será que realmente existe esse problema de que professores que não vivenciaram o campo, que são urbanos não consigam compreender a realidade em que os alunos do campo estão inseridos? Não nos parece que este seja o grande problema da educação do campo não ser efetivada, uma vez que muitos professores desta mesma escola já

permanecem nela há no mínimo três anos, alguns até mesmo oito e seis anos. O que a coordenadora pedagógica nos aponta, retoma a questão das rupturas no direcionamento pedagógico da escola e na necessidade de um trabalho junto aos professores com o objetivo de repensar o que é esta educação do campo e lutar por ela, mas para que isso aconteça ela nos aponta a necessidade de um convencimento do grupo escolar, uma vez que em sua opinião

Tem uma resistência bem grande dos professores, não tem uma educação assim com esse caráter voltada para o campo e também não tem essa visão que venha da Secretaria da Educação, não tem nenhum gestor específico que cuide das escolas do campo. Então a gente enfrenta problemas, por exemplo, no planejamento, nós pensamos unidas as três escolas do campo em fazer um evento na UNIP. Nós trouxemos uma professora da USP de São Paulo para fazer uma fala de cultura escolar e escola do campo, nós apresentamos alguns trabalhos e o evento foi muito mal visto pela Secretaria da Educação. A gente sofreu muita represália mesmo. Então fica difícil, é como dar murro em ponta de faca, algumas coisas a gente tem que fazer como aquele trabalho de formiguinha.

Então é mais difícil ainda, ter uma ação pedagógica, no meu caso pensar num currículo diferenciado, tendo que ter um convencimento do grupo docente. É lógico que a direção da escola tem que pensar da mesma forma, então todos temos que pensar da mesma forma, para poder lutar por uma coisa maior, que é esse sistema que não aceita. E por outro lado também eu não vejo a comunidade exigir esse tipo de trabalho, nunca se sabe também, entendeu? Acho que eles lutaram para ter essa escola aqui, mas mais pelo espaço, pela falta de oportunidade de os moradores irem para outros lugares, mas não pensando também nessa ideologia, eles não se identificam (LETÍCIA, Coordenadora Pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Uma questão interessante trazida por uma das professoras entrevistadas e que em sua opinião pode ajudar a solucionar este problema em relação ao não interesse de alguns professores que atuam em escolas do campo, em realizar uma educação do campo, seria a possibilidade de se realizar um concurso público de contratação de professores para as escolas do campo durante nossa entrevista com o Alexandre, descobrimos que esta também foi uma das propostas levadas para votação na Conferência Municipal de Educação em 2001, quando conseguiram aprovar apenas a elaboração de uma Proposta Pedagógica para as escolas do campo (ALEXANDRE, entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012). Desta forma os professores que se inscrevessem seriam aqueles que gostam de trabalhar em escolas do campo, que conhecem ou possuem vontade de conhecer e realizar uma educação de qualidade no campo. Somente assim a escola do campo passaria a ter professores que antes de iniciarem seu trabalho já sabem que este será realizado no campo, já sabe da distância destas escolas em relação às outras escolas urbanas e não vão para as escolas do campo apenas pelo período

necessário para poderem se transferir para uma escola urbana. FERNANDES; CERIOLI; CALDART (2004), também defendem um processo de contratação específico para as escolas do campo, como uma das linhas de luta no âmbito das políticas públicas, como podemos ver abaixo:

Processo específico/diferenciado de seleção de docentes para as escolas do campo; quer dizer, ninguém deve ser obrigado por concurso, estágio probatório ou por punição a trabalhar nestas escolas. O trabalho nas escolas do campo deve ser uma escolha dos profissionais e das comunidades. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p. 51).

Esta escola possui um grande número de professores que já estão a mais de três anos na unidade, como pudemos verificar pelos gráficos, mas alguns professores ainda vêm as escolas do campo como um local de passagem. A prefeitura disponibiliza para os funcionários da escola não apenas o transporte até a unidade, mas também um porcentagem a mais em seus salários devido a trabalharem em escolas no campo e por estas serem distantes da cidade. Além disso, alguns dos professores que estão a mais tempo nesta escola residem em Matão, pois esta cidade encontra-se mais perto geograficamente. Como nos disse a professora Cristina: “Eu acho que mais professores não preferem tanto esta escola por causa da distância, é longe, principalmente pra quem é de Araraquara, eu sou de Matão, pra mim é bem mais perto.” (CRISTINA, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Na entrevista com o Alexandre, ele também apontou esta maior proximidade da escola com Matão como uma das causas da diminuição da rotatividade de professores, relatando que Olha só não tem mais rotatividade, eu não sei se posso dizer que os professores se acomodaram, mas só não tem maior rotatividade, porque a principio é uma característica destas escolas, porque as escolas do Monte Alegre e do Herminio Pagoto são mais próximas aqui de Matão do que de Araraquara, então vários professores destas duas escolas são de Matão, então eles não saem de lá, porque estão mais próximos de Matão. Outros é porque estão lá desde o começo e demorou muito tempo pra eles terem uma chance de mudar e ai se vincularam de uma tal forma que não querem sair. E outros é aquele caso em que a pessoa era do campo, os familiares, então ela tem um vínculo com a terra, ela gosta muito. (ALEXANDRE, entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012).

É neste ponto então, após discutir a participação dos professores, as suas resistências e dificuldades em realizar uma educação que seja do campo que nos adentramos no próximo tópico, o que diz respeito a comunidade em que a escola está inserida.

6º - A falta de comprometimento ou valorização da educação do campo por parte da comunidade em que a escola esta inserida.

Muitos trabalhos são realizados sobre a importância da comunidade³⁰ na educação escolar das crianças, na definição dos seus objetivos e nas finalidades desta educação que é oferecida. Em relação à educação do campo realizada na EMEF do campo Maria de Lourdes da Silva Prado o que percebemos nos discursos dos entrevistados é que a comunidade não é muito ativa no que diz respeito a uma participação e valorização do projeto de educação do campo. Em relação à vida escolar dos alunos eles são atuantes, vão à escola nos dias de reuniões de pais e quando são convocados para resolverem problemas particulares dos alunos.

Essa não participação no projeto de educação do campo é um fato que hoje se difere da época em que lutaram pela instalação desta escola do campo. O que alguns professores acreditam é que falta à comunidade um conhecimento do que realmente venha a ser esta educação do campo, assim como quais os objetivos que a mesma possui. A professora Denise defensora da opinião de que os pais não apóiam até mesmo porque desconhecem o que é a educação do campo, assim nos disse em sua entrevista:

Eu acho que eles desconhecem a educação do campo e também existe uma questão assim, de como seria essa educação do campo, entende? Porque eu sei que os pais daqui não querem que os filhos sejam agricultores como eles e talvez eles façam uma ideia disso de que eles estão querendo formar as crianças pra ficar no campo ou para serem agricultores como eles. Então dependendo do que o pai deseja para o filho e se os pais não souberem exatamente o que é a escola do campo, eles não vão ter nem uma opinião ou dizer, porque isso não foi aberto para eles, eles não têm um conhecimento específico sobre isso, sabem que é uma escola do campo, mas imaginam que é porque ela está no campo. Então do meu ponto de vista, eles não tem opinião formada sobre o assunto até porque eles não conhecem (DENISE, Professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Ao apontar esse desconhecimento do que é a educação do campo e se aqui considerarmos esta opinião como um fato, baseados na ideia de que nem mesmo os professores que estão mais inseridos nesta discussão, também encontram-se sem uma opinião coletivamente formada, poderíamos dizer então que a não participação dos pais, assim como a

³⁰ Ao nos referirmos ao termo comunidade, estamos aqui nos referendo aos pais e familiares dos alunos da escola e aos moradores do assentamento em que a escola está localizada, uma vez que estão direta ou indiretamente relacionados à escola pesquisada.

não valorização desta educação do campo acontece porque não foi realizado um trabalho conjunto de conscientização junto a comunidade.

Os pais encontram-se afastados das discussões que ocorrem “dentro das cercas” da escola, uma vez que podem até mesmo desconhecer a diferença entre uma escola que realiza uma educação no campo e uma escola que realiza uma educação do campo, podem trazer para a formação de seus filhos. Será que ao se pensar em qual educação é a ideal para os filhos dos trabalhadores do campo, se esqueceram de perguntar aos pais qual a educação que desejam para eles? Será que os pais possuem o direito a dizerem qual a educação que desejam aos seus filhos ou esta educação deve ser uma educação geral, com os mesmos objetivos de formar as crianças e jovens para que adquiram os conhecimentos historicamente construídos independente do local onde moram? E outra pergunta que nos vem à cabeça é: será que desejamos a participação dos pais nas decisões sobre os conteúdos e metodologias da educação? Estes são apenas alguns questionamentos que podemos nos fazer sobre a participação dos pais na educação, mas se nos aprofundarmos podemos acrescentar muitas outras perguntas às que já elencamos a cima.

Agora voltando para esta escola, para a realidade apontada pelos funcionários entrevistados percebemos que é esperado por parte destes que os pais valorizem mais a educação dos filhos, seja pensando em uma educação do campo ou mesmo em uma educação no campo. A crítica à comunidade está bastante relacionada à falta de incentivo dos pais aos estudos dos filhos em detrimento da necessidade que possuem de os filhos os auxiliarem em suas roças e seus sítios. Nas entrevistas ouvimos relatos de alunos que faltam às aulas para ajudar os pais, de filhos que são castigados por não realizar ou realizar de forma inadequada alguma tarefa que lhe foi incumbida pela família (GABRIELA, auxiliar administrativo, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

A coordenadora pedagógica ao pensar na existência ou não da participação e valorização da comunidade para com a educação do campo nos diz que

alguns pais são mais preocupados, mas assim, eu nunca tive uma discussão com um pai, uma conversa com um pai em que eles se posicionassem dessa forma: “olha a escola do campo é importante por causa disso, ela precisa ter tal direcionamento”. Eu não acho que eles tenham..., assim é o “achismo”, estou aqui há muito pouco tempo, mas eu não acho que eles vêm a escola dessa forma. Muito pelo contrário, às vezes acho que eles acham importante ter a escola para um ensino mínimo, mas não se importam muito de o aluno parar de estudar para ajudar na roça. Eu acho que eles não vêm a escola como um lugar reflexivo, em que eles possam pensar em mudar essa situação em que eles estão e também não acho que eles querem uma escola

que seja do campo. Essa é minha visão, mas é isso que te falo, estou aqui há muito pouco tempo, mas assim, não percebo nenhum movimento como tem em outros assentamento, acho eles mais apáticos (LETÍCIA, Coordenadora Pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Em relação a essa questão sobre a existência de um apoio por parte da comunidade para a realização de uma educação do campo o agente educacional Claudio assim nos respondeu em sua entrevista: “Apoiar, apoia, mas eu volto lá atrás naquilo que te falei. Eu acho ainda que partiria da escola tentar trazer mais a comunidade e tentar mostrar que há a necessidade desse estudo aqui para as crianças.” (CLAUDIO, Agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Com base nestes depoimentos poderíamos dizer que na opinião dos funcionários entrevistados é papel da escola mostrar aos pais e familiares dos alunos a importância de eles possuírem uma boa educação e se dedicarem a ela. A professora Rosângela nos diz em sua entrevista que a diferença entre a educação da cidade e a educação do campo está na questão de que ela deve pensar na comunidade, na realidade que eles têm, no contexto e trazer esse contexto para a escola, e os pais e familiares “têm que saber qual é o projeto, eles têm que saber o que está acontecendo, o que está sendo trabalhado.” (ROSANGELA, Professora, entrevista realizada em 11 de agosto de 2011). Apenas desta forma ela acredita que os pais, que a comunidade poderá desenvolver um sentimento de pertença, um sentimento de que pertencem a escola e que a escola pertence a eles também e que não devem vir até ela apenas em reuniões de pais e convocações, mas estar sempre presente, sabendo o que acontece em seu interior.

Esse pouco apoio dos pais, mais especificamente em relação aos estudos dos filhos, acaba que de certa forma influenciando a postura dos alunos perante os estudos, o que pode ser observado pela falta de comprometimento dos alunos com os próprios estudos, por uma “falta de vontade” em estudar e até na questão da pouca perspectiva de sucesso em relação aos estudos e a continuidade dos mesmos. A este respeito a professora Laura assim nos disse em sua entrevista,

eu sinto assim que a falta de compromisso mesmo com os estudos é um dos pontos que a gente precisa entender um pouco melhor e estar atuando, interferindo mesmo para que isso mude. Porque eu acho que ainda falta muito, não sei se tem a ver com a estrutura familiar, com a falta de incentivo ou até também, pelo que a gente pode perceber, que as expectativas, perspectivas de vida deles, no campo ou com o que vai ser lá no futuro, eles têm assim certa dúvida, certo medo e isso acaba de certa forma com o passar do tempo e nos últimos anos contribuindo para uma desmotivação muito grande e aí eles vão perdendo a motivação com o tempo. Eu acho que

poderia ser diferente esse compromisso, essa responsabilidade de aluno deixa um pouco a desejar, eles não tem aquele hábito de chegar em casa e estudar, também pelo fato de eles terem outras atividades em casa que a família exige e isso também acaba interferindo. Então é isso, eu sinto que ainda falta um trabalho de conscientização da parte deles para um envolvimento maior com os estudos (LAURA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Então perante este quadro podemos realmente pensar na possibilidade de realizar um trabalho voltado para as famílias e os alunos que tenha por objetivo fomentar a importância dos estudos, da formação destes alunos até para que possam ter mais possibilidades de escolhas no futuro que se encontra tão próximo a eles. Sabemos da necessidade que algumas famílias possuem de contar com os filhos ainda em idade escolar para a realização dos trabalhos agropecuários, mas precisamos lutar para que estas crianças possam ter realmente o seu direito à educação efetivados.

Um fator que pode contribuir para a realização deste trabalho é a questão do incentivo aos alunos e da valorização das suas capacidades. Sobre a necessidade do incentivo a cozinheira da escola nos diz acreditar que

os alunos precisam de um incentivo a mais dentro de casa, para que eles se interessem um pouco mais pelo que estão fazendo, entendeu? Com o objetivo de crescer. Porque tem muitos alunos aqui que vão parar no nono ano e não continuam os estudos, pelo fato de morar aqui, não têm essa ambição de querer ir morar na cidade, se esforçar um pouquinho mais, se formar, tentar sair daqui, fazer alguma coisa diferente (ELIANE, cozinheira, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Não entraremos aqui na discussão sobre para qual meio a educação do campo realmente deve formar, até porque acreditamos que a formação desta criança deve possuir as mesmas bases de uma educação realizada na cidade, deve ser uma formação que permita a ela transitar pelos dois meios: urbano e rural. Este posicionamento ao qual tomamos parte se baseia na ideia de que não existe um mundo urbano e um mundo rural separados um do outro, pelo contrário estas duas esferas se encontram, se interligam, se influenciam, se relacionam, pois estão inseridas em um mesmo meio, que é o sistema capitalista de produção que a tudo subordina e influencia. Assim passamos para o próximo tópico sobre as questões que dificultam a realização de uma educação do campo nesta escola pesquisada.

7º - A mudança ocorrida no alunado atendido e na resistência destes a uma educação do campo.

Até agora falamos basicamente sobre os fatores que dificultam a realização de uma educação do campo nesta escola sem nos atermos a um elemento central em toda forma de educação: os educandos. Falamos dos alunos no tópico acima rapidamente ao analisarmos uma possível influência da família no posicionamento dos alunos perante seus estudos, mas agora nos perguntamos: Será que os alunos desejam estudar em uma escola do campo? Será que sabem da diferença entre a educação urbana, a educação no campo e a educação do campo que é defendida pela escola em que estão estudando? Será que eles acham necessária uma educação do campo pensando aqui na especificidade defendida por esta proposta?

Antes de nos adentrarmos um pouco mais nestes questionamentos gostaríamos de fazer uma breve caracterização dos alunos que estudam nesta escola do campo. Conversando com os funcionários desta escola pudemos perceber que de alguns anos para cá a população do assentamento Monte Alegre vem passando por algumas transformações, que segundo a professora Neusa poderia até ser chamado de uma inversão do êxodo rural, ela nos diz que

Houve uma inversão, lembra do êxodo rural? Todo mundo saía daqui e vinha como bóia fria, hoje aumentou a inversão, saíram da cidade, vieram para cá e voltam para a cidade para trabalhar. Aqui a gente percebe bem essa inversão, não sei se nas outras fazendas, nos outros sítios tem isso, eles moram aqui, mas não se dedicam a terra, esses novos, eles vão trabalhar na cidade (NEUSA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

E isso é observado nas falas constantemente. Esse aluno que estuda na escola do campo não possui mais aquelas características de um aluno morador do campo de anos atrás e isso se deve ao fato de que este assentamento ao completar mais de vinte e cinco anos observou durante estes anos a saída dos filhos dos proprietários dos lotes para a cidade e agora após alguns anos eles retornaram para o assentamento por motivos diversos, com seus filhos e alguns destes já com anos de vivência urbana.

Olhando para esta realidade de forma rápida não percebemos a mudança que este processo pode trazer para as identidades destes alunos, mas ao olharmos mais a fundo logo percebemos que esta trajetória é de grande impacto para os alunos, uma vez que a maioria deles não possui mais uma identidade rural enraizada. E este fato a nosso ver choca algumas pessoas que vem à esta escola. Como nos contou a coordenadora Letícia, ao chegar nesta escola ela

tinha a ideia de que os alunos fossem diferentes, então o meu primeiro choque, eu cheguei aqui e me deparei com alunos que são muito mais parecidos com aqueles alunos com quem eu trabalhei como professora,

alunos de periferia, alunos da cidade, com estas características (LETÍCIA, Coordenadora Pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Então a questão de uma possível diferenciação entre o comportamento dos alunos da cidade e do campo, não possui fundamentos nesta escola. O que podemos dizer que existe é o fato de os alunos estarem em salas menos numerosas, a maior classe possui vinte e dois alunos e, por isso, pode ser mais fácil para o professor lidar com uma classe com quinze adolescentes e não trinta e dois como acontecem nas escolas da cidade. Até essa questão do comportamento tem gerado, segundo a coordenadora pedagógica, algumas discussões uma vez que alguns professores que estão a mais anos na escola, estão apontado para as gestoras que os alunos este ano estão mais indisciplinados. A este respeito ela nos disse que

Em relação ao comportamento, aqui eu não sei esse ano, pois esse ano a gente tem bastante reclamação dos professores, eles falam que os alunos mudaram muito o comportamento. Eu tenho discutido muito com a Clarice³¹ isso, não sei se eles mudaram o comportamento ou se eles estão um pouco mais críticos, também. Porque se eles estão negando as origens, se eles querem ser aquilo que eles não são, a escola é momento também de reflexão e de eles não aceitarem tudo, pelo menos eu vejo dessa forma.

Um pouquinho antes de você entrar aqui, eles vieram reclamar de uma professora, que eles não estão aceitando o tipo de aula que ela dá. Olha que posicionamento crítico, é lógico, vou ouvir todos os lados, mas eu acho importante o aluno chegar, ele tem um posicionamento crítico, não é aquele aluno bobinho, que a gente imagina do sítio, não. Então hoje o perfil do nosso aluno aqui, é o perfil de um aluno de cidade, não vejo diferença não.

(...)

Então eu acho que a diferença é essa: o número de alunos. Agora, tem professores que estão aqui a oito, nove anos e eles falam que mudou, mas eu penso que em oito, nove anos também mudou o perfil do aluno da cidade, entendeu? Eu acho assim, mudou o perfil de todos, é uma mudança de época, mas eu acho que não tem diferença, não sei em outras escolas do campo, se os alunos são mais tranquilos. (LETÍCIA, Coordenadora Pedagógica, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Muitos alunos das escolas do campo estão passando por um momento em que estão negando suas origens, mas isso também não é uma realidade para todos os alunos e sim para os alunos mais velhos, dos últimos anos. O aluno das séries iniciais ainda vê o campo como uma possibilidade de futuro, enquanto que para os maiores existe quase uma necessidade de negarem as origens do campo para poderem afirmar e buscar um futuro nas cidades. É claro que existem as exceções, mas no geral é esta a realidade da escola pesquisada.

31 Clarice é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista, para a diretora desta escola.

Podemos perceber um pouco desta divisão entre as identidades dos alunos quando ouvimos as falas dos funcionários dessa escola, referentes ao trabalho na horta. As professoras Rosângela e Neusa que trabalham com os alunos menores, uma no quarto e a outra no primeiro ano das séries iniciais do ensino fundamental, nos disseram que seus alunos adoram ir trabalhar na horta, plantar, regar, entre outras atividades relacionadas a terra que elas realizam com as crianças. Já o agente educacional Cláudio, ao se referir aos alunos mais velhos, dos últimos anos do ensino fundamental, nos diz que na maioria das vezes eles não querem ir ajudar ou realizar atividades na horta, pois para eles isso é uma coisa chata. Cláudio diz que eles sempre o lembram do trabalho que já fazem em casa todos os dias e ir trabalhar na horta da escola não possui mais aquela característica prazerosa.

Outro fato que pode nos fazer refletir sobre essa questão da negação das raízes do campo por alguns alunos foi descrita pela auxiliar administrativa Gabriela, sobre a confecção das camisetas do uniforme dos alunos. Segundo seu relato a diretora deste ano, achou importante a camiseta do uniforme ter uma imagem, de forma que foram impressas nas camisetas a imagem de um trator e um ipê representando o campo, ela nos contou que alguns alunos

acharam lindo, maravilhoso, outros se sentiram incomodados, “Eu não vou querer essa camiseta, aí vão me ver e falar olha o pé vermelho”, entendeu? Então às vezes eles não querem ser vistos assim, eles querem ser tratados como alunos, e não como alunos do campo, eles querem ser tratados como qualquer outro. (GABRIELA, auxiliar administrativa, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Estas foram algumas mudanças pelas quais passaram a população do assentamento e que de uma forma ou de outra influenciaram na identidade dos alunos que estudam nessa escola. Um fato que precisa ser acrescentado e que já pudemos conversar com a diretora Clarice, é em relação aos alunos que a escola recebe, uma vez que segundo ela, eles são um pouco flutuantes, um dia se matriculam e no outro pedem a transferência, pois na sua maioria são netos dos primeiros assentados que por motivos diversos precisam deixar a cidade e ficar um tempo com os avôs, mas logo retornam para a cidade.

Esses são alguns dos fatores que acreditamos serem os dificultadores da efetivação de uma proposta de educação do campo nesta escola pesquisada e que precisam ser analisados na tentativa de propor soluções para que a proposta de educação do campo possa ser realizada conforme o desejo dos funcionários entrevistados. Após a discussão realizada sobre os

entraves da educação do campo no próximo tópico discutiremos a existência ou não de uma discriminação para com o estudante, o trabalhador e o morador do campo.

Ao adentrarmos na questão da existência ou não de uma discriminação para com os estudantes do campo, trazemos de início a definição de discriminação que nos é dada por Lima Filho (2000), segundo ele

pode-se dizer que discriminação significa toda distinção, exclusão, restrição ou preferência que tenha por objetivo prejudicar ou anular o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em igualdade de condições, dos direitos humanos e das liberdades fundamentais, nos campos político, econômico, social, cultural ou civil em qualquer outro campo. Portanto, desigualdade (LIMA FILHO, 2000, s/p.).

Ele nos diz ainda que

A causa da discriminação reside, muitas vezes, no puro e cru preconceito, ou seja, em um juízo sedimentado desqualificador de uma pessoa em virtude de uma característica sua, determinada externamente, e identificadora de um grupo ou segmento mais amplo de indivíduos, como a cor, o sexo, a nacionalidade, a riqueza, etc. Mas pode, também, derivar de outros fatores relevantes a um determinado caso concreto ou específico. (LIMA FILHO, 2000, s/p.).

Por meio desta definição podemos dizer que a discriminação é um juízo de valor direcionado a uma pessoa ou grupo de pessoas baseados em preconceitos. Uma característica que pode ser a geradora de discriminação e que será a discutida aqui é a relacionada à localização de moradia e formas de trabalho dos moradores e trabalhadores rurais. Sabemos que pode existir uma diferenciação entre a existência de uma discriminação para as pessoas que moram no campo, mas trabalham na cidade; para as pessoas que moram na cidade, mas trabalham no campo; e para as pessoas que moram e trabalham no campo. Nesta pesquisa não nos aprofundamos nas diferentes características que podem ser alvos de discriminação, mas tomamos como base a discriminação sofrida pelo grupo em geral, dando destaque aos moradores, trabalhadores e estudantes rurais, sem aqui nos referirmos aqueles trabalhadores rurais que residem nas cidades.

Para tentar pensar na existência ou não desta discriminação fomos para a escola, entrevistamos funcionários e pedimos a alguns alunos para responderem a um questionário³², em que havia uma pergunta referente ao fato de já terem se sentido discriminados em algum

³² Os questionários encontram-se em anexo.

momento por morarem no campo, uma vez que pela idade teoricamente³³ ainda não são trabalhadores do campo. Os dados desta pesquisa foram disponibilizados nos tópicos anteriores cabendo aqui realizarmos apenas a análise dos mesmos.

Se olharmos então para estes dados a maioria dos funcionários desta escola do campo acredita na existência desta discriminação sendo que sua principal forma de concretização denunciada por quatro dos funcionários entrevistados está relacionada a uma desvalorização do morador e trabalhador do campo. A segunda grande causa desta discriminação apontada sistematicamente por dois professores relaciona-se a questão da falta de conhecimento da realidade da vida e do trabalho no campo. Outra causa e também consequência desta discriminação citada nas entrevistas é a denominação dos trabalhadores e moradores do campo com apelidos pejorativos, como os exemplos citados de: pé vermelho, pé sujo, pé rachado; morador do horto; caipira; etc.

Mais uma causa apontada como possibilitadora de discriminação foi as visitas que aconteciam nesta escola do campo, nas quais os alunos eram vistos como “bixinhos na jaula” (MARCELA, agente educacional, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011). Os funcionários apontaram ainda a questão de as pessoas da cidade verem as pessoas moradoras e trabalhadoras do campo como diferentes, como pessoas sem conhecimentos válidos, sem conhecimentos tecnológicos e com baixo poder aquisitivo. Um fato que não podemos deixar de observar é o relato de que os próprios alunos do campo se discriminam entre si (NEUSA, Professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Em relação as respostas dos alunos quando questionados sobre já terem se sentido discriminados por morarem no campo, pudemos ver pelo gráfico e pela transcrição de suas respostas que por mais que sete alunos digam não terem se sentido discriminados, seis alunos afirmam terem passado por esta experiência de discriminação e muitas de suas falas está no plural, fazendo referência a questão da discriminação pelo grupo moradores, trabalhadores, estudantes do campo e não pelo individuo que mora no campo.

Então com base nestes dados recolhidos nesta pesquisa podemos dizer que a discriminação do trabalhador e morador do campo existe. Com qual intensidade ela ocorre é difícil de sabermos, até porque existe a possibilidade de que esta discriminação seja muito

³³ Sabemos pelo relato dos alunos que alguns deles ajudam em casa e nos sítios de suas famílias, na realização do trabalho agropecuário.

mais por parte dos moradores e trabalhadores do campo, que se sentem discriminados, do que de fato ocorra esta discriminação com tanta intensidade.

Alguns funcionários deixaram claro isso em sua fala, disseram que acreditam que esta discriminação esteja diminuindo, que ela seja menor do que já foi. O Agente educacional Claudio ao falar sobre a existência da discriminação nos diz não ver

tanta, mas é que nem te falei do passeio, às vezes eu não sei nem se é pelos outros, mas deles para a cidade. Porque tem muito daquela mentalidade assim “ah, mas lá eu sou discriminado”, mas eu não preciso me sentir discriminado, eu estudo, eu sei ler, “se tem internet aqui? Eu tenho internet lá também”. Eu não vejo tanto de fora pra dentro, eu vejo de dentro, campo para cidade. Eu vejo mais por parte deles aqui, do que lá fora (CLAUDIO, Agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Através da entrevista com a auxiliar administrativa, Gabriela, também podemos perceber uma referência a possível diminuição da discriminação, ela nos diz que nunca presenciou uma discriminação para com os alunos do campo, mas nos disse que os alunos

falam, por exemplo, um passeio quando eles vão de ônibus e ele chega à cidade, “ah, olha lá chego os pé vermelho, olha lá o povo do campo”. Só que eu acho que diminuiu bastante, que essa questão é mais da molecada mesmo, não acho que seja forte. Acho que inclusive eles aqui são bem privilegiados quanto à educação, se você olhar as nossas salas, a maior tem 22 alunos, o primeiro ano tem 8, o segundo ano que é a maior sala tem 22, o terceiro ano tem 9, então é um privilégio quanto a educação mesmo (GABRIELA, auxiliar administrativa, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Ainda sobre essa questão de uma possível diminuição da discriminação sofrida pelos moradores e trabalhadores do campo, a professora Denise assim se pronunciou:

Olha, sinceramente existe por parte de pessoas que não conhecem a realidade do campo. Eu acho que isso vem diminuindo, acho que a gente, eu falo a gente porque eu sou assentada, desde os meus quatorze anos meus pais moram aqui e eu sou daqui. Então eu acho que a gente já sofreu muita discriminação, mas na medida em que as pessoas vão conhecendo o assentamento, que o assentamento vai evoluindo e que o assentamento vai tendo um papel importante na sociedade, como um produtor rural, como pessoas que produzem também e que são importantes para que a economia movimente, eu acho que isso vai se tornando diferente. E à medida em que as pessoas vão conhecendo o assentamento, aquele “taxatismo” vai diminuindo, mas acontece sim, ainda tem muita discriminação, sim (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Mesmo que consideremos que esta discriminação esteja diminuindo e/ou que os moradores e trabalhadores do campo se sintam mais discriminados do que na realidade são, possuímos também por objetivo desta pesquisa, analisar se a educação do campo pode ser a solução para esta discriminação do morador e trabalhador do campo. Desta forma ao longo

das entrevistas fomos perguntando aos funcionários o que eles acham sobre esta questão, será que eles acreditam na possibilidade de a educação do campo poder contribuir para a solução dessa discriminação? Será a análise destas respostas que passaremos a realizar agora.

Com relação à questão levantada sobre a possibilidade de a educação do campo poder ou não, contribuir para a solução da discriminação do morador e trabalhador do campo, foi possível perceber através das respostas dos sujeitos que participaram da pesquisa, que na opinião dos funcionários, a educação do campo pode auxiliar na solução da discriminação do trabalhador e morador do campo. Apenas uma das funcionárias entrevistadas não pensou na necessidade de a educação se dispor a tentar realizar esse trabalho, pois em sua opinião não existe esta discriminação. Desta forma, na opinião da maioria dos funcionários entrevistados a educação pode sim auxiliar, sendo que alguns até conseguiram pensar em como e de que forma a educação do campo pode auxiliar na solução para a discriminação do trabalhador rural, visto como caipira. Ao analisarmos as entrevistas percebemos que a questão apontada como a que deve ser trabalhada com os alunos e familiares para auxiliar na diminuição da discriminação é a questão da valorização dos alunos, dos moradores e trabalhadores do campo, da sua pessoa, da sua identidade, do seu trabalho, da sua cultura. Trata-se aqui de um trabalho voltado para o aumento da autoestima, de um trabalho com objetivo de fortalecer as identidades, de forma que o estudante, o morador e trabalhador do campo não se sintam inferiorizado perante as pessoas que estudam, moram e trabalham nas cidades.

Muitos funcionários acreditam que o fortalecimento destas identidades, da autoestima por meio da valorização destes sujeitos do campo pode ser de grande auxílio para a diminuição da discriminação, pois como nos falou a professora Denise,

Eu acho que a gente tem que passar a valorizar a pessoa, pelo que ela é, por onde ela vive, porque que ela vive assim, toda a história, a memória dessa história do campo, dessa história do produtor rural, das crianças que vivem aqui. Elas precisam ser valorizadas como um todo, não só pelo pessoal daqui, que é o principal, mas por toda a sociedade e a sociedade reconhecer realmente quem são estas pessoas e porque elas estão no campo, então a importância disso.

Isso deve ser levado em consideração e a partir do momento em que eu me valorizo, as pessoas vão passar a me valorizar também. Então eu acho que é uma questão de autoestima e é o professor que tem que acreditar nisso e passar esse lado positivo para os alunos. Não podar, mas sim abrir um leque de possibilidades sem esquecer as suas raízes (DENISE, professora, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011).

Por meio desta valorização, ao deixar de sentir-se menor, com menos capacidades que as outras pessoas, os funcionários acreditam que grande parte do problema desta

discriminação estaria resolvido, pois os alunos se sentiriam iguais e em iguais condições para competir com os outros alunos da cidade, uma vez que acreditam que a questão da

identidade e autoestima é fundamental, porque quando você tem uma autoestima, eu falo por mim, quando você tem uma autoestima alicerçada, você é concorrente, porque se alguém me olhar torto por eu ser negra, por exemplo, eu só vou retribuir assim, você vai me engolir. Vamos lá? Vamos para o embate? Se eu não conseguir, não vai ser pela cor da minha pele, mas porque eu não estudei bem, eu não me preparei legal. E é o que eu quero que eles pensem, não porque eu moro no campo, porque eu vim da zona rural, você não estudou bem, vai se preparar melhor, vai buscar, se você não tem internet em casa vem na biblioteca, vai entrar e se preparar (ROSANGELA, professora entrevista realizada em 11 de agosto de 2011).

Então para serem concorrentes, para poderem realmente sentirem e serem iguais quanto à formação que receberão é necessário que estes alunos possuam as mesmas oportunidades que um aluno morador das cidades, dos centros urbanos. Essa garantia das mesmas oportunidades está relacionada aos conhecimentos universais, aos conhecimentos gerais que estão apontados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, onde estão previstos os conteúdos que devem ser contemplados em cada ano de ensino pela educação escolar. O específico não ficaria de fora, os próprios PCNs e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394 de 1996 permitem e salientam a importância de trazer as especificidades da realidade, da comunidade, da cultura local para dentro da escola.

Mas ao tentar realizar uma educação do campo, significativa para o aluno, que leve em consideração a sua realidade, os seus conhecimentos prévios, as histórias de vida e de luta não precisamos e nem podemos centrar a educação nesta questão da especificidade. O ideal é que eles possuam as duas coisas, que sejam formados com os mesmos conteúdos que os alunos da cidade, sem deixar de valorizar, de conhecer e estudar as questões da sua realidade.

Uma educação que trabalhe apenas com o específico ao invés de contribuir para diminuir a discriminação, estará contribuindo para o aumento desta discriminação, porque quanto mais distante for uma realidade, uma formação da outra, há maiores chances de discriminar, porque o que mais se discrimina é o que é diferente e o que é desconhecido.

É por este motivo que alguns professores apontam a necessidade de um intercâmbio, de uma integração entre alunos da cidade e alunos do campo, para que haja um diálogo, uma troca de conhecimentos, de experiências, para que se conheçam e conheçam a realidade em que o outro vive, as diferentes formas de trabalho. Acredita-se que por meio deste maior conhecimento das realidades em geral, da cidade e do campo, os alunos passariam a valorizar tanto uma quanto a outra, não porque lhes foi dito que devem valorizar o trabalho e a vida no

campo, mas porque tiveram a oportunidade de conhecer e experimentar na prática este modo de vida e trabalho. Em relação a esta questão uma das professoras entrevistadas nos disse que

não pode ter duas educações diferentes, por isso que já propus que aqui fizesse uma escola em que os alunos da cidade viessem para cá, entendeu? Para ver o trabalho no campo e estudar o trabalho no campo. Ai, uma vez os alunos daqui também fossem para uma escola da cidade, uma escola piloto talvez, que estudasse o campo. Porque existe, ninguém pode negar esta interrelação. Ou fossem para uma indústria que usassem os produtos do campo, depois fossem pra uma escola que estudasse os problemas do campo. Um intercâmbio também de educação nas duas realidades: cidade e campo.

Então eu cheguei à conclusão de que não pode nem ser só campo, nem ser só cidade, porque senão nunca vai acabar, nunca vai ter uma consciência real desta interrelação, desta interdependência. Porque eu falei interrelação, mas acho que é uma palavra errada na verdade, é interdependência, ninguém vive sem a comida do campo e ninguém vive aqui no campo sem os produtos da cidade: pasta de dente, sabonete, uma bijuteria que seja, um batom, roupa, etc. Não é isso, você não concorda comigo? Tem que haver nem só cidade, nem só campo, precisa haver um entrelaçamento das duas coisas para que as pessoas... Eles sabem que existe esta interdependência, mas eles não têm consciência do valor de cada, por isso a discriminação e o preconceito. Tanto aquela como esta tem valor, tanto aquele trabalho como esse tem valor e que valor! Acho que aqui tem mais valor, por causa da comida, da roça, mas não vamos entrar neste campo do que é valor, do que tem mais valor, porque tudo nesta vida tem valor. Então eu acho que tem que haver nem só do campo, nem só da cidade, mas um intercâmbio (NEUSA, professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Por isso a educação não deve ser limitada, não pode se limitar ao específico, deve ser ampla, com no mínimo a mesma quantidade de horas (os alunos desta escola possuem uma hora a menos de aula em relação aos alunos da cidade) e podendo ainda ser de período integral para melhor realizar-se. Uma educação mais formal no período da manhã e atividades voltadas para a prática dos conhecimentos aprendidos, para a realização de oficinas tanto relacionadas à atividades agropecuárias quanto para outras profissões consideradas mais urbanas, como informática, eletrônica, etc.

A sugestão de uma educação integral ocorreu durante as entrevistas. apareceram duas justificativas, uma para possibilitar a prática e as atividades relacionadas a terra (NEUSA, professora, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011) e outras com o intuito de possibilitar ao aluno maior tempo em formação, do que no trabalho familiar, propiciar ao aluno que ele possa ter momentos de formações artísticas, em formações artesanais (GABRIELA, auxiliar administrativa, entrevista realizada em 15 de setembro de 2011), em formações esportivas, reservando um tempo dentro do período escolar para as práticas esportivas (CLAUDIO, agente educacional, entrevista realizada em 14 de setembro de 2011).

Outra questão que não está diretamente relacionada à forma como a educação do campo pode contribuir para auxiliar, para solucionar a discriminação do estudante, morador e trabalhador do campo, mas que foram apontadas como importantes para melhorar a realização da educação do campo, está relacionada ao incentivo dos alunos aos estudos, voltando aqui ao primeiro ponto destacado que é questão da valorização deste aluno e das suas capacidades intelectuais.

Percebemos então que uma coisa se interliga à outra: precisamos valorizar os alunos, incentivá-los ao estudo; proporcionar uma educação ampla, que valorize sua identidade, o modo de vida e trabalho no campo; precisamos promover momentos de integração, de intercâmbio entre cidade e campo, entre os alunos da cidade e os alunos do campo, para que conheçam e possam compreender a importância e valor de cada um para a sociedade, diminuindo assim a discriminação; precisamos possibilitar o mesmo tempo de permanência diária na escola e lutar para aumentar estas horas para uma educação integral. Entretanto não podemos esquecer de apontar a necessidade de realizar um trabalho junto às famílias destes alunos do campo. Por quê?

Porque, por melhores que sejam as intenções que a educação do campo possa possuir a família dos alunos é muito importante para a formação de suas identidades, para a formação de suas personalidades e porque os alunos reproduzem aquilo que seus pais pensam, acreditam e valorizam. Ou seja, as famílias das crianças e jovens também precisam acreditar na capacidade deles para o estudo, para o trabalho que não se restrinja apenas aqueles realizados no campo; precisam saber quais os objetivos desta educação do campo, precisam entender que não se trata de uma educação que possui por objetivo fixar às crianças no campo, mas sim possibilitar que a criança, o adolescente e o jovem do campo, possam escolher onde querem viver e que tipo de trabalho querem realizar; e principalmente, que possam incentivar e valorizar à educação dos filhos, os momentos de formação escolar destes alunos.

Por mais que nem todas as pessoas entrevistadas acreditem nesta discriminação, dentre as pessoas que acreditam uma acha que a discriminação não possui uma solução, que ela nunca vai acabar, mas ela acredita que a educação do campo, mesmo não sendo a solução pode contribuir para uma diminuição da mesma, ou como ela mesma nos diz,

em se tratando de discriminação eu acho que sempre vai existir, por mais diferenciado que seja o trabalho feito, acho que sempre vai ter um pouquinho de discriminação. Mas procurar valorizar mais os alunos do campo através de projetos, de trabalhos mesmo, em que eles possam estar participando

mais, serem vistos de outra forma, não só como aquele caipira que mora lá no sítio, mas uma pessoa comum, uma pessoa como todas as outras. Porque realmente somos pessoas como todas as outras, não é porque a gente mora aqui no campo que a gente é diferente e tem que ser tratado diferente, acho que tem que ter um respeito, principalmente pelo fato de ser do campo. É importante, é do campo que sai praticamente tudo para cidade, então acho que teria que ter uma valorização maior pras pessoas do campo mesmo, os alunos, os adultos, enfim, a população toda (MARCELA, agente educacional, entrevista realizada em 18 de agosto de 2011).

Assim, após a realização da análise das falas dos funcionários entrevistados acreditamos que a educação do campo possui um papel importante perante a discriminação do aluno do campo, do morador e do trabalhador do campo. Se o papel é o de solucionar, sabemos que a resposta não é positiva, pois a educação por si só não possui o alcance de todo o grupo de trabalhadores e moradores do campo, assim como não podemos acreditar que em uma sociedade capitalista como a nossa possa deixar de existir desigualdades e discriminações. Agora assim como os funcionários entrevistados acreditamos que o seu papel é o de auxiliar na diminuição desta discriminação. De que forma? Não acreditamos em um modelo, mas voltando o nosso olhar para esta escola pesquisada, os próprios funcionários nos deram sinais e ideias de formas de trabalho que deveríamos adotar para trazer esta questão para dentro da escola, como tentamos demonstrar acima, está trabalhando para a diminuição da discriminação não deve e nem conseguiria ser realizado desconectado de toda a educação do campo. Não se trata de uma disciplina que deve ser inserida no currículo escolar, mas de um “problema” que ao ser posto em discussão nos planejamentos escolares, possibilita aos gestores e professores pensar em estratégias educacionais, motivacionais, valorizacionais que acabam mesmo que indiretamente tocando no ponto: na diminuição da discriminação do aluno, do morador e do trabalhador do campo.

Entretanto aqui nos cabe como pesquisadores apontar para o fato de que esta questão sobre a discriminação dos moradores e trabalhadores do campo deve ser debatida e estudada pelos movimentos sociais, para que eles pensem em estratégias, algumas até mesmo em conjunto com a escola, para tentar minimizar os sentimentos de inferioridade que muitas vezes são resultados da discriminação para com este grupo.

Mas como pudemos verificar nesta entrevista, se me 2001-2002 houve grande participação dos movimentos sociais nas discussões de uma proposta de educação do campo, hoje neste assentamento muitos não acreditam na existência de uma atuação social. O movimento mais forte e conhecido é a Associação das Mulheres Assentadas do Monte Alegre 6, mas não possuímos conhecimentos sobre suas atuações na comunidade e também não

ouvimos nenhum relato que nos faça acreditar em uma atuação desta associação junto à escola no que concerne à educação do campo.

Em relação a esta questão da discriminação outro ponto a ser pensado e o qual é bastante frisado pelos construtores desta proposta de educação do campo é a questão dos direitos, o fato de que os sujeitos do campo precisam se reconhecer como sujeitos de direitos e lutar socialmente para ter os seus direitos atendidos. Conforme escreve ARROYO (2004),

Um projeto de educação básica do campo tem que incorporar uma visão mais rica do conhecimento e da cultura, uma visão mais digna do campo, o que será possível se situarmos a educação, o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a cultura como direitos e as crianças e jovens, os homens e mulheres do campo como sujeitos desses direitos.

Partindo dessa visão teremos que responder a questões concretas e incorporar no currículo do campo os saberes que preparam para a produção e o trabalho, os saberes que preparam para a emancipação, para a justiça, os saberes que preparam para a realização plena do ser humano como humano. (ARROYO, 2004, p. 82-83).

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho de dissertação fomos nos direcionando para tentar compreender a educação que é realizada na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado.

Como vimos a proposta do Movimento Por Uma Educação do Campo defende uma educação que seja específica para a realidade e cultura do campo. A escola em que fomos realizar nossa pesquisa de campo está inserida em um município que desde o ano de 2002 possui o Programa Escola do Campo. Apresentamos aqui este programa, assim como o PPP da escola pesquisada.

Além destes documentos fomos para a escola, entrevistamos os funcionários, aplicamos um questionário aos alunos, com o intuito de descobrir se acreditavam na necessidade de uma educação específica para o campo, se achavam que esta escola realiza uma educação que seja do campo, se percebiam o trabalho com conteúdos específicos do campo, se acreditavam na existência de uma discriminação do aluno, do morador e do trabalhador do campo e se acreditavam nesta discriminação, se a educação do campo poderia contribuir para a sua solução.

Conforme a análise que fizemos dos dados desta pesquisa, chegamos a conclusão de que na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado o que se realiza é uma educação no campo e não uma educação do campo. Os professores ensinam aos alunos os mesmos conhecimentos historicamente construídos, que são ensinados nas escolas urbanas.

Como passamos esta pesquisa nos questionando sobre a existência do trabalho com conteúdos que fossem específicos do campo, chegamos agora à conclusão de que os mesmos não existem, pelo menos na realidade desta escola pesquisada. O que pode ser considerado como um diferencial entre uma realidade e outra é que por a escola estar no campo os professores relacionam estes conhecimentos com a realidade do campo, mas o mesmo pode ou pelo menos deve ocorrer em relação a regiões diferentes, uma vez que é apontado nos documentos educacionais nacionais a necessidade de que os conteúdos sejam adaptados segundo as realidades em que se encontram.

A escola mesmo estando em um município que possui um Programa de Educação do Campo, mesmo estando a realização deste programa assegurada no Plano Municipal de Educação para o decênio de 2004-2013 e a própria escola possuindo um Projeto Político

Pedagógico que aponta para a realização de uma educação do campo, não realiza em sua prática uma educação que possa ser considerada do campo. Os motivos que levaram esta escola a deixar de seguir as diretrizes propostas pelo Programa Escola do Campo, foram discutidas nesta dissertação e a conclusão a que chegamos é que para que uma proposta de educação diferenciada, seja seguida, há de se ter um trabalho constante relacionado a formação dos professores, pois sem um direcionamento seja ele em nível municipal representado por uma coordenação das escolas do campo ou mesmo em nível mais individualizado, representado pela gestão realizada em cada escola individualmente.

O que constatamos foi que enquanto em 2001 e 2002 houve um grande momento de discussão sobre a educação do campo, seus objetivos e diretrizes tanto por parte da Secretaria Municipal de Educação, quanto por parte das comunidades e dos movimentos sociais atuantes nelas, após a saída do primeiro coordenador do Programa Escola do Campo em 2004, houve um momento de “acomodação” por parte das escolas do campo do município de Araraquara, aquelas que possuíam uma direção forte no sentido de dar continuidade aos trabalhos relacionados à educação do campo, tiveram mais sucesso em realizar uma educação do campo, do que outras que não possuíam um grupo que desse um direcionamento a continuação do trabalho.

Mas a saída deste coordenador não significou a perda de um direcionamento por parte da Secretaria da Educação, uma vez que a função de coordenar estas escolas do campo foi transferida para outra pessoa, pertencente ao mesmo partido político. Mas por motivos que não conseguimos definir, após o ano de 2004 a educação do campo no município foi perdendo sua força e hoje após a saída do partido político que elaborou junto às escolas, comunidades e movimentos sociais um Programa de Educação do Campo, um novo partido político que assumiu a gestão municipal em 2009, possui uma nova concepção de educação que mais do que trabalhar a questão das diversidades, se propões a realizar um “alinhamento” entre todas as escolas, sejam elas no campo ou na cidade. A metodologia adotada para isso foi a implantação em todas as escolas do município do material didático do Sistema SESI de Ensino. Quais as consequências desta nova proposta de educação, ainda não podemos saber, pois encontra-se em implantação. Como os movimentos sociais se posicionarão perante ela, também ainda é uma incógnita, pois não sabemos se eles estão a par destas transformações, o que sabemos por enquanto é que até o momento, pelo menos ao que se refere à educação realizada na EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, não houve nenhum movimento por parte de algum movimento social para discutir a questão. Será que após esta

mudança de um programa para outro esta unidade escolar, continuará a ser considerada uma “EMEF do Campo”? Estas são perguntas que ainda precisarão ser pesquisadas e discutidas futuramente.

Também pudemos perceber por esta pesquisa que por mais que a educação do campo seja defendida pela maioria das pessoas entrevistadas, ainda persiste uma grande dúvida em relação a que educação do campo é esta? Em que ela consiste? Em que pontos se diferencia da educação realizada nas escolas na cidade e quais os objetivos da mesma. Um ponto que parece ser consenso nesta unidade escolar é o fato de que é necessário que esta educação seja ampla, que não fique restrita a especificidades, mas que possibilite aos alunos compreender a vida no campo e a vida na cidade.

Desta forma a educação do campo desejada para esta escola, não deve ter como objetivo fixar os alunos no campo, mas sim prepará-los de forma a poderem escolher onde desejam viver e trabalhar, seja esta escolha no campo ou na cidade.

Como relatamos, a discriminação existe, se ela é muito forte, se é mais sentida pelos sujeitos do campo, do que de fato é realizada, não possuímos condições de responder, mas o fato é que acredita-se e na sua existência. Se ela existe, será que a educação do campo pode solucionar este problema ou pelo contrário ela aumenta a discrepância entre um mundo e outro?

Podemos dizer que há de se tomar um cuidado para com os objetivos e para com o currículo desta educação do campo, a educação do campo não deve partir da realidade do aluno e ficar na realidade do aluno, apenas na questão do específico e esquecer-se que o campo não encontra-se apartado do resto do mundo. Como os funcionários da escola nos mostraram em seus depoimentos esta educação do campo deve ser ampla, deve preparar o aluno para viver tanto no campo quanto na cidade e não pretender fixar o aluno no campo, o aluno ficará no campo se desejar, mas terá toda a formação e respaldo para que pudesse trabalhar na cidade.

Sendo assim os alunos do campo devem receber uma educação ampla, com todos os conteúdos científicos historicamente construídos, para que possam entender a sua realidade local e universal. Desta forma a educação do campo estaria mais voltada para a questão didática, da forma como eu ensino estes conteúdos, do enfoque, das discussões realizadas do que em conteúdos específicos do campo.

O que pode ser feito é acrescentar, eu acrescento a discussão do específico, do que eu vejo na realidade em que estou inserido, mas não fico nela, vou para a discussão do universal e a partir do momento em que compreendo o todo eu posso retornar para o campo do específico e pensar em transformações.

Se esta educação pode ajudar a reduzir a discriminação do aluno, morador e trabalhador do campo, ainda não sabemos dizer, pois vivemos em um mundo em que as relações são desiguais, marcadas pela divisão de classes. Entretanto se já estamos inseridos em um sistema de produção baseado na divisão de classes entre os possuidores dos meios de produção (capitalistas, burguesia) e os detentores da força de trabalho (trabalhadores), não devemos apoiar ainda mais estas divisões, pelo contrário os trabalhadores devem se unir para que juntos lutem por uma educação melhor, por melhores condições de vida e de trabalho.

No momento em que os trabalhadores do campo possuem condições de vida e de trabalho melhores, no momento em que eles se valorizam enquanto pertencentes à classe trabalhadora, a discriminação deverá deixar de existir.

A educação sozinha pode fazer isso? Não, por isso não acreditamos que ela seja a solução para esta discriminação, mas ela pode auxiliar para que ela diminua, pode tentar fortalecer as pessoas do campo, pode instruí-las para lutar por seus direitos. Mas esse papel não deve ficar centrado nas mãos da escola, cabe aqui a necessidade de um direcionamento e de uma organização destes próprios trabalhadores por meio de movimentos sociais, se unirem e lutarem por melhores condições de vida, trabalho e educação.

Em seguida precisamos pensar em maneiras de integrar estes dois pólos, campo e cidade, precisamos que os trabalhadores tanto da cidade, quanto do campo conheçam a realidade e o trabalho do outro, para que ambos compreendam a importância dos dois tipos de trabalho para a sociedade e mais, compreendam que ambos estão subordinados pelo capital e juntos devem lutar para a sua superação.

Bibliografia

ALGARVE, V. A. **Cultura negra na sala de aula:** pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas? São Carlos: UFSCar, 2005.

ANDRÉS, A. Representações e experiências de uma comunidade rural e escolar sobre o ambiente. Pouso Alto – MG. São Carlos: UFSCar, 2006.

ARARAQUARA. Lei nº6.208 de 10 de novembro de 2004: Plano municipal de educação para o decênio 2004/2013. Disponível em:

<http://www.leismunicipais.com.br/cgi-local/showinglaw.pl> Acesso: 20/01/2011.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.) **Por uma educação do campo.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ARROYO, M. G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por Uma educação do campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 65-86.

ARRUDA, E. E. de; BRITO, S. H. A. de. Análise de uma proposta de escola específica para o campo. In: Alves, G. L. (org.) **Educação no campo:** recortes no tempo e no espaço. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.- (Coleção Educação Contemporânea), p. 23-62.

BEZERRA NETO, L. **Sem Terra aprende e ensina:** um estudo sobre as praticas educativas e formativas do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra –1979-1998. Campinas: Unicamp, 1998.

BEZERRA NETO, L. Avanços e retrocessos da educação rural no Brasil. Campinas: Unicamp, 2003.

BRANCALEONI, A. P. L. ; PINTO, J. M. R. **A construção do projeto político-pedagógico da escolas do campo do município de Araraquara.** Nuances (UNESP Presidente Prudente), v. 18, p. 161-180, 2010.

BRANCALEONI, A. P. L.; PINTO, J. M. de R. **Assentados em movimento:** a construção cotidiana do projeto político pedagógico de uma escola do campo. Disponível em: www.encontroobservatorio.unb.br/arquivos/artigos/39

BRANCALEONI, A. P. L.; PINTO, J. M. R.; CASAGRANDE, L. D. R. **Do rural ao urbano:** o processo de adaptação de alunos moradores de um assentamento rural à escola urbana. Perspectiva, Erechim, RS, v. 27, n. 99, p. 51-63, 2003.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de Abril de 2002:** Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica, 2002. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13200:resolucao-ceb-2002&catid=323:orgaos-vinculados. Acesso em 10/09/2011.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 2, de 28 de Abril de 2008:** Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do campo. Brasília: Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12992:diretrizes-

[para-a-educacao-basica&catid=323:orgaos-vinculados](#). Acesso em 10/09/2011.

BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996:** Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 10/09/2011.

BOTO, C. **A educação escolar como direito humano de três gerações:** identidades e universalismos. Educação & Sociedade. [online]: Campinas, vol. 26, n. 92, p. 777-798, Especial - Out. 2005.

CASSEMIRO, W. **A escola pública e seus rituais de emancipação do sujeito** – psicologia, um instrumento á serviço da liberação ou reforço dos preconceitos? São Carlos: UFSCar, 1997.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por Uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 87-131.

CHIARELO, R. A. P. **Preconceitos e discriminações raciais:** um olhar de professoras sobre seus (suas) alunos(as) negros(as). São Carlos: UFSCar, 2003.

COSTA, M. C. D. Bolsa-escola e inclusão educacional em Jaboticabal (SP). São Carlos: UFSCar, 2006.

COSTA, S. A. **Os sem terra e a educação:** um estudo da tentativa de implantação da proposta pedagógica do MST em escolas de assentamentos no Estado de São Paulo. São Carlos: UFSCar, 2002.

Dados dos Assentamentos de Araraquara. Disponíveis em:

<http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/assentamentos.aspx> Acesso em: 01/07/2011.

DALMOLIN, G. F. **O papel da escola entre os povos indígenas da Amazônia ocidental:** de instrumento de exclusão a recurso para emancipação sociocultural. São Carlos: UFSCar, 2004.

DORELLAS, O. **Educação:** confirmação e manutenção da burguesia. São Carlos: UFSCar, 1988.

Dossiê MST Escola: documentos e estudos –1990-2001.

EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado. **Projeto Político Pedagógico – 2008**. Araraquara, 2008.

EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado. **Tabela 2:** Quadro Comparativo dos Alunos Matriculados. Araraquara, 2011.

EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado. **Tabela 3:** Alunos Matriculados, Transferidos, Aprovados, Reprovados e Evadidos em 2010. Araraquara, 2011.

EMEF do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado. **Tabela 4:** Atividades Extra-Escolares. Araraquara, 2011.

EMIRI, L. **Escola indígena federal, estadual, ou municipal? Este é o problema:** legislação da educação escolar indígena. [s.l.]: [s.n.], 1993.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, PL. R.; CALDART, R. S. Primeira conferência nacional “Por uma Educação Básica do Campo”. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por Uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 19- 63.

FERREIRA, S. A. **Inclusão social, progressão continuada e ciclos no estado de São Paulo:**

implicações e contradições (1998-2002). São Carlos: UFSCar, 2004.

GOBATO, A. T. S. C.; BEZERRA NETO, L. As propostas do movimento dos trabalhadores rurais sem terra – MST - para a educação do campo: há a necessidade de uma formação específica? **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos: UFSCar, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 2-21, jan -jun. 2010. Disponível em:

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/174/100> Acesso em 12/02/11.

GRUPIONI, L. D. B. Olhar longe, porque o futuro é longe - cultura, escola e professores indígenas no Brasil. São Paulo: USP, 2009.

GRZYBOWSKY, C. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes e co-edição FASE, 1990.

HERNANDEZ, I. **Educação e sociedade indígena**. São Paulo: Cortez, 1981.

História de Araraquara, s/d. Disponível em:

<http://www.achetudoeregiao.com.br/sp/Araraquara/historia.htm>, Acesso em 09/06/2011.

Índice Firjan de desenvolvimento municipal (IFDM) de Araraquara. Disponível em:

<http://www.firjan.org.br/IFDM/index.html> Acesso em: 09/06/2011.

IBGE. Dados disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 12/12/2011.

JESUS, V. G. S. de. **Educação rural em mato grosso do sul: uma análise histórica**. São Carlos: UFSCar, 2002.

KINDELL, G. E.; JONES, J. W. **Educação indígena: metodologia e programação**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.

LIMA, E. N. **A participação dos pais na pedagogia da alternância: a escola-família agrícola Bontempo**. São Carlos: UFSCar, 2004.

LIMA FILHO, Francisco das C.. **A discriminação do trabalhador no contrato de trabalho e o princípio constitucional da igualdade**. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, 28/02/2000. [Internet]. Disponível em:

http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4978. Acesso em 15/10/2011.

LOPES, O. T. **Casa das mangueiras: espaço de aprendizagem no cotidiano de adolescentes com vivência de rua**. São Carlos: UFSCar, 2004.

LOPES, A. **Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos**. São Carlos: UFSCar, 1994.

MARINI, F. **A relação entre a escola e as famílias de periferia urbana: em busca de possibilidades de aproximação**. São Carlos: UFSCar, 2003.

MARTINS, C. A. **Violência, educação, subcidadania e democracia na periferia da grande metrópole**. São Paulo: USP, 2007.

MEDEIROS, L. S. de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MÔNACO, F. M. **Escola do futuro: desafios e perspectivas de um projeto inovador da escola sob a ótica de seus sujeitos**. São Carlos: UFSCar, 2003.

OLIVEIRA, A. R. de. **Relação escola e famílias:** a visão de professores e mães de alunos de classes de recuperação. São Carlos: UFSCar, 2004.

OLIVEIRA, N. J. de. A terra é expressão de um projeto de vida. In: CAMPOS, NETO, MOURA e MIOTELLO (orgs.) **Dias de Luta e de Vitória:** Construindo novas formas identitárias e novas relações de sociabilidade em assentamentos no Estado de São Paulo. São Carlos: Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH / Pedro e João Editores, 2008, p. 157-161.

OLIVEIRA, R. P. de. **Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade:** uma análise histórica. Educação & Sociedade. [online]. Campinas, vol.28, n.100, pp. 661-690. , 2007.

PEREIRA, L. R. B. **Cultura e afrodescendência:** organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002). Porto Alegre: PUC, 2007.

Ranking das melhores cidades brasileiras segundo Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal – base 2010. Disponível em:

<http://www.jaguaracu.net/2011/05/ranking-das-melhores-cidades-brasileiras-segundo-ifdm-ndice-firjan-de-desenvolvimento-municipal-base-2010/> Acesso em 09/06/2011.

RIBEIRO, C. M. **Pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil:** uma análise de suas concepções e propostas. São Carlos: UFSCar, 2005.

ROSSETO, E. R. A. **Os processos de formação dos educadores e educadoras das escolas do campo:** uma análise da experiência na escola EMEF Profº. Hermínio Pagotto. Monografia de especialização. São Paulo: ITERRA, 2005. Disponível em: <http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/teses-dissertacoes-e-tccs/os-processos-de-formacao-dos-educadores-e-educadoras-das-escolas-do-campo-uma-analise-da-experiencia-na-escola-emef-profo.-herminio-pagotto/view>. Acesso em 10/09/2011.

RIZZOLI, A. O real e o imaginário na educação rural (município de São Carlos). São Paulo: USP, 1987.

SANO, Hironobu; SPERANZA, Juliana. **Programa Escola do Campo.** 2006. Disponível em: http://www.easp.fgvsp.br/subportais/ceapg/Acervo%20Virtual/Cadernos/Experi%C3%AAs/2004/015programa_escola_do_campo.pdf. Acesso em 16/08/2011

SOUZA, C. B. P. de. **Configurações organizativas na busca por melhores condições de vida:** o centro de educação popular, das reivindicações ao atendimento. São Paulo: USP, 2008.

SPAGNOLO, F. **Escola e educação para o trabalho no meio rural:** caso de Barra do corda. São Paulo: CENAFOR, 1982.

TELAROLLI, T. C. **História de Araraquara.** Disponível em: <http://edinhopt.com.br/araraquara/historia/>. Acesso em: 09/06/2011.

TÚBERO, R. O sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo e os alunos negros das escolas estaduais da região de Piracicaba - SP. São Carlos: UFSCar, 2003.

VENDRAMINI, C. R. **Ocupar, resistir e produzir:** um estudo da proposta pedagógica do movimento dos sem terra. São Carlos: UFSCar, 1992.

VENDRAMINI, C. R. **Consciência de Classe e Experiência Sócio-educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** São Carlos: UFSCar, 1997.

APÊNDICE: Entrevistas

Entrevista 1: Professora Rosangela³⁴

Esta entrevista foi realizada dia 11 de agosto de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

“P: Há quanto tempo você trabalha aqui nesta escola?”

R: Então como já conversamos anteriormente, estar aqui atualmente, eu cheguei em 2009, mas eu retornei para esta escola, eu já trabalhava antes.

P: E em outras escolas do campo, quanto tempo você já trabalhou?

R: Sim, no Bela Vista, trabalhei seis anos, foi nestas duas que eu já trabalhei. No Bela Vista era coordenadora pedagógica.

P: Você já trabalhou em escolas na cidade?

R: Sim, no CAIC e em outras escolas.

P: Qual a principal diferença que você acha que tem entre uma escola na cidade e uma escola no campo? Você acha que tem diferença?

R: Que tem ou que precisa ter?

P: Que tem.

R: Olha é uma questão um pouquinho complicada, porque o que ocorre de fato ainda é a predominância da linguagem, da cultura urbana dentro das escolas rurais, das escolas campo. Então há questões, resistências, todas as visões que às vezes acham que é desnecessário um trabalho diferenciado, então acaba a essência sendo igual a da cidade. Eu estou falou em termos de educadores, de conteúdo que estão trabalhando.

P: E como que precisaria ser, então?

R: O que precisaria..., assim é complicado também, eu não me sinto nem na...

P: Pode falar a sua opinião...

³⁴ Rosangela é um pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

R: Eu penso que não é exclusivo da proposta da escola do campo trabalhar a realidade na qual a unidade escolar está inserida, não é verdade? Isso você encontra em qualquer documento, enfim, não é novo isso. Você precisa conhecer a clientela, você precisa conhecer a realidade da comunidade, as necessidades para poder planejar, pra saber, você precisa conhecer o seu público e isso não é exclusivo nosso, né? Então o que realmente precisa ter aqui? Um conhecimento dessa realidade, das necessidades, um conhecimento do nosso público alvo, da nossa comunidade para poder planejar, aí você justifica a uma proposta de escola do campo.

P: Você consegue perceber a necessidade de uma educação que seja *do* campo? Por quê?

R: Total. Nossa precisa sim. Só completando então, o ensino se torna significativo quando você percebe, no caso do olhar do educando, que existe uma linguagem que chega até ele e a partir dela ele amplia a visão do mundo. Eu não posso chegar aqui tomando como parâmetro cidade-campo, falando de shopping, metrô, uma linguagem que talvez a maioria não..., não que eles estejam a parte, mas que no dia a dia não... estou tentando ser objetiva. Tem um concurso que eles realizam com a prefeitura que chega aqui também no campo, o trânsito, até chegou uns panfletinhos pra eu estar trabalhando e é as maquetes, os desenhos, as questões para que sejam trabalhadas são todas urbanas. Semáforo, asfalto, andar na calçada, prédios, questões várias, iluminação, e não tem um pras crianças daqui, porque a nossa realidade é outra. Pode andar na charrete em pé? Pode andar a cavalo sem equipamentos? Pilotar moto, como muitos tem, mas acaba não usando carta, pois conta de não ter um policiamento, uma orientação para esses jovens que passam aqui endoidecidos de moto, quer dizer não tem e a gente acaba trabalhando de acordo com o que vem da cidade, então não se torna significativo.

P: Na sala de aula, você consegue utilizar conteúdos próprios da cultura do campo? Cite alguns exemplos.

R: Então, também já conversamos um pouquinho sobre isso³⁵. Eu procuro sim, próprio do campo, trazer essa releitura do nosso material didático, que nem precisa dizer que é

35 Neste mesmo dia no período da manhã, conversei um pouquinho com a professora Rosângela enquanto esperava que os alunos do nono ano respondessem o questionário da pesquisa. Ela está atuando como professora substituta de filosofia para estes alunos e no período da tarde atua com um quarto ano. Em filosofia ela está trabalhando memoriais com os alunos, fazendo um resgate das memórias da comunidade.

totalmente urbano, então to sempre fazendo interferência assim transformando projetos, fazendo aulas dinâmicas, tomando a realidade deles como exemplo. Como lá em ciências, vamos fazer um canteirinho, eu falo canteirinho, não diminuindo em termos de qualidade, mas por ser mais uma atividade significativa junto à história e geografia. Como eles falam muito em ervas medicinais, um dia cheguei aqui com dor de cabeça e eles falaram toma não se que tem, mastiga lá..., você viu né como eles estão sempre nos ajudando, auxiliando com o conhecimento deles, então jamais os desmereci, tudo o que eles trazem eu tento transformar em conhecimento do campo. Então vamos fazer um canteirinho de ervas medicinais, eu faria, por exemplo, um projetinho de flores, eu amo flores, mas a necessidade deles, a realidade de fato, eles gostam de ervas medicinais, então já estou levantando, já estou buscando, estou vendo o que eles têm em casa. É assim que eu vou transformando.

Agora como eu falei pra você o livro que estamos trabalhando é o de literatura de cordel, eu não entrei ainda, já faz eu mês que eu estou preparando então eu to trazendo o Papativa, eu tenho um livro com 52 lendas divididas por regiões, nós vamos confeccionar o cordel, eu vou fazer uma atilografia de chuchu. Então tem toda uma caminhada, eu tento trazer uma valorização, de que forma? A família virá contar lenda, eu quero saber se alguém conta história de fantasma, se escrevem sobre isso, então fazer essa ligação, essa ponte como forma de valorização.

P: Na sua opinião existe uma discriminação dos trabalhadores, moradores rurais?

R: Opa! Muita. Existe assim essa discriminação, esse desmerecimento, que ainda infelizmente temos essa cultura de valorizar o que é padrão, uma coisa que já é histórica, é uma questão étnica, é regional, é dialética, a partir do que eu olho, do que eu vejo em você eu vou te julgar, bem sucedida, como inteligente, competente ou não. E o homem rural, o homem aqui do campo, é visto como simples, no sentido de simplicidade, mas de quase uma incompetência, não valorizando essa simplicidade, e nem é simples, simples pra quem? Existe sim, e forte.

P: Se a discriminação existe, a proposta de uma educação do campo pode ajudar a solucionar esse problema?

R: Então, se for efetiva, se for trabalhada, claro. Por que a gente estaria trabalhando justamente a auto-estima. Você leva em consideração esse conhecimento prévio que todos temos, então não estou falando nada exclusivo do campo, isso é obvio tem que ocorrer, mas nós estamos no campo, é esse conhecimento prévio que tem que ser valorizado.

Você viu, todos aqui me deram uma aula de lima³⁶, de como tirar ferrugem de objetos, então a gente para pra ouvir. A partir daí eu vou já, os dicionários está ali nós vamos trabalhar agora, então eu ouço o que eles têm a dizer, mas depois eu vou estar trazendo, vamos pegar o dicionário ver qual o uso da lima, pra que serve. Então a linguagem voltada para eles, eles perceberiam que existe várias formas de falar, várias formas de se expressar, não desmerecendo a realidade. Aqui a gente pode usar termos de uma forma, pro prefeito tem que ser escrito de outra forma, quer dizer levá-los para o mundo, uma visão global, não limitá-los jamais, retornarão os que quiserem, que sejam concorrentes, eu quero que sejam concorrentes. E a questão da identidade e auto-estima é fundamental, porque quando você tem uma auto-estima, eu falo por mim, quando você tem uma auto-estima alicerçada, você é concorrente, porque se alguém me olhar torto por eu ser negra, por exemplo, eu só vou retribuir assim, você vai me engolir. Vamos lá? Vamos pro embate? Se eu não consegui, não vai ser pela cor da minha pele, mas porque eu não estudei bem, eu não me preparei legal. E é o que eu quero que eles pensem, não porque eu moro no campo, porque eu vim da zona rural, você não estudou bem, vai se preparar melhor, vai buscar, se você não tem internet em casa vem na biblioteca, vai entrar e se prepara. Enfim .

P: Você percebe alguma diferença entre os moradores da cidade e os moradores do campo no que concerne ao seu comportamento, aprendizagem?

R: Diferença?

P: É diferença, tem diferença?

R: Olha, eu dei uma paradinha assim, porque muitos vieram por “n” razões, que não teremos tempo para discutir, pro campo, fugindo de “n” questões, você sabe, social, econômica, enfim. Então muitos aqui vieram da cidade como você viu de manhã, tá? Então deu aqui pra lembrar dos que eu conheço e que são moradores realmente daqui, tem diferença, porque os que eu conheço e já tem sua origem aqui no campo eles valorizam, por exemplo, os educadores. A gente ainda é pra alguns aqui uma autoridade. Têm muitos que chegam aqui na porta da minha sala e tiram o chapéu pra falar comigo, e muitas vezes na cidade, estou falando por experiência, não um desmerecimento, mas uma realidade, lá muitas vezes já ouvi não é

³⁶ Como entrei um pouco antes do início da entrevista na sala de aula pude observar um pouquinho da aula desta professora. Durante a leitura de um conto, apareceu a palavra lima e como não era conhecida da professora ela perguntou aos alunos se eles conheciam. A partir daí cada aluno explicou para o que sua família utilizava a lima em casa, pra amolar faca, facão, enxada, foice e também o que faziam para tirar a ferrugem destes objetos depois de amolados.

mais que obrigação, pais entrar na sala e infelizmente ir à escola apenas quando o filho brigou ou apenas pra questionar o seu trabalho, assim pegando algumas diferenças. Existe sim uma valorização da escola, a escola pra muitos aqui ainda é motivo de orgulho, “meu filho vai pra escola” muitos ainda enchem o peito, né, adquirir o conhecimento.

P: E na escola na cidade isso já seria “normal”?

R: Não, não. Seria pro Conselho Tutelar buscar na porta, é claro que nós temos, contudo, alunos, comunidades e pais maravilhosos, mas pensando em algumas diferenças que eu já vivenciei, tanto essa parte de uma valorização e uma parte muito grande de desvalorização do trabalho.

P: Como é a participação da comunidade na escola? Existe uma compreensão, um apoio à proposta de educação do campo?

R: Nesta escola?

P: Nesta escola.

R: Não. Porque esta escola ainda não fala a linguagem da comunidade. Ainda não foi despertado o sentimento de pertencimento, a comunidade ainda não vê nossa unidade escolar com um sentimento de pertença, é deles, eles ainda não vêem isso. A maioria dos educadores, a equipe diretiva, tenta, mas como falei pra você tem que ser um trabalho coletivo, é sala de aula, é coordenação, é direção, é todo mundo. Então, aqui passou por muitas gestões, teve toda uma má construção assim histórica, uma população com muitas mudanças. Então por exemplo, nossa diretora desse ano, é desse ano, no ano passado tivemos duas e a do ano anterior era outra. Então, em outras unidades escolares, como, por exemplo, no Bela Vista, é a mesma diretora a anos. Então a cada ano existe uma reavaliação, um replanejamento para seguir e eu acho que isso pesa bastante. Dificulta a criação do vínculo.

P: Você tem alguma sugestão do que a escola poderia fazer para trazer a comunidade até aqui ou até mesmo com os jovens, como trabalhar essa identidade, por exemplo, com os jovens do nono ano que querem sair, apenas dois desejam ficar? Será que teria uma forma ou não, vamos começar a trabalhar com os pequenos?

R: É esta questão é bastante ampla, mas eu ainda insisto na sensibilização. Sensibilizar é fazer com que eles acreditem no que a gente está dizendo. E quando a gente fala que o mundo lá fora pode ser melhor, no sentido assim vamos estudar pra ter uma boa profissão, aquela conversa... Eles sabem os nossos jovens aqui que está difícil. Nós temos

jovens aqui que o último problema que teve na comunidade, prisão do pai, mãe, a família toda. Ai vem pra escola e encontra uma conversa totalmente fragmentada da sua realidade. Ainda penso que o caminho é a gente sensibilizá-los, a comunidade, o convite à. Ainda penso que poderia ser criado projetos, grêmios estudantis, onde os jovens poderiam estar usando aqui na escola de finais de semana, tendo jogos, divertimentos, sempre o pai passando pra dar uma olhadinha pra ver como é que está, ai vê que a escola está legal, está recebendo seu filho.

Então atitudes assim, de sensibilização, no sentido às vezes você não faz um projeto mirabolante, eu gosto da conversa, ser fiel no pouco, qualidade. Então você vê, a partir de um grêmio você pode trazer até a outra geração pra escola. Então vamos fazer um teatro, uma dança, você chama seu pai pra ver, teu irmão, teu vizinho está fazendo o que num sábado a tarde, então é a partir daí... Respostas prontas eu também não tenho estou em busca, mas é isso: Na auto-estima, identidade fortalecida e significado. Tudo que você vai fazer tem que ter significado, senão você faz meio que forçado, você faz por que tem que. Eu estou aqui e eu gosto, na aula me sinto assim empoderada, nesse sentido. Eu gosto muito, então procuro fazer bem. Eu chego em casa e penso “que porcaria”, eu tenho que me preparar melhor, tenho que buscar mais, eu tenho toda essa auto-avaliação, sempre venho com cinco, seis livros, enfim tudo pra qualidade, para que eles percebam que eles são capazes, desde os, como disse pra você, tem um público bastante diversificado³⁷, todos são incluídos em tudo, tudo é preparado planejado pra eles, não importa o local onde você atua. Eu trabalhei dessa forma na cidade, eu trabalho dessa forma aqui, tenho que levar a sério e trazer respeito onde quer que você esteja, não tem essa de diferenciar, depende da região, depende do público que você atende.

P: Então pra você a diferença entre a educação da cidade, pra educação do campo, seria pensar na comunidade, na realidade que eles têm, no contexto e trazer esse contexto pra escola?

R: Exato. Eles têm que saber qual é o projeto, eles têm que saber o que está acontecendo, o que está sendo trabalhado. Por exemplo, esta entrevistazinha que eles levaram, uma mãe já mandou na agendinha que eu faço pra eles no caderno, perguntando “por que quer

³⁷ A sala do quarto ano, assim como as demais classes da escola, conta com um número pequeno de alunos em cada turma, entretanto esta classe possui quatro alunos com necessidades especiais de aprendizagem. Na atividade de leitura, como pude perceber apenas um destes alunos possui autonomia de leitura, mas os outros também foram incluídos na atividade de leitura sem que ficassem constrangidos devido a forma como a atividade estava sendo realizada: cada aluno lia uma linha da poesia e os colegas e a professora repetia a mesma frase, quando foi a vez destes alunos com mais dificuldades, a professora propôs que a classe lê-se a frase e o aluno repetisse.

saber?” Consequentemente eles estão construindo e vão levar pra casa e a para a apresentaçõzinha deles, lógico, vão levar um convitinho. Não é descobrir a America, é devagarzinho, do interesse, eu não respondi assim com todos os detalhes, eu vou por a data, fala pra ela que dia tal ela fica sabendo... É chamar, é esse sentimento de pertença, a escola também é minha e eu tenho direito de ir lá, não só quando for convocado, quando é necessariamente uma reunião.

Entrevista 2: Professora Laura³⁸

Esta entrevista foi realizada dia 18 de agosto de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola do campo?

R: Há sete anos.

P: Você já trabalhou em outras escolas do campo, escolas da cidade?

R: Escola do campo não, já trabalhei em outras escolas da cidade.

P: Você já conhece o programa da escola do campo, já teve algum contato? Se conhece acha que é realizado nesta escola?

R: Bom sim, eu conheço algumas coisas. Aqui na escola é realizado na medida do possível, tem algumas coisas que na prática a gente acaba não conseguindo realizar. Porque existem dificuldades no dia a dia que por uma coisa ou outra a gente acaba não conseguindo, até de repente por falta de recursos mesmo a gente acaba não realizando. Mas na medida do possível a gente procura sempre estar realizando aquilo que compete às atividades no campo.

P: Você acha que existe a necessidade uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas também do campo, pensando aqui na questão da especificidade?

R: Bom eu defendo a idéia de que o aluno tem que ter todo o respaldo de acordo com a realidade dele no campo, mas também tem que ser oferecido o outro lado do ensino para que

³⁸ Laura é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

ele tenha contato tanto com a realidade dele quanto o que não faz parte da realidade dele. Pra que quando ele precisar estudar em outra escola, por que aqui só temos o ensino até o nono ano, quando ele tiver que partir pra outra escola ele consiga superar as dificuldades, até de diferenças entre a realidade em que ele vivia e a que ele passa a viver com isso, para que ele não encontre grandes barreiras pra superar tudo isso e também pra que ele consiga poder escolher realmente qual é a aptidão dele, o que ele realmente vai querer fazer da vida.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Olha essa questão assim, eu não sei te responder, porque eu não tenho grande contato com a comunidade. Eu sei que de acordo com o que os alunos relatam, eles se sentem discriminados em relação... De repente se eles saem em um passeio em que encontram alunos da cidade..., eu não se já está sugestionado ou se realmente eles sentem que existe isso, mas eles se sentem de certa forma discriminados pelo fato de morarem e estudarem no campo.

P: Em relação a você trabalhar em uma escola do campo, você nunca sentiu nenhum tipo de discriminação, quando você vai trabalhar em uma escola da cidade e comenta que trabalha em uma escola do campo?

R: É que é assim, eu já trabalhei em escolas da cidade, mas enquanto em trabalhava na escola da cidade eu não trabalhava ao mesmo tempo aqui. Então agora quando eu tenho ido para outra escola, é também uma escola do campo, não dando para eu fazer esta comparação.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Eu acho que... sei lá, acho que preparando o aluno para que cada vez mais para ele conseguir ter autonomia, pra ele realizar as atividades dele, confiar naquilo que ele sabe. Eu acho que é mesmo a gente transmitir várias coisas, inclusive para que eles se sintam preparados, seguros para enfrentar até futuramente o mercado de trabalho. Eles conseguirem superar estas barreiras que por ventura eles imaginem que tenham ou a gente às vezes acha que é sugestivo, que eles acham que existe isso, mas pode ser que nem seja tão agravante da forma como eles pensam que seja.

P: Nas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo? Cite exemplos.

R: Ah, sempre quando a gente..., na área de português tem muitos textos, então a gente sempre coloca textos que citam coisas da convivência deles ai... Tem vários conteúdos que dá pra gente trabalhar, no caso específico desta classe, o sexto ano, a gente está vendo, por exemplo, substantivo, podemos colocar nos substantivos tudo o que faz parte da realidade deles ou então no trajeto que eles fazem todo dia de casa até na escola, ou vice-versa. Sempre dá pra gente associar, mas eu particularmente não fico colocando somente as coisas daqui, eu gosto de relacionar, de comparar. Então aqui é assim, como que poderia ser de repente na cidade? Vocês pensam de tal forma sobre tal coisa, o que vocês acham que outras crianças pensariam se morassem num outro lugar ou se nunca tivessem visto como se faz ... Por exemplo, a gente vai tirar leite hoje, vocês acham que as crianças da cidade se comportariam de que forma ou então vocês em outro ambiente na cidade... Eu gosto de estar sempre relacionando eles aqui no campo, com os que não são do campo e vice-versa. Acho que tem que ter esse equilíbrio, não só daqui, mas não só de lá também.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Aqui desta escola em específico, porque já estou aqui há bastante tempo, eu não tenho muito parâmetro pra comparar com a cidade, porque eu não estou atuando na cidade agora, mas eu sinto assim que a falta de compromisso mesmo com os estudos é um dos pontos que a gente precisa entender um pouco melhor e estar atuando, interferindo mesmo para que isso mude. Porque eu acho que ainda falta muito, não sei se tem a ver com a estrutura familiar, com a falta de incentivo ou até também, pelo que a gente pode perceber, que as expectativas, perspectivas de vida deles, no campo ou com o que vai ser lá no futuro, eles têm assim certa dúvida, certo medo e isso acaba de certa forma com o passar do tempo e nos últimos anos contribuindo para uma desmotivação muito grande e ai eles vão perdendo a motivação com o tempo. Eu acho que poderia ser diferente esse compromisso, essa responsabilidade de aluno deixa um pouco a desejar, eles não tem aquele hábito de chegar em casa e estudar, também pelo fato de eles terem outras atividades em casa que a família exige e isso também acaba interferindo. Então é isso, eu sinto que ainda falta um trabalho de conscientização da parte deles pra um envolvimento maior com os estudos.

P: Como que é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Eu acho assim, pra grande maioria eles têm essa ciência do projeto de ensino da escola do campo, mas têm alguns outros que são bastante distantes da concepção do trabalho, eles não atuam muito efetivamente em reuniões de pais ou estão sempre entrando em contato com a escola, são mais dispersos. Tem bastantes famílias aí que são bastante participativas e estão sempre se inteirando de tudo o que acontece na escola, alguma coisa diferente, alguma coisa que é proposta para comunidade participar eles sempre acabam participando, mas outros já são assim distantes, acabam não participando tanto.

P: Você teria alguma outra sugestão pra melhorar a proposta de educação do campo, além da questão do estudo, da conscientização da necessidade de se dedicar mais, como já sugeriu?

R: Então eu acho que seria interessante, eu não sei se é possível, se é viável, que tivesse mesmo um aperfeiçoamento técnico para eles lidarem com a terra, porque a gente passa, a gente consegue estar relacionando em cada disciplina a realidade deles, de certa forma trabalhar alguns conteúdos que fazem parte mesmo do que eles estariam precisando pra trabalhar nas próprias casas, mas eu acho que de repente um aperfeiçoamento técnico seria interessante, eu só não sei se é viável, se é possível, não sei qual a extensão de tudo isso, mas eu acho que para eles seria válido.

P: Você gosta desta proposta de educação do campo?

R: Eu gosto, gosto. Mas assim, com a minha particularidade, eu defendo, acho que eles precisam ter todo esse respaldo do que faz parte da realidade deles, mas também com interferências do mundo que não os cerca. Eu acho que eles devem ter as mesmas oportunidades, se aperfeiçoar aqui e saber como são as coisas em outro lugar, um pouquinho de cada coisa. Até pra acabar com esse medo de sair, de achar que tudo é muito difícil e não é acessível a eles, às vezes eles não confiam no potencial deles. Muitos alunos têm potenciais e acabam desistindo na metade do caminho por esta questão de se sentirem discriminados, de achar que não vão conseguir ir além do que já chegaram.

P: Você acha que neste ponto a escola consegue dar um suporte pra eles?

R: Eu acho que sim, para alguns isso funciona, depende também da estrutura da família, porque se a família está lá dando um suporte para que ele reforce aquilo que ele viu aqui na escola, que ele pode sim conseguir outras conquistas e a família está lá assessorando essa ideia, eu acho que eles vão além, mas se a família não incentiva também o nosso trabalho para aqui. Então eles ficam com todas essas dúvidas lá na casa deles e aí tem muitos

que a gente sabe que param de estudar e têm outros que acabam indo além, que conseguem passar a viver de acordo com o que escolheram, muito bem, sem dificuldades nenhuma. Então a gente tem alunos que já foram fazer faculdade que a gente conhece, tem uma aluna que está na UFSCar, já era boa aluna, já tinha uma perspectiva, agora a gente sabe que também a família influenciou se não fosse isso talvez ela não tivesse ousado a fazer tudo que ela já fez, conseguir tudo que ela já conseguiu.

P: Você acha que para a escola é muito difícil chegar até as famílias dos alunos para que eles também compreendam a proposta de educação do campo? Existe alguma resistência?

R: Então às vezes sim, as vezes não. A escola tenta se aproximar, tenta entrar em contato sempre que precisa estar conversando com os familiares. Às vezes surte efeito, às vezes não. Ai, eles alegam que trabalham mais longe, que fica difícil vir até a escola, nunca têm outra pessoa que possa vir, têm vários motivos que acabam interferindo.

P: Eu reparei que tinha na lousa da sala dos professores, um aviso sobre o Dia do Campo Limpo. O que seria esta data?

R: O Campo Limpo é um projeto, uma conscientização que eles se uniram às escolas do campo pra descarte de embalagens de agrotóxicos. Então todo ano eles reforçam a ideia de como tem que ser manuseado o agrotóxico, depois o que fazer com a embalagem, todos os perigos que o mau uso oferece. A conscientização que eles querem, o objetivo maior é atingir as crianças para que elas estendam aos familiares que usam os agrotóxicos. Então todo ano eles fazem modalidades, dependendo do ano escolar da criança, desenhos, redações, poesias todo ano com um tema diferente em relação à reciclagem, ao uso do agrotóxico ao descarte das embalagens, como têm que ser feito, o tema sempre voltado para isso. Todos os anos a gente tem algum aluno que acaba ganhando a premiação, no ano passado a gente teve uma aluna do sexto ano, este ano ela está no sétimo, que ganhou a redação. Então os alunos já conhecem, gostam também, já estão assim bem conscientizados e é um processo que é feito todos os anos para que eles não esqueçam e que se fortaleça.

P: Você sabe me dizer quem que organiza?

R: Então é uma parceira entre essa entidade, eu não sei dizer o nome, a gente sempre fala Campo Limpo, com a Secretaria da Educação.

P: Muito obrigada, agradeço pela colaboração.

R: De nada, espero ter ajudado. O que eu falei pra Clarice é que estou aqui há sete anos, mas sem brincadeira eu nunca fui, assim uma vez a gente acabou indo na agrovila, fomos num específico lugar e voltamos. Mas eu não conheço aqui, nem sei mesmo como que é o dia a dia deles, aí eu já deixo a desejar. Tem professores que vieram pra essa escola ainda quando eles estavam no processo de tomar posse destas terras, que eles realmente eram assentados, que as casas ainda eram na lona e depois foram surgindo as casas de barro, então ela tem essa referência desde quando eles chegaram aqui. Mas eu já não, não tenho e como as aulas são fechadas, você tem que ficar aqui o tempo todo, então é chegar vir pra sala e deu o horário ir embora. Mesmo porque uma coisa que eu acho um pouco diferente é que as casas são muito distantes uma das outras, na verdade eles nem tem quase vizinhos e até essa questão de trabalho em grupo, eu não trabalho com atividade em grupo, por exemplo, tarefa: Ah, vamos fazer um trabalho em grupo, pra vocês pesquisarem alguma coisa e entregar, eles vão se reunir nas casas... Não dá, porque é muito longe e envolve um monte de coisas então a gente tem que se reunir em grupo aqui. Porque é muito distante uma da outra, até se você se perder aqui, pra quem você vai perguntar? Você vai assim não encontrando nada na esperança de encontrar uma casa e poder perguntar, mas nem tem certeza da distância em que ela se encontra.

P: Mais uma vez muito obrigada.

Entrevista 3: Agente Educacional Marcela ³⁹⁴⁰

Esta entrevista foi realizada dia 18 de agosto de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Aqui nesta escola faz três anos.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

³⁹Marcela é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

⁴⁰ Marcela é agente educacional da prefeitura e atualmente atua na biblioteca da escola do campo.

R: Trabalhei em outras escolas da cidade, porque eu morava na cidade. Já tenho 14 anos de prefeitura, então já trabalhei em CR, fui berçarista durante 8 anos, depois fiquei três anos afastada, porque fiquei doente e quando retornei já retornei aqui na escola do campo.

P: Você conhece o programa escola do campo?

R: (não respondeu)

P: Então o programa escola do campo ele tem uma proposta de que a educação realizada no campo ela não seja só no campo, não seja uma cópia da educação realizada na cidade, mas que ela seja uma educação do campo, pensada para a realidade, para as especificidades do campo que são diferentes das da cidade. Você já conhece essa proposta, já ouviu falar?

R: Bom, eu ouvi falar sim, mas não conhecia assim a fundo.

P: Você acha que aqui na escola existe uma proposta de educação do campo ou em relação às outras escolas que você trabalhou não percebe nenhuma diferença?

R: Não vejo diferença não.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que seja pensada apenas pro campo?

R: De certa forma eu acho que é bom porque os alunos, não é que eles sejam diferentes, mas a criação deles é um pouco diferente da criação da cidade pelo fato de estarem morando no campo mesmo, o que já diferencia bastante. Mas acho que o tempo em que eles estão estudando aqui no campo eles têm que aprender não só coisas aqui do campo, mas da cidade também, porque quando eles forem pra cidade estudar, trabalhar, então vai ser uma realidade nova pra eles. Eles precisam estar conhecendo o que realmente a cidade tem pra oferecer.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Em relação à cidade, você fala?

P: É em relação ao pessoal da cidade, eles possuem alguma discriminação para quem mora aqui, pras crianças que estudam nesta escola?

R: Eu acho que tem sim.

P: Você já percebeu alguma coisa que te faça pensar assim?

R: Ah, a gente percebe principalmente quando tem visita. Agora nem tanto, mas antes era mais visível, vinham escolas da cidade, até de cidades de fora visitar aqui e os próprios alunos daqui se sentiam meio discriminados, porque eles ficavam nas salas de aula, as pessoas chegavam olhavam como se eles fossem um bichinho dentro da jaula. Então é diferente.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Bom em se tratando de discriminação eu acho que sempre vai existir, por mais diferenciado que seja o trabalho feito, acho que sempre vai ter um pouquinho de discriminação. Mas procurar valorizar mais os alunos do campo através de projetos, de trabalhos mesmo, em que eles possam estar participando mais, serem vistos de outra forma, não só como aquele caipira que mora lá no sítio, mas uma pessoa comum, uma pessoa como todas as outras. Porque realmente somos pessoas como todas as outras, não é porque a gente mora aqui no campo que a gente é diferente e tem que ser tratado diferente, acho que tem que ter um respeito, principalmente pelo fato de ser do campo. É importante, é do campo que sai praticamente tudo para cidade, então acho que teria que ter uma valorização maior pras pessoas do campo mesmo, os alunos, os adultos, enfim, a população toda.

P: Aqui na biblioteca você consegue trabalhar de alguma forma, algumas coisas que são próprias da cultura do campo?

R: Então faz pouco tempo que estou aqui na biblioteca, eu estava na informática. Eu preferi vir pra cá por conta dos livros, que eu gosto muito de livros, valorizo bastante a leitura e eu procuro incentivar os alunos da melhor maneira possível para estarem lendo, se atualizando, porque acho que a leitura é tudo na vida de uma pessoa. Se ela não tem certa leitura fica difícil pra ela mexer no computador, pra ela procurar um serviço, enfim, até para escrever, pra conversar, se torna muito difícil sem o hábito da leitura. Então dentro do possível, dentro das condições eu procuro estar fazendo alguma coisa pra eles terem mais interesse pela leitura.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Eu acho que tem diferença sim. Ah, o comportamento, não são todos tem as exceções, mas acho que os alunos do campo são mais assentados, são mais calmos. Porque a maioria dos alunos da cidade são mais agitados, tem uma educação até mais difícil com o

professor, com os colegas de sala. Acho que tem bastante diferença sim pela vivência que cada um tem. Na cidade tudo é mais fácil aqui no campo é mais difícil o sofrimento é maior, então a valorização pelas coisas também é maior.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Bom aqui, eu vejo assim, os pais a maioria trabalham no campo e pelo fato de trabalharem no campo desde criança, muitos não tem estudo e pelo fato de eles não terem estudo e levar essa vida difícil de roça mesmo, eles procuram dar estudo pros filhos para que no futuro eles tenham uma oportunidade maior e melhor de sobrevivência sem muitas dificuldades. Eles se importam com o estudo dos filhos.

P: Mas e na escola, você os vê participando ou você acha que eles precisavam participar mais?

R: Olha eu vejo a participação, não é uma participação maciça é pouco ainda. Acho que teria que ter um trabalho maior com a comunidade pra que eles viessem mais procurar a escola, participar realmente. Mas tem alguns que participam sim.

P: Você conseguiria pensar em como fazer um trabalho pra trazer a comunidade pra dentro da escola?

R: Ah, eu acho que seria preciso valorizar mesmo a família do aluno, sei lá, fazer um trabalho em conjunto com a família, pais e filhos. Pegar um dia e chamar os pais pra passar um dia na escola, pra estar conhecendo o que o aluno faz, assistir até uma aula se possível. Aqueles que poderiam estar vindo em um dia ou então em um final de semana fazer um trabalho com eles. Acho que tinha que ter uma valorização maior, um contato maior da escola com a família.

P: Onde você mora, aqui no assentamento?

R: Eu atualmente estou morando aqui no assentamento, faz três anos que eu moro aqui, antes morei a vida inteira em Araraquara.

P: Você tem filhos que estudam nesta escola?

R: Eu tenho filhos, tenho neta, mas eles não estudam aqui. Meu filho mais novo tem 25 anos. Mas assim, meu filho caçula que mora aqui comigo, agora na última festa que teve aqui na escola, ele participou. A gente fez uma apresentação pro mês de Monteiro Lobato, então eu contei historinha, vim vestida de Dona Anastácia, ele fez o Saci, eu trouxe minha

netinha que quis ser a Emília, então estávamos em família aqui. Ele gosta bastante daqui também, sempre me fala “mãe incentivava mesmo as crianças a ler”, porque ele gosta de ler também, às vezes ele pega livro aqui, lê.

P: Você que mora aqui percebe a existência de algum movimento social?

R: Não, aqui realmente não tem.

Eu penso assim, como eles gostam de final de semana de se reunirem. Vamos supor, fazer um almoço, um vai à casa do outro e conversa, reuni a família. Então é o momento de estar embutindo alguma coisa ali naquele meio deles, de estar participando junto com eles do lazer deles mesmo, porque o lazer deles muitas vezes é assim aqui: final de semana um vai à casa do outro, faz aquele almoço, já vira festa ali tudo é parente. Então ali devia estar injetando alguma coisa pra estar trazer estes pais para a escola. É complicado.

P: Você acha que as crianças conseguiriam fazer esse papel?

R: Só as crianças é difícil, né?

P: Você percebe algum projeto da gestão da escola para tentar trazer a comunidade pra dentro da escola ou para chegar até estas famílias lá, quando eles não vêm?

R: Então como falei pra você, teria que ser um trabalho, um evento num sábado porque as festas aqui na escola são durante a semana. No ano passado a gente fez uma festa junina aqui aberta, foi muito boa a comunidade veio em peso e foi realizada em um sábado de tardezinha e foi até a noite. Teve a participação maciça da comunidade, porque é coisa que eles gostam, simples, mas que chamam a atenção deles, ai eles participam mesmo.

P: Então muito obrigada, pela colaboração.

R: Disponho.

P: Eu ou a Clarice, explicamos bem qual era a minha pesquisa? Acho que não cheguei a explicar né?

Eu estou pesquisando a educação do campo pensando na questão de ela poder ou não auxiliar na solução da discriminação do trabalhador, do morador do campo. Há relatos de que esta discriminação existe, então se não conseguir sanar, consegue ao menos diminuir a discriminação com esta proposta de educação que é pensada para a realidade do campo? É isso que eu estou pesquisando, não sei se conseguirei responder, mas, é isso.

R: Você sabe que no ano passado quando eu estava na informática tem os alunos que vem à noite, são os pais e tinha um dia na semana que eu vinha fazer um horário diferenciado para estar orientando-os no computador. No começo foi difícil pra eles, tinha muitos que não queriam nem chegar perto do computador “eu não vou, minha mão é muito pesada, vai quebrar...”, com jeitinho eu fui conversando até que eu consegui que todos participassem. Quando chegou ao final do ano eles já estavam mexendo sozinhos no computador, eu colocava jogos educativos do abecedário e eles não queriam sair, ficavam ali, mesmo com a dificuldade que eles ainda tinham, mas eles se identificaram dentro daquilo que eles sabem, que eles sabiam. Nós entrávamos no Globo Rural, a gente via o interesse deles em estarem participando, de se sentirem por estar mexendo naquela máquina que até então era um mistério para eles. Ai um ficava ensinado o outro, pois sentavam em dois nos computadores; quem no começo não queria sentar, já estava começando a ensinar o colega; então foi assim bem gratificante. Até inclusive, esse ano eles perguntaram pra mim se eu não ia voltar a ficar com eles à noite, mas daí não deu certo, mas eu acho que é uma coisa que poderia ter também para estar ajudando eles.

P: E não tem ninguém, nenhum monitor que possa estar fazendo isso aqui na escola?

R: Ficou um tempo uma estagiária, eu não sei se ela ainda continua, mas eu acho que deveria continuar. Ter alguém, não assim pra dar uma aula de informática, entendeu? Mas pra dar a eles a oportunidade de eles também estarem mexendo ali, vendo o que acontece no mundo, conhecendo um pouquinho do trabalho deles através do computador.

E através da leitura também, a gente estar buscando esses pais para estar fazendo leitura aqui na escola, pegar um dia da semana e deixar exclusivo pra comunidade estar usando a biblioteca, pesquisando.

P: A biblioteca é aberta para a comunidade?

R: Assim, a biblioteca funciona no horário que funciona a escola.

P: Mas os pais, a comunidade pode emprestar livros para ler?

R: Por enquanto não vem, acho que a maioria nem sabe que tem essa possibilidade.

P: Eles não vem, mas há a possibilidade?

R: Sim, eu creio que sim. Eu acho que é uma questão de estar conversando com Secretaria da Educação e estar vendo um dia para estar abrindo este espaço para eles. Tanto

na informática, quanto aqui na biblioteca, porque aqui essa biblioteca é muito rica, tem muita coisa boa e fica ai parada.

P: E a noite no horário da EJA, ela não é aberta?

R: Não é. E no ano passado estavam juntas na mesma sala, biblioteca e informática. Então a noite tinha alguns alunos que pegavam livros pra ler, eles emprestavam e na outra semana devolviam. Daí parou tudo, voltou à estaca zero de novo, mas eu acho que poderia estar abrindo novamente este espaço, porque é um espaço bom, amplo da pra fazer um trabalho bem interessante em grupos; grupos de leitura; pegar o assunto do momento na parte rural mesmo com jornal, revistas deixar o material prontinho, exposto para eles estarem pesquisando; a gente mesmo pode estar fazendo a leitura, mostrar as figuras, enfim, seria interessante.

P: São coisas para pensar que podemos trazer de sugestão, é uma forma de valorizar e trazer o conhecimento, né?

R: Ah sim, aqui tem internet, a gente pode estar pesquisando com eles algumas coisas que eles têm dificuldade de estar se informando e também vai ajudar os nossos alunos, porque os pais estando informados os alunos também vão sentir interesse na leitura, em conhecer as coisas. Aqui no assentamento não são todos que têm computadores em casa e aqui esta escola, tem uma série de computadores, tem informática, tem essa biblioteca aqui super equipada. Então acho que está faltando abrir mais para as pessoas, porque isso tudo aqui é deles mesmos e acho que eles precisariam usar mais sim.

Você pode questionar, ah, tudo bem, vamos abrir esse espaço, mas quem vai tomar conta, quem vai ficar? Não é todo mundo que se dispõe também a vir num horário diferenciado, pra ficar até mais tarde.

P: Acho que por mais que não seja todo mundo, na hora em que a prefeitura decide que vamos fazer, ela consegue alguém que aceite trabalhar neste horário diferenciado, “há, neste momento não estou conseguindo trabalhar em tal horário, então vou trabalhar a noite”. È mais longe, mas será que aqui dentro do assentamento não teria alguém que poderia realizar este trabalho? A gente sabe que tem alunas que estão se formando na UFSCar, tem vocês que moram aqui e já são funcionários da prefeitura, acho que por mais que tivesse dificuldade, se tentassem acabariam conseguindo um responsável por esta atividade.

R: Exatamente e devagar você vai dando oportunidade pras pessoas que moram aqui estar fazendo este tipo de serviço. Abriria mais espaço e facilitaria para todo mundo funcionários e comunidade.

Eu espero que a gente consiga, porque adoro este espaço aqui eu gosto, quando eu estava na informática eu adorava também, eu fazia o horário do meio dia às nove horas da noite e gostava muito desse horário.

P: O que aconteceu para você não realizar mais esse horário? Não deu mais para você fazer esse horário?

R: Não é que não deu pra eu fazer, eu não sei exatamente dizer o porquê que não teve continuidade esse ano, mas cada ano aqui é uma direção, então não sei se são muitos compromissos e acaba ficando alguma coisa, mas esse ano não foi feito um projeto, ainda tem as aulas à noite, mas a informática foi cortada. Eu achei uma judiação mesmo, porque eles estavam aproveitando muito e você via os olhinhos brilhando, aquelas pessoas com mais de sessenta, setenta anos ali no computador, com dificuldades com o mouse, mas se esforçando, tentando, procurando e conseguindo. É a mesma coisa que você ensinar uma criança a ler, a escrever. Acho que pro adulto é bem melhor que pra criança, eles valorizam mais, já tiveram uma vida toda, já viveram muito, já sofreram tanto e de repente conseguem clicar um botãozinho ali e descobrir alguma coisa ali, e descobrir o mundo. Isso é muito bom, melhora a auto-estima da pessoa, eles se sentem importante, se sentem gente valorizada. Então eu acho que deveria continuar esse trabalho, já que esta se falando em acabar com a discriminação, então porque não começar daí, tem que ter um começo.

P: São questões pra gente pensar.

R: É verdade, alguém tem que dar um cutucão ai em alguém (risos).

P: Então mais uma vez, muito obrigada e desculpe interromper o trabalho.

R: Imagina, eu que agradeço.

Entrevista 4: Professora Neusa⁴¹

⁴¹ Neusa é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

Esta entrevista foi realizada dia 18 de agosto de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Bom a pesquisa que estou realizando tem como foco a educação do campo, pensando se ela pode ser a solução para a discriminação dos trabalhadores e moradores do campo.

R: Em relação a outros trabalhadores e moradores urbanos?

P: Sim. Então para a entrevista vou fazer algumas perguntas relacionadas a sua vivencia na escola, se você percebe ou não esta discriminação. Tudo bem?

R: Aqui na escola, não percebo...Quer dizer, entre os alunos não tem. Apesar de que hoje vivemos aqui uma duplicidade, parte é da roça e parte vai buscar recursos na cidade. Os pais destes pequenos mesmos, eles não são assentados, eles não tem lote aqui, são agregados. Porque não conseguiram se manter na cidade, vieram morar com os pais ou pai e mãe do marido ou pai e mãe da esposa e eles vão buscar recursos... Houve uma inversão, lembra do êxodo rural? Todo mundo saía daqui e vinha como bóia fria, hoje aumentou a inversão, saíram da cidade, vieram para cá e voltam pra cidade pra trabalhar. Aqui a gente percebe bem essa inversão, não sei se nas outras fazendas, nos outros sítios tem isso, eles moram aqui, mas não se dedicam a terra, esses novos, eles vão trabalhar na cidade. Interessante né?

P: Interessante, bom a minha primeira pergunta é há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Nesta escola do campo faz nove anos e alguns meses.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Já trabalhei na fazenda Piriquito que é do agronegócio, da Usina Santa Cruz e trabalhei em Bueno, na escolinha de Bueno que era uma escolinha isolada do Estado. Porque no Estado eu trabalhei quase doze anos.

P: Você conhece o programa escola do campo? Se conhece, você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Não. Não, assim, em partes. Por exemplo, as crianças vão lá aprendem a plantar, regar, a cuidar da plantinha, desenvolve, rega, cuida, depois colhe, comemos uma bela de uma salada de alface, de beterraba e outros produtos. Só que o nosso currículo, os nossos conteúdos não são integrados com esse trabalho, então o nosso projeto de escola do campo de

educação do campo é falho, tinha que ser integrado. Porque existe uma diferença entre o professor que teve vivência no campo, que nasceu na roça e professor que viveu única e exclusivamente urbano, existe uma diferença, ele não compreende a realidade e muitas vezes até discrimina mesmo, porque eu já vi. Eu já vi aqui uma discriminação muito séria, já vi aqui na escola, alias, muito. Do tipo assim, nós vamos à horta, mas quem vai plantar é você, você que está acostumado a mexer na terra, eu não. Entendeu, isto pra mim é discriminação. Você que tem que ser tatu eu não.

Sendo assim, a maioria dos professores tendo uma vivência essencialmente urbana, ela tem muita dificuldade em integrar os conteúdos, com o trabalho no pomar, no jardim, na horta que são os projetos que a gente desenvolve. Muita dificuldade mesmo. Então tem o Claudio aqui, um agente educacional, ele prepara tudo, coisa também falha, ele prepara o canteiro, ele revolve a terra, prepara o solo, forma os canteiros, aí as crianças vão lá e só enfiam a mudinha. Falho é um projeto falho, mas como a gente tem estas dificuldades, a gente faz o que dá, entendeu? Por causa destas dificuldades, então quem mexe na terra é o Claudio, quem prepara o solo é o Claudio e o que é pior é que não é o Claudio com alunos. Este tinha que ser um trabalho pedagógico pra se denominar escola do campo, a meu ver, pode até ser que eu esteja errada.

P: Você acha que quando vão pra horta, as crianças gostam de realizar este trabalho?

R: Gostam, gostam mesmo. Estes meus aqui adoraram plantar alface, ainda que eu usei os canteiros com as formas geométricas.

P: Existe aquele pensamento de que aquilo que a criança já tem que fazer em casa, ela não gosta de fazer também na escola. Por exemplo, ela já tem que cuidar de horta em casa e vai fazer isso também na escola, você acha que isso procede?

R: Não. Não procede mesmo. Agora talvez a gente pode barrar na lei do trabalho infantil, né? Não sei, a gente corre o risco de colocar adolecente lá cavando terra... eu já fiz isto com eles, nós já fizemos, mas eu não sei se oficialmente a gente não incorre nesta lei do trabalho infantil. Agora, não deveria, porque existe o aprendiz. Não deveria jamais, principalmente e por isso vejo a necessidade de que o trabalho seja integrado com os conteúdos, não precisa ser todos, mas, por exemplo, eu vou preparar o solo, que riqueza de conteúdos nós temos no trato com o solo?! Mesmo que o Claudio esteja revolvendo a terra, levar os alunos lá e explicar pra eles o porque que a terra está assim, que tipo de solo é este, onde encontra esse outro tipo, esse solo próprio para a agricultura. Mesmo que seja ele quem

revolve a terra, quem trabalha com a terra, o que eu também não acho, porque é aquela história, só se aprende fazendo, só se aprende a escrever, escrevendo, só se aprende a ler, lendo.

Agora infelizmente a gente encontra barreiras e o projeto não consegue ser completo. A gente tinha aqui também a criação de pequenos animais, furo, porque no final de semana não tem quem cuida. Já houve casos aqui de a gente plantar e no final de semana o sol torrar tudo as folhas, principalmente. Então isso, ajuda a desestimular.

P: Você acha que um projeto aos finais de semana com a comunidade, para dar continuidade a este e resolver o problema daria certo?

R: De final de semana? Ninguém viria aqui, a própria comunidade não colabora. Porque é um trabalho mais ou menos voluntário e de final de semana eles aproveitam pra fazer uma visita à um parente de outra cidade, fazer compras ou mesmo o lazer e a gente não pode impedir. Tenho a impressão que eles podem até se comprometer, mas você vai ter a decepção de ver que ninguém compareceu aqui.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Existe, não só aqui no campo, mas também na cidade. Eu por exemplo, uma vez, eu sou meio doida, propus que se fizesse uma escola aqui de estudo pros alunos da cidade, porque isso ai vem quebrar a discriminação e o preconceito, porque não pode haver isso. Nós seres humanos, um depende do outro, juntando tudo, os da roça dependem dos da cidade e os da cidade dependem dos da roça. Existe uma interrelação e a partir da hora em que se promova efetivamente esse intercâmbio, acaba a discriminação.

P: Neste caso uma educação que seja apenas do campo, aumentaria esta discriminação ou não?

R: Sim, não pode ter duas educações diferentes, por isso que já propus que aqui fizesse uma escola em que os alunos da cidade viessem para cá, entendeu? Pra ver o trabalho no campo e estudar o trabalho no campo. Ai, uma vez os alunos daqui também fossem para uma escola da cidade, uma escola piloto talvez, que estudasse o campo. Porque existe, ninguém pode negar esta interrelação. Ou fossem para uma industria que usassem os produtos do campo, depois fossem pra uma escola que estudasse os problemas do campo. Um intercâmbio também de educação nas duas realidades: cidade e campo.

Então eu cheguei à conclusão de que não pode nem ser só campo, nem ser só cidade, porque senão nunca vai acabar, nunca vai ter uma consciência real desta interrelação, desta interdependência. Porque eu falei interrelação, mas acho que é uma palavra errada na verdade, é interdependência, ninguém vive sem a comida do campo e ninguém vive aqui no campo sem os produtos da cidade: pasta de dente, sabonete, uma bijuteria que seja, um batom, roupa, etc. Não é isso, você não concorda comigo? Tem que haver nem só cidade, nem só campo, precisa haver um entrelaçamento das duas coisas para que as pessoas... Eles sabem que existe esta interdependência, mas eles não têm consciência do valor de cada, por isso a discriminação e o preconceito. Tanto aquela como esta tem valor, tanto aquele trabalho como esse tem valor e que valor! Acho que aqui tem mais valor, por causa da comida, da roça, mas não vamos entrar neste campo do que é valor, do que tem mais valor, porque tudo nesta vida tem valor. Então eu acho que tem que haver nem só do campo, nem só da cidade, mas um intercâmbio.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Existe, existe sim, principalmente na faixa mais jovem. Os alunos aqui eles mesmos se discriminam também, por isso que é necessário fazer um trabalho aqui de valorização do ser humano. Eu trabalho na roça, mas eu tenho valor, eu vou entrar naquela escola da cidade de cabeça erguida, eu sou um ser humano como eles, eu não sou bicho. Aqui, porque eles não querem ir pra escola da cidade? Porque eles sofrem discriminação, então eles têm que aprender aqui a se defender dessa discriminação. Brigando? Dando soco? Não, não é por aí. E lá na escola da cidade, tem que se fazer um trabalho também. Você viu aqui o encaixe? Tem que fazer essa conscientização.

Só que aqui, veja bem, exige, por que até agora eu não vi por causa da dificuldade da variação linguística que eles têm. Tem que entender, respeitar, mas transformar, então eu não vi essa transformação. Ai quando eles terminam o nono ano e vão pro ensino médio, eles não querem ir. Porque aqui mesmo na sala de aula quando chamam um aluno pra ler, ele é alvo de chacota, porque ele não se posiciona como leitor, não se posiciona como escritor e não se posiciona como conhecedor das coisas, e eu sei que eles sabem, se levamos eles lá no “vamos ver” mesmo, eles ensinam a gente e como ensinam. Eles sabem e também tem que ter um intercâmbio de conhecimentos, pra que eles se posicionem como produtores rurais, mas com conhecimentos. Ai, talvez, eles não vão se incomodar quando alguém lá na cidade chamar eles de pé vermelho.

Por isso e por outras eles não querem ir pra cidade, porque vão ser alvos de chacotas na hora de ler, de escrever, de produzir um texto, na hora de se colocar. Então eu acho que aqui o ensino tinha que ser igual ou superior ao do objetivo para que eles se sintam iguais e se posicionem.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Encaixe, intercâmbio, nós temos que acabar com essa separação. Eu já propus inclusive, eu já falei, torno a repetir que eles trouxessem as crianças da cidade pra cá, pra eles sentirem, fazer uma plantação aqui, sentir o que é rural e acabar com essa coisa de sete cabeças que eles pensam. Os próprios colegas, eu fiz pedagogia, a gestão do PT ainda trazia as crianças pra cá, para conhecerem as nascentes do assentamento e com eles sempre vinham os agentes educacionais acompanhando. Uma vez vieram aqui umas colegas, acompanhando um quarto ano, que eram da minha sala de pedagogia, eu falei para elas virem aqui conhecer meus alunos e elas ficaram abismadas. Falaram “Meu Deus, como suas crianças são lindas, nossa que limpinhos, penteados, arrumadinhos, nossa eles são lindos”. Porque a ideia que elas tinham do rural...você já sabe né? Agadeeira, nariz escorrendo, sujeira pra todo canto... Era assim, era, mas aqui principalmente que é o que eu mais conheço cresceu barbaridade, houve um crescimento muito grande. Talvez por causa desse problema, desse êxodo agora, dos mais jovens não aguentarem a cidade e voltarem pra cá.

Primeiro acontecia isso, veja bem, no êxodo rural, os pais largaram tudo no campo e foram pra cidade, o aperto do agronegócio foi empurrando eles. Foram pra cidade, lá criaram filhos, mas os pais que foram pra cidade não possuíam uma identidade urbana pra passar para estes filhos e não tinham condições de passar pra esses filhos lá na cidade uma identidade rural. Ai eles ficaram sem identidade, nem urbana e nem rural.

Daí, houve esse retorno com a fundação dos assentamentos, houve esse retorno, saíram da cidade e vieram pra cá, eles não aguentaram a cidade. Entre os pais, os filhos dessa gente vieram pra cá e pegar o lote, mas não tinham identidade nem rural e nem urbana, porque não foi passado. Então aqui eles só sofreram, daí o problema: eles não sabiam tratar solo, eles não sabiam nada.

Então foi uma judiação quando chegaram aqui, alias, quando se acamparam em 1985, só em 1990 a escola de Bueno os recebeu, porque a escola de Motuca esta lotada, e eu dei aula lá, já conhecia eles. Nossa que tristeza, meu Deus. Triste, triste, triste, triste, triste.

Tomavam banho no rio logo cedo e quando não tinham coragem de tomar banho no rio iam sujos. A gente era professora, enfermeira, psicóloga e também Bueno não tinha nada pra cuidar deles, não tinha nada, ai foi sofrimento.

E quando eu cheguei aqui, também era sofrimento. Uma coisa muito sofrida, aqui eles passavam até fome, porque essa gente veio da cidade pra morar num lote aqui, mas uma identidade consciente de rural, eles não tinham. Ai o ITESP foi trabalhando, deu cursos, eu também participei de um deles, a questão do incentivo. A maioria das mulheres estavam com depressão, porque não tinham o que comer, não tinham dinheiro pra comprar, essa terra fraca, eles não sabiam como cuidar do solo pra produzir. Ai eu me propus a dar aulas de pintura pra elas, cheguei ao ponto de ter duas salas de mulheres fazendo pintura. Meu Deus era duro, eu tinha que trabalhar sábado de manhã, à tarde a escola ficava ociosa e eu aproveitava.

Hoje o assentamento é outro, porque existe essa troca de identidades. Os filhos desse pessoal já veio pra cá diferente, já veio com uma identidade urbana e essa identidade urbana eles estão passando pros pais aqui e um pouco do rural os pais estão passando pra eles. Há um intercâmbio, por isso que eu acho que o intercâmbio é muito importante e o assentamento de uns cinco anos pra cá, está uma maravilha. Depois das políticas públicas, o PT ajudou bastante em partes, porque as mulheres conseguiram uma padaria onde elas produzem o pão, vendem lá no terminal as verduras, todos os produtos de hortaliças, hortifruti, granjeiros, elas vendem lá na Praça Pedro de Toledo em situação de feira. Eles cresceram, mas cresceram mesmo, tanto que você vê, parecem crianças da cidade. Os filhos mais novos, os pais vão buscar recursos na cidade.

Os avós destas crianças aqui cultivam, mas os pais vão trabalhar na cidade de moto taxista ou a mãe de empregada doméstica, faxineira ou até manicure. Tem uma pessoa que trabalha aqui que vai pra cidade fazer pé e mão, ela mora aqui no assentamento e trabalha aqui na escola e vai pra cidade fazer unha pra complementar à renda. E assim são vários.

P: Nas suas aulas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo?

R: Há várias, muitas. Por exemplo, nós fomos pra horta e vimos as formas geométricas com os canteiros, trabalhamos contagem, tabuada, trabalhamos os nomes das culturas, trabalhamos bastante coisas. Agora acho que é o que falta com os adolescentes que vão lá só planta, regar... Com eles poderia ser aplicado área, perímetro, ângulos, podia ser aplicado muita coisa da matemática, agora é necessário primeiro que tenha vontade. Você

aplicando a matemática ali, você tem condições de formar engenheiros que se formam na cidade e podem viver aqui, são dois valores.

Agora o que falta é a compreensão de uma realidade rural, vestir a camisa. É diferente de quem nasceu na roça, gosta da roça, nasceu no campo, gosta do campo. Não é fácil pra um professor urbano chegar aqui, ele faz só o que é necessário mesmo e às vezes nem entende o que o aluno fala, porque ainda existe uma variação linguística e nós temos que trabalhar para a transformação, pois quando o aluno for pra cidade, ele vai de cabeça alta, ele fala igual aos da cidade e não reforçar. Todo o nosso trabalho, veja bem, tem que ser voltado para a transformação, não porque eles são bichos, mas para que eles se igualem ou pelo menos cheguem perto dos urbanos e os urbanos precisam vir para cá conhecer o trabalho deles, os produtos deles para que quando as pessoas da cidade verem as pessoas do campo, não pensem que são bichos, como aquela minha amiga, lá da faculdade, “olha eles são lindos”, mas isso é por causa da mentalidade de que gente do rural é sujo, imundo, ranhento, descabelado, piolhento. Só que na cidade também tem, principalmente na periferia, mas é uma mentalidade elitista. Agora eu te pergunto, porque eles são nariz escorrendo, tem piolho, desgrenhado, sujo, eles não são gente? São agora nós temos que trabalhar para mudá-los, a higiene, bem arrumadinho, limpinho, um bom banho, isso é transformá-los. Mas aquela mentalidade elitista das minhas colegas, “eles são lindos”, eu fiquei boba, mas isso é por causa desta ideia que eles trazem.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Existe, existe na questão do comportamento. As crianças da cidade são muito mais abandonadas do que as daqui e, portanto eles são revoltados, olhou pra eles já estão dando chutes, revoltados, inseguros, indefesos, porque principalmente depois dos seis anos quando não podem freqüentar a creche e a mãe e o pai trabalham. Essa criança chega em casa e não tem ninguém, qual a segurança dela? Ela se sente realizada, segura? Não, ela se sente abandonada e assim são todos e os adolescentes também são abandonados. Agora aqui, o pai e a mãe vão trabalhar na cidade, mas ali fica à avó e também nem são todos os pais que vão trabalhar na cidade, é uma minoria também, eu não sei calcular quantos. Aliás, é uma boa ideia eu vou para os lotes dia 25 e vou saber quantas mães aqui desta sala vão pra cidade trabalhar, aí a gente tem uma ideia, vou fazer esse levantamento.

Na cidade as crianças são muito mais abandonadas e na cidade tem muito mais atrativos que fazem com que eles se revoltem muito mais. Pai e mãe, às vezes não trabalham nem por necessidade, mas pelos atrativos do luxo. Agora aqui não tem muito disso, apesar de que a maioria das famílias já tem sua televisão, já tem seu computador, já está começando, já está vindo e por isso eu digo que eles cresceram no poder aquisitivo, houve um crescimento muito grande.

Agora essas crianças aqui são melhores, são bem educadinhas, um ou outro caso, mas é raro. Os pais valorizam mais a educação, porque não tiveram, valorizam muito a escola, os professores, senão os pais, pelo menos os avós passam para os pais o valor que tem a escola, porque os avós não tiveram, os pais tiveram acesso a educação porque até colaboram no acompanhamento dos filhos. Os avós porque não tiveram acesso à educação passam o valor da educação para os filhos e os filhos para os netos.

Mas eu acho que não tem que ter duas escolas diferentes, mas a do campo se aproximar da do campo e a da cidade se aproximar ao máximo de uma educação do campo também. Um conjunto, já que existe mesmo uma interdependência entre os dois.

Voltando lá pra história, essa discriminação começou com os novos ricos no início da industrialização, só que não podia ter acontecido isto, porque até então todo mundo era do rural, o Brasil foi um país essencialmente rural. Então tem que voltar lá e contar a história e ir desfazendo, transformando essa mentalidade. Eu sou da roça e não quero ser da roça, ele pode ser da roça e ser um advogado, ele pode ser da roça e ser um engenheiro. É isso que temos que embutir em um trabalho bastante pesado na cabeçinha destes e na cabeça daqueles Fazer uma simples pergunta: Se não fosse o trabalho na roça o que vocês comeriam? Se não fossem os pés vermelhos?

Sabe ir desfazendo.

Lá em Itapeva fui visitar um assentamento muito grande que já é cooperativa. Tinha quatro meninos que terminaram o colegial e estavam indo pra Cuba fazer medicina. É esta transformação que nós temos que atingir, porque eles podem.

Agora antes de tudo precisamos transformar eles, a mentalidade deles, porque eles pensam que são da roça e se encolhem, ficam de cabeça baixa. Precisa acabar com essa mentalidade, precisa de um trabalho muito sério, eu sou da roça, mas ergo meu nariz tanto quanto você que é da cidade. Eu dependo de você e você depende de mim.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Sim, sim. Só que como eu disse pra você, essa educação é uma amostra de educação do campo. Porque de acordo com a minha opinião, uma educação do campo mesmo seria conteúdos interligados com o trabalho no campo e ainda reconheço que só em 40 minutos é impossível, tinha que ser uma escola integral para fazer valer. De manhã eles aprenderiam os conteúdos caso fossem pra cidade, à tarde a prática destes conteúdos na terra, no campo. Ai valia, só que é uma utopia, mas as utopias também podem acontecer é só da vontade, vai da vontade.

P: Então, que sugestões a senhora teria pra essa proposta de educação do campo?

R: Que ela fosse integral. Escola integral e, e concurso de professores à parte. È necessário que o professor goste e ao menos uma parte da vida tenham vivido esta realidade para compreender o que estes meninos e saber por onde começar. Não que os professores não saibam, eles são bons, só que chegam aqui pegam o livro didático e despeja o conteúdo, mas ele está muito aquém da realidade, eles nem ligam pra essa realidade que nós vivemos. Você entendeu? O livro didático que nós temos está muito além da nossa realidade, daí, o interesse dos alunos está destruído, não é a mesma língua. É conteúdo que eles tentam aprender, mas não é da mesma língua. Tem que esmiuçar esses conteúdos passar pra linguagem deles, e qual é a linguagem deles? O solo, trabalhando, mexendo, manipulando, entendeu?

P: A senhora acha que a comunidade participa bastante da escola ou precisa ser realizado algum trabalho para trazer a comunidade para a escola?

R: Olha, não é que eles não gostam da escola, todos gostam da escola e valorizam. Só que já houve uma boa participação, quando a gente fazia exposições só que muitos reclamam que não tem tempo, eles não dispõem de tempo. Por exemplo, os que vão vender na feira, no terminal de integração, eles passam o dia lá e os outros dias da semana eles passam preparando os produtos para poderem transportar. Não é que eles são relapsos, não valorizam, eles valorizam sim e passam esse valor para os filhos, mas eles não dispõem de tempo. Às vezes a gente fica até decepcionado, teve uma reunião de pais e professores e em uma sala de vinte alunos veio oito pais, os pais que trabalham na cidade não vem, mas eles são preocupados, porque aqueles que dispõem de um irmão ou de uma irmã mandam eles no lugar e isso é sinal de interesse. Não me dizer que eles são relapsos, eles mandam alguém, às vezes, a avó do aluno vem no lugar, quantas e quantas vezes.

P: A senhora morou bastante tempo no campo?

R: Eu nasci no campo, praticamente, porque vir pra cidade não significa que eu vou morar no centro, é lógico e meu pai sempre viveu nos arredores, em chácara, em lugares de terra mesmo. Só que nós também sofremos muito, porque meu pai não tinha identidade urbana a única coisa que ele sabia fazer, era lavrar a terra. Como éramos uma família muito grande, um dia ele perdeu o juízo, não é que perdeu o juízo, ele ficou desestimulado, era só empurrão, empurrão, nunca teve a oportunidade de ter um pedacinho de terra seu e às vezes criava e plantava apenas o que o patrão deixava. Com a expansão do agronegócio a coisa foi espremendo, espremendo, espremendo e muita gente foi alugando solo pras usinas e os lavradores foram perdendo espaço.

Ele veio pra cidade só que não perdeu o amor a terra, de jeito nenhum. Qualquer pedacinho de terra, lá na cidade que ele pudesse arrendar pra plantar arroz, ele estava plantando. Primeiro, porque a necessidade da família exigia e segundo, porque ele gostava da terra. Uma vez eu deixei a escola uma semana pra ir ajudar ele plantar arroz, mesmo na cidade. Você está vendo como é importante ter os conhecimentos? E depois quando era auxiliar de escritório, tive que deixar o trabalho de novo, porque ele tornou a plantar arroz e nós fomos colher. Eu tive que deixar o trabalho mais de uma semana, para ir ajudar ele colher, porque ai ele já estava muito doente e não podia pagar ninguém.

P: Aqui no assentamento a senhora participa de algum movimento social?

R: Participo. Participei e ainda participo. Eu participei do curso, junto com os assentados daqui, de capacitação rural e hoje eu pertença à Associação das Mulheres Assentadas aqui do Assentamento VI.

P: É forte a ação dos movimentos sociais dentro do assentamento ou não, o que a senhora percebe?

R: Movimento social em que sentido?

P: Assim na força dos grupos, na luta pelos direitos, por uma identidade...

R: Ah é, é sim, porque quando o assentamento foi formado, não tinha nada aqui e com esses gritos, oh conseguiram a padaria, produção de pães artesanais, conseguiram o posto de saúde, conseguiram dentista, lá em cima no Assentamento III, aqui tem vários assentamentos, você sabe né? Conseguiram a fábrica de doces, conseguiram também um

outro postinho de saúde PSF, que atende às famílias, ah conseguiram bastante coisas, porque quando eu cheguei aqui não tinha nada só terra.

P: Aqui na frente é um postinho de saúde?

R: Não é onde o ITESP faz reunião com os assentados, para ver as prioridades, oferecimento de cursos e ver quem está necessitando do que, por exemplo, se está precisando fazer um exame do solo, ver quanto de calcário tem no solo PH, essas coisas... Isso é realizado em uma parte deste salão a outra parte é posto de saúde, atendimento médico. Este atendimento acontece três vezes por semana no período da manhã, se acontecer de a pessoa ficar doente ou acontecer alguma coisa ou um acidente e aqui estiver fechado, tem o atendimento no três, senão caso também esteja fechado, se for à noite, por exemplo, leva pra Bueno que é perto.

O ITESP é um órgão do governo estadual, quase como o INCRA, só que o INCRA é federal e o ITESP é estadual e foi criado na década de 1990, o Instituto de Terras do Estado de São Paulo. O ITESP faz uma ponte entre os assentados e empréstimos no banco.

Para a luta por políticas públicas, os movimentos sociais, no caso a Associação das Mulheres Assentadas, elas se juntam, participam das reuniões do Orçamento Participativo e aqui elas quebram pau, querem, querem e querem. Todas as lutas e conquistas são por meio do Orçamento Participativo, antes de sua criação, a luta era delas mesmas com a Prefeitura e com quem fosse possível. Acho que elas cansaram de sofrer, tomaram consciência de que tinham direitos.

Cursos que elas fazem também de processamentos de alimentos e produtos para a alimentação, além de pães, elas fazem a partir do ITESP que faz a ponte ou com o SESI ou SENAC, aquelas escolas do sistema S. è o ITESP quem arruma os cursos para serem oferecidos aqui.

P: Bom, acho que por enquanto é isso, gostaria de agradecer a participação...

R: Ah, espero que possa servir. Então vamos concluir aqui: a partir do momento em que o povão se conscientize de que existe uma interdependência entre campo e cidade, não há porque separar as educações, pelo contrário, tem que ser uma educação integrada, uma educação de intercâmbio, certo? Muitos da cidade podem acabar vindo aqui pro campo e muitos do campo podem acabar indo pra cidade. Transformar mentalidades, esse trabalho é árduo, nós temos que transformar mentalidades, além dessa escola intercambiada. O dentista não pode chacoatear o pedreiro, porque está mais sujo de cal, de cimento, porque se o pedreiro

depende dele, ele também depende do pedreiro. Existe esta interdependência entre as pessoas e as profissões.

P: Você acredita que na hora em existir essa consciência desta interdependência, acaba a discriminação?

R: Acabaria, com essa conscientização acabaria, porque a partir da hora em que o campo começar a formar médicos, engenheiros e outros profissionais, ele está equiparado à cidade, só muda o espaço. E o campo pode, contei pra você o caso de Itapeva, os alunos que estão estudando medicina, eles moram lá no assentamento que já é cooperativa e estão fazendo medicina. Aqui tem meninas que estão lá fazendo pedagogia do campo, estão terminando já o curso de Pedagogia da Terra na UFSCar. O Campo pode formar engenheiros e existe uma necessidade de pessoas formadas para o caso de que se o Brasil entrar em uma revolução, o campo saber se posicionar e lutar para se defender primeiro pelas vias pacíficas, mas se necessário for, partir também para a luta física. As pessoas da cidade também precisam estar preparadas para o caso de ser necessário irem para o campo plantar, é necessário que as pessoas possuam o conhecimento escolar, mas também saibam realizar o trabalho, um engenheiro precisa saber plantar.

Entrevista 5: Agente educacional Claudio⁴²

Esta entrevista foi realizada dia 14 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Três anos e três meses.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: No Hortência, seis meses e trabalhei na creche 2 anos até pegar transferência para cá. Todo final de ano na função nossa, temos remoção e você pode escolher o local em que quer trabalhar.

⁴² Claudio é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

P: Estas escolas são na cidade?

R: Sim, na periferia da cidade.

P: Em escolas do campo você nunca tinha trabalhado?

R: Não, na realidade eu nem imaginava que uma escola do campo tinha a estrutura que nós temos aqui, a quantidade de profissionais que temos aqui.

P: Você conhece o programa escola do campo?

R: A fundo não, né. Conhecer a gente conhece por as vezes debater, ler muito sobre o assunto não.

P: O programa escola do campo defende a ideia de que a educação tem que ser pensada exclusivamente pras crianças, para os moradores e trabalhadores do campo. Você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Dentro de uma possibilidade, eu acredito que sim. Eu poderia falar pra você, é até interessante, pois estava conversando agora com a Letícia, tudo é imagem do que você vive. Vamos imaginar assim: Você é médico, então automaticamente o que você procura para o seu filho? Que ela vá pra uma medicina, fazer uma faculdade, né?

Agora aqui especificamente, não em outras escolas do campo, a pessoa já vem de uma vivencia do campo, então se você parar para ver bem, a escola pra estas pessoas é segunda etapa. “Há o meu filho concluiu o nono ano, está ótimo.” É raro, vejo eu assim, posso até estar errado, mas aquele pai que tem realmente aquela visão do filho progredir, continuar estudando. Não que ele não queira, mas muitas vezes a dificuldade o impeça isso, então é aquela coisa. Ontem eu estava com uma criança tendo aula de esportes, da escolinha de esportes que temos aqui em conjunto com a Fundo Esporte, o que aconteceu, o pai ligou para ele aqui, pra ele ir lá ajudar a bater, o que eles fazem tratam de vagem para porco, que é uma ração que você fazem especificamente para adubação. Quer dizer, você tirou a força do lazer e é até difícil você chegar e falar “oh, pai você não pode fazer isso, isso é contra a lei”, mas ao mesmo tempo, quem vai ajudar esse senhor de setenta anos a trabalhar lá no campo? Você vê que no caso deste aluno, ele concluiu o nono ano no ano passado aqui na escola e esta em Matão estudando à noite, mas a prioridade ainda é o trabalho lá, porque o ganho de uma pessoa dessa é pouco, eu não vejo um ganho exorbitante, então pra você pagar uma mão de obra pra fazer isso é complicado, então depende da família e muitas vezes é aquela coisa assim, o pai e a mãe não veem a escola como principio, como fundamento pra ele sair do

campo. Na minha forma de pensar se for assim, uma hora vai acabar os assentados, se você partir de um principio que todos precisam estudar, se formar, ter uma condição melhor, toda criança vai querer ser agrônomo, ninguém vai querer carpir, plantar e alguém vai ter que continuar fazendo esse trabalho. Como? Não sei, através de máquinas? Mas pra isso você vai ter que dar estudo pra uma criança dessa, porque a tecnologia de uma máquina hoje é muito avançada e uma criança que não tem essa tecnologia..., aqui graças a Deus, temos lousa digital, temos os computadores, então você dá uma base pra uma criança, mas saiu daqui e ai? O pai se preocupa em pagar um curso de informática? Mas e ai, eu vou pagar um curso de informática à noite pra essa criança, como que eu vou leva-lo lá?

Então eu acho assim, tem que ter, mas ao mesmo tempo em que você faz um trabalho com uma criança é importante, não sei uma vez a cada dois meses, uma vez por mês, mas você tinha que fazer isso com todos os pais, indiferente daquela reunião que você faz com os pais para falar sobre as faltas e sobre as notas, porque você está falando sobre o aluno, sobre a criança dentro da escola. Mas você tem que trazer esse pai para tentar demonstrar para ele também, que ele precisa estar consciente desse acompanhamento com a criança, que a escola não passa vinte e quatro horas com a criança, não adianta o professor ficar enchendo o aluno de tarefas se o pai não tem um acompanhamento com a criança. Então a escola, a criança, eu acho que o trabalho é bem feito, mas falta algo mais. Esse algo a mais, não digo abrir a escola pra comunidade, ela tem que ser aberta para comunidade, mas você tem que aproximar, o pai teria que estar todo dia sabendo sobre essa criança, o aproveitamento ou não aproveitamento dele.

Nós temos uma facilidade maior aqui, porque assim, todos ou pelo menos 90% dos alunos vêm de ônibus, o pai vê que esta criança está saindo e no meio do caminho o motorista não vai parar para nenhuma delas descer. Então o caminho da criança é casa e escola, diferente da cidade, lá em cada aula você tem que fazer uma chamada diferente da chamada do professor, pra saber se essa criança não pediu pra ir ao banheiro e não pulou o portão pra ir embora, se no intervalo ele não foi embora... Aqui o índice de acontecer esse tipo de coisa é zero, ou ele vem ou ele não vem.

Mas teria, não sei como, não sei quem, se é a secretária, se é a direção da escola, se é os professores, ou se é em conjunto, mas teria que aproximar esses pais, pra mostrar que a escola é um tudo e o todo dessa criança. Essa é a minha visão.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Eu acho que pra essas crianças aqui, você tem que tentar interligar isso, você tem que dar as duas possibilidades para eles, para que no futuro eles possam escolher isso. Mas você tem que dar uma visão também de outro mundo, senão eles sempre vão estar fechados aqui. É muito no campo, do campo, mas não é só o campo, tem-se uma via lá fora.

Você vai andar aqui e vai dizer assim pra mim, “nossa como essa criança é brincalhona, é divertida, é extrovertida”, é isso entre eles aqui, não vou dizer que são todos, mas entre eles não há vergonha um do outro, porque é o meio deles. Agora leva eles pra longe daqui, não sei se é o termo correto, mas é o “patinho fora d’água”, é um mundo diferenciado, mesmo com essa abertura que nós temos da televisão, da informática, da internet, todos eles têm um celular, mas não tem a visão geral da coisa. Então eu acho que têm que ter as duas coisas juntas, pra você não perder aquela raiz do campo e ao mesmo tempo poder ter uma opção do mundo diferente lá fora, é assim que eu vejo.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Eu não vejo tanta, mas é que nem te falei do passeio, às vezes eu não sei nem se é pelos outros, mas deles pra cidade. Porque tem muito daquela mentalidade assim “ah, mas lá eu sou discriminado”, mas eu não preciso me sentir discriminado, eu estudo, eu sei ler, “se tem internet aqui? Eu tenho internet lá também”. Eu não vejo tanto de fora pra dentro, eu vejo de dentro, campo para cidade. Eu vejo mais por parte deles aqui, do que lá fora. Existe.

Eu há uns anos atrás estudava em uma industrial, não sei se posso contar esta história pra você, e na classe que eu estudava lá na industrial, nós tínhamos três alunos da antiga Usina Tamoio, naquela época eu falo para você que era muito mais discriminado, “ah o pé sujo” e várias outras situações que hoje seriam bulling. Hoje eu não vejo tanto isso, existe? Claro que existe e isso vai continuar existindo por muitos e muitos anos, cabe a nós profissionais da educação ou de outras atividades tentar diminuir ao máximo isso dai. Por incrível que pareça, mas está dentro da própria sociedade, porque você se espanta, é o cumulo eu falar assim pra você, “nossa, ali em cima mora uma engenheira agrônoma”, começou no assentamento. Parece que não tem nada a ver, as oportunidades tem que ser dadas igualmente para todo mundo e muitas vezes acaba existindo essa discriminação.

P: Você acha que é mais eles que se sentem discriminados?

R: Eu acho que sim, tenho essa visão, mas posso estar errado, mas é aquela coisa nós vamos numa atividade fora, é raro aquele aluno que tenta ir lá conversar com o outro, fica mais acanhado, mais no seu lugar, mais no grupinho, não tenta uma aproximação, não tenta uma conversa, porque eles não tem isso aqui. Você vai pegar um grupo de jovens na cidade o que vão falar na segunda-feira, “ah, eu fui no clube”, “ah, eu fui na lanchonete”, “ah, eu fui no cinema”. Eles não tem isso aqui, raros os que têm essa oportunidade aqui no campo.

Aqui a escola muitas vezes pra ele é o “point” deles, é onde tudo acontece. Como são poucos aqui, “ah, eu vou na casa o meu amigo ali”, mas o meu amigo ali, mora a seis quilômetros. Aqui é o “point” deles, aqui é o mundo deles e pra você tirar eles daqui e criar um novo mundo, uma nova visão, porque é aquela coisa né, “o que vou falar com aquele menino, com aquela menina?”, “vou falar sobre o trator que trabalhei no arado no sábado com meu pai?”. A menina quer saber só sobre a internet, sobre o menininho, sobre a lanchonete, quem tocou, quem não tocou, é raro os que tem essas oportunidades aqui, então eles se retraem um pouco. Eu vejo assim, posso estar enganado.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Interagindo mais, não sei..., trazer mais as crianças da cidade pra cá, levar eles mais para cidade dando muito mais oportunidades. Você não precisa fazer passeio pra biblioteca, que eles vão continuar com o grupinho deles, pra cinema, porque eles vão continuar com o grupinho deles, mas leva na outra escola, pra assistir uma aula, sei lá, através de e-mails, sei que é difícil, mas têm professores aqui que também dão aulas na cidade, pega dois, três alunos traz aqui. Muitas vezes você não precisa fazer exatamente aula, faz lazeres. Então traga mais eles pra cá, para que ao mesmo tempo eles aqui e as crianças lá da cidade, sintam que não existe diferença, que a criança de lá, acaba tendo os mesmos problemas que as daqui. Lá tem droga? Aqui também tem droga, você não pode achar que no campo não existe droga. Lá existe lazer? Aqui também existe lazer, de formas às vezes diferenciadas, mas existe.

Então tentar interagir hoje, não tenta você interagir o aluno lá com quinze anos, pois ainda vai haver um pouco de barreiras, mas começa ali pelo primeiro ano, pelo segundo ano, vai devagar que lá na frente essa criança amanhã vai sair daqui e encontrar com ele num cinema e vai ter assunto, mas hoje não, vai encontrar lá, mas não conhece, nem sabe quem é. Vai encontrar num campeonatinho de futebol, também, mas não já teve a oportunidade de se

conhecerem antes, de saber quem é quem, ter algum tipo de contato, “oh, aquela criança do campo, não é um bicho de sete cabeças”, “oh, aquela criança da cidade não é metida”, de certa forma somos todos iguais. Então eu vejo assim, não sei se...

P: Você trabalha bastante na horta, você consegue trabalhar com os alunos algumas coisas que são próprias do campo ou eles não vão à horta?

R: Eles vão, mas muita coisa é à base de troca, porque como já trabalhei na cidade, lá a terra é um negócio gostoso pra eles irem, aqui, como te falei, 90% das crianças por necessidade, obrigação e outros fatores, tem que ajudar a família. Então o que acontece, a horta acaba se tornando uma continuidade do trabalho que ele tem com o pai em casa.

Então não é aquela coisa prazerosa, não sei se eu estou errando, eu tenho que criar uma outra forma, às vezes sou eu, mas me ajudam, de certa forma acabam me ajudado, não tanto quanto eu queria e também não é por culpa dos professores, entende? Mas muitas vezes você percebe que eles querem ir à horta pra matar uma aula que eles não gostam de assistir, por exemplo, faltou um professor hoje por “n” razões, “oh, vamos à horta hoje comigo? Ah, Claudemir eu vou jogar bola, já tenho que ir à tarde lá na horta com meu pai, tenho que ir lá cortar cana, tenho que ir lá cuidar do gado...”. Serviço que não deveria ser dado para eles, porque você pega o ECA⁴³ e é quase que impossível para uma criança poder fazer isso, mas como você vai explicar isso pra um pai? Ele tem direito ao lazer, à cultura, a isso e aquilo, mas muitas vezes o próprio governo não dá isso pra ele, como é que faz? Como é que eu vou pegar essa criança e falar, “oh, toda terça e toda quinta eu não quero atrapalhar sua aula, mas vocês vão vir aqui a tarde comigo e vocês vão fazer esse trabalho comigo, eu vou dar uma enxada pra cada um, ou um regador, ou o esterco e vocês vão me ajudar”, porque muitos deles têm mais conhecimento que eu, porque aquilo ali é a vida deles, aquilo ali é o ganha pão. Tem muitos que o pai enche aquelas caixas de plástico e eles saem pra vender lá em Matão, entendeu? A situação, o que é que acontece, muitas vezes a criança falta pelo imediato, “hoje eu preciso comer”, isso eu estou falando pai, mãe, filho menor e eu tenho um de quinze anos lá no nono ano, entre essa criança vir pra escola e comer, a mãe vai mandar ele cortar cana, eucalipto pra ganhar seus vinte, trinta reais, e aí, a culpa é de quem? É da escola, é da sociedade, é do governo?

43 ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Então eu te falo, como que eu pego essa criança no outro dia e falo “hoje é a sua vez de ir lá me ajudar na horta”? Porque ali pra ele não é uma coisa prazerosa, acaba sendo uma continuidade do trabalho que ele faz ao sair aqui da escola. É o dia a dia dele, é diferente na cidade, eu tinha uma hortinha na creche em que trabalhava lá no Hortência, coisa pequena, quatro, cinco canteiros, eu pegava minha turminha da quarta, da quinta etapa que eu tinha, “hoje nós vamos na horta brinca”, “brinca” é força de expressão, pegava o enchadãozinho, pequenininho de jardinagem, o rastelinho, era a festa, a alegria, ali você passava se bobeasse a tarde inteira, eles dentro das possibilidades deles, com a horta ali, mas era uma atividade completamente diferente do que ele está acostumado.

Eu pego o exemplo de um aluno que saiu daqui, o pai dele tem uma horta enorme, é o pai, a mãe e ele. O que acontece, hoje graças a Deus, “oh, você não vai me ajudar aqui, mas você vai estudar”, o que são poucos pais que fazem isso. Fala para ele, “Fulano, hoje você precisa ajudar o pai e a mãe na horta”, “ah, não isso aqui não é minha praia”. O que você vai fazer com uma criança dessa, uma que ela está certa em dizer que não vai, porque ela não tem que fazer esse tipo de serviço.

Não sei quem tem que procurar a forma correta de ajudar a família, se falta sensibilidade do ITESP, não sei, talvez esteja até falando demais, citando exemplos que nem deveria citar, provavelmente eles devem até fazer esse tipo de coisa, mas fazer mais vezes. Na época de apanhar esse alface, essa rúcula, então vem o fulano daqui, dali, vamos fazer nós hoje, a base de cooperativa, não sei se eles não tem, às vezes estou até falando uma besteira aqui, se tem, se não falta se juntarem mais, se agregarem, não se separarem tanto, teria mais força pra tudo. Dentro ai assim, poderia centrar a escola, ou o ITESP forçar de certa forma ou através de incentivo, não sei, que esses pais realmente desse estudo pra estas crianças, porque essa mesma criança que estou te falando vai lá em Matão estudar, mas fica falando, “oh, o meu amigo tem um computador, eu não tenho pai, tenho aqui na escola, mas não tenho em casa”. Ai por morar no campo, não chega a internet, a criança fica desatualizada com o mundo. Então é isso o que eu falo, pra eles é diferente.

E diferente deles é o Assentamento Bela Vista, lá existe realmente um projeto diferenciado, um estímulo diferenciado que poderia e até acredito que deva chegar até aqui, mas existe um profissional adequado pra esse tipo de necessidade dele.

P: Os professores costumam levar os alunos na horta para fazerem trabalhos de classe?

R: Sim, eu tenho alguns professores, não digo pra você frequentemente, mas eu tenho alguns professores que eles procuram realmente levar as crianças lá. Porque você pega um professor e por incrível que pareça, você pode fazer um trabalho de matemática em cima de uma horta. Por exemplo, a forma como eu fiz os canteiros, por incrível que pareça dá para trabalhar figuras geométricas lá dentro, ai vai de o professor criar isso.

Então ai sim fica uma aula diferenciada, como eu já tive professores que fizeram esse tipo de trabalho com as crianças, mesmo no plantar uma multiplicação, uma subtração, uma adição; na própria alimentação em si, pois não é porque a criança esta no campo, por incrível que pareça, tem muitas crianças que não sabem diferenciar determinadas verduras de outras verduras. Ele chega na casa dele, o pai dele dá um saquinho de semente na mão dele e diz “planta pra mim” e muitas vezes ele nem sabe plantar essa verdura, porque o pai vai lá e quando não compra a semente já compra a muda. O professor consegue fazer esse tipo de trabalho também, por exemplo, a professora de ciências falar a importância de determinado alimento, ela já fez isso sim com outras crianças, então dá sim pra se trabalhar, uma planta medicinal que temos ai, a propriedade dessa planta, pra que serve essa planta, pra que serve aquele chá, porque é muito benéfico pra criança ter aquele chá natural do que o remédio que você compra na farmácia. Então essa cultura não pode ser perdida, essa eu falo pra você que não, ela tem que continuar a ser introduzida na criança e essa cultura jamais deve ser perdida pela criança do campo.

P: Você acha que essa cultura é bem trabalhada ou ela deveria ser melhor explorada pelos professores?

R: Eu acho que poderia ser mais trabalhado, às vezes pode ser falha minha também, porque eu sou muito imediatista. É até interessante falar assim né, mas parece que tudo que você faz, você tem ciúmes do que você faz, não sei se acontece com você, mas assim, eu preparo o canteiro e eu quero que a criança faça, é aquilo que eu te falei se você tem um profissional adequado para aquela coisa, então possa se sair até melhor, possa ser que ele tenha técnicas pra trazer a criança mais próxima, pra ela querer fazer aquilo lá, então eu gosto assim, eu faço, as vezes o professor me diz “essa semana é de prova”, bom mas eu já comprei a semente, eu já comprei a muda, o que eu faço? Ai eu vou falar para essa criança que a gente faz esse trabalho à tarde, mas 90% dos professores saem daqui e tem que dar aula em outro lugar, em outra sala, em outra escola. Então como ele vai fazer esse trabalho com essa criança e ao mesmo tempo, eu vou deixar aquela muda morrer? Então eu vou e eu planto, não sei se estou errado.

Ai em outra oportunidade o professor vai lá na horta e faz outro trabalho com a criança, mas é realizado esse tipo de coisa. É aquela coisa, infelizmente você não vai estar aqui nesta época quando vêm algumas escolas particulares de São Paulo pra visitar-nos aqui, o espanto que das crianças quando veem um pé de alface e um abacaxi no pé nascendo. Incrível né, o menino com um notebook na mão e ele nem imagina, não tem aquela visão de que aquilo é daquele jeito. Você dá um notebook na mão da criança de nove, dez anos de idade, que são as que vêm nos visitar aqui e eles “destroem” aquilo ali, fazem coisas que você nem imagina, em contrapartida você dá uma muda de alface na mão da criança e ela não sabe que lado que planta a mudinha de alface, dá pra acreditar? Por isso que eu te falo da cultura, que não pode perder determinada raiz, por que pra ele, ele vê o abacaxi lá no mercado embrulhado num plástico e pra ele sempre foi assim, ele não imagina que foi daqui, do suor do senhor que esta aqui no campo que saiu aquilo lá pra ele. Então são visões diferentes.

Mas voltando ao assunto, eu acho que dentro da possibilidade do professor é aproveitado, na minha visão.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Eu já tive essa visão. Eu digo pra você que as oportunidades são iguais, porque você tem o mesmo professor, muitas vezes o professor que está aqui no campo ele também está lá no Cruzeiro, ele está lá no Martines, ele está lá no Hortência, é o mesmo professor. Hoje com o método introduzido pela Secretaria de Educação, você tem o mesmo ensino que você tem aqui em todas as escolas, não estou falando acompanhamento, estou falando que o didático é o mesmo. Então nós deveríamos partir do principio que as condições são as mesmas, porque eu falo uma casa, a estrutura que nós temos aqui não deve nada pra nenhuma escola da cidade, pode ser me menos escala, mas nós temos toda a estrutura que uma escola da cidade tem. E, não sei, mas até com mais facilidade, por exemplo, de repente temos quinze computadores pra uma sala de dez alunos, enquanto lá na cidade você tem quinze computadores para uma sala de quarenta alunos. Então, às vezes até dá para o nosso professor aproveitar melhor, o nosso laboratório de ciências, por exemplo, te garanto que pode ser igual, pior que o da cidade eu não acredito, falta alguma coisa, falta, como também deve faltar em alguma outra escola lá na cidade.

Eu acho que o ensino em si é o mesmo, as condições são as mesmas, claro que não estou em uma sala de aula para poder dizer isso daí, mas nesse aspecto não tem dificuldade não.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Apoiar, apoia, mas eu volto lá atrás naquilo que te falei. Eu acho ainda que partiria da escola tentar trazer mais a comunidade e tentar mostrar que há a necessidade desse estudo aqui para as crianças.

P: Quais seriam suas sugestões para a proposta de educação do campo?

R: É aquilo que te falei, eu vejo dois pontos, não sei se existiriam mais, mas de forma imediatista eu veria assim: pegar esses pais, ter mais reuniões com eles, mostrando que a criança precisa estudar, nem que ela não o ajude tanto na roça dele, no sitio dele, mas mostrar pra ele que indiferente das necessidades imediatas, “ah, hoje preciso de cinquenta reais, então hoje meu filho não vai para escola, ele vai cortar cana, vai plantar eucalipto...”, mostrar pra ele que se ele, lá atrás não teve a oportunidade, que ele como pai, como responsável dê essa oportunidade de estudar para a criança. E ao mesmo tempo, mesmo no campo, não sei de que forma porque isso é conseguido lá na cidade, você fazer com que essa criança fique mais tempo na escola através de programas PEC, SEC, como acontece na cidade, que dê outras atividades, que dê um curso de informática gratuito pra essa criança, corte e costura, não sei, mas cursos que permitam a criança ficar mais tempo na escola, de forma que esse pai não use tanto a criança para o trabalho e sim para a educação, para o estudo realmente.

Outra coisa a se fazer é interagir a criança do campo com a criança da cidade para que elas se aproximem mais e não haja essa discriminação em relação ao local onde cada uma mora. Eu vejo famílias aqui no campo, muito melhores do que famílias de alguns bairros da cidade, podem não ter de repente por causa de várias circunstâncias a cultura, a internet, o computador, o isso e aquilo, mais próximo, mas ele tem outros conhecimentos para passar. Então, não sei o que a Secretaria de Educação, o que o governo, os professores, os agentes educacionais faça, criam-se situações para que estas crianças interajam mais, para que não fique aquela coisa distante, porque a gente fala em internet, email, mas fica uma coisa distante, você está lá do outro lado, eu não estou vendo a sua reação. E esse momento de interação não precisa ser em horário de aula, que seja em outros horários para sumir um pouco essa barreira, pra na hora em que as crianças do campo forem pra cidade, que elas andem lá

da mesma forma como andam na calçada lá na cidade, não retraído, de cabeça baixa, mas de cabeça erguida, olhando pra frente, vendo um amigo que outro dia esteve na escola dele e vice e versa. É uma forma de discriminar, como tudo né? O branco com o preto, então quanto mais você interagir com a pessoa, mais você conhecer a pessoa, mais você vai quebrar essa barreira.

P: Em uma de suas falas, você comentou sobre escolas particulares de São Paulo que vêm até a escola visitar, isso ocorre todo ano?

R: No tempo em que estou aqui, todo ano veio uma escola, se não me engano esse ano a visita já está até agendada para outubro, não sei dizer em que período que será, mas se não me engano são duas turmas de etapas diferentes de uma mesma escola. Não sei se uma vem aqui e outra vai para o Bela Vista, os se as duas vêm aqui, os as duas vão para o Bela Vista. Mas todo ano nós temos, não só a escola, eles vêm conhecer o assentamento em si, como é um assentamento e como a escola faz parte deste contexto, automaticamente eles vêm ver como é. Vejo eu que é um trabalho legal, você pega uma criança desta, que não conhece uma coisa tão simples que é da terra, mas conhece a tecnologia como poucos.

Por isso que eu te falo que tem que haver essa aproximação, porque eu também não posso tirar uma criança daqui e levar pra uma escola particular lá de São Paulo do nada, porque eles vão ficar meio retraídos, muitas vezes o adulto vai ficar, porque você não sabe o que te espera lá, como você vai ser recepcionado, acredito eu que muito bem, assim como os recebemos em nossa escola. Mas se você já começa com um trabalho aqui, que está próximo a você, na hora em que esta criança tiver a oportunidade de ir para lá, ela não vai se sentir tão deslocada.

Aos poucos, como também deve ser colocado para o pai que para essa criança o ensino escolar é tudo. Amanhã ou depois, a escolha pertence à criança, mas que você dê essa oportunidade para a criança, para que não se torne uma obrigação, por exemplo, “ah, minha criança está lá na escola, porque eu ganho a bolsa família”, mas que elas estejam aqui para aprender, o primeiro passo é a aprendizagem, depois sim o fruto que aquilo ali pode me trazer e o fruto maior é a criança poder lá na frente ter o direito de escolha. É assim que eu vejo.

P: Bom, é isso, tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

R: Não, apenas agradecer por poder falar um pouquinho.

P: Agradeço pela participação, por aceitar fazer essa entrevista, mesmo já tendo conversado comigo outras vezes.

R: Eu acho bacana, acho gostoso. Assim, eu vejo a estrutura nossa aqui, é maravilhosa e não estou falando da boca pra fora, não sou partidário de nada, não tenho interesse nisso, mas eu acho que o que foi construído aqui não é para se perder, tem que ser dada continuidade através de propostas pedagógicas, através de propostas governamentais... é para ser dada continuidade ao trabalho e só crescer não se voltar atrás.

Os profissionais da escola são bons, as pessoas são dedicadas. É obvio que estamos falando daqui, se uma pessoa morasse na grande São Paulo e eu falasse que ando 40 km pra vir até aqui a pessoa vai dar risada, mas existe as dificuldades também, porque é cansativo, se você pega professores que dão aula aqui e que precisam dar aulas lá na cidade é cansativo, ele é um ser humano como qualquer outro que além do trabalho dele ainda tem a sua casa para cuidar. Então só o fato de poder vir aqui, para poder ensinar, eu acho que é um privilegio para todos.

P: Então você gosta de trabalhar aqui?

R: Eu vou falar uma coisa para você, assim, eu tenho mais oito anos antes de poder me aposentar, aparentemente quando eu falo parece muito, eu acho pouco. Porque eu comecei lá atrás, “nossa trabalhar 35 anos, olha já fui 27”. Se tudo der certo esses oito anos eu vou acabar aqui e falo para você, espero que daqui oito anos você escute isso, pois aquele espaço ali no fundo daqui a oito anos, te garanto que eu construí uma praça ali. Porque eu não quero passar por aqui, eu quero estar aqui, é diferente.

Eu quero deixar algo aqui, eu tenho essa vontade, vai ser devagar, vai. Amanhã pode ser que as outras pessoas, não que eu não tenha, porque encontrei também com as outras direções apoio, como encontro com apoio com essa direção atual, espero que continue essa e que me apoiem mais, porque muitas vezes não é só a vontade tem a parte financeira também, porque pra você manter uma horta existe adubo, existe água, existe isso, aquilo. “Ah, você trabalha na escola do campo, é fácil conseguir”, isso é mentira, porque por incrível que pareça o esterco que ele tem na casa dele faz parte de uma renda pra ele, é um ganha pão. Então eu também não posso ficar tirando esse ganha pão dessa pessoa, toda hora ficar pedindo um saco de esterco, um quilo de adubo, eu não posso fazer isso. E muitas vezes o que a gente ganha é pouco, muitas vezes não dá pra se tudo muito na horta, mas dentro da minha possibilidade, do que eu tiver, é um projetinho meu que eu tenho. Eu quero que aquelas árvores que estão com um metrinho de altura, que dai a oito anos quando eu sair daqui que elas estejam, pelo menos com uns seis metros, sete metros, que eles possam dar a aparência realmente de uma praça.

Uma praça em que você pode pegar as crianças da recreação e dar uma volta lá dentro, um espaço diferenciado, de lazer, em que eu possa colocar dois banquinhos de madeira para que a professora, não precisa ser a professora do quarto, quinto etapa da recreação, mas pode ser a professora aqui do primeiro ano, que ela possa ir dar uma aula lá, entendeu?

Isso eu falo pra você, só se houver contratempos muito maiores, mas quando eu sair daqui a oito anos, se você quiser vir comprovar, possa não estar ainda do jeito que eu quero, mas isso eu vou deixar, isso eu garanto pra você que eu vou deixar, vai ser devagar como eu falei. E falo uma coisa pra você, na hora em que começar a ter uma plantaçozinha um pouquinho maior, essas crianças que vêm a horta como uma obrigação, como uma continuidade e ver que o que estou me propondo a fazer é um outro espaço, essas mesmas crianças, virão até a mim e ai sim vão me ajudar direto.

Eu vou criar isso pra eles, hoje é mais difícil eu pegar os alunos do nono ano, mas esse trabalho eu posso começar a fazer com as crianças ali do primeiro ano, mostrar pra ele que aquilo ali será para ele, porque ele não precisa frequentar aquele espaço somente durante a aula, qual o problema de repente ele vir em um final de semana andar de bicicleta?

Não sei, posso até errar, mas já estive muito pior, quando eu comecei aqui, o mato cobria eu e você, hoje está muito melhor, você vê como esta, mas ai eu falo pra você que teve o empenho da minha diretora, em outras circunstâncias, não sei, mas esse ano no mínimo três vezes o pessoal da Florestan, que são os responsáveis pelo trabalho de cortar a grama e aparar, umas duas ou três vezes já vieram aqui e fizeram aquele trabalho lá. Antigamente, isso eu falo porque tive uma diretora aqui com o nome de Renata, foi ela quem começou com esse trabalho, porque até então, da cerca da horta pra lá eles não entravam, na visão das pessoas que vinham cortar aqui, aquilo não pertencia à escola. Então foi ela quem começou, dizendo que eles precisavam limpar lá e isso foi um estímulo pra mim, porque se eu tenho um espaço tão grande, com tantas pessoas querendo apenas um metro de terra, ali brincando eu devo ter o que, cem por cem, no mínimo.

É o que te falo, é uma forma diferenciada de estímulo, a criança vê aquilo ali amanhã, ou depois, não sei, pois não se trata de uma coisa imediata, infelizmente se você tem dinheiro você consegue comprar uma árvore de até dez metros de altura, mas eu tenho que trabalhar com a minha realidade e ela é a longo prazo. Mas este espaço aberto que eu tenho aqui na frente, porque depois não posso criar ali uma pista de bicicross para trabalhar com eles? É só colocar algumas árvores, não é uma coisa difícil, não dependo de ninguém, nós

devagarinho com uma enxadinha. Ai entra a comunidade, quase todos eles têm trator aqui, por que não fazer esse trabalho pra mim? Daquilo fazemos um incentivo, cria um parquinho, uma coisa simples através de ajuda por que não?

Se você traz talvez de repente alguém, que seja um político ou um empresário, mostra o trabalho que já está sendo realizado e que você quer desenvolver ali, será que não vai haver essa ajuda? Você tem que buscar.

No Bela Vista foi buscado algumas alternativas através de projetos, você deve ter um engenheiro que deve cuidar disso, que é um profissional da área. Dentro das minhas possibilidades eu pretendo criar e se tudo vingar e dar certo eu não quero abandonar isso, vou tentar. Quem sabe daqui a oito anos você volte aqui e este trabalho foi executado. São de sonhos que a gente vive, se você perder as esperanças, os sonhos, você fica em casa né? É aquela coisa, eu espero que todas as crianças que saiam daqui, tenham não o mesmo passado do pai, ele pode até ter o assentamento, mas que isso sirva de incentivo pra ele mudar, as vezes trabalhar no campo, mas ele não precisa trabalhar com a enxada, trabalhar mais com a cabeça, desenvolver novas técnicas, outras pesquisas, produzir outras coisas, para que o trabalho dele não seja tão sacrificante quanto o do pai. Por isso o projeto de escola do campo não pode terminar nunca. Espero poder ter te ajudado, mas eu falo um pouquinho de mais...

P: Claro que ajudou, muito obrigada.

Entrevista 6: Coordenadora Pedagógica Leticia⁴⁴

Esta entrevista foi realizada dia 14 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Nesta escola eu comecei em janeiro.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Do campo não.

P: Como foi vir pra uma escola do campo?

⁴⁴ Leticia é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

R: Foi uma escolha minha, estou a doze anos na rede municipal como professora, passei pelo processo seletivo que é interno e escolhi vir pra cá mesmo, pois passei em primeiro lugar no processo seletivo, tinha a possibilidade de escolha entre sete ou nove escolas e eu quis vir pra cá. Na verdade eu não conhecia a escola do campo, apesar de estar a tanto tempo na rede eu não tinha muito contato com a escola do campo, mas a minha escolha foi uma mudança, assim, conhecer uma escola nova, menor, pois eu sabia de algumas características, eu imaginava que pudesse ter um projeto diferenciado, tinha um número menor de alunos, então a minha atuação ia ser uma atuação pedagógica mesmo, porque a gente percebe que muitas vezes em escolas muito grandes o coordenador faz de tudo menos atuar pedagogicamente. Então eu queria ter experiência na função real, então a minha escolha foi essa, uma escolha menor, mais distante que eu imaginava ter um projeto diferenciado.

Mas também me gerou um pouco de conflito e angústia, porque eu nunca parei para pensar na escola do campo, não fez parte do meu percurso, da minha formação, dos meus estudos, meus direcionamentos. A escola do campo nunca fez parte, nem de uma ideologia, sabe eu nunca parei pra pensar numa escola do campo. Então a minha primeira escolha ir pra escola menor, mas afastada, onde eu pudesse atuar mesmo como coordenadora e daí sim, vivenciar o que ela tem pra me oferecer. É diferente, só que eu pensei que já tivesse um trabalho mais estruturado.

Então eu tinha a ideia de que os alunos fossem diferentes, então o meu primeiro choque, eu cheguei aqui e me deparei com alunos que são muito mais parecidos com aqueles alunos com quem eu trabalhei como professora, alunos de periferia, alunos da cidade, com estas características. Também pensei que fosse uma escola mais estruturada em relação aos projetos do campo, apesar de eu não conhecer eu achei que eles tivessem. Logo que eu cheguei e fiz o primeiro HTPC⁴⁵ e levantei essa questão porque eu queria conhecer, não tinha nada, os professores me surpreenderam, disseram que não tinha que já tinham ido fazer trabalhos na horta, mas não tinham nenhum projeto estruturado que fizesse parte mesmo da história da escola.

A escola está localizada num ambiente rural, ela tem isso como ideologia, mas acho que não tem projetos que levantem essa bandeira. Eu não sei se por causa da comunidade

45 HTPC, é o horário de trabalho pedagógico coletivo que os professores cumprem na escola e que já está computado dentro de sua carga horária semanal, geralmente é realizado em um dia da semana, com duração de duas horas.

escolar que tem essa característica mais de urbana, não sei se é porque os profissionais que estão aqui não abraçaram essa causa, não sei se é porque não tenha tido um grupo de gestores que pudesse ter levado isso à frente, o que é outra característica dessa escola, há muita mudança na equipe gestora, uma mudança incrível. Todo ano tem uma renovação dessa equipe, a escola ficou um tempo sem coordenação, diretor já passaram vários, então é uma coisa itinerante, então talvez também possa ser isso, pois na tem uma continuidade do trabalho.

P: Na prefeitura aqui de Araraquara, como é feito o processo de seleção de coordenação e direção das escolas?

R: Então pra diretor é o concurso tradicional, normal, surge a vaga, você faz a escolha de acordo com a sua classificação e no final do ano tem a remoção. O processo de coordenação não é concurso, é um processo seletivo interno, são colocados alguns critérios, você tem que ter no mínimo três anos dentro da rede, já tem que ter passado pelo período probatório, então tem algumas características que você tem que atender. Daí você faz a inscrição, passa por uma entrevista com o pessoal da secretaria da educação e depois faz uma prova, geralmente uma situação problema que você tem que resolver, um problema escolar e daí sai a classificação. Ai eles abrem as vagas e a gente escolhe. Esse processo é realizado quando surge a vaga, fazia uns três anos que não tinha, daí o ano passado ampliou, eles puseram mais coordenadores nas escolas maiores por ciclo, puseram essa vaga aqui, que ficou um bom tempo sem coordenação, acho que também tinha outras escolas sem coordenadores, mas o processo não é realizado todo ano, é quando tem a necessidade, às vezes fica um pouco sem coordenador.

P: Qual a validade do processo seletivo para coordenadores?

R: Todo ano passo por uma avaliação que é feita uma nota, um peso pelo Conselho de Escola e um peso da equipe da Secretaria da Educação. Todo ano você passa por isso, tem o prazo de três anos que é como se vencesse, mas acho que você pode pedir para prorrogar a validade. Tem pessoas que ficam bastante tempo na coordenação.

P: Você comentou que não conhecia o programa escola do campo, agora acredito que já tenha realizado mais leituras, mas para a pesquisa estamos utilizando principalmente a questão da defesa de uma educação específica para o morar e trabalhador do campo. Então você acha que no momento é realizada uma educação do campo aqui na escola?

R: Não. Tem uma resistência bem grande dos professores, não tem uma educação assim com esse caráter voltada para o campo e também não tem essa visão que venha da Secretaria da Educação, não tem nenhum gestor específico que cuide das escolas do campo. Então a gente enfrenta problemas, por exemplo, no planejamento nós pensamos unidas as três escolas do campo em fazer um evento na UNIP, nós trouxemos uma professora da USP de São Paulo para fazer uma fala de cultura escolar e escola do campo, nós apresentamos alguns trabalhos e o evento foi muito mal visto pela Secretaria da Educação, a gente sofreu muita represália mesmo. Então fica difícil, é como dar murro em ponta de faca, algumas coisas a gente tem que fazer como aquele trabalho de formiguinha.

Então é mais difícil ainda ter uma ação pedagógica, no meu caso pensar num currículo diferenciado, tendo que ter um convencimento do grupo docente, é lógico que a direção da escola tem que pensar da mesma forma, então todos temos que pensar da mesma forma, pra poder lutar por uma coisa maior, que esse sistema que não aceita. E por outro lado também eu não vejo a comunidade exigir esse tipo de trabalho, nunca se sabe também, entendeu? Acho que eles lutaram pra ter essa escola aqui, mas mais pelo espaço, pela falta de oportunidade de os moradores irem para outros lugares, mas não pensando também nessa ideologia, eles não se identificam.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Eu acho que tem que ter um viés, tem que pensar sim. Se é uma escola diferenciada, se a gente até ganha a mais por ser uma escola diferenciada, acho que precisa repensar o currículo. É lógico que a gente tem que tratar os alunos com aquele direito básico, como os outros tem, então precisa ter um currículo mínimo para que ele possa escolher, “olha, não quero ficar no campo, vou fazer uma faculdade, vou sair daqui”. O currículo mínimo igual a todos tem que ter, mas eu acho que tem que ter propostas diferenciadas, essas diretrizes, elas precisam caminhar juntas, mas ela é uma escola diferenciada e precisa ter essa identidade.

Então talvez algumas disciplinas, os projetos, mas que sejam coisas realmente fixas. Eu acho que precisa sim, mas é difícil, porque exige um convencimento, exige um trabalho árduo e precisa ter uma equipe que fique um bom tempo, equipe passageira, ela não surte efeito, ela precisa de um direcionamento.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Ah, eu não sei se tem uma discriminação assim, talvez alguma coisa velada, né? A gente tem tantos tipos de discriminação na nossa sociedade, não sei se esse tipo é mais. O que eu percebo assim com os nossos alunos é que apesar de eles rejeitarem essa identidade, quando a gente sai pro centro, eles ficam quietos, se sentem envergonhados, então eu sinto que eles se sentem diferentes. Eu não sei se tem esse olhar diferenciado de quem está fora, entendeu? Se tiver é velado, não sei se tem. E aqui também é aquilo que a gente vê, eles não são tão rurais, apesar de estarem aqui.

P: Se a discriminação existir, pois uma das linhas que justificam a proposta de uma educação do campo é a questão da discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Eu acho que tem que sair dessa mesmice, pensando nos alunos, por exemplo, eles tem que sair desse estado de se sentir menor. Também parte da gente mostrar esse trabalho, mostrar que aqui também tem humano, é diferente? É diferente, mas é tão importante quanto. Eu acho que tem que partir dessa valorização daqui, da nossa valorização, dos próprios trabalhadores se sentirem valorizados. A partir do momento em que eles se sentem intimidados e menor é difícil pensar num trabalho que possa...⁴⁶

Bom onde estávamos?

P: Na questão sobre a educação do campo poder solucionar o problema da discriminação do trabalhador, do morador do campo.

R: Então acho que é um trabalho a longo prazo.

Pensando um pouco na história dessa escola e de como hoje ela é vista, é complicado, porque simplesmente ela foi colocada aqui por interesse de um grupo pronto e não foi dado nenhum respaldo pra ela se mostrar realmente dessa forma. Então é mais uma forma de contentar alguns, “abro uma escola e sossega, ninguém vai mais pedir nada”, você entende? Então para esse trabalho a respeito da discriminação, a escola precisa também ser um espaço de reflexão, eu acredito nisso.

⁴⁶ Nesse momento fomos interrompidas.

P: Você consegue trabalhar com os professores alguns conteúdos, pensar junto com eles alguns conteúdos para ensinar para as crianças que seja específico da realidade e cultura do campo?

R: Olha uma coisa que eu acho que é uma conquista é o trabalho com o memorial que a gente tem feito. É lógico que não é aquela coisa grandiosa que eu planejei, mas de certa forma é um início. No que consiste esse trabalho, a gente faz uma essa formação que se chama Estudar para Valer, que é do Grupo Sem Pé, uma ONG patrocinada pela Fundação Volkswagen. Eles vieram fazer um curso há dois anos com os professores do sexto ao nono ano de toda a prefeitura e um dos projetos que eles colocaram, além da leitura e escrita em todas as disciplinas, pensar a produção de textos, gêneros, é trabalhar com o memorial. E o que seria esse memorial? É tentar resgatar a identidade, o entorno da escola. Então isso pode ser feito em qualquer unidade escolar, mas na nossa especificamente isso tem grandes chances de ser um trabalho riquíssimo, porque nós temos uma história pura aqui, viva, se pensarmos como esse assentamento começou.

Então eu planejei junto com os professores o que cada um poderia fazer do primeiro ao nono ano, pensando nas disciplinas. Por exemplo, as professoras de português e de história, estão trabalhando a história das mulheres do assentamento, porque elas são muito fortes aqui, elas que chegaram montaram suas tendas, têm as mulheres da padaria, do posto de saúde, tem a Associação de Mulheres, então elas estão resgatando esta história; as professoras de matemática e geografia estão trabalhando a produção agrícola e se há, então elas querem observar se aqui realmente tem mais produção agrícola, se as pessoas que moram aqui se envolvem realmente com a terra ou se a maioria trabalha fora e poucos tem essa relação com a terra. Na verdade agente acha que é isso que acontece, mas elas querem investigar realmente, é outra questão que é do campo e do entorno da escola, mas que reflete aqui na identidade de nossos alunos.

Outro trabalho é o da professora de educação física que está pesquisando as formas de lazer aqui do assentamento, o que eles fazem fora da escola, o que tem fora da escola. Por que assim, o que a gente vê aqui no assentamento é muita Igreja Evangélica, a cada dois lotes tem uma Igreja Evangélica, então você pergunta pros alunos o que eles fazem, eles dizem que vão à igreja, mas ao mesmo tempo eles não gostam, eles vão porque tem que ir. Outra professora, a do quarto ano, tem trabalhado de onde vieram os pais, a origem, pra pensar um pouco em como são, de onde vieram esses moradores, as características regionais.

Então o projeto memorial é um resgate dessa memória para que a gente possa refletir o que é o assentamento hoje, o que essa escola representa pra eles e aí sim direcionar o trabalho. É um primeiro passo que a gente dá.

Daí em cima desse material os professores vão escrever, estamos fazendo isso em comum, aqui, no Eugenio Trovatti, no Bela Vista⁴⁷, daí os professores vão escrever sobre estas práticas, estas atividades, os resultados que eles obtiveram. Então a gente põe o professor também como escritor e fazer uma reflexão sobre o trabalho dele. Quer dizer é um início que vamos dar, para depois pensarmos em projetos, direcionamentos, em que clientela realmente a gente tem, porque por enquanto são suposições, “eu acho isso”, “eu observei isso”, mas a gente não tem dados concretos.

Claro que eu acho que é um trabalho importante de resgatar a identidade, de envolver a comunidade, de buscar essa origem, essa identidade, pra entender o porque nossos alunos de certa forma renegam essa origem... acho que é um início.

É só isso que a gente tem, a horta também, mas como você vê ela fica muito nas mãos do Claudio⁴⁸, não é uma coisa que envolva a escola. Tem a horta, mas é um professor ou outro, sabe? O primeiro ano foi lá e plantou, a professora do quarto ano quer fazer um canteirinho de ervas, os alunos vão trazer da casa deles, então um ou outro professor que utiliza. Tem horta, mas não faz parte do projeto da escola.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Em relação à aprendizagem eu acho que não. Nós temos de todos os tipos, a escola hoje é muito aberta, ela é democrática, pela experiência que eu tenho na cidade, eu vejo que o perfil de alunos lá é o perfil daqui, a gente tem inclusão, a gente tem alunos muito interessados, alunos indisciplinados, alunos sem interesse. Eu acho que o perfil de alunos em relação à aprendizagem é o mesmo.

Em relação ao comportamento, aqui eu não sei esse ano, pois esse ano a gente tem bastante reclamação dos professores, eles falam que os alunos mudaram muito o

47 Estas três escolas: Maria de Lourdes da Silva Prado, Eugenio Trovatti e Erminio Pagatto (Bela Vista) são as escolas do campo do município de Araraquara.

48 Claudio é o pseudônimo adotado para este agente educacional que também foi entrevistado para este trabalho de pesquisa.

comportamento. Eu tenho discutido muito com a Clarice⁴⁹ isso, não sei se eles mudaram o comportamento ou se eles estão um pouco mais críticos, também, né? Porque se eles estão negando as origens, se eles querem ser aquilo que eles não são, a escola é momento também de reflexão e de eles não aceitarem tudo, pelo menos eu vejo dessa forma.

Um pouquinho antes de você entrar aqui, eles vieram reclamar de uma professora, que eles não estão aceitando o tipo de aula que ela dá. Olha que posicionamento crítico, é lógico, vou ouvir todos os lados, mas eu acho importante o aluno chegar, ele tem um posicionamento crítico, não é aquele aluno bobinho, que a gente imagina do sítio, não. Então hoje o perfil do nosso aluno aqui, é o perfil de um aluno de cidade, não vejo diferença não.

O que acontece, nós temos salas menores. Então é lógico, pensa bem, o meu primeiro ano tem oito alunos, é muito diferente de uma sala com trinta alunos. Então vai ser mais fácil lidar com um grupo menor, então daí sim a possibilidade de eles não fazerem tanta algazarra, ter tantos agitadores, mas a gente também tem problemas de indisciplina, mas não como nas outras escolas.

Então eu acho que a diferença é essa: o número de alunos. Agora, tem professores que estão aqui a oito, nove anos e eles falam que mudou, mas eu penso que em oito, nove anos também mudou o perfil do aluno da cidade, entendeu? Eu acho assim, mudou o perfil de todos, é uma mudança de época, mas eu acho que não tem diferença, não sei em outras escolas do campo, se os alunos são mais tranquilos.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Então é aquilo que te falei, eu não vi ainda. A gente faz as reuniões e são aqueles mesmos problemas que a gente vê na cidade, vêm poucos, mesmo que eles trabalham aqui, às vezes não deixam a roça pra vir, alguns pais são mais preocupados, mas assim, eu nunca tive uma discussão com um pai, uma conversa com um pai em que eles se posicionassem dessa forma: “olha a escola do campo é importante por causa disso, ela precisa ter tal direcionamento”. Eu não acho que eles tenham..., assim é o “achismo”, estou aqui a muito pouco tempo, mas eu não acho que eles vêm a escola dessa forma. Muito pelo contrário, às vezes acho que eles acham importante ter a escola para um ensino mínimo, mas não se importam muito de o aluno parar de estudar para ajudar na roça. Eu acho que eles não vêm a

⁴⁹ Clarice é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista, para a diretora desta escola.

escola como um lugar reflexivo, em que eles possam pensar em mudar essa situação em que eles estão e também não acho que eles querem uma escola que seja do campo. Essa é minha visão, mas é isso que te falo, estou aqui a muito pouco tempo, mas assim, não percebo nenhum movimento como tem em outros assentamento, acho eles mais apáticos.

P: Aqui no assentamento o único movimento forte seria o das mulheres?

R: Eu acho que é o das mulheres, porque por exemplo, eu não conheço aqui no assentamento ninguém do MST, forte, que encabece isso. Tem associação, tem o pessoal da associação, mas assim, não tem uma coisa forte, ideológica, acho que foi se perdendo com o tempo. A das mulheres é forte, mas eu também não tive tanto contato. Elas só vêm pra escola quando elas têm as reuniões delas. Outro dia na verdade, eu até queria conversar com elas, eu não sabia que tinha essa reunião, eu estava com alguns professores, quando eu as vi, já estavam saindo. Elas tinham agendado previamente com a Clarice, mas nestes desencontros eu acabei não sabendo, ela não me comunicou, mas assim, a gente está sempre tão corrido que não dá nem pra se falar. E eu gostaria de ter participado, para ver qual que é o teor dessa discussão, quais são as reivindicações, porque que elas se unem, acredito que nesse trabalho a gente vai visualizar isso, mas não tem assim um engajamento forte.

P: O Claudio comentou comigo, sobre algumas visitas que algumas escolas de São Paulo fazem no assentamento e acabam vindo conhecer a escola. Esse ano vai ser realizada alguma visita?

R: Eles entraram em contato, a escola é Vera Cruz ou Poerira e Dons, acho que é Poerira Dons, mesmo, Vera Cruz vai a outro assentamento. Eles fizeram um primeiro contato com a Clarice e o que aconteceu até então, é uma agência de turismo, é uma coisa até um pouco pitoresca, eu acho, uma agência de turismo em São Paulo que faz alguns trabalhos desse tipo. Então vêm esses alunos de escolas particulares, de uma classe diferente também, nem é escola pública, eles vêm pra conhecer e não trazem nada em troca, vem realmente para conhecer.

Ai no contato com a Clarice, a pessoa falou que sempre foi muito bom visitar aqui, que os professores fazem apresentações, daí ela falou que ia pensar e queria saber também o que eles podem nos fornecer, porque acho que precisa ser uma troca. Daí a gente começou a conversar e ela me perguntou o que eu acho, eu acho um absurdo. Eu falei assim, vir fazer uma troca a gente poderia fazer discussões entre os alunos, pega um nono ano de lá e um nono ano daqui, vamos promover debates, discussões, vamos mostrar fotos, isso sim, confrontar

estas realidades. Isso eu acho uma coisa interessante, agora a gente preparar apresentação, parece que estão vindo num zoológico e não é. Eu acho horrível, eu não gostei dessa ideia e acho que ele nem entrou mais em contato com a Clarice. Porque vir conhecer eu acho super interessante, se vier um grupo de professores, mas nesse sentido de trocas.

Inclusive uma coisa me preocupou, porque os nossos alunos, principalmente do oitavo e nono ano, exatamente nessa questão de negar essa identidade, de se sentirem envergonhados por morarem aqui e agora vêm alunos de São Paulo, de um nível alto, vem de repente um tipo de aluno mais arrogante, como que eles vão se sentir se não puder ser uma troca? Eles vão se sentir humilhados, né? Não sei né Tatiana se o meu olhar está assim, muito defensor dessa comunidade, mas eu acho muito estranho esse tipo de visita, acho que tem que ser uma troca, quem sabe levá-los daqui prá lá também? Daí sim, eles vêm conhecer, a gente pode pensar numa reflexão, numa produção escrita a partir disso, daí leva nossos alunos lá pra conhecer, confrontar a realidade, daí sim, uma troca entre os professores, como que é lá, se tem os mesmos trabalhos, vamos pensar na idade, por exemplo, lidar com adolescentes não é fácil, como é pra eles, então fazer essa troca de currículo, de tudo mais.

Sim, eu acho que daí gera conhecimento é valido, agora simplesmente vir, não parece quando teve o descobrimento do Brasil? Chegaram aqui, “olha, olha que lindo”, “olha essa natureza, olha...”, não é? Desvaloriza e acho que incentiva ainda mais a discriminação, de que isso é diferente, de que isso não faz parte da sociedade. É aquela coisa realmente excluída, igual os estrangeiros que vão conhecer a favela, não tem uma troca.

Daí eu acho que eles não entraram mais em contato porque a Clarice falou “olha, eu só aceito se tiver essa troca, como vocês pensam que pode ser essa troca? Se não... e outra um dia comum, eles podem comer junto com nossos alunos, mas tem que ser um dia comum, nada de uma preparação especial porque vai vir tal pessoa, mostrar que eles são mais importantes, porque não são realmente”. É essas coisas que geram discriminação.

P: A troca é importante né? Outros professores já comentaram isso a questão de que a discriminação ela tem esse viés da diferença e que o intercambio pode ser uma forma de minimizar isso.

R: É gerar uma reflexão, relações, a gente fala tanto em altas competências, saber relacionar, ter um ponto de vista, pode ser uma atividade em que a gente trabalhe essas questões, observar as diferenças e semelhanças, refletir sobre outras questões, mas não parecer um zoológico.

P: Sobre o posicionamento dos professores e funcionários, você acha que eles são favoráveis a um projeto de educação do campo aqui na escola?

R: Então eu acho que os professores que estão aqui a mais tempo, a gente tem funcionários que são daqui do próprio assentamento, eu acredito que sim. Mas nós começamos a pensar, por exemplo, eu estou aqui a muito pouco tempo, esse ano, a partir desse trabalho, a partir desse planejamento coletivo. Agora alguns professores têm resistência sim, mas eu acho que é uma questão de conscientização, de um trabalho efetivo e refletir que não é um trabalho a parte, é o que te falei, um confronto de currículos, uma base e um currículo específico que seja do campo. Como nunca teve há uma resistência, mas acho que é uma resistência por não conhecer. O que acontece, muito professores acabam vindo, não estes que estão há muito tempo aqui, mas por não ter vaga em outra escola.

É a mesma coisa na questão da direção, por isso que foi passando, passando, na primeira oportunidade vai embora. Então eu acho que inicialmente eles não tem, o Claudio, eu acredito que sim, porque está aqui a bastante tempo; também tem a Dona Marcela⁵⁰ que por escolha veio morar no assentamento, hoje eu estava conversando com ela e assim, tudo na vida dela é voltado pra terra, alimentação, ela não quer mais aquela vida, ela quer uma vida saudável, ela acha que esse ambiente faz bem pra ela, então ela com certeza valoriza muito uma escola que valoriza o campo, que tenha um projeto diferenciado.

P: Na questão dos conteúdos específicos, você teria ideia do que trabalhar junto com o currículo?

R: Eu acho que uma coisa que é bem interessante é um projeto, que também é um concurso, mas poderia ser específico, é a questão das embalagens de agrotóxico, por exemplo, ou pensar nas novas tecnologias pras plantações, eu acho que a gente poderia pensar em coisas que fosse inova mesmo o trabalho no campo, acho que dar subsídios para eles pensarem o campo também de outra forma. O que a gente vê é muito pouco aproveitamento dessa terra, eles acabam não trabalhando, ou às vezes fazem aquele trabalho quase escravo, sendo que a gente já tem tantas tecnologias, sabe, acho que a questão da sustentabilidade, que são questões tão atuais e não são discutidas aqui e são tão importantes aqui.

⁵⁰ Marcela é um pseudônimo utilizado nas transcrições destas entrevistas, ela também foi uma das entrevistadas.

Algumas coisas poderiam ser inseridas, outra coisa também é o estudo do meio, por exemplo, o professor está ensinando solo, mas não sai pra dar uma volta; tipos de planta, mas não sai dar uma volta pra colher, entendeu? As vezes põe aquele texto na lousa, “oh, tem esses tipos de solo” e não vivencia essa parte prática que está aqui ao nosso alcance. A questão do solo é muito importante, porque você sai pelo assentamento e vê só algumas coisas plantadas, que trabalhos poderiam ser realizados para explorar mais essa terra.

Tem uma professora que está fazendo um trabalho interessante também, ela tirou fotos com os alunos da fauna e da flora, ela sim fez um trabalho interessante de pegar tipos de plantas, estão fazendo análise no laboratório, vendo na internet, fazendo uso da tecnologia, qual é o nome científico, confrontando com o conhecimento que eles têm, “pra mim é isso”, mas qual o nome científico desta planta e pra que serve? Acho que está bem interessante esse trabalho, também é preciso que o currículo, uma disciplina que valorize esse entorno. A gente começa talvez com projetos que vão do primeiro ao nono ano, por exemplo, no primeiro ano trabalhar a questão da identidade, mais a questão local, do aluno com a sua casa e isso vai sendo ampliado no decorrer dos anos, mas que tenha uma sequência, ai no final, no nono ano, a gente pode estar discutindo estas questões das novas tecnologias para semear ou como esta terra pode ser explorada, ou porque estes moradores que estão aqui vieram com outras características, com outros pensamentos. Daí tudo vai gerar reflexão, mas primeiro é necessário um conhecimento amplo do que tem no seu entorno.

E essa vivencia prática, sei lá se fala tanto de uma pedagogia que utilize o concreto e aqui a gente tem tanto, mas dificilmente vê um professor fora da sala de aula. O trabalho que a gente faz olha, mas é aquilo que te falei comecei agora também e é um longo caminho pela frente.

P: Quais sugestões você teria pra essa proposta de educação do campo?

R: Eu acho que em primeiro lugar nós teríamos que, teve uma época na Secretaria da Educação que tinha um coordenador da educação do campo, que se não me engano é prefeito ou secretário da educação de Matão, não sei se eles está lá ainda, que era o Alexandre, eu não vivenciei porque não estava aqui na escola, mas o pessoal da escola, os outros coordenadores se recordam muito bem dessa época, eles iam a Congressos em Brasília, o Alexandre proporcionava discussões, planejamentos coletivos entre as escolas do campo. Então é o primeiro passo: unir essas escolas do campo, fazer um laço mesmo, forte para que elas tenham força para lutar. Daí então conseguir um espaço na Secretaria da Educação.

P: É muito difícil a relação com a Secretária da Educação?

R: Pensar um ensino diferenciado é, principalmente agora que estamos com o Sistema SESI⁵¹, que é outra incoerência, pensar num material que foi pensando para filhos de industriais em escola do campo. Então tentar fazer essa relação é muito complicado, não que o material, seja assim..., é um material também reflexivo que pensa na questão da língua, traz vários temas, inclusive coisas ligadas muito ao meio ambiente, ao campo. Estava ontem dando uma olhada no material do primeiro ano e tem bastante a relação de diferença entre campo e cidade, então dá pra fazer um trabalho muito interessante. Mas quando você pensa assim, ah, vamos chamar alguém pra orientar esses professores, fazer uma palestra ou participar de um congresso que vai ter na UFSCar sobre isso, é como aconteceu nesse encontro que nós fizemos, foi muito difícil. Porque assim, o que aconteceu? As diretoras das escolas foram chamadas e elas foram assim... sabe parece período de ditadura? Então na hora apareceram várias pessoas além de gerente de educação e vieram nos falar em alinhamento, por que estávamos pensando em uma escola diferente, por que a gente estava se apartando tanto se eles estão tentando fazer um alinhamento? Então eles não pensam nas especificidades da escola do campo, ninguém quer se apartar do currículo, ninguém está negando esse novo material, essa nova metodologia, de forma alguma, mas a gente precisa pensar nas especificidades, se pelo MEC a gente recebe uma verba diferenciada, então tem uma especificidade. Só vale pelo dinheiro e não vale em sua concepção ideológica, não é?

Então eu acho que é difícil.

P: Antes de estudar o PPP da escola de 2008, eu tive contato com o Programa Escola do campo elaborado pela prefeitura em 2002 e lá é contemplada essa questão da especificidade, por isso a importância do confronto com a realidade.

R: No documento tem, mas o documento foi escrito por outra gestão, então as questões políticas pesam muito, era outra gestão naquela época, então talvez, eu não estava aqui, que foi a época do Alexandre, então com certeza eles pensavam nesta escola com suas especificidades, hoje não se pensa mais.

51 A Secretaria da Educação de Araraquara adotou recentemente o material apostilado do Sistema SESI, em todas as suas escolas. Várias foram as visitas que realizei na escola e não pude conversar com a coordenadora, pois ela estava em formação junto com as coordenadoras de outras escolas semanalmente para a implantação e utilização deste material nas escolas do município.

Então é uma luta, o próprio Memorial que a gente tem feito, que é um curso oferecido para todos, eu ouvi assim outro dia da supervisora, “não pode ser o carro chefe, o carro chefe é esse material”. Mas é questão da identidade da escola, não tem nada a ver com você não querer, é uma coisa tão importante a gente trabalhar a identidade do aluno, a identidade da escola. Se ela esta num outro espaço, se ela é cheia de história, a gente tem que resgatar isso, eu não posso deixar isso de lado, né?

Então é muito complicado, tem uma resistência grande. A Clarice brinca, acho que na entrevista ela vai falar, que esse PPP novo é um Frankenstein, sabe quando você vai tentando juntar partes, você tem que falar do campo, do PRONERA, das legislações específicas, mas ao mesmo tempo depende de quem vai ler, não vai querer ver essas especificidades, você tem que mostrar esse currículo novo, nossa tem que juntar tudo. Ela fala é um Frankenstein, quem vai ler não vai entender, mas também reflete esse momento, é uma questão histórica né? Esse PPP reflete essas nossas angustias, depois com certeza ela vai deixar você ter acesso a isso, você vai ver isso, você tentando emendar as coisas, então é um Frankenstein mesmo, mas também talvez daqui a alguns anos quando a gente for ler, a gente vai achar engraçado e vai refletir essa desestrutura, esse momento de construção, de pensar da onde estamos saindo e pra onde queremos chegar.

P: Um dos grandes problemas para a implantação de um projeto de educação do campo nesta escola, acho que é a questão das muitas rupturas da gestão escolar.

R: É tem bastante rupturas sim e não sei se é uma característica dessa escola que vai continuar. Não sei se a Clarice vai quer continuar...

P: Você já sabe se pretende ficar?

R: Eu vou, eu quero, mas eu tenho um empecilho que é uma aprovação, eu tenho uma função, um exerço um cargo, então de certa forma eu posso ficar por muitos anos e posso não ficar. Então depende mais desse olhar do Conselho, do que eles⁵² esperam, ainda é muito cedo pra gente saber. Eu gostaria de continuar e mesmo porque eu sei ainda muito pouco, das minhas ações pedagógicas é lógico que não tenho dúvida, das questões específicas do campo, da história desta escola, dessa comunidade, eu ainda sei muito pouco. Os professores que estão a mais anos, sabem muito mais, eles podem me mostrar muito mais coisas, os alunos.

⁵² Aqui ela se refere à Secretária de Educação, que junto com o Conselho de Escola avalia sua atuação e a possibilidade de ela continuar nesta função de coordenadora pedagógica.

Eu acho que a gente precisa ter um tempo, até viemos discutindo um pouco isso nas reuniões de coordenador, que esta avaliação, lógico, é super importante, porque a gente sabe que tem gente que não está nem ai né? Não tem responsabilidade nenhuma... Mas poderia ser assim por tempos maiores, num espaço de tempo maior, para você sentir. Então nesse ano é o tempo de eu perceber, que nem, todo esse semestre, lógico trabalhei, faço minhas interferências, mas ao mesmo tempo é uma análise, é todo um momento de observação, de conhecimento pra você poder interferir realmente, traçar diretrizes, você tem que conhecer o grupo com o qual você trabalha, sua clientela, é realmente pouco pra já ser avaliado e “ah, não serve”. É uma questão que tem que ser repensada.

Eu gostaria de ficar, eu gosto e acho que dá pra gente fazer um trabalho muito bom aqui, por ser menor, a gente tem professores que estão a bastante tempo, com exceção daqueles que abam vindo pra cá por falta de outra escola. Mas quem está aqui a muitos anos também poderia ter saído, está aqui porque realmente quer, então tem algum laço com a escola. A gente se apóia nestes professores pra ir adiante, vai fortalecendo para ir adiante.

P: Bom , por enquanto é isso.

R: Então tá, estou à disposição caso tenha mais alguma coisa.

P: Muito obrigada.

Entrevista 7: Professor Eduardo⁵³

Esta entrevista foi realizada dia 15 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Três anos.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: No campo é a primeira escola em que trabalho, na cidade já trabalhei em escolas simultaneamente a esta.

⁵³ Eduardo é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

P: Você percebe alguma diferença entre as escolas da cidade e esta escola do campo?

R: Olha, algumas diferenças existem. Comportamental, o aluno aqui, não sei se pelo número reduzido que é bem menor, mas aqui os alunos são menos agitados do que os alunos da cidade, essa é uma diferença que existe. Agora de aprendizagem não, aqui têm alunos tão bons quanto na cidade, assim como tem alunos com um pouco mais de dificuldades, como também existem na cidade, nessa parte é meio igual.

P: Você conhece o programa escola do campo, onde existe a defesa de que a educação do campo deve ser pensada especificamente para a realidade do campo?

R: Existem vários programas que nos foram apresentados pra nós nesses últimos tempos pra cá, para estarmos implantando. Então existe sim o contato com vários.

P: Você acha que algum deles é realizado aqui na escola?

R: Olha tudo quanto é programa que é trazido para nós a gente tenta, dentro da melhor maneira possível, estar implantando dentro das nossas possibilidades, a gente tenta ao máximo. Algumas coisas dão mais certo, outras nem tanto, mas a gente tenta na medida do possível fazer.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Eu acho que sim, embora a gente perceba que muitos deles não têm a intenção de ficar. Isso é uma dificuldade, porque muitos de nossos alunos aqui, a intenção deles, a ideia deles não é permanecer aqui. A gente implanta os projetos, passa todo esse conhecimento, mas eles não querem permanecer no campo, a ideia deles é ir pra cidade, eles não tem essa convicção de querer se enraizar.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Discriminação em relação a eles ou a eles se sentirem inferiorizados?

P: As duas coisas, porque uma das causas que mobilizam a defesa de uma proposta diferenciada de educação é o fato de os moradores do campo se sentirem discriminados, então eu gostaria de saber se você acha que existe esse tipo de discriminação.

R: Olha, do tempo que eu estou aqui eu não percebi, eu não fico a semana toda, mas no tempo que permaneço aqui eu não percebi discriminação, eu não percebo isso não, eu acho

que quem está aqui, alguns que já estão aqui a tanto tempo⁵⁴, gostam mesmo de ficar e não tem problemas em relação a isso.

P: Você diz que aqui eles não são discriminados, mas o que o movimento por uma educação do campo defende é que os alunos moradores do campo estudem no campo, por que os moradores da cidade os discriminam, muitos falam que a criança quando sai do sítio para estudar na cidade, ela é discriminada por morar no campo. Você acredita nisso?

R: Não acredito numa discriminação por morar no campo, acredito numa dificuldade de se deslocar, de a criança sair do ambiente dela pra chegar à escola. Isso é uma dificuldade um desgaste, mas não uma discriminação. Eu não percebo esse tipo de discriminação.

P: Você tinha comentado sobre inferioridade, você acha que eles tem esse sentimento de inferioridade aqui no campo?

R: Eu acredito que não, acho que as coisas estão tão meio que niveladas... Esta certo que estamos em uma região em que, por exemplo, a telefonia é mais difícil, mais precária e a internet também, mas mesmo assim aqui existe em um determinado lugar, por exemplo, aqui na escola tem internet comunitária. Então eles tem acesso as coisas que tem na cidade, não são isentos disso. Então eu não percebo que eles são inferiorizados, porque eles têm acesso à internet, em quantidade muito menor, porque na cidade você têm vários lugares em que está indo, até na própria casa essa facilidade, mas eles têm acesso a telefonia, acesso a internet, então nessa parte eles não são inferiorizados não.

P: No caso se você percebesse a existência de discriminação, a próxima pergunta seria se você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Eu não percebo, mas como poderia ser feito? Trabalhando bastante essa parte do campo, do ambiente em que eles vivem, em que eles tiram o sustento e a importância disso em relação à cidade, o fator ecologia, um melhor aproveitamento. Acho que isso hoje seria um assunto bastante importante que tem que ser tratado paralelamente o fator ecológico, o fator terra, isso tratado agora de maneira geral e é mais importante pra eles que estão num contato direto com a terra, com o meio ambiente, com essa questão de tirar da terra, o

⁵⁴ O professor Eduardo está aqui se referindo aos professores que já estão a muitos anos na escola, sem terem vontade de pedirem para serem removidos.

reaproveitar, o extrair de maneira sustentável, para eles verem o quão importante isso é hoje e vai ser cada vez mais para as gerações futuras.

P: Nas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo? Cite exemplos.

R: Em artes, bastante, se for citar todos ficamos aqui até amanhã. Só na parte folclórica nós temos festas típicas, a parte de culinária, vestimenta, esse aqui seria apenas um fator, um exemplo do que poderia estar trabalhando a realidade deles ou a origem, o local, com a minha matéria, minha arte. Ai podemos partir para vários itens, a música, ritmo e também colocar tudo isso em relação a outros conhecimentos específicos, mais técnicos em artes, estar utilizando dessa localização em que estamos com outras partes das artes, parte de pintura, desenho, luz, dá para aproveitar bastante.

P: Você usa isso em suas aulas?

R: Tenho feito, o sexto ano, por exemplo, daqui a pouco vou estar levando eles no ambiente externo. Eles estão conhecendo arte contemporânea, o artista Franz Krajcberg, ele trabalha com esculturas e trabalha com madeira ou árvore que foi queimada e ele aproveita aquele material para criar as suas esculturas e ainda passar as suas mensagens, protestos sobre aquilo. Então ele é um artista contemporâneo, atual é vivo, embora bastante idoso, o tema que ele trata é um também atualíssimo, ecologia, preservação, arte e o material, o suporte técnico que ele usa, é madeira, ele aproveita restos de madeira, restos de árvores, e isso tem a ver com esses alunos, tanto o material, e o assunto ecologia. Eles estão conhecendo um artista que é conhecido mundialmente, que é contemporâneo e estamos fazendo aquele paralelo, o assunto atual, aqui temos onde buscar, conhecer, por a mão na massa, ver como é mesmo, como o artista lida com isso.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Olha, essa pergunta eu acho que quem poderia responder para você é quem permanece aqui um tempo maior, porque como venho aqui apenas na quinta e na sexta-feira, na realidade se for contabilizar mesmo, eu fico aqui um dia inteiro, porque é a manhã de quinta e a manhã de sexta, então as vezes coincide e eu não posso falar que vejo pouco. Às vezes de segunda, terça e quarta a frequência é maior, porque bate com os dias de atendimento do posto de saúde, que não funciona todos os dias, pode ser que devido a

dificuldade da distância o pessoal aproveite para vir a escola, quando também precisam vir ao posto. Eu tenho medo de te falar uma coisa que não seja verdade.

P: Mas na sua opinião, já faz três anos que você trabalha aqui, em relação às suas aulas, ao conteúdo que você está trabalhando alguma vez você já teve contato com um pai que veio conversar, expor por exemplo que gostou do trabalho que você fez com os alunos?

R: Olha, especificamente comigo não. A gente vê os pais participarem de reuniões, mas comigo assim, especificamente em arte, não veio ninguém falar, pode ser que tenha vindo com algum outro professor, mas comigo não. Quando tem reuniões de pais, eu vejo que eles vêm, procuram saber o que está acontecendo.

P: Quais sugestões você teria pra essa proposta de educação do campo?

R: Eu acho que muitos desses itens desses programas que estão sendo trazidos, eles são boas ideias e podemos estar trazendo estas ideias para estar trabalhando junto, embora nosso conteúdo não seja muito diferente do da cidade, não dá para ficar muito diferente disso. Nós trabalhamos o conteúdo da cidade, porque a gente segue uma linha e todas as escolas tem aquela programação, mas aqui é campo né? Então realmente teria que ter um programa que tivesse uma diferençazinha pra eles, ai seria trabalhar a realidade deles, o campo e tudo mais. Alguma coisa a gente até faz, mas os alunos daqui, como falei pra você, não têm esse pensamento de permanecer no campo, haja visto que você vê, aqui tem a horta, tem alguns programas, a horta em que os alunos podem participar, mexer, ver como é; tem o Campo Limpo, que é sobre a embalagem de defensivo agrícola, de como descartar. É feito e temos que estar abertos a toda ideia que vier a gente tem que tentar implantar, é bem vinda, a gente procura estar fazendo o máximo possível, tentando ser igual a uma escola da cidade, porque embora tenhamos o conteúdo nosso é meio igual.

P: Muito obrigada pela participação.

R: De nada, algumas coisas assim, como venho muito rápido eu não consigo responder. Que nem nessa parte conteúdo campo, eu participo dentro da minha área de artes em algumas coisas, não é alguma coisa que estou muito a par e às vezes tenho até um pouco de dificuldades para te falar, mas você vê, eu converso com os parceiros, eles participam, mas às vezes há um pouquinho de discriminação entre eles mesmos, eles querem ir para a cidade. Mas isso é pouco, né, nós fazemos, a gente tenta implantar, mostrar pra eles, mas muitos não

ficam, tem famílias que começa o ano o aluno está aqui, ai quando chega agora aí55..., foi pra Matão, foi não sei pra onde...

Entrevista 8: Professora Cristina⁵⁶

Esta entrevista foi realizada dia 15 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Há seis anos.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Eu trabalho em outra escola do campo que é o Eugenio Trovatti, porque recebe 75% de alunos do campo, então na verdade são duas escolas do campo. Também trabalho em uma escola que é na cidade de Araraquara.

P: Você percebe alguma diferença entre as escolas do campo e a escola da cidade?

R: Percebo, os alunos aqui do campo são mais calmos, eles são menos agressivos com os professores, com a pessoas. Eu acho que os alunos do campo ainda têm alguma coisa da educação antiga, os alunos da cidade já não, são mais agressivos, mais revoltados, eles não têm aquela educação, aquele respeito de antigamente, já são mais revoltados, eu diria assim.

P: Você conhece o programa escola do campo? Se conhece, você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Algumas coisas são realizadas na escola sim, principalmente nesta escola aqui. Tem bastante coisa é realizada que diferencia o ensino do campo do ensino na cidade.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Com certeza, os moradores da cidade têm uma ideia errada das pessoas que moram aqui, que estudam aqui. O pessoal da cidade acha que os alunos do campo são

⁵⁵ Neste momento o professor aponta para o quadro branco que fica na sala dos professores, onde estão os nomes dos alunos que pediram transferência no mês de setembro.

⁵⁶ Cristina é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

diferentes, que eles não têm os mesmos recursos tecnológicos, que eles têm o poder aquisitivo menor, quando na realidade é totalmente infundado, porque os alunos daqui têm os recursos tecnológicos, dificilmente um aluno aqui não tem um computador na casa dele, dificilmente um aluno aqui não vai ter um celular, o que não tem aqui é uma internet que funcione em todos os lugares. Tem internet para todos, mas ela não abrange totalmente, às vezes porque a família não se cadastrou ainda ou porque mora muito longe e realmente não funciona como deveria, mas eles têm esse recurso. Aqui na escola tem internet para todos e tem a internet que é usada pelos estudantes, então eles não estão completamente fora da realidade da cidade.

Eu diria até que é o contrário, porque a maioria aqui é proprietário da própria terra que cultiva, enquanto na cidade eles pagam aluguel. Então eu sempre falo pros meus alunos do campo, “vocês não tem que aceitar essa discriminação”, “vocês não tem que se incluir nessa discriminação, porque na verdade, vocês têm a propriedade, quem mora na cidade, muitos pagam aluguel, vocês não, vocês são donos da onde você mora, da onde você cultiva”. Então não tem que ter discriminação nem quanto tecnologia, nem quanto ao poder aquisitivo.

P: Internet para todos é um programa?

R: É um programa da prefeitura.

P: A comunidade possui a liberdade de vir até a escola usar a internet.

R: Tem, tem uma pessoa que fica na informática e têm alguns horários que não são usados pelos professores, os professores usam, mas tem todo um horário, tudo certinho. Tem dias e horários em que não é usado, o aluno pode vir aqui, vai lá na sala de informática conversa com a pessoa responsável, fala que precisa usar e marca um horário para vir.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Eu acredito que a educação do campo pode ajudar a solucionar esse problema, mas eu acredito também que teria que fazer uma educação paralela e mostrar para o aluno que ele é tão bom quanto o aluno da cidade e que ele tem tantos recursos quanto o aluno da cidade. Isso tem que ser bem claro na cabeça destes alunos do campo, porque eles têm também uma ideia errada de que na cidade é melhor do que aqui e não é porque eu dou aula nos dois lugares. Eles têm que entender que possuem recursos, tem poder aquisitivo, tem a capacidade intelectual pra fazer o que eles quiserem. A educação do campo é importante porque ela dá para o aluno duas vias: se ele quiser permanecer no campo, ele tem a

possibilidade de permanecer no campo e se ele quiser fazer alguma coisa diferente, ele também tem essa possibilidade.

Então a educação do campo prepara para as duas coisas, tanto para ele ter uma profissão voltada para a cidade, quanto uma profissão voltada para o campo. Ele tem duas opções, as duas opções são validas, isso que é importante.

P: Nas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo?

R: Ah, com certeza. Eu sou professora de ciências então trabalho muito a conscientização do ambiente em que eles vivem, de como conservar, como tomar os cuidados com os agrotóxicos e fertilizantes, trabalho horta também, como cultivar a terra, como o solo, a água são importantes, tem muita coisa que trabalho que é voltada para o campo e que na cidade já é diferente, não dou tanto enfoque. Lá eu direciono para outra realidade.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Eu acho que tem muita diferença quanto ao comportamento, quanto a aprendizagem não, porque as mesmas dificuldades que eles têm aqui, os alunos da cidade têm lá. Quanto ao comportamento é muito diferente, o comportamento daqui é diferenciado, eles são mais educados, mais calmos, respeitam mais, ouvem mais. Eu acho que o comportamento é bem diferente, eu dou aula nas duas escolas, na cidade e no campo e eu vejo muita diferença.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Eles participam sim, mas eu acho que poderiam participar mais, às vezes por falta de tempo, porque a maioria dos pais trabalham, mas quando tem algum evento na escola os pais participam os pais ajudam. Na reunião de pais sempre vêm pais de alunos, tem também o Conselho de Escola, que têm participação de pais dos alunos.

P: Você participa do Conselho de Escola?

R: Esse ano não, mas já participei.

P: E a comunidade vem pras reuniões?

R: Vem pras reuniões, participa, ajudam a escola, quando tem algum evento voltado pras crianças, pra comunidade eles ajudam bastante, eles fazem bastante diferença.

P: Quais sugestões você teria pra essa proposta de educação do campo?

R: Eu acho que deveria ter mais palestras informativas pros pais e pros alunos com pessoas diferentes que não fossem professores aqui da escola, porque a gente aqui da escola valoriza os alunos, conversa muito com eles, mas eu acho que eles sentem a necessidade de ser valorizados por pessoas que são da cidade, pessoas que estão do lado de fora. A gente valoriza os alunos, sempre está falando pra eles que eles são importantes, que eles têm muita capacidade intelectual, que eles têm os recursos, mas eles precisavam também ouvir isso de pessoas que fossem de fora aqui da escola. Então às vezes, se tivesse encontros com os familiares e outras pessoas que viessem dar a palestra ou alguma orientação, seria importante pra eles também. Seria uma forma de valorizar, de eles se sentirem valorizados, é um jeito, um modo, que eu acho que funcionaria tanto para os alunos, quanto para os pais dos alunos, porque eles mesmos tem as vezes na cabeça que na cidade é melhor.

Por isso, também que muitos alunos pensam em estudar na cidade, pensam em ir logo para o ensino médio, porque na cabeça deles, eles acham que lá é diferente, quando na verdade não é. Eu acho aqui é melhor que lá se formos ver. Eles chegam na cidade e não dão o devido valor que eles tem, eles se sentem discriminados, eles mesmos se sentem discriminados, falam que na cidade é melhor, tem mais recursos, tem mais lugares de sair.

P: Bom, agradeço, pela participação. Você gosta de trabalhar aqui nesta escola?

R: Eu sou apaixonada por essa escola, eu gosto de mais de trabalhar aqui. Os alunos daqui são mais amáveis mesmo, eles são diferentes, têm respeito. Você não houve um aluno xingar, ofender diretamente, eles podem discordar de algumas coisas, podem não querer fazer, aquele problema que qualquer adolescente tem, as vezes uma preguiça, um mau humor a mais, mas quando você chama pra conversar eles atendem às expectativas. É muito diferente os alunos da cidade quando você chama eles pra conversar, geralmente são mais agressivos, eles não te aceitam, enxergam o professor só como professor, não enxergam talvez como um adulto que quer ajudar, é diferente.

Eu acho que mais professores não preferem tanto esta escola por causa da distância, é longe, principalmente pra quem é de Araraquara, eu sou de Matão, pra mim é bem mais perto.

Entrevista 9: Auxiliar administrativa Gabriela⁵⁷

Esta entrevista foi realizada dia 15 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Entrei em janeiro, vai fazer no mínimo uns 9 meses

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Não, sempre trabalhei na área administrativa, nunca trabalhei em escolas, na área da educação eu entrei agora, eu trabalhava na área administrativa, sempre trabalhei no banco, faço pedagogia na UNESP, foi trabalhar aqui que me fez decidir também o meu curso lá, porque na verdade eu prestei no primeiro ano ADM e não passei, no segundo ano eu falei, vou prestar pedagogia, pois é mais fácil e depois transfiro pra ADM, só que ai dentro da escola, dentro do curso de pedagogia eu pude ver que era isso que eu queria mesmo, que eu sempre gostei, mas acho que sempre por estar dentro da área administrativa acho que me confundiu um pouco.

P: Você conhece o programa escola do campo? Se conhece, você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Não.

P: O programa escola do campo defende a ideia de que a educação realizada nas escolas do campo, precisam não apenas serem no campo, mas do campo, especifica para os moradores e trabalhadores do campo. Você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Então, eu acho que em aulas às vezes isso é meio complicado, mas os projetos têm tentado fazer isso, entendeu? Em aula acho que segue mais ou menos uma coisa conteudista, “eles tem que passar”, mas a gente tem o projeto do memorial das escolas do campo e todos eles são sempre voltados para a realidade deles. Então é através de outros meios que se chega a isso, se a intenção é, por exemplo, dentro da matemática, dentro do português tentar chegar mais próximo a esta realidade, eu acho que não, pois pelo o que a

⁵⁷ Gabriela é o pseudônimo utilizado para a transcrição desta entrevista.

gente viu o material é o mesmo, o que segue lá tem que seguir aqui. Inclusive aqui tem até menos aulas, a gente tem uma carga horária menor, uma aula a menos por dia, o que eu acho que também não deveria ocorrer. Acho que não tem uma necessidade, ainda mais porque eles são crianças né, não devia ter essa diferença, eu acho que a gente tem 900 e pouco quase mil horas de aula e lá na cidade são 1.200 horas, ao longo do ano se vê que é bastante, ai você fala, “nossa uma aula por dia”, mas durante o ano você vê a diferença que faz.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Aqui na cidade, então eu não conheço, não conheço nenhuma escola assim, dizem que o Bela Vista é uma escola de referência, tem a mesma diretora há 17 anos, mas não posso falar porque eu não conheço, dizem que é, tanto que lá eles recebem bastante coisas, assim, toda vez que for pensar em uma escola do campo na maioria das vezes eles são sempre são direcionados pra lá. Acho que não é porque lá seja melhor ou não que aqui e sim porque lá a diretora está desde o início, há 17 anos, então ela conhece a questão do campo, ela entende, então ela busca.

Aqui a gente tem um pouco de problema, pois cada ano tem uma pessoa diferente na direção, então uma vem com uma ideia, ai muda toda a escola e faz aquilo; ai outra tem outra ideia do seja esse planejamento do campo muda tudo; ai a outra vem, entendeu... Então às vezes fica difícil da escola conseguir entender o que seria essa especificidade.

Eu acho que é necessária essa especificidade, mas também não pode ficar só nisso entendeu? Acho que não pode ficar só nisso, porque na verdade às vezes acho que até eles se sentem incomodados, entendeu? Que nem alguns alunos que quando a gente fez as camisetas, porque eles não tinham imagem nenhuma nelas e a diretora que chegou aqui e falou que acha importante isso, então tem a questão do trator, do ipê que representa aqui, uns acharam lindo, maravilhoso, outros se sentiram incomodados, “Eu não vou querer essa camiseta, ai vão me ver e falar olha o pé vermelho”, entendeu? Então às vezes eles não querem ser vistos assim, eles querem ser tratados como alunos, e não como alunos do campo, eles querem ser tratados como qualquer outro. Mas acho que aqui tem que ter essa especificidade porque é um ambiente diferente, a gente percebe que até a percepção deles são diferentes, que tem uma grande dificuldade com a questão da cidade, porque lá na cidade você compete com muitas outras coisas e aqui não.

Aqui o que tenho percebido até na questão da família, é que eles são muito tradicionais, eles são bem antigos. Então você vê que não é igual na cidade que se um aluno chega com uma nota vermelha, ai vem um pai reclamar pro professor, “por que você deu essa nota pro meu filho?” Aqui não, você vê muito eles falarem assim, “nossa se eu tirei essa nota, vou apanhar”, tudo pra eles é apanha, mas você vê que pra eles não tem o mesmo sentido de apanha que tem lá na cidade, onde se o menino apanha lá é porque ele fez alguma coisa assim, aqui não, é uma questão de educação, não que seja correto, mas é o que acontecia antigamente, a punição era essa caso você não fosse na escola, então eles tem isso aqui.

Precisa de uma especificidade, porque eles trabalham no sítio, daqui eles vão pra lá. Então acho que precisa, mas também acho que não pode ser limitado, um professor chega aqui e fala “ah vamos aprende isso daqui porque é do campo”, e não mostrar pra eles outras perspectivas.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Então eu nunca presenciei, mas eles falam, por exemplo, um passeio quando eles vão de ônibus e ele chega à cidade, “ah, olha lá chego os pé vermelho, olha lá o povo do campo”. Só que eu acho que diminuiu bastante, que essa questão é mais da molecada mesmo, não acho que seja forte. Acho que inclusive eles aqui são bem privilegiados quanto à educação, se você olhar as nossas salas, a maior tem 22 alunos, o primeiro ano tem 8, o segundo ano que é a maior sala tem 22, o terceiro ano tem 9, então é um privilegio quanto a educação mesmo.

Eu acho que aqui precisaria, mas não sei se funcionaria... É que assim, a gente vê que toda vez que tem uma atividade no período todo, eles querem vir, então você vê que às vezes essa questão deles trabalharem os torna um pouco cansados, então a oportunidade de vir pra escola fazer algum trabalho, o professor dá um trabalho na cidade, eles falam. “nossa, caramba, como assim?”, mas aqui eles ficam super felizes, porque à tarde eles não vão trabalhar no sítio, pra eles vir pra escola, muda a rotina deles.

Então, acho que precisaria ou poderia até se pensar na escola integral, mas eu acho que é difícil por causa de estrutura que a escola tem, mas acho que daria certo o PEC. O PEC, acho que na cidade são três unidades tem no CAIC e acho que no Vale, são oficinas que são oferecidas no período oposto, tem um limite de vagas, a criança come, tem horários, é tipo uma recreação para os maiores, por que na verdade na creche se tem isso para os menores, a

partir do momento que a criança entra no primeiro ano ela não tem mais a recreação, mas tem a possibilidade do PEC. Então o PEC tem várias oficinas, eu fiz o PEC e isso ajuda bastante, são oficinas de pintura, oficinas de jogos, então são vários ambientes diferentes, só que eu não sei se funcionaria, por isso. Porque, por exemplo, do primeiro ao quinto ano não sei se tem tanto o trabalho das crianças, tem porque eles ajudam, mas acho que não é assim aquela obrigação de a criança ter que estar lá; agora do sexto ao nono ano eles já tem que estar lá no sítio, eles contam que a criança vai por o gado pra dentro, porque eles falam. Inclusive quando eu cheguei aqui eu falava “meu Deus, como assim, isso é trabalho infantil, estão escravizando as crianças”, e eles falam, às vezes eles chegam falando, “ai, meu pai me bateu porque não coloquei o gado pra dentro no horário”. Eles têm que plantar, têm que colher, pra eles é um trabalho, então não sei se o PEC funcionaria, não sei se os pais deixariam, eu acho que pelos alunos sim, porque na verdade a criança precisa disso, acho que aqui o único problema da escola do campo seja esse, não que seja ruim eles trabalharem, mas o problema é o que esse trabalho substitui.

P: Você percebe a realização aqui na escola de atividades com conteúdos específicos do campo?

R: Então a gente tem o projeto horta que são os alunos que plantam, na verdade acho que é eles que acabam ensinando pra gente, sabe, agora iniciou esse projeto do memorial das escolas do campo, também. Então a professora do quinto ano fez a visita no assentamento das cachoeiras, a professora do primeiro ano, como ela tem 8 alunos e ficaria mais fácil, foi conhecer cada casa, para mostrar onde cada um conheceu, vir de onde a criança veio, com a visão deles, porque às vezes a gente percebe que eles se acham meio fora do mundo, mais na verdade não estão.

Acho que esses projetos tem acontecido, deixa eu ver o que mais a gente teve, agora os outros projetos que teve foram mais gerais, projeto da dengue, projeto da água, a gente teve os do campo, a gente tem mais incluiu outros, mais dentro dos projetos deu pra vê, ainda mais agora com esse projeto do memorial das escolas do campo. Inclusive ele tem que estar incluso nos projetos que os professores entregam para coordenadora, então todo bimestre o professor tem que apresentar algo, ele tem que planejar algo dentro da perspectiva do campo, isso faz parte, então ele vai preparar, na hora que ele prepara lá o conteúdo, faz o planejamento de matemática, português, etc., e dentro disso ele tem que incluir a perspectiva do campo, entendeu? Esta incluído no planejamento, então todos os professores estão tendo que trabalhar e tem acontecido sim, porque as vezes a pessoa fica só no papel, mas tem acontecido.

P: Você participou ou participa de alguns desses projetos?

R: Não. Eu fui a um único passeio, porque na verdade eu sou secretária, sempre sobro na escola, todo mundo sai e eu fico. Eu fui a um, mais eu na verdade não sei nem se cabe dentro destes projetos, por que foi o projeto campo limpo. Indo lá, tinha escolas de outros lugares, mas eu não sabia qual era a intenção deles, não conheço, porque na verdade foi um dia mais recreativo, tinha sorvete, brinquedos, agora tem campo no nome, mas não sei como esta relacionado, ou se é relacionado. Na verdade eu acho que estava mais relacionado à questão do lixo, era isso porque inclusive uma das crianças ia pegar o sorvete, “oh, joga no lixo”, ai tinha vários sacos de lixo gigantes pra eles, sabe, foi bem mais sistematizado pra isso, mas não conheço a fundo, mas foi o que eu participei, porque geralmente não dá né, a gente não sai, porque não da pra fica saindo.

Os professores me pedem ajuda, pedem para eu procurar na internet, mas nada que eu participe, infelizmente, porque eu não gosto dessa parte, só fica aqui assim, e quando tem assim, tipo teve o dia dos pais eu ajudei a fazer as lembrancinhas.

Outra coisa que eu lembrei da lembrancinha foi que no dia que a gente fez e a gente entregou, assim na cidade nos temos três tipos de escola: a escola particular, escola pública da cidade, e a escola pública do campo, por que não tem escola privada do campo né? Então na da escola privada você vai lá conversa com a mãe, arrecada dinheiro e compra um presente bonito pro pai, então a escola vai lá e compra aquela caneta, um cartão e fica aquele presente; na escola pública você não vai ter o presente; mas tem aquelas condições; e aqui na verdade eles só dependem da escola, então se, por exemplo, o professor fala que não vai fazer a lembrancinha então o pai não vai ganhar nada. Inclusive no quarto ano a professora fez um diploma do pai do ano e era um papel onde falava que ele tinha o certificado do melhor pai do ano, tudo aquelas coisinhas assim, ai o menino fico super feliz porque esse ia ser o presente do pai dele. Ai é diferente, porque eu vendo da minha perspectiva, minha mãe sempre no dia dos pais comprava o presente, pra eu dar pro meu pai, além da lembrancinha da escola e a mesma coisa quando era dia das mães, meu pai ia lá comprava dava pra mim, eu dava pra ela, e mais a lembrancinha da escola. E eles não, na verdade não tem essa, então ele estava feliz porque ele sabia que o pai dele ia fica feliz. Agora às vezes quando você dá isso pra um pai lá na cidade, talvez ele não dê tanta importância, por que não era isso que ele tava esperando, às vezes ele não guarda.

Aqui há vários casos críticos em relação à família, porque eu acho que tem muita criança com avô, muita criança com o tio, porque assim, é difícil você achar uma família estruturada, eu acho que são poucos. Vamos dizer assim, aqui é tudo misturado, metade dos alunos moram com o avô, com o tio, pelo o que eu percebo. Às vezes a gente fica até sem graça de falar isso, já falei que vou parar de falar isso, a gente fala pra algum aluno, “para se não eu vou ligar pro seu pai”, ai eles falam, “não moro com meu pai, estou com minha avó”, “ai, eu não tenho pai”, muitas vezes a gente ouve isso e tem muito disso, que nem esses dias, a gente recebeu uma menina que veio pra cá porque a mãe sofria violência em casa com o pai, ai veio pra cá e a menina ficou só duas semanas e depois ela resolveu perdoar o marido e voltou pra lá.

Tem muito disso aqui, a pessoa vem e volta, parece que aqui é um refúgio onde a pessoa pode se esconder. A maioria do pessoal que mora aqui é mais de idade, porque isso foi distribuído, então acho que tem o pessoal que mora lá na cidade, mas os pais deles moram aqui e quando ocorre algum problema lá eles correm aqui. Então eles têm esse problema com estrutura.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Comportamento sim, eu acho que por mais problemas que a gente tem aqui extremos, mas acho que a educação é diferente, acho que eles escutam mais, o comportamento deles é melhor, não sei... Diferença de comportamento, estou analisando pela época que eu estudava, porque eu também nunca trabalhei em escolas da cidade, mas às vezes até os professores falam, “nossa agora eu vou lá pro Zavotii, misericórdia”. É que é assim, tem a questão do comportamento e tem a questão das facilidades, porque se você tem um aluno que te inferniza a aula inteira com uma sala de 8 alunos é diferente de você ter um aluno que te inferniza a aula inteira e ter uma sala de 40 alunos, tem isso também.

Mas de aprendizagem, então eu não sei comparar, mas as notas deles aqui são bem baixas, eu não sei se meus professores eram muito bonzinhos, mas aqui eu vejo que tem bastante gente com a nota baixa, acho que a nota sempre baseia aqui entre 6 e 7, é um ou outro, tem 130 aluno, mais acho que só 30 fica entre 8 e 9. Não sei se é tão baixa, eu acho baixa, mais depende da sala, então as vezes você não sabe se é a questão de como o professor avalia, mais que nem a Flávia ela tem uma grande variedade, por exemplo na aula de matemática são baixas as notas, agora eu não sei te dizer se isso é uma questão global, mas

acho que não tem interferência acho que a criança não vai deixar de aprender menos ou mais porque ela tem menos uma aula? Ou pode? Não sei também, mas são baixas, não sei se é uma questão mais global, no segundo bimestre deu uma melhorada, no primeiro bimestre estava mais difícil, também não sei se é o método que agora entrou do SESI, até pega o jeito, mas tem sido baixa, não sei se é o nível geral que esta diminuindo ou se é aqui mesmo.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Olha, a gente tem muito apoio da saúde, que eu acho também que faz parte da comunidade, porque eles chegam mais até assim nas famílias, a escola ela fica muito distante, acho que a gente tem um pai que sempre tá aqui, inclusive quando tem festa junina ela doa dinheiro pra escola, em tudo que ele puder ele ajuda, ele acha que a escola é um ganho pra esse assentamento, então ele valoriza demais essa escola porque que nem ele fala, como ele estaria fazendo pra levar o filho dele até a cidade. Não sei como foram os outros porque eu não trabalhei aqui, mais esse ano houve muitos poucos problemas com o caso dos alunos ficarem sem professores, sem aulas, muito poucos, o professor a gente sabe, consegue pra substituir porque a gente tem P1 e P2 que substituem, então sempre dobra horário, quando não dá sempre pra encaixa janela de outro professor, o professor esta ai de janela e pega a turma. Eu acho que se foi cinco vezes que a gente educacional pego turma e levou eles lá pra quadra foi muito, durante o ano todo, então eu acho que a comunidade enxerga isso. Inclusive é ate engraçado, eles assim não chegam até a escola, mas acho que por ser longe e às vezes também são alguns pais que na verdade acham que a opção de ajudar é só financeira, mas na verdade não sabe que podem vim ajudar a escola com ideias, “vamos fazer isso”, um projeto, às vezes acho que é só financeiramente.

Eu lembro que o Claudio falo quando assaltaram a escola, não esse ano, no outro ano, que amarraram o moço, levaram a moto, levaram não sei o que e ai um dos moços que morava aqui foi atrás e trouxe tudo de volta, foi pra diretora e falou “o que foi?”, “de que marca?” Foi e trouxe tudo de volta, então eles têm isso, “espera ai, aqui não”, “vocês não vão mexer, aqui não”, “aqui vocês não mexem”. Isso aqui, esta escola, eles entendem que é um beneficio mesmo pra eles, então de certa forma eles têm essa proteção, não que seja da melhor forma, porque assim, você viu a forma como ele conseguiu, né? Mas assim, eles entendem a importância e agente não tem muito a presença deles, eu não sei se é por causa da distância ou se falta também o professor chamar pra uma atividade e chamar os pais aqui, em reunião de pais que eles vêm e tem uns gatos pingado de pais que vem, querem saber como que esta, se a

escola esta precisando de alguma coisa, tem, coisa que eu nunca vi nesses anos, de um pai chegar a gente estava fazendo a festa junina então agente, “oh, é pra fazer isso, por que é o que tem”, ai vem um pai e diz, “ah, mas do que você esta precisando? Mas vai ter só isso? Oh, vamos fazer isso, eu dou um jeito..., eu peço doação pro fulano”, então tem essa participação assim.

Por exemplo, no ano passado teve uma participação imensa na festa junina, porque ela foi aberta. Então na verdade veio o pessoal da comunidade, veio pessoal da igreja, cada um armou sua barraca, entendeu? É que esse ano a gente vai tentar fazer isso na festa da primavera, porque ficou muito em cima pra fazer a festa junina em julho, então a gente vai tenta pegar essa participação da comunidade, mas também acho que é só em festas que eles participam, por que se não eles esquecem.

P: Então você teria sugestões pra essa proposta de educação do campo?

R: Então eu acho, eu vou retomar o que eu já tinha falado antes em questão das oficinas, essas oficinas ela poderiam incluir isso essas matérias, por exemplo, a oficina de agricultura, técnicas, além de colocar a de pintura, porque eles também precisam, eles precisariam ter algo a mais; eles precisam ter a mesma carga horária que os alunos da cidade tem, porque eu acho que ele não é nem mais e nem menos, tem que ser a mesma carga horária, tudo bem que eles passam horas no transporte pra vim pra cá, mas eles são crianças, não são obrigados a trabalhar, acho que na parte da educação eles têm que recebê-la totalmente. Acho que aí podia enquadrar isso, que a educação integral, pensando na escola hoje, a estrutura não atende porque na verdade a escola integral, que nem a diretora chegou a pensar, tentou fazer o orçamento participativo incluir, mas não foi aprovado porque eles escolheram a piscina. Mas se tivesse a gente teria do primeiro ao nono, a gente teria nossas 150 crianças o dia inteiro na escola. Então, por exemplo, você precisa de espaço, porque você teria que encaixa nove salas, 150 crianças, pra ter atividade o tempo todo, das 8h da manhã as 4h da tarde, você vai ter que ter criança ali o tempo todo, atividade o tempo todo e pra isso você precisa de espaço, coisa que hoje a gente não tem.

Então eu acho que o ideal mesmo seria o PEC e ai pensando no campo incluir algumas atividades especificas de técnicas que eles podem encontrar e inclusive de outras profissões, assim de cursos que são na verdade cursos noções, de informática pra eles conhecerem ou um curso de eletrônica. Abri pra eles também atividades assim recreativas, porque até eu sinto necessidade, a faculdade é chata, se tem que chegar lá escreve, é trabalho

em cima de trabalho não é nada que te emotiva assim, “nossa, quero concluir”, mas sabe aquela coisa de “nossa, quero termina logo”. Acho que o estudo não deveria ser assim, porque que vai perdendo a essência do ensino mesmo, acho que ele deveria estar sempre acoplado a uma motivação, eu acho que até o adulto deveria ter isso, essa motivação, chega uma hora que você fala, “a partir de agora, só vou fazer o que for necessário mesmo, vou passar a não ler mais o texto que fulano não cobra”, porque você fica de saco cheio, o que você recebe em troca, o certificado e o conhecimento se você aproveitar, mas teria que ter uma coisa a mais. Por exemplo, agora vai ter o ciclo de seminários de educação lá na UNESP, a musicalização na educação, essas coisas não deviam acontecer apenas uma vez por ano, mas sempre. Acho que falta desde os anos iniciais até o ensino superior.

P: Bom muito obrigada pela participação.

Entrevista 10: Cozinheira Eliane⁵⁸

Esta entrevista foi realizada dia 15 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Quatro meses.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Não é a primeira vez.

P: Você conhece o programa escola do campo?

R: Então a gente está começando a interagir agora, na verdade anteriormente eu não tinha conhecimento, nem contato nenhum, mas agora a gente está começando a conviver e pegando os esquemas aos poucos, começando a se ligar em como funciona.

P: Uma das principais linhas que eu estudo sobre a proposta de educação do campo é a questão de que eles defendem uma educação que seja específica pra quem mora e trabalha no campo, você acha que existe a necessidade dessa proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

⁵⁸ Eliane é o pseudônimo utilizado para a transcrição desta entrevista.

R: Então eu não vejo muita diferença pelo fato de eu nunca ter trabalhado em uma escola da cidade, mas eu acho que eles lidam bem com a questão, porque tem a horta, estão sempre falando alguma coisa, tentando ensinar alguma coisa pra eles, eu acho que dá pra aproveitar bem isso, acho que eles aprendem sim.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Não, de forma alguma. Acho que eles têm toda assistência, as crianças são a prioridade sempre.

P: E em relação aos moradores da cidade, você acha que eles discriminam quem mora no campo?

R: Não, acho que o único problema é a distância, até para os moradores daqui mesmo, o acesso a Araraquara é muito longe, Matão é até mais perto, mas eu acho que é difícil pela distância. Agora discriminação, eu acho que não tem não.

P: Se existisse a discriminação, porque alguns falam que ela existe, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: eu acho que a discriminação em si ocorre em todo lugar. Não é porque é porque eles são do campo e eu sou da cidade, existem várias formas, mas eu acho que não tem nem como considerar isso, porque eles têm que pensar como cidadão independente do lugar em que eles moram. Ele precisa saber o que ele quer, ter objetivo e a discriminação não significa nada para ele.

P: Aqui na cozinha vocês trabalham alguma coisa ou já fizeram alguma coisa, no tempo em que você está aqui, relacionada à cultura e realidade do campo?

R: Não, agente só teve um curso pra saber um pouco mais, como funciona. A gente conversou sobre propostas pra estarmos implantando, mas até agora na prática a gente ainda não realizou nada.

P: Você lembra de alguma coisa que foi proposta nesse curso?

R: Então nós merendeiras daqui, somos todas novas e uma de nós é formada em nutrição, ela até propôs no dia de fazermos um projeto com as crianças pra eles conhecerem um pouco mais sobre alimentação, sobre a nutrição de cada alimento. A gente voltou a discutir isso, em fazer um projeto novo, mas ainda não colocamos em prática também. É

questão de conversarmos um pouquinho mais para acertarmos alguns detalhes, porque somos só em três e está ainda apertado um pouquinho, pois tem uma funcionária que está afastada, quando ela voltar já dá pra colocar em andamento.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Eu acho que pelo fato de termos poucos alunos aqui é mais fácil para eles. Se eles tiverem mais iniciativa, vontade é mais fácil eles terem acesso ao professor, à uma informação que eles queiram do que lá na cidade onde geralmente as escolas são super lotadas, têm muito mais alunos e não dá para você dar essa atenção. Então em relação a isso eles têm vantagem.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Então, o que a gente anda conversando é que os pais até que acompanham legal, assim, vem sempre, quando acontece alguma coisa o pai vem conversar com a diretora, então eu acho que tem bastante pais que participam sim. Como em qualquer lugar deve ter pais ausentes, mas o que eu vejo é que tem bastante pais que comparecem na escola.

P: Você teria sugestões pra essa proposta de educação do campo, pra que ela fosse mais eficaz, para melhorar?

R: O que acontece, eu acho que os alunos precisam de um incentivo a mais dentro de casa, para que eles se interessem um pouco mais pelo que estão fazendo, entendeu, com o objetivo de crescer. Porque tem muitos alunos aqui que vão parar no nono ano e não continuam os estudos, pelo fato de morar aqui não têm essa ambição de querer ir morar na cidade, se esforçar um pouquinho mais, se formar, tentar sair daqui, fazer alguma coisa diferente. Acho que pelo fato de eles terem nascido, crescido aqui a mente deles é mais fechada, entendeu?

O que acontece, eles têm uma biblioteca legal e não usam, então eu acho que poderia haver algum meio de deixar eles um pouco mais gananciosos, de buscar alguma coisa a mais. Mas ir até o nono ano..., eles tem capacidade, podem crescer, mas vão ficar trancados aqui, entendeu? Queira ou não quanto mais você fica trancado em um lugar, mais vai diminuindo sua capacidade, acho que se eles buscarem, se eles tiverem o incentivo certo, eles conseguem progredir mais do que eles fazem aqui hoje.

P: Bom é isso, tem mais alguma coisa que você pensa sobre a educação do campo ou sobre a discriminação?

R: Não, eu não enxergo nada sobre a discriminação. Acho que as crianças têm, potencial e precisa só de um incentivo maior, mesmo. Sei lá, eu percebo que são muito carentes, porque fazemos rodízio, uma semana aqui na EMEF e uma no CR, e você percebe que desde os pequenininhos lá, falta um pouco de estrutura na família, muitos lares separados, novos casamentos, então as crianças são meio carentes, tem uma certa dificuldade de convivência, então qualquer pessoa que se aproxima e dá um pouquinho mais de atenção, eles grudam.

Eu acho que se tivesse um pouquinho mais de contato, que deve estar já na formação da profissional, mas a maioria das pessoas hoje em dia se forma não porque ela goste daquilo, mas porque é mais fácil no momento, porque vai render mais e na maioria das vezes não tem preparação para lidar com as crianças. Falta um pouco disso e conseqüentemente deixa a desejar na qualidade do seu ensino que está oferecendo.

P: Você acha que os professores, a direção da escola, eles tentam realizar uma educação do campo nesta escola?

R: Olha, eu posso te falar que a maioria se esforça pra isso, mas tem algumas pessoas que nem sempre conseguem fazer isso, entendeu? Tem pessoas que assumem de fato que são educadores e que possuem por objetivo fazer crescer, tem pessoas que vem e fazem o básico, se percebem que o aluno não tem muito interesse, nem insiste. Então é o que dificulta um pouco e te falo que tem uns alunos que não estão nem ai, mesmo. Tem crianças que estão aqui porque os pais colocaram, precisa do bolsa família, seja mil e uma coisas e a criança está aqui, mas ela não tem preparação para estar aqui. Isso dificulta também a ação do profissional, porque ele vai entrar em conflito com isso, queira ou não. Ele precisa ensinar, tem aluno atrapalhando na classe, então se você olhar para o todo, todo mundo sai perdendo, tem o aluno que atrapalha o profissional a dar aula, conseqüentemente o profissional desanima e não vai dar a aula que ele pretendia dar pros que tem necessidade e querem aprender. Então tem várias coisas envolvidas.

P: Bom, então era isso muito obrigada.

Entrevista 11: Funcionaria da Limpeza e mãe de alunos Fabiana⁵⁹

Esta entrevista foi realizada dia 15 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você mora aqui no assentamento?

R: Sete anos.

P: E há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Um ano e dois meses.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Não, sempre trabalhei em serviço geral, em escolas nunca havia trabalhado antes.

P: Você conhece o programa escola do campo? Se conhece, você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Mais ou menos, eu já ouvi falar, mas não sei o que é certinho.

P: O programa escola do campo defende a ideia de que a educação tem que ser pensada para a realidade do campo, para a realidade do trabalhador do campo e não uma cópia da educação realizada na cidade. Você acredita que a educação do campo é realizada aqui na escola?

R: Eu acredito que ela seja realizada aqui na escola sim, todos os professores que trabalham aqui como a Letícia, a Clarice, a Cristina também, eles tentam por pra frente às coisas do campo mesmo. Então eu acredito que sim.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Tem necessidade sim, porque não é reconhecido esse trabalho do campo, tem coisas que você acha que é simples, mas não é simples, ele é muito trabalhoso, pra você conseguir alguma coisa aqui dentro é muito dificultoso, demais.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

⁵⁹ Fabiana é o pseudônimo utilizado para a transcrição desta entrevista.

R: Percebo sim, porque eu tenho meu filho mais velho ele estuda na Tangi, ai chamam ele de pé rachado, ou do horto, porque aqui é conhecido como o assentamento do horto, ele nem liga, ainda bem que ele leva na brincadeira, mais eu sinto sim. Eu também já me senti discriminada, teve uma vez que eu fui pra Matão com o ônibus que passa aqui dentro, ai a gente desceu no centro, as pessoas que estavam sentadas ficavam olhando, um falando pro outro, que o ônibus estava sujo, esse tipo de coisa.

P: Quantos filhos você tem aqui na escola?

R: Tenho três filhos que estudam aqui e um que estudou aqui e agora estuda em Matão.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Não sei explicar de que forma, mas acho que sim viu, mas na realidade temos que mostrar para as pessoas como é a realidade aqui dentro, somos pessoas iguais eles, temos que explicar para as crianças que somos como eles. Moramos aqui, mas é a mesma coisa que na cidade, temos escolas, médicos, dentista, padaria a gente tem tudo que as pessoas que moram na cidade tem. Temos que mostrar para as crianças as nossas realidades.

P: Aqui na escola você consegue perceber o trabalho com algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo?

R: Meus filhos já levaram bastantes trabalhos para casa, até mesmo mudas de frutas eles já levaram. Minha filha que está na primeira série, a professora dá trabalhinhos diretos com essa coisa de rural; o meu filho que está na segunda etapa, também, ele fala, “mãe isso daqui é adubo direto da terra, a tia que falou”, e põe nos pés das árvores que tem em casa.

P: Você acha importante isso?

R: Eu acho, porque isso são coisas que eles irão levar a vida toda, mesmo se for pra cidade, ou continuar no sítio, irão sempre se lembrar disso.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Eu acho que não, é a mesma coisas, todas as escolas tem os mais bonzinhos, os mais piores, é mais cansativo por eles mesmo ou pela professora, acho que em todo lugar existe isso.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Sim, apóiam bastante, em todos os eventos que tem aqui, eles estão sempre presentes, toda reunião eles vêm, qualquer coisa que a diretora põe, até o prefeito, eles sempre vêm, sempre apóiam.

P: Você participa de algum movimento social no assentamento?

R: Não.

P: Você percebe a existência de movimentos sociais ou você acha que não tem uma atuação forte no assentamento?

R: Não tem forte não viu, aquele que consegue leva alguma coisa pro assentamento dele é o somente dele, ele não tenta leva pra um ou pra outros assentamentos, é somente pro dele, que são as pessoas que toma conta né, pelo menos eu penso assim.

P: Faz sete anos que a senhora mora aqui, o lote é seu?

R: O lote é do tio do meu marido.

P: Eles trabalham a terra?

R: Ele não trabalha a terra, pois trabalha fora, temos alguma coisa assim que é nossa na terra, mas o sustento a gente não tira dela, eu trabalho fora, meu marido trabalha fora, o tio dele também.

P: Você teria sugestões para a educação do campo, para que ela fosse melhor?

R: Não, não teria nenhuma sugestão.

P: Pensando nos seus filhos você sente necessidade de alguma coisa assim pra formação deles, talvez que deveria melhorar assim em algum aspecto?

R: Acho que deveria ter até o segundo colegial aqui á noite, porque por mais que meu filho vai a noite até Matão eu fico preocupada, porque tem dia que chega lá e não tem aula, ele fica na rua, não tem na casa de quem ir. Aqui dentro do assentamento seria mais fácil, porque a gente tem condução, a gente vem buscar, então seria mais fácil. Até o segundo colegial devia ter aqui, porque não tem né? Acho que só do EJA só tem a primeira e a segunda série e muitas salas de aulas ficam vazias ainda e poderiam ser usadas né? Então eu acho que é só isso mesmo.

P: Em relação à educação que é oferecida aqui na escola, você acha que tem necessidade de uma educação diferente pra quem mora aqui no campo?

R: Não, eu acho que tá bom.

P: Os seus filhos pretendem ficar aqui, o que eles pretendem fazer no futuro?

R: Meus filhos pretendem ficar aqui, vão estudar, trabalhar, mas daqui do campo eles não querem sair, eles preferem ficar aqui. Eles falam que se tivessem aulas aqui á noite seria bem melhor.

P: Seus filhos pretendem trabalhar na cidade ou aqui na terra?

R: Na cidade.

R: Porque você acha que você acha que é tão difícil trabalhar na terra?

R: Porque falta dinheiro, porque a terra é improdutiva e não temos dinheiro para tratar da terra, precisa-se de bastantes investimentos, fica difícil né? Quando você tem de onde tirar o dinheiro para cultivar a terra, seria uma beleza, poderia estar dentro da minha casa, cuidando do meu sítio... Já até tentamos, mas não conseguimos, foi dinheiro em vão. Existia eucalipto nesta terra, então tudo que se planta até certo ponto vai, mas depois, se pode molhar, cuidar, mais não tem jeito.

P: No lote de vocês, vocês arrendaram pra cana?

R: Sim, sempre arrendamos pra cana, coisa que também não dá muito peso, estão bem pequenas, então é muito complicado.

P: Bom era isso, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar, de acrescentar sobre a escola do campo?

R: Posso citar que gosto que meus filhos estudem aqui porque estão pertos de mim, por mais que os filhos da gente crescem, a gente fica de cabeça quente, mas agora com eles aqui, fico mais sossegada. Eu gosto de trabalhar aqui, gosto da escola, gosto que eles estudem aqui, sempre falo que isso daqui pra mim é um sonho, quando mudei aqui, depois de um ano tinha a escola, mas não tinha tudo o que tem agora. Melhorou muito a escola, bastante mesmo. E depois eu falo que só você vendo mesmo pra saber, quando comecei a trabalha aqui fui conhecer mesmo, certinho, as pessoas que trabalham e convivem com meus filhos e fico muito contente por ser assim, pra mim está ótimo.

P: Então é isso, muito obrigada.

Entrevista 12: Professora Denise⁶⁰

Esta entrevista foi realizada dia 15 de setembro de 2011, na Escola do Campo Maria de Lourdes da Silva Prado, localizada no Assentamento Monte Alegre VI, Araraquara, São Paulo.

P: Há quanto tempo você trabalha nesta escola?

R: Mais de dois anos e meio.

P: Você já trabalhou em outras escolas no campo ou na cidade?

R: Trabalho a seis anos numa escola de Matão no período da manhã, lá é uma escola na cidade.

P: Você conhece o programa escola do campo?

R: Eu conheço nas ideias, no que já li, eu conheço sim.

P: Se conhece, você acha que ele é realizado aqui na escola?

R: Eu acho que em partes, não na integra.

P: Você acha que existe a necessidade de uma proposta de educação que não seja apenas no campo, mas pensada pro campo, que seja do campo?

R: Do campo sim, acontece muito a no campo, mas a do campo ainda temos que caminhar muito, porque eu percebo que muitos falam na educação do campo, mas não realizam as atividades necessárias para ela ser do campo. Eles idealizam uma escola que na verdade, na realidade não existe e quando a gente vai propor as pessoas não tem o conhecimento necessário para fazer com que aconteça, tem o conhecimento teórico, mas na prática as coisas se modificam. Existe uma política de mostrar na prática uma coisa que não acontece na integra. Sabe existe um momento, existe o empenho, mas acho que o apoio, as pessoas que estão envolvidas precisam se engajar nisso e ter funções, porque quando alguma coisa vai acontecer, alguma pessoa se opõe e é complicado você levar isso na integra. Então existe em partes.

⁶⁰ Denise é o pseudônimo utilizado na transcrição desta entrevista.

P: Você percebe a existência de alguma forma de discriminação do trabalhador, do morador do campo?

R: Olha, sinceramente existe por parte de pessoas que não conhecem a realidade do campo. Eu acho que isso vem diminuindo, acho que a gente, eu falo a gente porque eu sou assentada, desde os meus quatorze anos meus pais moram aqui e eu sou daqui. Então eu acho que a gente já sofreu muita discriminação, mas na medida em que as pessoas vão conhecendo o assentamento, que o assentamento vai evoluindo e que o assentamento vai tendo um papel importante na sociedade, como um produtor rural, como pessoas que produzem também e que são importantes para que a economia movimente, eu acho que isso vai se tornando diferente. E a medida em que as pessoas vão conhecendo o assentamento, aquele “taxatismo” vai diminuindo, mas acontece sim, ainda tem muita discriminação sim.

P: Se existe esta discriminação, você acredita na possibilidade de a proposta de uma educação do campo poder ajudar a solucionar esse problema? De que forma?

R: Sim, eu acredito e a partir da educação infantil. Eu acho que a gente tem que passar a valorizar a pessoa, pelo que ela é, por onde ela vive, porque que ela vive assim, toda a história, a memória dessa história do campo, dessa história do produtor rural, das crianças que vivem aqui. Elas precisam ser valorizadas como um todo, não só pelo pessoal daqui, que é o principal, mas por toda a sociedade e a sociedade reconhecer realmente quem são estas pessoas e porque elas estão no campo, então a importância disso.

Isso deve ser levado em consideração e a partir do momento em que eu me valorizo, as pessoas vão passar a me valorizar também. Então eu acho que é uma questão de autoestima e é o professor que tem que acreditar nisso e passar esse lado positivo para os alunos, sabe? Não podar, mas sim abrir um leque de possibilidades sem esquecer as suas raízes.

P: Você conhece a existência de algum movimento social aqui no assentamento, você acha que tem uma atuação de algum movimento social ou não neste assentamento?

R: Não, não existem. Aqui neste assentamento o que acontece é que quando as pessoas buscam melhorias, elas se reúnem e procuram os órgãos e pessoas responsáveis, solicitando esta melhoria, isto acontece, mas assim, um movimento específico, não. Aqui acontece muita cooperativa, questão do cooperativismo para conseguir algo, mas não um movimento.

P: As cooperativas se reúnem em busca do que?

R: Em busca assim de um favorecimento na questão da produção econômica, modo de vida, sustentabilidade da produção.

P: Nas suas aulas você consegue trabalhar algum conteúdo específico da realidade e cultura do campo? Cite alguns exemplos.

R: Específico não, eu tento fazer um elo entre a questão da cidade e a questão do campo. Por exemplo, o trânsito aqui é muito diferenciado do trânsito da cidade, até porque existe a questão das carroças, a dos cavalos, os tratores. Então demanda assim de um conhecimento maior de mão, do que é esquerda ou direita, e também fazendo um elo com o trânsito da cidade, porque morar aqui não impede as crianças de irem pra cidade. Então a gente faz um paradoxo, mas assim um conteúdo específico do campo eu não trabalho, eu quero trabalhar, mas eu acho que precisa de pessoas especializadas, precisa de demanda e ter um foco e isso a gente não tem, um planejamento e isso a gente não respeita. Meu planejamento é um planejamento urbano, então para você criar do nada... a gente tenta fazer como falei, paralelos, então vamos trabalhar uma cultura, por exemplo, estamos na época da laranja, vamos trabalhar a cultura da laranja, por que essa é a época da laranja, a plantação da laranja, como isso ocorre e tal; fotossíntese, o que é isso, lógico voltado para a faixa etária e idade dos meus alunos⁶¹, mas conteúdos específicos, não temos.

É isso que eu falo, que a grande carência é essa, porque se existe a escola no campo, mas a escola do campo criada especificamente, com planejamento pedagógico, currículo e isso ser respeitado é outra realidade, até porque os professores não sabem trabalhar assim. Eu apesar de ser assentada, os meus conhecimentos práticos são urbanos, porque quando eu comecei, eu comecei a lecionar na cidade, então tudo que eu aprendi na prática foi o conhecimento urbano, pelo que acontece lá na cidade, e aí como eu tenho um pouco da realidade aqui do campo, eu faço esse elo, tento fazer, nem sempre dá certo, mas eu tento fazer por conta própria, sem nenhum apoio específico.

P: A educação do campo não possui uma coordenadora, como é que funciona?

R: Não tem uma coordenadora, ou melhor, não é que não tenha uma coordenadora do campo, existe uma coordenadora pras escolas do campo, mas infelizmente eu acho que isso fica a desejar, porque eu acho que nem mesmo a coordenadora das escolas do campo sabe

⁶¹ Esta professora atua com a educação infantil possuindo uma turma de alunos com a idade entre quatro e cinco anos.

realmente o que quer dizer escola do campo, não criticando, mas ela não tem um aprofundamento e ela não conhece a realidade pra estar entendendo qual o foco, qual o objetivo, aonde nós queremos chegar com a escola do campo. Até pra nós é um enigma, que criança nós queremos formar? Eu não acredito que seja uma criança especificamente rural, mas eu acredito que a criança tem que saber aonde ela esta, porque que ela esta, ter uma autoestima e estar preparada para todos os campos, não só o rural, como o campo urbano também. Sabe, eu quero uma formação para uma criança ampla, que ela tenha oportunidades como todo mundo, uma oportunidade social, assim como os negros, todos. Então tem que ser uma coisa que tenha esse foco e eu acho que isso ainda não existe.

P: Você acha que existe alguma diferença entre os alunos da cidade e os alunos do campo no que diz respeito ao seu comportamento e aprendizagem?

R: Não, são as experiências. Eu acho que vem muito da realidade e do subjetivismo, mas uma diferença não. Elas são da mesma faixa etária, elas têm as mesmas capacidades, elas têm as mesmas dificuldades e eu falo isso sabendo do que estou falando, porque dou aula em duas escolas totalmente diferentes e com a mesma faixa etária. Então eu sei, por exemplo, nas coisas que exige mais a questão motora, de traçado, de desenho, as crianças da cidade se sobressaem, na questão de informática, tecnologia elas se sobressaem, porque elas têm e manipulam isso, elas têm computadores, elas têm celular, elas têm todo tipo de tecnologia que às vezes aqui eles não tem acesso, então eles entendem um pouco mais. Também às vezes os pais, pelo menos os da onde eu trabalho, eles têm um nível de escolaridade maior, então eles podem estar auxiliando e se preocupam um pouco mais com a educação do que os pais daqui. Então essa eu acho que é a diferença, mas as capacidades são as mesmas é só a gente propiciar as oportunidades que as crianças aprendem, lógico que com as suas subjetividades, cada um é de um jeito.

P: Como é a participação da comunidade na escola, eles possuem consciência e apóiam a proposta de uma educação do campo?

R: Eu acho que eles desconhecem a educação do campo e também existe uma questão assim, de como seria essa educação do campo, entende? Porque eu sei que os pais daqui não querem que os filhos sejam agricultores como eles e talvez eles façam uma ideia disso de que eles estão querendo formar as crianças pra ficar no campo ou para serem agricultores como eles. Então dependo do que o pai deseja para o filho e se os pais não souberem exatamente o que é a escola do campo, eles não vão ter nem uma opinião ou dizer,

porque isso não foi aberto pra eles, eles não têm um conhecimento específico sobre isso, sabem que é uma escola do campo, mas imaginam que é porque ela está no campo, entende? Então do meu ponto de vista, eles não tem opinião formada sobre o assunto até porque eles não conhecem.

P: Aqui no município de Araraquara existe o programa escola do campo, desde 2002. Então é por isso que estamos tentando saber o que a comunidade pensa, até porque está escrito neste documento que a comunidade participou da elaboração desta proposta, foi há muito tempo, na época tinha um coordenador da educação do campo.

R: Isso, eu não trabalhava ainda, mas eu já fazia parte e a minha madrinha na época também, ela fazia parte da APM, eu não sei exatamente se ela participou, porque hoje ela não mora mais aqui, mas existia mesmo uma proposta e quando foi iniciada aqui eu achei que estava tendo uma força maior pra isso, mas acho que houve um certo comodismo, apesar de que eu acho que a gente já avançou muito e a prefeitura, os órgãos políticos, também apóiam bem, porque infraestrutura nós temos e isso é ótimo, em relação à cidade e muitas de suas escolas, nós estamos a frente, nós temos muita coisa é questão do trabalho mesmo, do trabalho pedagógico.

P: Você acha que além desse apoio na infraestrutura da escola, a prefeitura também apóia, aceita a realização de uma educação diferenciada?

R: Então, o que posso te falar, porque a gente não conhece, o que eu sinto na realidade é que é uma coisa que acontece no papel, mas na prática não acontece, deixa a desejar. É igual você falou, tem um movimento? Não só daqui, aqui também não tem um movimento da população, mas não tem um movimento de lado nenhum, nem das pessoas que estão envolvidas diretamente com a educação e nem da população, até por desconhecer. Então eu não sei te falar, eu sei que a prefeitura na questão do que você vê, você pode vir aqui e ver que aqui tem tudo, entendeu, mas eu não sei te dizer se é isso mesmo, qual que é o objetivo.

P: Em relação aos outros professores e a direção da escola, você acredita que eles sejam a favor de uma educação que seja do campo? Se eles querem desenvolver, se estão lutando, se movimentando para tentar realizar esta educação do campo?

R: O que eu penso é que a gente precisa cumprir cronogramas, por exemplo, aqui tem uma apostila do SESI que é voltada pra cidade, com textos especificamente urbanos e eu não vejo nenhum trabalho voltado assim diretamente para o campo, nenhum material, nenhum conteúdo, nada de apoio. Então eu nunca vi uma formação pedagógica voltada para o campo,

eu não conheço ninguém que dê palestras e que me esclareça o que é a escola do campo, entende, como posso falar dos professores? Porque no mesmo patamar em que eu estou, eles estão. Eles não vão dar aulas naquilo que eles não conhecem, eles vão dar aulas naquilo que eles dominam, até porque precisam estar seguros naquilo que estão ensinando e eu acho que é essa segurança que falta. É isso que eu penso, que a lacuna está nisso, em a gente saber claramente o que é a escola do campo, quais são os conteúdos específicos, por exemplo, parâmetros curriculares nacionais, a gente precisa ter um currículo flexível, qual é o nosso currículo flexível? O que a gente deve trabalhar? De acordo com a realidade do nosso aluno, mas o que especificamente? O que a gente pode trabalhar?

Não a gente tem um cronograma pra respeitar, que vem de cima e que a gente às vezes deixa a desejar a parte da realidade da criança, para cumprir esse cronograma, aí vem as provas e você tem que mostrar que o aluno sabe, uma prova às vezes totalmente fora da realidade. Então existe uma contradição muito grande e é complicado você falar assim como o professor vai trabalhar, como o professor deve trabalhar, se eu acho ou não, porque eu tenho que levar em consideração outras questões. Agora se tivesse todo o aparato, aí seria diferente, mas eu não posso falar de uma coisa que eu não sei.

P: Você teria sugestões pra proposta de educação do campo?

R: Sim, eu acho que tem que ser uma pessoa realmente voltada pra realidade do campo que constrói uma educação de acordo com a realidade do campo, porém que não deixe a desejar questões significativas da sociedade. A gente tem que trabalhar todo o processo de noção matemática, de produção do conhecimento em linguística, porém levando em consideração a realidade da criança, mas levando em consideração também a cobrança da sociedade. Vou te dar um exemplo, as minhas crianças elas são ótimas pra correr, a questão motora, a coordenação motora grossa, elas são ótimas, eu tenho crianças aqui que se fizessem uma ginástica olímpica ia ser excelente, entende? Então isso é valorizar o que a criança é e a realidade que ela tem, só que isso não é valorizado. E não é só a parte esportiva que ela tem que saber, ela também tem que ser boa em matemática, então tem que dar todo o aparato pra matemática, todo o aparato pra português, porque na hora em que ela for prestar uma prova para um vestibular, se ela não tiver um bom conhecimento nisso, lá no vestibular, não vai ser considerada a realidade do campo, vai ser considerada a realidade toda, assim como o SARESP. Então eles precisam ser bons em tudo também.

Então eu falo assim, não é uma educação voltada só pra realidade, mas uma educação que pondere as coisas, que não seja só urbana, mas que também não seja só rural, que siga os dois caminhos paralelos, fazendo elos. Então na minha realidade é isso, eu acho que é esse o caminho, a gente não pode deixar a desejar um lado pra favorecer o outro, porque eu conheço muitas crianças aqui, que saem daqui até sem ler e é triste você saber isso, mas tem crianças que não se alfabetizam e onde está o problema? A gente precisa buscar isso, porque a educação do campo tem que ser uma educação de qualidade, isso é o principal. É uma educação que leva a criança a ter as mesmas oportunidades que as outras, seja ela de escola particular, seja de escola pública, toda educação deve ser de acordo com aquilo que a sociedade cobra, para que elas possam escolher seus próprios caminhos e ter uma ótima formação humana.

P: Teria mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar sobre a educação do campo ou mesmo sobre a discriminação, sobre que tipos de trabalho a gente poderia tentar realizar pra tentar sanar um pouco, você acha que existe uma solução para esta discriminação?

R: Eu acho que sim. Eu acredito nisso, eu acho que desde quando a sociedade valoriza, por exemplo, depende da visão que é como se fosse um outdoor, então depende da visualização que as pessoas vão construindo acerca de um assentamento, acerca do produtor rural, eu acho que isso está sendo mudado, às vezes eu vejo notícias, reportagens e vejo que existe uma valorização do homem do campo, porque é a partir dele que temos nossos alimentos, que a gente produz, começa a fazer a economia funcionar. Então eu acho que o homem do campo já está sendo visto com outros olhos, e também acho que os assentados também vão começar, ou melhor, já estão sendo vistos com outros olhos. Eu quando iniciei como professora tive certa dificuldade em questão da disciplina dos meus alunos até porque quando eu fui chamada, peguei a sala que sobrou e a sala que sobrou foi formada pelos alunos que tinham mais problemas de comportamento, então como eu não tinha experiência nenhuma, eu não consegui dominar a sala, tive essa dificuldade de ter essa habilidade de domínio, de disciplina, de saber onde eu deveria me impor, de me colocar, tive problema com isso. Então devido á isso eu não queria ser professora, ia pedir demissão porque eu achava que não tinha nascido pra isso, eu amava o que eu fazia, mas não tinha jeito com criança, não consegui lidar com criança. Então a minha coordenadora me sugeriu que eu mudasse de escola pra tentar mais um ano e eu mudei de escola, então meu secretario que na época e até hoje é o Alexandre, ele falou pra eu pegar uma escola de centro, que é a escola que eu trabalho até hoje, ai eu peguei. No final do ano minha diretora chegou a mim e falou assim:

“Denise se eu soubesse que você era essa pessoa eu nunca tinha chegado no secretário e falado assim ‘como você me arruma uma assentada pra vir dar aula aqui’”.Entende?

Então existe essa visão, só que a gente modifica. Até hoje essa é minha diretora, eu respeitei e mostrei pra ela que não é aquilo, aquela idéia que ela faz, que todos tem a mesma oportunidade sendo aceitado ou não, a gente tem que respeitar, então ela entendeu, ela viu isso, ela viu que não é essa visão que ela tem e eu realmente tive um problema porque todo mundo sabia da rede que eu não conseguia domínio da sala, mas eu não conseguia o domínio da sala porque eu não tive apoio, porque desde que essa diretora, que é uma excelente diretora e que eu considero muito me deu todo apoio, me deu todo aparato, ela falava assim “Olha você tem que ter a seguinte postura, nesse momento se acontecer isso, você tem a seguinte postura” e foi assim que eu fui me formando e fui aprendendo na prática, com o apoio e é isso que a gente como professora tem que fazer. A gente tem que apoiar o aluno, a gente tem que sana esses obstáculos, tentar ajudá-los a ultrapassar esses obstáculos, tenta ajudá-los a percorrer por esses obstáculos e chegar onde eles almejam. É igual meu pai fala, “a gente pelo menos com o estudo, a gente tem a oportunidade de concorrer” e eu quero dar essa oportunidade para os meus alunos, que eles possam também concorrer de igual pra igual. Então por isso que eu acho que a discriminação a gente muda, depende do outdoor, do que as pessoas vêem de você, o que você mostra para as pessoas e principalmente para você não esconder o que você é.

Eu ia à UNESP, por exemplo, eu ia de ônibus rural, e nunca me importei com isso, e sempre falava que eu era do assentamento, eu percebi uma valorização porque todo mundo falava “nossa você tá aqui sendo do assentamento...”, é lógico que eu tive apoio dos pais, eu tive oportunidades, então é isso que eu falo: “É oportunidades”.

P: Então muito obrigada, agradeço pela participação.

R: Eu que agradeço. Eu moro aqui desde os quatorze anos, meus pais ficaram acampados, nossa eu passei por tudo, desde o processo de ficar sem energia, puxar água do poço... Fiz o magistério e vim até a escola fazer um teatro, eu conheço a luta que foi e é interessante, porque as questões, por exemplo, culturais elas se modificam conforme as melhorias. Antigamente a gente tinha mais Folia de Reis, quando não tinha energia elétrica, a gente visitava mais os amigos a luz de lampiões, porque não tinha televisão, não tinha nada, então a proximidade era maior. Agora não, cada um vive a sua vida, no seu individualismo. Não que a gente não tem mais amizade e não se encontra, mas assim ficou mais distante...

Entrevista 13: Alexandre

Entrevista com o Alexandre.

Realizada em 17 de janeiro de 2012, na cidade de Matão.

P1: Matão tem uma proposta, São José do Rio Pardo esta com a intenção de uma proposta, tem Araraquara com uma proposta de educação do campo, em Itapeva também tem uma política de educação do campo e quase ninguém sabe disso. Então eu acho interessante evidenciar isso, que ninguém ainda pesquisou. Analisar a educação do campo no Estado de São Paulo. O objetivo do meu trabalho é esse, fazer uma análise destas políticas públicas e como elas estão se efetivando no estado de São Paulo, fazer uma análise política, ideológica nacional e ver se ela está se efetivando no estado de São Paulo, se ela está acontecendo ou não está. Por exemplo, eu peguei como campo alguns municípios que aderiram ao Escola Ativa e exceto São José do Rio Pardo o que estamos vendo é que não passa de uma adesão ao programa, você pergunta se tem uma proposta pedagógica e não tem, tem algum material, não, apenas o que vem do escola ativa. O que a gente fica se perguntando é: Isso se caracteriza numa escola do campo? Então o meu trabalho está indo nesta direção.

R: É porque você tem a política nacional definida nas conferências, dentro da própria SECAD, as diretrizes, é até que tem um bom material teórico. E aí avaliar o que tem de implementação e o que minimamente seja próximo. Pode ser que a gente tenha até mais do que esta proposta de política pública do governo federal, né? Então, do governo do estado não tem nada, o governo do estado nunca falou sobre isso, se recusou a fazer o seminário estadual. Eu fiz parte da comissão pra preparar o seminário, chegamos a fazer umas três, quatro reuniões.

P1: A iniciativa pra fazer o seminário estadual foi de quem?

R: Foi do governo federal, foi o INCRA. A Cristina estava no INCRA naquela época e ela chamou Araraquara e me chamou, pois eu já tinha voltado pra Matão, me chamou porque quando a gente realizou o 2º seminário em 2003, aqui em Araraquara, nós chamamos o INCRA e a Cristina veio fazer uma fala. Então ela já conhecia esta nossa proposta de educação do campo.

Por isso que em 2006, ela chamou a gente pra fazer esta equipe e planejar este seminário, pois a intenção era fazer mesmo sem a presença da secretária do estado, era fazer com os municípios, chamando os municípios pelo INCRA. Mas nós chegamos a planejar este seminário, até a ver o local em que seria realizado.

P1: Mas ele não sai por conta da adesão dos municípios ou por causa de verba?

R: Por que nós tínhamos um prazo curto pra fazer e quando a equipe foi ver hotel, foi fazer um levantamento, porque o governo federal exigia que nós fizéssemos um orçamento desse seminário, quanto é que ele ia custar e quando isso ficou pronto, já não dava mais tempo, já tinha passado o tempo. Ai ficou para o ano seguinte, mas no ano seguinte não foi... Eu conheci a Adélia da OMAQUESP, nestas reuniões, eu ia daqui de Matão de carro, passava em Araras, pegava a Adélia e outro senhor, pai de uma aluna da Pedagogia da Terra, que interessante na formatura eu os revi. E a gente ia pra São Paulo, a Cleria, que hoje está no governo federal e era a secretária da educação na época de Araraquara, quem mais...

P1: E na época você estava como grupo do PT?

R: Não, enquanto secretária de educação de Matão, que era uma secretaria que tinha educação do campo e também preiteava esta proposta.

P1: Esta iniciativa da proposta de educação do campo foi sua?

R: Na verdade a gente tem que recuperar um pouco a história...

No finalzinho de 1999 o MST fez uma grande ocupação aqui na nossa região, tem algumas meninas que estavam ali naquela época e hoje terminaram a Pedagogia da Terra. Foi numa região aqui próximo à São José do Rio Preto, muito próximo aqui de Matão e logo que eles fizeram essa ocupação eles procuraram a prefeitura de Matão. Procuraram o prefeito e o prefeito era do PT, o Adalto, este mesmo prefeito que é até hoje, e ele ficou muito solidário à questão, por causa das raízes dele mesmo, de luta estudantil, um dos fundadores do partido dos trabalhadores, enfim... E ele quis ajudar bastante.

Ai ele pediu que eles se dividissem em comissões e que as comissões procurassem as secretarias todas, pra ver o que eles precisavam, recolhimento de lixo, água, educação, saúde, enfim, tudo isso. E um grupo veio conversar com a gente na secretaria de educação, a Kely foi uma das que veio junto neste grupo, pra conversar com a gente e eles queriam transporte, criar uma tentativa de uma escola dentro do assentamento. Eu não era secretário de educação naquela época e a secretária de educação me incumbiu de fazer essa conversa e ver o que era necessário. Em conversa com eles, nós decidimos que faríamos um barraco, como nós fizéssemos, um barraco grande, dentro do acampamento pra atender educação infantil, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano, porque quinto, sexto, sétimo e oitavo ano nós atenderíamos em uma escola estadual dando o transporte escolar pras crianças. E nós fizemos isso, compramos a lona preta, eles fizeram uma armação de bambu, nós conseguimos carteiras da diretoria regional, o pessoal da APEOESP aqui de Matão ajudou a gente, nós levamos merenda e uma série de coisas. O Adalto deu muito apoio para o acampamento, inclusive

tentou na justiça a desapropriação daquela área para a reforma agrária, foi a primeira vez que um prefeito tentou fazer isso, porque só o governo estadual e o governo federal podem fazer isso, podem desapropriar área rural, eu não sei por que, qual é essa legislação. E o Adalto tentou fazer isso, acho que foi a primeira vez que um prefeito tentou fazer isso e ele não conseguiu, claro, não era possível.

Ai quatro meses depois eles foram embora daqui. Eles foram em janeiro, fevereiro do ano seguinte e eu já era secretário de educação. Mas eles ficaram por quatro, cinco meses aqui e as matrículas destas crianças de primeiro a quarto ano ficaram vinculadas a uma escola municipal aqui de Matão. Então foi a primeira experiência no estado de São Paulo, de uma escola dentro de um acampamento. Por isso as meninas da Pedagogia da Terra, tem tanto interesse em resgatar esta história, pois foi a primeira experiência. Bom isso foi em comecinho de 2000, eles foram embora daqui, eu cheguei acompanhá-los, fui até Barretos, onde eles foram, conversei com a secretária de educação de lá, dizendo pra ela que eles tinha frequentado a escola, que ela podia fazer isso, vincular à uma escola, fiz tudo isso, mas depois não acompanhei mais.

Em 2000 nós perdemos as eleições aqui em Matão, ai eu fui pra Araraquara, que o prefeito do PT me convidou pra trabalhar lá com eles e a proposta do prefeito Edinho era que nos primeiros 100 dias de governo dele, ele cumprisse uma agenda e uma destas agendas era fazer uma conferência municipal de educação. Como eu trabalhava do lado da secretaria municipal de educação a Sonia Irene, uma professora da UNESP, marxista, como eu era segundo escalão ela me colocou muito próxima dela pra trabalhar e nós discutíamos tudo o que ia acontecer e nós preparamos a conferência. Na época nós não colocamos nenhum grupo chamado de escola rural, era ensino infantil, fundamental, gestão democrática são aqueles grupos de trabalho que geralmente a gente trabalha, inclusive dentro do PT nós também trabalhávamos estas questões, financiamento, gestão nada mais do que isso.

Na própria conferência acabou aparecendo um grupo de trabalho de escola rural, como era chamado na época, composto por um pequeno grupo de pessoas, familiares assentados do Assentamento Bela Vista, junto com a diretora que é a Adriana. Ai, a Sonia me pediu para ficar com este grupo, porque dentro da secretaria cada um de nós ficou responsável por algum ou por alguns grupos de trabalhos, como um coordenador destes grupos de trabalho. Como a Sonia sabia do meu envolvimento com a questão rural, com as escolas rurais, então ela pediu que eu ficasse como coordenador desse grupo. Dai nós discutimos, esse grupo de trabalho discutiu, tem as propostas que estão no texto que eu escrevi, tem naquele material que eu já

entreguei pra um monte de gente por ai a fora, onde a gente coloca quais eram as nossas propostas.

Uma das nossas propostas era a formulação de uma proposta pedagógica para as escolas rurais de Araraquara. Ai votamos na conferência, pois era uma conferência com votação, nós tínhamos uma outra proposta, por exemplo, que era fazer um concurso público só para professores do campo, que acabou não passando pelas votações. Eu me lembro até hoje de eu defendendo a proposta e uma professora, uma senhora já de idade me dizendo “Não meu filho, escola é tudo igual ou essa ou aquela, escola é tudo igual.” Bom, pelo menos aquela outra proposta de construir ou elaborar uma proposta pedagógica passou.

Ai a tarefa era dar continuidade, nós tínhamos as proposições e a gente tinha que construir aquilo lá, levaria um tempo, mas a gente sabia que tinha que fazer. Como coordenador eu comecei a reunir o grupo, então, primeira coisa chamar as três escolas, conversar com as três diretoras, depois conversar com os professores, reuni todo o pessoal, porque a gente queria primeiro conversar com os professores, com as escolas. Porque era algo novo, antes de a gente abrir para a comunidade e nós fizemos isso, esse foi o começo. Ai nós começamos a fazer as reuniões uma atrás da outra.

P1: Vocês participaram da Primeira Conferência de 1998?

R: Não. Não teve nenhuma relação, nós não sabíamos. Eu só fui saber da primeira conferência nacional que foi em 1998, depois, quando teve a segunda conferência nacional, ai nós fomos.

P1: Esta proposta pedagógica foi construída, foi efetivada?

R: Ai nós construímos ela com a participação das escolas, tem toda aquela participação que eu conto naqueles documentos. Assim, teve idas e vindas, porque assim, tinha um grupo que não queria, depois tinha um grupo que não achava que era escola rural e por conta destas disputas, que eu chamo de disputas internas, porque a intenção era mesmo resolver estas questões internas, dentro da escola, porque se a gente não falasse minimamente a mesma língua, como é que a gente ia conversar com a população, né? Tentando falar a mesma língua que as próprias professoras chamaram a comunidade pra participar, ai a comunidade começou a participar das reuniões, sem que a coordenação tivesse chamado, como estávamos todo mundo lá começamos a discutir.

P1: Quais eram as escolas?

R: A do Bela Vista, do Monte Alegre e a de Bueno de Andrada, o Ermínio Pagotto, a Maria de Lourdes e a Eugenio Trovatti, estas três escolas.

P1: Todas elas participaram da construção desta primeira proposta de educação do campo?

R: Isso, claro que algumas como a da Adriana, ajudaram mais e outras mais atrapalharam, mais tumultuaram do que ajudaram... Talvez, eu falo sempre pra Adriana, talvez elas ajudaram mais, porque ficou mais forte ainda, né? É que depois de algum tempo elas começaram a gravar as nossas reuniões nossas, pra ver o que eu falava, pena que estas fitas se perderam sem que a gente... Eu sabia que elas gravavam, mas quando eu fui pedir as fitas pra elas, porque já tinha passado todo o processo, tudo, ai elas me falaram que não tinham mais as fitas. Mas as discussões... Nossa Senhora... eram muito interessante, alguma coisa eu anotei, mas eu tinha que fazer essa tarefa, tinha que fazer a tarefa da defesa, de manter o grupo, de liderar as reuniões e ainda de escrever e redigir, porque ninguém redigia. Foi uma tarefa difícil, sabe? Porque tinha hora que ninguém também te ajudava, ninguém... Porque também eles faziam perguntas, quem era pra responder perguntas, fazia perguntas.

P1: Porque era algo novo também né? Ai você ficou até o final do mandato?

R: Fiquei, ai, nós construímos a proposta, definimos os temas geradores, porque a gente decidiu que ia trabalhar com temas geradores e porque também a gente já estava entrando na escola do nove anos, na escola por ciclos, então nós juntamos a escola de ciclos com a escola do campo, com temas geradores, isso de 2001 a 2004.

P1: Ai depois disso você saiu?

R: Ai em 2004 eu sai de lá e vim pra cá.

P1: E por ter participado da Segunda Conferência Nacional, você acha que somou que alguma coisa, as discussões do debate nacional somou...

R: É um pouco confirmou, porque você lê os documentos... o que não é o nosso caso, mas do MST, por exemplo, pedagogia do movimento, que é esse movimento, a luta, isso tudo é pedagógico pra eles, a gente só não tem essa questão. Mas as outras diretrizes, os outros princípios da educação do campo são muito próximos, né? São coisas muito próximas. Agora claro que tem coisas inovadoras que a gente descobriu lá na discussão, por exemplo, que a escola poderia trabalhar com lugares que eram geradores, não só temas geradores, mas também com espaços que eram geradores do conhecimento. Então por isso a cozinha experimental, os laboratórios, tudo aquilo que a gente imaginou, que uma aula podia ser dada, por exemplo, a partir de um porco que fosse trazido pra escola, que eles abrissem o porco, pegassem todos os órgãos, depois pudessem trabalhar com os temperos... Então algumas coisas que a gente descobriu, que a cozinha experimental era isso né? Então isso podia ser

transformado numa aula e que não necessariamente precisava ser de uma disciplina, várias disciplinas podiam trabalhar isso.

As visitas aos lotes dos assentados, acho que isso foi uma sacada muito grande, porque geralmente as escolas do campo e até o pessoal chegou a pensar isso “há, mas se é uma escola do campo, então tem que ter criação de vaca, tem que ter cavalo, porco, galinha, porque as crianças vão...” e aí, eu me lembro que fui eu que tive essa ideia, eu falei assim: “há, mas nós não precisamos criar nada disso, primeiro porque tem uma despesa enorme isso, quanta gente nós não teríamos que contratar pra cuidar de tudo isso, porque tem férias, tem final de semana, tem um monte de coisa... Porque que a gente não aproveita os lotes dos assentados, a gente faz um levantamento de quem tem criação disso, daquilo, os professores podem fazer, conhecer”. E aí foi uma das ideias também de visitar os lotes dos assentados e de lá tirar o material pra pesquisa, buscar informações e depois trazer de volta estas informações, porque aí eles levavam pra casa, falavam: “olha pai, aquilo lá não é o que você pensava, nós vimos na escola, pesquisamos num livro, consultamos, fomos visitar a UNESP”.

P1: Os professores não tiveram uma preparação, uma formação específica pra trabalhar desta forma?

R: Não, não tiveram nenhuma formação específica. A gente percebia que algumas pessoas saíram do campo, eram professoras, mas os pais moravam no campo, então algumas até se arriscam a dar um palpite, a falar alguma coisa. Nós tivemos situações em que a professora morria de medo, ela não ia pro campo, não ia pro lote do assentado, porque ela tinha medo. Ela não sabia distinguir um porco de um cachorro, não sabia distinguir uma erva de outra planta, então também morria de medo, mas nós começamos, não formação, formação eu só vim fazer somente em Matão com dinheiro do governo federal, tal, mas nos começamos a visitar estes lugares. Então, por exemplo, eu já tinha conhecido, então eu fiz essa proposta de que eles fossem conhecer também, então um dia eu fui com os professores de Araraquara até Itapeva, nós fomos lá conhecer uma cooperativa, o sistema de cooperativas deles, porque o tema cooperativa, era um do temas da escola do campo, era um dos temas geradores, porque a gente tinha avaliado que melhor seria trabalhar de forma coletiva a terra, né? Ou pelo menos a comercialização dos produtos ou a compra dos insumos, dos maquinários, pelo menos isso. Então nós fomos visitar a cooperativa e aí nós tivemos uma aula de cooperativismo lá, como funcionava... Então foi a partir destas coisas.

Eu considerava, tanto que eu falo nos relatos, que a gente considerava estas visitas formação dos professores. Por exemplo, nós fomos nos Vinte anos do MST, foi lá em Itapeva

também, foi a comemoração dos vinte anos, foi uma coisa..., foi uma aula de cidadania, de história, de...

P1: Mas lá também tem esta rotatividade de professores, como é nos outros lugares? Porque lá vocês não conseguiram aprovar a proposta do concurso público só pra professores do campo, que é um grande problema?

R: Não conseguimos. Olha só não tem mais rotatividade, eu não sei se posso dizer que os professores se acomodaram, mas só não tem maior rotatividade, porque a principio é uma característica destas escolas, porque as escolas do Monte Alegre e do Herminio Pagoto são mais próximas aqui de Matão do que de Araraquara, então vários professores destas duas escolas são de Matão, então eles não saem de lá, porque estão mais próximos de Matão. Outros é porque estão lá desde o começo e demorou muito tempo pra eles terem uma chance de mudar e ai se vincularam de uma tal forma que não querem sair. E outros é aquele caso em que a pessoa era do campo, os familiares, então ela tem um vínculo com a terra, ela gosta muito.

P1: Um vínculo afetivo?

R: É e lá no Bela Vista o que segurou as pessoas lá, as que estão a muito tempo, porque se você pegar lá algumas professoras que estão a muito tempo foi o vínculo mesmo com a escola, com os alunos. Já tiveram oportunidade de sair de lá, mas elas continuam porque elas gostam dos alunos, gostam o lugar, gostam da Adriana, se identificam com a proposta.

P1: Acho que a Tati está louca pra falar, porque as pesquisas têm algumas coisas em comum e acho que já chegou no que ela estuda.

P2: É...

R: Pode falar, porque senão vou ter que repetir tudo de novo, podemos ir fazendo uma conversa... Você pesquisa a questão da rotatividade?

P2: Não, a minha pesquisa, inicialmente o foco dela era pensar como que a educação do campo poderia ajudar a solucionar a discriminação do trabalhador, do morador do campo. Porque uma das linhas para que se defenda uma educação do campo, é porque existe muita discriminação destes trabalhadores nas escolas urbanas, também pelo fato de a criança sair cedo de casa, acaba que o ônibus fica cheio de pó e ai tem todo aquele preconceito “o pé vermelho”, que outros autores já falaram. Mas ai dentro da escola eu acabei fazendo um apanhado geral de como a escola está agora, então mudou o foco, o objeto tornou-se a escola em si e a educação desta escola. Uma das dificuldades que eu estou tendo, como vim conversando com a Lila, era de entender o momento de formação do Programa Escola do

Campo de Araraquara pro momento em que ele chega hoje, já totalmente desestruturado, pelo menos nesta escola, já que na escola do Bela Vista parece que é mais forte. Entender como que foi este processo, um projeto que iniciou tão fechadinho, um projeto de educação do campo pelo município, que entrou em 2004 no Plano Municipal de Educação para o decênio de 2004 a 2013, constava ainda o Programa Escola do campo nas três escolas e hoje você chega lá e conversando um a coordenadora da escola, os professores não sabem mais o que é educação do campo, quais as suas metas...ficou meio que fragmentando, fragmentando... Então seria pensar neste processo.

R: Quando eu vim pra cá, pra Matão, porque eu não podia ficar em Araraquara, apesar que o Edinho tinha me convidado pra permanecer lá, então eu podia ter ficado 2005, 2006, 2007 e 2008 lá. Mas a minha terra é Matão, né? Eu tinha casa, tinha a minha mãe, tudo, Araraquara é pertinho daqui, mas ela sempre ficava preocupada e depois aqui é minha terra né? Eu conversei muito com a Adriana sobre isso, eu falei “Adriana, mas olha a possibilidade que a gente tem de implantar em outra cidade, eu na minha própria cidade, eu fazendo um trabalho lá... Vocês ficam aqui, vocês deem continuidade aqui em Araraquara, coloquem uma outra pessoa no meu lugar, toca, chama, continua fazendo esta viagens, esta formação”.

E ai sempre que eu ligava pra ela, porque a liga quase toda semana e ela sempre falando “Ah, Alexandre, tá um pouco. O Carlos vem”, porque ficou o Carlos no meu lugar, no meu lugar naquela coordenação administrativa, ele tentou, fez, mas ai ela falou que aquele contato entre as escolas foi se perdendo, foi se esvaziando e ela continuou firme lá, né? No Bela Vista, ela continuou a discussão, todo professor que entrava ela já contava o que ia acontecer e nas outras escolas isso foi diminuindo.

P2: Até 2008 ainda era o governo do PT em Araraquara?

R: Até 2008, que foi a gestão de 2005, 2006, 2007 e 2008. Eu fiquei até dezembro de 2004 em janeiro de 2005 eu já comecei aqui.

P1: O que ficou claro é que parece que o que fortaleceu a proposta , após a sua saída, é a permanência da gestora que é uma pessoa envolvida e que ficou desde o inicio, e o que me parece que aconteceu lá em Monte Alegre foi que essa rotatividade de gestores até que perdeu um pouco da proposta.

R: Então, até que não teria problema se mudasse os gestores, mas se a coordenação da secretaria continuasse fazendo, estimulando, chamando... Nós fizemos inúmeras viagens, toda conferência, todo seminário de educação do campo a gente chamava as três escolas. Tanto é que na premiação bastava uma pessoa, que fui eu o inscrito, bastava uma só, tanto que eles pagaram só pra uma pessoa, que era a pessoa que ia fazer a apresentação, dar as respostas e

acabou, mas nós quisemos que fosse mais três pessoas, uma de cada escola. Então você vê até 2004, no fechar da cortina nós tivemos este vínculo entre as escolas. Claro que eu já sabia, eu digo isso sempre, tenho consciência de que cada escola tinha uma trajetória própria que tinha que ser respeitada, mas nós éramos um grupo, apesar desta trajetória, pois você reuni as condições, né? A minha família é diferente da sua família, claro, mas a gente reuni as condições para isso, às vezes falta alguma coisa às vezes falta dinheiro, às vezes falta a casa, ou alguém está doente ou alguma coisa assim, mas a gente consegue manter isso. Por isso que as nossas trajetórias são diferentes, mas o vínculo permanece, a gente consegue se articular.

Então até 2004 acho que fizemos, pelo menos, a gente insistia muito pra que todos participassem, que pudesse um de cada escola, sem privilegiar o Bela Vista, senão podia dizer “ah, vai todo mundo do Bela Vista, eles merecem mais, fizeram mais, representam mais...”

Ai, a partir de 2005 eu não sei, eu também não sei o que eles fizeram.

P2: Durante esse processo de elaboração do Programa Escola do Campo de Araraquara, houve participação da comunidade do Assentamento Monte Alegre?

R: Teve, olha a do Monte Alegre foi a que mais participou, porque a do Bela Vista começou, pra você ver que interessante, a do Bela Vista começou, mas quem participou mais foi a do Monte Alegre, por quê? Porque os professores convocaram. Eu não sei o que os professores disseram para as pessoas, né? Eu imagino que eles tenham dito “olhas, eles querem fazer aqui uma escola do MST.” Ai você já viu né? O pessoal do Monte Alegre..., o Bela Vista é mais ligado ao MST, tem a FERAESP, tem os dois lá, mas o Monte Alegre é completamente FERAESP. Então imaginem vocês, eles devem ter dito isso: “eles querem implantar uma escola do MST”, o pessoal da FERASP, “vixe Maria”...

P1: Acho que a Noemi tocou neste ponto no trabalho dela...

R: É ela é da FERAESP.

P1: Ela fala da convocação da comunidade, de qual foi a reação, não sei se você...

R: Isso, ela falou mesmo.

P1: É muito interessante, é o TCC dela e ela conta com detalhes como foi.

P2: O assentamento já possuía a escola?

R: Sim, a escola já tinha, estávamos em 2001, acho que a escola já tinha uns dois anos, um ano... mais ou menos um ano. Quando eu cheguei em Araraquara ela tinha mais ou menos um ano de funcionamento, assim, bem capenga, mas tinha um ano de funcionamento. O pátio era todo aberto, só tinha aquelas quatro salas, a diretoria e a sala dos professores era uma coisa só, era bem pequenininha. Ai nós fechamos o pátio, colocamos piso, construímos aquela outra parte e tudo o que nós fizemos foi em cima da proposta pedagógica. Por isso que nós

fizemos a cozinha experimental, o laboratório de informática, a sala de multimeios, a biblioteca, que estavam previstos na proposta.

P2: Assim, eu vou pra escola ainda hoje e eles falam muito desta época em que você ainda estava em Araraquara, em que eles iam faziam as reuniões, faziam os encontros, parece que é a “época de ouro”, sabe? Todo mundo fala, não mas já foi melhor..., então o Alexandre é o mais conhecido, então pensei, preciso conversar com ele.

R: Ah, não, tem coisas que eles também... Não que eu não tenha... Assim foi difícil ter que implantar a gestão democrática, coisas que são difíceis em todas as escolas.

P1: Mas isso é sempre difícil nas escolas, eu acho que em qualquer lugar...

R: Eu falava “gente, chama os pais, discute com eles o que vão fazer...”

P1: Mas isso é confirmado, na minha dissertação de mestrado eu estudei a gestão democrática, a questão da participação numa Escola Família Agrícola, eu estudei a questão da participação dos pais na escola, que é um pilar da escola da alternância e numa escola tida como modelo de participação. Então, assim, até a escola que é considerada modelo e lá que no estado de São Paulo a um tempo que possui esta proposta da alternância, e como era essa participação. Eu analisei que a questão da participação está mais no nível da formalidade ainda, porque é isso o que os autores discutem da questão cultura da não participação que a gente tem é muito complicado. E quando você chega no campo, é muito mais difícil, porque até pouco tempo eles não iam nem até a porta da escola e de repente são chamados a assumir várias coisas, inclusive a gestão administrativa e pedagógica. Então os pais têm espaço pra palpitar em relação aos temas geradores, a fazer uma palestra, isso e aquilo e isso assusta. Então acho que leva, mais uns vinte anos ai...

R: É o meu mestrado foi isso nas escolas aqui de Matão na educação infantil.

P1: Nossa que legal.

R: A conclusão que eu cheguei aqui é que se tiverem mecanismos claros, os pais participam. Se tiver mecanismo de participação, eles participam, só não participam se os mecanismos não são claros e a gente percebia que era isso que acontecia. Era sempre reunião em horário em que eles não podiam, eram reuniões demoradas, reuniões em que não era pra decidir nada, que eles acabam vendo que já estava tudo pronto.

Agora quando você coloca claramente, eles têm as informações claras, nós constatamos, que se você coloca as informações de forma clara, acessível, se existe uma cultura de participar de outras coisas também, “há, eu não só participo do conselho, mas eu participo da associação de moradores”, “eu participo, eu voto a cada dois anos no diretor da escola”, quanto mais mecanismos de participação tiver, quanto mais experiência, mais

exercício de participação a pessoa tiver... Eu falo da eleição de diretores, porque às vezes os petistas me perguntam, eu defendo a eleição, “há, mas como fica a questão da confiança? A diretora fica lá, a escola fica na mão dela, ela é contra a gente...”. Eu falo: “olha, nenhum dos três mecanismos garante isso que a gente quer, não adianta, nenhum dos três permite”. Às vezes você coloca uma pessoa da sua confiança e ela, sei lá... Às vezes, porque ela tem essa aproximação, se acomoda e acaba fazendo tudo errado, então foi da sua confiança. Se for concurso, a mesma coisa, pode ser que a pessoa saiba muito bem responder questões objetivas, mas... E a eleição, tá bom, pode ser que a comunidade eleja uma pessoa que seja completamente de oposição.

Agora, das três a que produz um exercício maior de participação é a eleição, com certeza. Então a eleição ganha das outras duas, porque ela oferece esse exercício, porque ela ajuda a gente a exercitar a participação das pessoas. Este é o forte, este é o ponto mais positivo da eleição de diretor.

Então, voltando lá... Muitos pais falavam: “ai, seu Alexandre, quando você vem há participação...” ou “naquela época, mas depois a dona num sei o que, não deixa a gente dá um palpite, ela fala que não pode...”

P2: Eu conversei bastante com os professores, tem professores que estão lá a bastante tempo, tem professores que estão lá a oito anos, sete anos, então eles lembram bastante e quem entrou depois ouviu os rumores e continuou falando até hoje.

Naquela época, nos temas geradores tinha conteúdos que eram específicos do campo?

R: Tinha. Específicos, eu não diria específicos do campo é específico, mas a escola urbana poderia trabalhar tranquilamente. Cooperativismo é um tema que não é só do campo, tanto que este ano, 2012, a ONU declarou o Ano do Cooperativismo, né? Agroecologia... Também não é uma questão só do campo. Defensivos agrícolas... Tinha temas assim desse tipo, né? Então não são só temas do campo.

P2: Porque assim, a gente bateu bem assim na questão se seria necessário uma educação específica do campo, você acha que tem ser uma educação que é diferenciada, que é específica? Onde que está esta especificidade realizada, seria no conteúdo, seria na forma de abordar?

R: É, acho que a especificidade da educação do campo está em todas estas coisas, está na forma de abordar, que eu acho que a gente pode trabalhar com os lotes dos assentados e trabalhar com vários temas que são importantes. Está no conteúdo, eu acho que sim, conteúdos que estão mais vinculados ao campo e nas questões que valorizam o campo. Então, nos temas, nos textos que não tratam o campo de forma pejorativa, mas tratam o campo da

forma como deve ser tratado, também não supervalorizar, né? Não precisa florear, mas colocar o campo da forma como é, quais são as possibilidades que o campo tem: que é possível trabalhar, que é possível morar, que é possível produzir, que é possível ter uma vida mais tranquila, que é possível ter uma vida... Enfim. Eu acho que esta especificidade está aí.

É lógico que quando me perguntavam assim: “mas e a matemática?” Eu falava: “mas, gente, é lógico que a matemática é matemática, não existe matemática no campo, matemática na lua? Como que é a matemática na lua? É a mesma, nós temos matemática na lua? Nós não temos, é a matemática nossa que a gente vai usar lá na lua. Agora, vai usar em cima daquelas coisas que tem na lua, então, vamos usar a matemática de uma forma que a gente possa fazer uma aproximação com o campo, né? Então ao invés de a gente contar palito de sorvete, vamos contar graveto, contar torra, palanque, cerca, sei lá alguma coisa assim... Então traz a matemática pra isso. Vamos fazer a área quadrada da horta, área quadrada do galinheiro, área quadrada do canteiro onde vocês vão semear, enfim, utilizem desta forma a matemática, porque não tem uma matemática...”

Outra coisa, uma aula de geografia que eu fui, que a professora entendeu, quer dizer ela estava começando a entender, como era essa aula de geografia e nós fomos visitar um cara que plantava lá no Assentamento Bela Vista, ele plantava brócolis, aí ele mesmo colhia, fazia os fardos, tinha uma perua velha que ele colocava e trazia na cidade pra vender. Nossa, só uma visita desta era uma aula pra um semestre, porque ele tinha irrigação, eu vi lá, a professora acho que fez três ou quatro perguntas pra ele, o nome dele, quantos anos eles tinha... As crianças foram com o caderno tudo preparadinho, a professora montou um negócio... Claro que depois eu conversei com ela, falei pra professora o que ela podia ter explorado; então perguntaram o nome, a idade, quanto que ele tinha de área e o que ele plantava. Aí ele trabalhava com irrigação, ele tinha uma represa, tinha irrigação tanto por gravidade, quanto irrigação gerada por um motor.

Aí eu vi uns galões de defensivo agrícola, é porque eu tenho uma ligação com o campo, então tudo bem né? Sou filho de engenheiro agrônomo, então ele tinha defensivo agrícola jogado de qualquer jeito, daria pra ter trabalhado isso; a forma de aplicação, se ele tinha todos os equipamentos de segurança pra fazer isso; claro, trabalhar a área, quanto que ele produzia, quanto que ele tirava dali; dava pra ter trabalhado com matemática quase que uma semana inteira; depois os macinhos, como que ele fazia, qual a forma de transporte, pra onde ele levava, quanto ele vendia, pra quem que ele vendia; então a relação campo-cidade; ah, dava aula pra seis meses, tranquilo, só com uma única visita. Então a intenção não era ficar visitando, não era que eu propunha que eles ficassem indo todo dia num lugar, não, não

precisava fazer isso, uma só. Ai ela podia registrar, fazer todos os registros, levar pra sala de aula, trabalhava todos esses registros, né? Então se ele estava lucrando, se ele não estava; sobre os defensivos, voltava lá depois e dizia “olha estas embalagens nós vimos”, podia tirar fotos, nossa tanta coisa dava pra fazer... Claro, ai dava pra fazer uma ligação com história, como que no Egito eles fazia, quem trabalha com irrigação, todos os povos...

Claro que nem tudo dá pra gente fazer isso, nem tudo dá pra fazer essa relação.

P1: E há uma cobrança Alexandre, por parte da secretária para que siga o currículo, porque uma coisa que eu percebi, eu acompanhei o estágio de EJA das meninas da Pedagogia da Terra, eu coordenei o estágio, e uma coisa que elas comentaram é que os professores reclamavam que a Secretaria amarra muita coisa...

R: Ah, amarra nada.

P1: Que a secretaria dizia, “não, vocês vão trabalhar desta forma.” Então a professora alegava a dificuldade de aproveitar, por exemplo, estas coisas de sala de aula, estes momentos em que os alunos falam alguma coisa ou algum acontecimento e tem esse currículo formal, se lá tem essa vigilância como a gente sabe que tem em muitos lugares, a questão de estar desviando do currículo?

R: Ah, eu não acredito nessa vigilância.

P1: Não, porque foi uma das grandes queixas da professora e as meninas acompanharam estas exigências, assim na formação que tem de quinze em quinze dias, isso pra EJA, né? Ai eu fico pensando assim...

R: Não, mas nem pra regular. Outra coisa, a gente sugere, orienta, mas é tarefa do professor fazer, né?

P1: Mas hoje quem está na secretaria de Araraquara não é o PT é o PMDB, então há esse choque, essa visão diferenciada que pode estar amarrando o trabalho, por exemplo?

R: Ah bom, é, mas mesmo assim...

P2: Eu ouvi relatos disso também, lá no Monte Alegre.

P1: Porque eu fico pensando, porque eu não sei como que eles vêm esta proposta, inclusive quero conversar com a secretaria, com a coordenação, alguma coisa, pra ver como eles vêm esta proposta de educação. Se bem que é PMDB e é diferente. Eu digo, porque quando eu trabalhei na secretaria estadual de educação lá no Pará era o PSDB, era a primeira gestão do Jardens, então assim foi um choque muito grande, completamente diferente, é diferente de São Paulo onde admite-se o campo, ele queria a proposta, mas do jeito dele, com outras ideias, “o campo é isso” ou “o campo é aquilo”, mas foi um choque muito grande, assim, tanto que eu não aguentei e sai.

R: É eu acho estranho as pessoas, os professores reclamarem disso, dizer que a secretaria... Quando por exemplo, as secretarias de educação... pode ser que no caso ai a secretaria obrigue né?

P1: Eu não sei o caso...

R: Mas eles colocam PROERD nas escolas, ai agora tem esse agronegócio na escola, tem o AOB, tem...

P1: Mas o agronegócio ele é totalmente ideologicamente contrário a questão da educação do campo, não é?

R: É, não sei se Araraquara... Aqui todo ano eles convidam, todo ano eu falo não e todo ano eles convidam.

P1: A questão do PSDB lá no Pará era que eles queriam colocar empreendedorismo e agronegócio no currículo, um currículo próprio... Ai eu quase entrei em parafuso, porque eu estava a frente na coordenação e tinha que fazer... Os movimentos revolucionários me pressionando, a secretaria me pressionando para apresentar o currículo, que já foi até apresentado, mas até hoje eu não sei como ficou. Então eu fico pensando assim, como é que se faz essa relação, como é que eles vêm essa proposta, como é que eles estão topando esta proposta, entendeu? Porque essa é uma dificuldade, além da questão da rotatividade da gestão da escola, eu acho que a questão dos partidos políticos que vão se alternando, eu acho que isso influencia bastante, acaba...

R: Agora, você não acha que uma aula destas seria milhões de vezes mais interessante...

P1: Nossa com certeza, sem dúvida que seria, mas será que eles conseguem?

R: Não ficaria gravada, não aprenderiam de fato estes conteúdos, já que os alunos têm direito a estes conteúdos?

P1: Eu acho que sim.

P2: Pelo menos assim, dentro da escola que eu pesquisei, o que a gente vê, eles tem um currículo fechado que vêm da secretaria, com todos os conteúdos que precisam ser trabalhados durante o ano, eles podem colocar a questão do campo, mas ai já entra na questão, “eu posso, mas como eu vou fazer”, sabe? Eles não têm nenhuma formação, nenhuma orientação, com quem discutir. Tanto que no ano de 2011 eles começaram o trabalho com o memorial das três escolas do campo, estão resgatando as memórias, estão tentando sentar de novo as três escolas e tentar pensar junto a educação do campo no município. Assim nas entrevistas que eu fiz com o pessoal da coordenação da escola foi que a própria secretaria da educação falou que o memorial é um projeto das escolas, mas ele não pode direcionar, o que

vão direcionar é o material do SESI que foi implantado pela prefeitura. Então assim, você pode ter o seu projeto, mas o carro chefe não é ele, o carro chefe é o material do SESI que foi adotado agora. Tanto que elas fizeram um encontro, acho que na Uniara, chamaram uma professora da USP e assim o pessoal da secretaria recebeu aquilo como uma afronta, eles querem fazer uma coisa diferente enquanto que a secretaria queria um alinhamento de todas as escolas... Então, não sei, gostaria que você pensasse se essa mudança de partido, percebendo que num mesmo partido, com a saída de uma pessoa que estava mais ali centrada, mais direcionada, já teve esta diminuição das discussões e do trabalho, será que na troca de um partido para outro acaba dificultando ainda mais o resgate deste projeto que ficou lá em 2004?

P2: Eu acho que a própria adoção, porque eu não conheço a fundo a proposta do SESI, mas o que a gente ouvi falar e dá pra saber, é que são propostas completamente contrárias a educação do campo, né? E como que eles pretendem conciliar esta proposta de educação do campo... é interessante estudar né, a questão da proposta do SESI com a educação do campo, porque são ideologicamente contrárias, né? É igual o agronegócio, o que o SESI faz, qual a educação do SESI? É a preparação de mão de obra para o mercado de trabalho e é o que combate quando se fala de educação do campo. Então assim, isso já mostra um pouco como é que vê a proposta e eu arrisco um palpite assim em relação a, assim, porque eu estou estudando muito a questão teórica da política pública e tem política pública que começa num governo, mas não fica só num governo e acaba se tornando uma política de estado, então talvez essa questão tenha sido tão forte que a educação do campo tenha se tornado uma política de estado, que eu partido político não vai chegar e dizer “não vai ter mais escola do campo, vamos fechar a escola do campo.” Eles não vão fazer essa proposta, mas aos poucos assim, eles começam a minar...

R: Então a conclusão, que a gente, que é óbvia e a gente já sabe a muito tempo, o Aristóteles dizia isso já, uma andorinha só não faz verão, não adianta ser um momento feliz, para o Aristóteles achava que a gente tinha que ter a vida inteira feliz, porque só um momento feliz não adianta. Então o trabalho solitário de um professor dá um pequeno resultado; o trabalho solitário de um grupo de professores dá outro pequeno resultado; um trabalho solitário de uma escola dá outro pequeno resultado; e a gente sabe que é assim pra frente. Quer dizer, se a gente tiver o trabalho dos professores, o trabalho da escola, com a participação de pais, com o envolvimento de todo mundo, mais uma coordenação na secretaria de educação que seja, mais uma secretaria estadual de educação e mais uma coordenação nacional, a tendência falando todo mundo a mesma língua...

Agora é difícil você manter uma coisa em que o professor, muitos destes professores que permanecem lá, a Dona Neusa, por exemplo, tenho certeza, a hora em que você quiser e falar, “Dona Neusa, vamos recuperar aquilo lá?” Ela vai, mas sozinha, porque ai vem alguém falando, “não, olha, isso é besteira, isso é bobagem, vamos, olha já inventou outra coisa...” E ai as pessoas vão, se não tem uma política né? Você não conhece, não se fortalece. É essa a conclusão.

A gente queria na época que as escolas já tivessem aprendido, já tivessem interiorizado isso, né? Não tem jeito, não é só a coordenação, é a coordenação também, mas é a escola também, é a diretora também, é os professores individualmente, o conjunto.

P2: Porque assim, lá na escola o que eles mais chamam atenção, depois da perda de uma coordenação forte ligada ao campo, é a questão de não ter uma gestão fixa na escola, todo ano vem uma gestão nova, com uma nova proposta... E assim a gente sabe, chega a gestão, primeiro ela tem que conhecer a escola, então na hora em que vai começar a andar já troca de direção. Então seria estes os motivos de não ter ido pra frente a proposta?

R: Sim. Agora o trabalho que eles conseguirem fazer, não fazem mais catálogos com as plantas, não fazem nada, nada, nada? E não usam a cozinha piloto, não matam frango?

P2: Não, então este ano com este projeto do memorial que não é da secretaria, é de um grupo chamado Sem Pé, da Fundação Volkswagen, que foi quem articulou, deu uma formação pra todos os professores e deu a sugestão desse trabalho com o resgate das memórias, então não é um trabalho da secretaria, por isso que a secretaria já coloca ele em segundo plano, porque o projeto da secretaria é o SESI e ai, as escolas do campo estão começando por ai, por este resgate das memórias e a gente espera que com esse resgate eles possam pensar em uma proposta, em formar junto uma, não um novo currículo, pois já possuem o da secretaria, mas pensar em formas de fazer uma educação do campo.

Outra coisa que eu gostaria que você pensasse um pouco, você acredita que lá neste assentamento uma das, não seriam reclamações, mas quando se fala da educação do campo, você entra lá na escola e olha para as crianças, eles acreditam que elas não tem mais identidade do campo, principalmente pela rotatividade que tem no assentamento, agora são os netos dos assentados que estão chegando e eles vieram da cidade, não moraram sempre no campo, então eles não sabem mais se tem necessidade de uma educação do campo para estas crianças, porque a cultura ficou meio que perdida...

R: Ah, eu imagino, eu tenho, eu moro aqui num bairro popular de trabalhadores e assim na minha rua tem uma família que tem familiares que moram no assentamento Monte

Alegre. É um vai e vêm tão grande, muitos que estão lá hoje, acham que estão ali de passagem, então é questão de dias, semanas, meses.

P2: É elas falaram que tem criança que se matricula hoje e amanhã a mãe está pedindo a transferência, porque não vai ficar... Seria um lugar de transição, o porto seguro deles...

R: O que eu acho é que ai a escola é que tem que definir essa identidade né? Porque a gente sempre trabalhou, alias era uma das justificativas, por exemplo, quando nós discutimos a escola do campo, o pessoal de Bueno de Andrada chegou a escrever um documento pra mim dizendo que eles não eram do campo, porque lá era perímetro urbano e a minha resposta foi que nós não considerávamos o local onde a escola estava, mas sim quem a escola atendia. Quem era a criança que a escola atendia? Então se a criança vinha dos assentamentos e das propriedades adjacentes a Bueno de Andrada, portanto era uma escola do campo e é o discurso que a gente faz.

Agora, a gente também tem que considerar o local, o território onde eles estão e aquela escola está no campo, está dentro de um assentamento, aquilo é um assentamento. Mesmo que as crianças passem por ali uma semana, duas, três, um mês, dois meses, esta é a identidade deles naquele momento, é a relação que eles têm com o campo, com a vida no campo. Eu gostaria muito, por exemplo, se eu fosse pro Pólo Norte, eu gostaria muito que eles me dessem todas as informações de como é sobreviver no Pólo Norte, você não gostaria? Porque eu vou ficar lá por duas, três semanas, um mês, mas por duas, três semanas, um mês, eu não vou ter que viver lá? Ter que me virar lá? Respirar aquele ar, comer aquela comida, sentir o mesmo frio, talvez pegar alguma doença que seja de lá, enfim... Eu gostaria, então já que eu vou ter ficar aqui no assentamento durante algum tempo, então porque não conhecer a história do local, a história destas pessoas, o que está acontecendo com o campo, porque que as pessoas vire e mexe... Quem é que veio... Eu gostaria, apesar de ter um pé lá e um pé aqui, mas...

P2: Eles falam bastante desta questão da perda da identidade que eles estão tendo do campo, até porque eles se sentem assim... a pesquisa era para pensar a questão da discriminação dos alunos e a maioria deles se sentem discriminados por morar lá, mas a gente não sabe se existe mesmo esta discriminação ou se eles se sentem diferentes por estar no campo e ai seja que “eu não sou do campo sou uma pessoa da cidade”, seja esta negação. Então é meio complicado, eles estão vivendo um momento de transição, assim, eles estão pensando bastante.

R: Eu vejo neste discurso dos professores uma tentativa de normalização das coisas, do mundo, tornar o mundo um lugar único, igual pra todo mundo, como se o mundo fosse

desse jeito. E o outro discurso é o discurso da diversidade. Eu, por exemplo, eu defendo e gosto muito mais da ideia da diversidade, porque nós vivemos em um mundo onde as coisas, as pessoas, as questões são diferentes e eu, agora falando como filósofo, eu vejo que daqui pra frente o mundo vai ser muito diferente, cada vez mais diferente, a gente não tem ideia assim de quanta coisa a gente ainda vai ver.

E aí a gente tem que aprender a trabalhar com esta diversidade de coisas, quando, por exemplo, essa professora falava, “não a escola é tudo igual” eu defendia e falava, “não, olha...”, mas tem questões específicas, as vezes a pessoa... vamos super tem gente que até é alérgica a mosquito, tem gente que é alérgica a pó “meu Deus do céu”, não vai poder ir pra uma escola no campo, vai ter que tomar pó. Tem mosquito, aquele mosquitinho que tem gente que se incomoda, eu tenho uma pequena propriedade, adoro quando vou lá, mosquito pra mim não é problema, mas pra um filho, dois filhos que eu tenho é, eles sentem mais as picadas dos mosquitos do que eu, eu sei disso. Então tem gente que não adianta, não vai ou não quer, ou num... né? Precisa ser respeitada e não vai...

P2: Como que é realizada o programa de educação do campo aqui em Matão? É realizado um planejamento junto?

R: Isso, nós fizemos já em 2005, refizemos no ano passado, aí nós temos uma equipe que procura material, que garimpam materiais, por exemplo, textos que falam sobre o campo, que não o tratam de forma pejorativa, que valorizem o campo, em todos os tipos de linguagem, a gente já fez isso com tudo, contos, até com história em quadrinhos. Aí a gente oferece este material para o professor, “olha se você fala que não encontra, aqui tem material”

P1: A gente podia chamar isso de um material pedagógico, de uma produção de material pedagógico?

R: Sim, produção nossa.

P1: Produção da secretaria?

R: É.

P1: Aí vocês oferecem professor?

R: Não a gente produz alguma coisa, pra ele perceber que existe, agora se eles quiserem produzir, procurar, estimulado pra fazer isso ele é e sempre foi desde 2005.

Aí em 2005 nós fizemos, nós sentamos pela primeira vez, logo no começo, sentei e discuti com elas, qual era a realidade delas, aí nos discutimos essas questões, por que também apareceram, “há nós não somos do campo”, porque lá é tudo asfaltado, tal. Aí, discutimos os temas geradores, como é que ficaria isso, aí nós fizemos uma formação, foi aos sábados, nós tivemos uma formação bem legal sobre o campo, o que é o campo, o contexto do campo, a

realidade do campo, o campo brasileiro, enfim... E aí a gente vem todos os anos, os projetos, trabalhados voltado para o campo...

P1: E todo ano tem uma formação específica?

R: Não, não formação, aí a gente só faz o planejamento das atividades, dos projetos daquele ano. Agora no ano passado, nós fizemos uma revisão daqueles temas geradores... Então por exemplo, nós não trabalhamos todo ano com contos, por exemplo, então um ano a gente trabalha com contos, então a gente oferece alguns contos com a realidade do campo e aí eles podem procurar outros...

Aí no ano seguinte, esse ano que passou nós trabalhamos com histórias em quadrinhos, então aí as escolas do campo fizeram histórias em quadrinhos com os motivos, com os temas do campo.

P1: E existe um currículo, podemos dizer que existe um currículo próprio para as escolas do campo aqui em Matão?

R: Olha eu diria que, ah, não é um currículo né? Porque currículo é mais... Eu acho que agente poderia dizer, que a gente tem minimamente definido o que é o campo, quais são os temas prioritários pra uma educação do campo e a gente tem material, a gente descobre material pra fazer isso, entendeu? Porque o aluno não vai pra escola pra se apropriar dos conteúdos socialmente importantes, culturalmente importantes? Então a gente precisa pensar quais são estes conteúdos da escola do campo, de uma realidade do campo. Então quais são os conteúdos que ele precisa se apropriar pra ele poder entender a realidade dele. Agora a partir da realidade dele, entender qual a realidade do mundo, por exemplo, não significa que ele vai aprender só como é que planta, como é que colhe e assim por diante, mas, por exemplo, lá em São Lourenço do Turvo, tem uma agroindústria, fabrica doce de goiaba, doce de leite, doce de não sei o que, mandioca, abóbora, massa de tomate e assim por diante... Eles lá, os pais deles trabalham nas propriedades que produzem matéria prima pra esta indústria, então eles também precisam se apropriar, por exemplo, do porque a indústria nos últimos dez anos, porque esta indústria nasceu depois do distrito, muito tempo depois, porque que essa indústria já aumentou mil por cento e a atividade econômica dos agricultores que produzem matéria prima não aumentou trinta, quarenta, cinquenta por cento?

Então esse é um saber que eles precisam ter e quem dá esse saber? Nem a escola urbana faz isso, mas a escola rural, a escola do campo tem que fazer. Porque eles precisam entender porque que eles produzem, então toda matéria prima, vendem toda a matéria prima e não conseguem se equilibrar...

P1: E as escolas trabalham nesse sentido?

R: É difícil saber né?

P1: Porque esta questão do conteúdo é digamos assim... questão de política, não política partidária, mas é esse esclarecimento que a escola não faz...

R: Não é nem política, é conteudista mesmo, é conteúdo, eles precisam saber e só explicar, “olha eles exploram, eles não pagam o valor justo...” É só falar isso, oras...

P1: É a questão da mais valia...

R: Exatamente.

P2: Vamos trazer Marx para dentro das escolas...

R: É...

P1: A escola está dentro do sistema capitalista e ela jamais aborda estas questões.

R: Mas isso precisa, não é nem questão política, a gente acha né? Mas é de conteúdo, eles precisam saber porque.

P2: Mas até na escola urbana então, porque as fábricas enriquecem e o salário não aumenta...

P1: É, então...

R: Então... precisam saber e porque que os professores não contam? Não tem tempo no currículo pra fazer isso?

P1: Ter tem, mas eles não têm formação, nem eles próprios têm esclarecimento pra trabalhar neste sentido. Não há esclarecimento, uma formação, um comprometimento, eu acho que é não ...

R: É, Mas também se a gente Lila se ficar parado também... O professor precisa perguntar um pouco, por exemplo, perguntar qual a realidade do Assentamento Monte Alegre, se perguntar o que está acontecendo, por que estas pessoas vão e voltam?

P1: Eu concordo absolutamente com você, ai...

R: Eles que também que se virem, né? Tem curso na Federal, na UNESP, vai na USP, pergunta, estuda o campo, né?

P1: E não há uma formação assim sistemática, mas há um acompanhamento, assim uma vistoria da secretaria para o trabalho desta escola?

R: Não, tem. Tem eu sempre pergunto, “ e ai, como vocês estão?”

P1: E você disse uma coisa uma vez, quando eu estava numa banca, que eu fiquei pensando, eu esta como coordenação de EJA, que quando você vai nas escolas, você fica olhando pras paredes, vendo o que as professoras colocaram nas paredes e dizer se a sua dúvida é: se realmente está acontecendo uma educação do campo e ai você fica olhando, conversando com os alunos e tal...

R: É

P1: Você acha, qual a avaliação que você faz assim, acontece a educação do campo aqui no município de Matão, nas três escolas?

R: Ah, eu acho que mudou bastante, que mudou muito. A última vez em que a Adriana veio, ela foi entrevistar uma professora que está a quase vinte anos nesta escola rural, numa escola rural, numa escola do campo que fica dentro de uma fazenda de cinco mil alqueires, pertence ao grupo Moreira Sales e esta escola do campo nossa, fica lá no meio, encravada lá dentro. E claro, eu ficou tomando café, mas eu fiquei ouvindo o que essa professora falou pra Adriana e ela falou mesmo. Ela falou que mudou muito, muito mesmo.

E pra você ver, ela é uma professora que mora na zona rural, mora no campo, o marido dela sempre trabalhou, ela sempre foi do campo também, ela gosta, tem uma relação... Talvez fosse interessante se vocês quisessem conversar com essa professora...

P1: Eu gostaria, eu queria combinar com você que eu queria visitar essas escolas, não sei se Adriana do Carmo vai voltar, a mestrandia que esta fazendo, eu não sei se ela vai voltar nas escolas, mas eu gostaria de entrevistar os professores destas escolas...

R: Olha eu acho que você poderia conversar com essa professora Ivonete, viu... Nossa ela falou que agora sim que ela trabalha e acho que ela entendeu, talvez ela quisesse... Eu já ouvi ela falando isso outra vezes, então talvez ela já quisesse fazer isso, mas não tivesse tido oportunidade ou medo, vai saber por que né? E ai, a partir da implantação da escola do campo aqui, ela se soltou, ela falou que ela faz agora com as crianças, é uma pessoa que tem material.

P1: Essa produção que vocês fazem é muito interessante, mas é aliada a um livro didático, né? Eles seguem um livro didático que é o mesmo utilizado na cidade, como é?

R: Não eles recebem o livro didático do governo federal também, fazem as indicações, esse material que produzimos é de apoio, ai eles vão colocando dentro do trabalho deles.

P1: Agora vai sair um livro voltado pra educação do campo.

R: vai mesmo?

P1: vai nós fizemos a revisão dele, de matemática, português, história, geografia e tinha muitas aberrações lá que fomos corrigindo, né...

P2: É este ainda foi adaptado, na hora em que pudermos fazer um mesmo, ai...

P1: O que eu queria te perguntar... Você realizou seminário, assim encontros de educação do campo aqui no município como foi feito em Araraquara?

R: Não, não fizemos. Depois que eu vim pra Matão nós fizemos dois seminários em Ribeirão preto, juntando Matão, Araraquara, levei os professores daqui...

P1: Você não fez no município, mas levou os professores lá?

R: Nós decidimos fazer lá porque eu acho que Matão estava bem, tinha condições, Araraquara também tinha condições e nós ainda fizemos lá no Centro de Formação Dom Helder, ainda era do MST lá e eles não tinham condições né? A Kelly não tinha condições, por isso nós levamos daqui pra lá, pra poder fazer lá, mas nós fizemos dois seminários, inclusive com a presença do Bernardo Mansanos.

P1: Você considera que o município tem uma política específica de educação do campo?

R: Ah, eu posso falar que sim.

P1: Tem alguma coisa sistematizada, algum documento?

R: Não só esse material pedagógico, mas nada assim sistematizado. Nós tínhamos uma pessoa que coordenava a educação do campo aqui em Matão, mas ela não se encaixou, tal, acabou saindo depois também, aí nós ficamos sem...

P1: Não tem nada, nenhum documento, nenhuma proposta de política para o município?

R: Não.

P1: Acho que você até já respondeu... Não tem nenhuma parceria com o poder público estadual?

R: Não.

P1: Agora, pelo menos no ano passado a Secretaria Estadual estava aderindo á proposta da Escola Ativa, o seu município não aderiu à escola Ativa que alias é uma proposta federal?

R: Nós só tivemos uma escola escolhida aqui pra fazer isso, só uma.

P1: Por quê?

R: Não, não sei porque. Saiu na relação que eles mandaram.

P1: Ah, a escolha não foi do município?

R: Não, eles disseram que só tinha uma escola que poderia.

P1: Ah, mas não fizeram a formação? Porque teve a adesão dos primeiros vinte e oito municípios, agora teve mais cento e poucos municípios que aderiram à proposta. O governo federal faz a proposta e os municípios fazem a adesão, foi feito a proposta pro município?

R: Não, não foi...

P1: Não, então não é nem questão ideológica de não concordar com o programa?

R: É qual o nosso problema lá? O dos sessenta reais pro monitor, né?

P1: É o município que banca?

R: Não, não é o município é o governo federal que banca, mas eu não sei se a gente consegue por sessenta reais por turma, né? Nós ainda estamos pensando, porque isso foi no final do ano, nós entramos em férias, tal, mas é só uma escola...

P1: Vai haver várias mudanças também, não vai ser mais um programa só, vai ser vários programas, vai ter uma mudança agora...

R: É porque são monitores ganhando sessenta reais por cada turma que ele tiver e oficinas, tal.

P1: E você tem alguma parceria com algum projeto do programa do governo federal pra educação do campo?

R: Não, não tem.

P1: E como que você vê a participação dos movimentos sociais na questão da educação do campo?

R: Ah, eu acho que foi fundamental, acho que sem os movimentos sociais, acho também que nunca teria saído nada.

P1: E existe algum movimento social aqui na região que esteja envolvido?

R: Então né? A FERAESP, hoje aqui em Matão não, aqui em Matão o nosso envolvimento é com o MST, a nossa relação é com o MST aqui de Ribeirão Preto na formulação destes seminários, a gente se encontra. Agora a gente parou um pouco, mas em Araraquara na discussão o MST estava presente e a FERAESP também.

P1: Quais as perspectivas que você tem e os desafios futuros que você divisa para a educação do campo?

R: Olha, eu acho que a maior dificuldade nossa que eu gostaria de ter solucionado é de fato essa vinculação do homem no campo, quer dizer que o estado de São Paulo resolvesse de uma vez por todas, definisse de uma vez por todas o que é esse campo aqui do estado de São Paulo, porque nós estamos com dificuldades em pelo menos duas de nossas três escolas, de continuar mantendo elas abertas em função do número de alunos que a gente tem né? Por uma questão de esvaziamento do campo e que eu não sei como resolver isso, nós gostaríamos que estas escolas pudessem continuar em funcionamento e pudessem expandir este funcionamento, acho que por conta disso que estas duas escolas não foram incluídas no cadastro da Escola Ativa porque elas nem tem número suficiente, nós temos vinte e poucos alunos pra cada uma destas duas escolas, distribuídos em cinco anos. Então nós estamos mantendo as escolas, em uma delas a gente já começou com classe multisseriada pra não fechar.

Então eu gostaria muito que a gente definisse esse campo e que as nossas escolas pudessem saber quem são esses alunos, identificar quem são esses alunos, porque nesse modelo de agricultura nosso ninguém sabe onde é que vai dar, a gente não sabe como vai ser a ocupação do campo nos próximos dez, vinte anos...

Então é isso aí, essa definição e se a gente também, se essa nossa política de ocupação do campo e de esvaziamento do campo se esta correta também, se a gente não vai se arrepender lá na frente, porque muita coisa já foi destruída, já foi desmanchada, já foi...

P1: Só mais uma pergunta, acho que em partes você já respondeu, mas só para conter... Quais os desafios que você enfrenta para a efetiva implantação das diretrizes operacionais do campo aqui no município? Quais são os maiores desafios?

R: Das diretrizes operacionais... Talvez colocar estas questões, essas discussões mais avançadas sobre o agronegócio, da relação do produtor rural com a agroindústria, então colocar estas questões para os professores poderem trabalhar efetivamente, acho que esse seria o nosso grande desafio. Ah, adotar uma visão diferente dessa que a gente tem da mídia que representam os movimentos sociais no Brasil, acho que a gente tem ser superado, apesar de que a gente já teve uma formação sobre isso, mas todo professor que entra parece que volta a se questionar, a perguntar e traz aquela visão que ele tem dos movimentos sociais, que são baderneiros, que são...

Porque nas diretrizes operacionais esta dito que na medida em que for possível contemplar a questão dos movimentos sociais e aí fica difícil começar isso.

P1: Bom da minha parte era isso...

P2: Acho que a minha também... Teria mais alguma coisa sobre esse processo que a educação do campo de Araraquara sofreu que você gostaria de comentar?

R: É também não posso falar muito, eu só às vezes nestas comunicações com a Adriana, que a Adriana ia me contando, “olha, este ano não conseguimos fazer reunião nenhuma”, “não conseguimos juntar o grupo”, ou “esse ano fizemos uma tentativa, conseguimos sentar pelo menos”, eu acho que eles tiveram algum momento lá em que eles...

P2: Você teria alguma sugestão de como eles poderiam se reorganizar, se há como?

R: É talvez se eles exigissem uma coordenação, né? Colocassem a Adriana para coordenar... Está na hora de a Adriana sair do Assentamento Bela Vista é que ela não vai sair de lá nunca não, né?

P1: É vai ser difícil tirar ela...

R: Mas eu cheguei a falar pra Adriana, Adriana vai tenta, pra você coordenar, “há, mas eu gosto...” Mas acho que essa seria uma sugestão mesmo.

P2: Uma coordenação?

R: Uma coordenação que juntasse todas as escolas, voltasse a repensar o trabalho, resgatasse a memória do que aconteceu, avaliasse, porque acho que é uma realidade nova e retomasse o projeto, nem que fosse para alterar, mesmo que fosse para mexer nele. Mas o que eu acho que está faltando mesmo é a escola encontrar a sua identidade e... Agora não só porque recebe crianças que vem do campo, mas porque ela também esta no campo, essa é a realidade dela e talvez esse processo de ir e vir das famílias seja resultado de tudo isso que esta acontecendo com a indústria, com a agroindústria, com o campo, com os migrantes, com as migrações internas aqui dentro do estado de São Paulo mesmo.

P1: Só uma pergunta que eu tenho curiosidade, que é uma dúvida que eu tenho assim... O que você considera pra ser uma escola do campo? O que ela precisa, quais as características? O simples fato de estar no território já é...

R: Não, a de se perceber... Se ela estiver no campo tem que considerar isso, ela esta lá, ocupa aquele território ou então que ela receba alunos que vem do campo. Então eu poderia ter uma escola na cidade, recebendo alunos do campo e esta escola seria do campo.

P2: Há quanto tempo você trabalha, está envolvido com educação do campo?

R: Desde 1999.

P2: Mas a escola por ela ser no campo, ai seria apenas uma educação no campo né? Não teria essa diferença?

R: Então só que se ela esta no campo é obvio que quem estude nela sejam as pessoas da redondeza, imagino que você não vai trazer de longe, da cidade, de um outro contexto pra estudar lá, né? Então se ela está no campo é uma escola do campo, no e do. Uma escola no e uma escola do campo.

P2: As duas coisas.

Muito obrigada por ter recebido a gente nas suas férias...

R: Então esta bom meninas se precisar de alguma outra coisa ai vocês me procurem.

P1: Obrigada.

P2: Obrigada.

Anexos: Questionários

Questionário 1

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 16 anos Sexo: feminino () masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

10

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

sim por que mesma coisa - não as outras.

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

sim porque é mais parada - prende mais

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

porque as pessoas não têm mas prende império por que as misad

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

sim plantar as mudas.

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

sim por que mais fácil prende de mais tempo

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

não por que os pais não devia escolher onde -
mudar no campo.

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

não

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? ônibus

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

pega ônibus a: 30

11) Qual a cidade que mais frequenta? Arapaguara

12) Qual a regularidade da visita? escala E.E.BA

- 1 vez a cada três meses
 1 vez por mês
 3 vezes por mês
 1 vez por semana
 2 ou mais vezes por semana
 quase não vai a cidade

Questionário 2

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: feminino () masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

faz 10 anos que eu estudo na escola do campo

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

Sim, eu acho que por ser poucos alunos nas salas de aula, os alunos aprendizam

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

Sim, porque eles não entende melhor os prof^{os} são mais amigos dos alunos, e etc.

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

As desvantagens são que a escola na cidade é mais próxima de vários outros lugares e nos dá mais oportunidade

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

Sim, os professores estão trabalhando as matérias do acastamento para negatar aquilo que já foi esquecido.

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

Mais eu gosto porque em uma parte é bom, e em outras não, porque na cidade nos temos mais oportunidade de conseguir uma boa faculdade e etc.

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

eu estudaria na ETI porque lá eu faria um curso técnico e tem outro horário final e colegial

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

Sim, muitas vezes, as vezes tenho medo de ir estudar em uma outra escola por causa disso, tem alunos que não gostam de ter amizade com a gente.9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? eu venho com o ônibus da escola.

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

eu acordo 6:00 h, pegue o ônibus 6:47h e chego na escola 7:00h.11) Qual a cidade que mais frequenta? matais

12) Qual a regularidade da visita?

 1 vez a cada três meses 1 vez por mês 3 vezes por mês 1 vez por semana 2 ou mais vezes por semana quase não vai a cidade13) pretendo fazer uma prova para passar no adeline em matais.

Questionário 3

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: () feminino (X) masculino

- 1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?
faz 10 anos
- 2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?
acho que as pessoas, a necessidade, do meu falar a escola dos cidade
- 3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?
nenhuma vantagem
- 4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?
menos recreação
- 5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?
sim, o professor de Letras apresenta bem
- 6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?
não porque eu acho que na cidade eu tenho mais estudos
- 7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?
concentro na cidade
- 8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.
não, a esse ponto, não
- 9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? Onibus
- 10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?
6:15 eu acordo, e pegu o ônibus 6:50 e vo até na escola no 7:20
- 11) Qual a cidade que mais frequenta? Guariloba, em Araraquara e matão
quase nem vou lá no dentista: (X) 1 vez por mês em Araraquara
- 12) Qual a regularidade da visita?
 1 vez a cada três meses
 1 vez por mês
 3 vezes por mês
 1 vez por semana
 2 ou mais vezes por semana
 quase não vai a cidade

Que escola voca vai estudar ano que vem?
Adelino Porton ou E.T

Questionário 4

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: feminino () masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

Desde a primeira série.

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

tem falta,

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

De ser mais perto do local onde mora.

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

Que a escola do campo não tem 1º, 2º, 3º, 4º, 5º e nenhum tipo de curso.

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

Sim, falar o que fazemos nas horas vagas
na fazenda.

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

Mais eu mesmo porque algumas coisas
não posso fazer com quem mora no campo e outras
desfavorecem.

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

Na cidade porque tem mais tipos
de cursos mais fácil de arrumar um trabalho
quando terminar os estudos.

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

Quando fomos a cidade de ônibus e o
ônibus estava todo cheio de gente e as
pessoas da cidade começaram a fazer
discriminação de mal
gosto.

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? Sim

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

Eu acordo às 5:30 e pego o ônibus às 6:00 horas para
vir à escola.

11) Qual a cidade que mais frequenta? Matão

12) Qual a regularidade da visita?

- () 1 vez a cada três meses
() 1 vez por mês
() 3 vezes por mês
 1 vez por semana
() 2 ou mais vezes por semana
() quase não vai a cidade

13) Em alguma escola profissionalizante como a ETE?

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: feminino () masculino

- 1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?
5 ou 6 anos
- 2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?
sem nada
- 3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?
é que fica mais perto de casa
- 4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?
é que não tem muitos lugares para se fazer cursos
- 5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?
Trabalho de memorial da escola
- 6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?
Sim eu gosto porque é muito mais bonito do que a cidade tem menos poluição
- 7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?
na cidade porque ficaria mais perto para fazer cursos
- 8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.
já por pessoas da cidade que acabam brincando por ser morador do campo
- 9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? de ônibus
- 10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?
eu acordo 5:30 horas e tenho que ir pegar o ônibus as 6:30 horas
- 11) Qual a cidade que mais frequenta? matão
- 12) Qual a regularidade da visita?
- () 1 vez a cada três meses
() 1 vez por mês
 3 vezes por mês
- () 1 vez por semana
 2 ou mais vezes por semana
() quase não vai a cidade

13) Enrique merato. Éte

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: _____ 14 ANOS de idade Sexo: feminino () masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

faz cinco anos que estudo no campo

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

sim. Aqui plantamos varios tipos de alimento na escola.

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

Sim. Porque aqui aprendemos varios tipos de coisas que não aprendemos na cidade

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

A desvantagem é que aqui no campo é muito silencioso e isso às vezes cansa.

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

Aprendemos qual é a época necessária para plantar algo

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

Eu não curto muito, mas é bom porque aprendemos muito

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

Se eu pudesse escolher escolheria em umato, porque lá é divertido, e a escola que escolheria é o Henrique Morato.

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

Quando eu vou por umato, às vezes ele pergunta onde eu estudo, aí eu falo, aí eles tem o costume de chamarem de pé vermelho

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? Sim

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

Eu acordo às 6:00 da manhã, e pego o ônibus às 6:45

11) Qual a cidade que mais frequenta? Em umato

12) Qual a regularidade da visita?

() 1 vez a cada três meses

1 vez por semana

() 1 vez por mês

() 2 ou mais vezes por semana

() 3 vezes por mês

() quase não vai a cidade

13) Qual escola vc iria estudar?

Henrique Morato

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: feminino () masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

Há 10 anos.

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

Sim. aqui existe horta, internet fora do período de aula.

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

Há muitas vantagens porque a escola é perto de casa, são poucos alunos e assim fica mais fácil aprender.

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

É ruim porque só tem até o 9º ano, a partir daí tem que mudar de escola, e fica sempre mais difícil.

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual? Sim. aqui por trabalharmos com internet fora do período de aula, também trabalhamos com horta.

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

Sim. porque é mais calmo, perto de casa, não existe barulho nas ruas que possa nos incomodar.

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

Eu estudaria em matao no adelinno Bordignon.

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

Sim. Quando dizem que moramos aqui, as pessoas acham que não sabemos nada, que somos ignorantes por morarmos aqui etc.

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? Sim.

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

Eu acordo às 6:30 hrs e pego o ônibus às 6:50 hrs.

11) Qual a cidade que mais frequenta? Araraquara e Matao.

12) Qual a regularidade da visita?

- () 1 vez a cada três meses 1 vez por semana
 () 1 vez por mês 2 ou mais vezes por semana
 () 3 vezes por mês quase não vai a cidade

13) Eu pretendo estudar no adelinno Bordignon e fazer um curso técnico.

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 15 Sexo: () feminino (X) masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

2 semanas.

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

Sim, pois a escola do campo fica mais próxima de nossas casas e tem horta na escola do campo.

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

Não precisa se preocupar para fazer trabalho e pesquisa, porque todos moram no assentamento.

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

A escola no campo é muito bom para quem mora no assentamento.

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

Não.

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

Sim, porque todos moram no mesmo lugar (peço) e a escola do campo tem horta e da cidade não tem.

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

No campo, porque fica mais próxima de suas casas.

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

Não, nunca.

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? Sim.

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

Acordo 5:30h e pego o ônibus 6:00 horas.

11) Qual a cidade que mais frequenta? Recanto.

12) Qual a regularidade da visita?

- () 1 vez a cada três meses
 () 1 vez por mês
 () 3 vezes por mês
 1 vez por semana
 () 2 ou mais vezes por semana
 () quase não vai a cidade

13) Qual escola prefere estudar?
 R: Em matao na Henrique Morato.

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 16 Sexo: () feminino (X) masculino

- 1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?
des do 1º ano
- 2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?
nas escolas do campo tem sítio, arvores, e as escolas da cidade não incluem como a do campo
- 3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?
pois que são poucos alunos e os prof.º ensinam mais
- 4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?
as desvantagens são as oportunidades de emprego
- 5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?
sim no aula de ciências
- 6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?
Sim pois que são poucos alunos e não tem violência
- 7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?
gostaria de estudar numa escola particular para ter uma oportunidade de emprego melhor
- 8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.
não
- 9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? sim
- 10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?
eu acordo 5:30 vou para a porta 6:25
- 11) Qual a cidade que mais frequenta? Araraquara, Santos
- 12) Qual a regularidade da visita?
() 1 vez a cada três meses () 1 vez por semana
() 1 vez por mês (X) 2 ou mais vezes por semana
() 3 vezes por mês () quase não vai a cidade
- 13 - Qual escola você pretende estudar no próximo ano?
R: no adelineo

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 15 anos Sexo: () feminino (x) masculino

- 1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?
a 10 anos
- 2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?
Só a Horta
- 3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?
Aqui a gente tem mais de 1000
os professores se importam com nós, eles nos ajudam a resolver
- 4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?
nas desvantagens nenhuma
o problema de família
- 5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?
o trabalho manual
- 6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?
é que a gente tem mais liberdade
por lá tem coisa de aqui
- 7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?
eu estudaria aqui por que eu
gosto de ir pra escola no campo
e por que aqui fica mais perto de casa
- 8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.
nunca por que todos são iguais
o meu
- 9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? ônibus
- 10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?
Acordo 6:15, 6:30
- 11) Qual a cidade que mais frequenta? matão
- 12) Qual a regularidade da visita?

() 1 vez a cada três meses	() 1 vez por semana
(x) 1 vez por mês	() 2 ou mais vezes por semana
() 3 vezes por mês	() quase não vai a cidade

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 15 anos Sexo: () feminino masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

Ha 10 anos

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

a falta

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

A vantagem e que e perto e os professores fazem de tudo para nos aprendermos

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

Nenhuma

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

não

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

gosto porque e perto de casa e o onibus posso enfrentar

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

Em uma escola da cidade porque a mais disponibilidade de estudo

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

por estudar ou morar no campo nunca fui discriminado

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? Sim

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

Eu acordo 5:50 e o onibus pega o onibus 6:40

11) Qual a cidade que mais frequenta? A cidade que mais frequenta e Santa Lucia

12) Qual a regularidade da visita?

- () 1 vez a cada três meses
() 1 vez por mês
 3 vezes por mês

- () 1 vez por semana
() 2 ou mais vezes por semana
() quase não vai a cidade

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: () feminino (X) masculino

1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?

há mais de 10 anos.

2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?

Sim, essa escola tem uma horta e algumas escolas não tem.

3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?

É muito tranquila e a ensino é muito bom.

4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?

Nenhuma desvantagem.

5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?

não tem nenhum.

6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?

Eu gosto muito porque fica perto da natureza.

7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?

na cidade, porque tem mais oportunidades.

8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.

Sim quando ia para a cidade me chamavam de camponês, mas quase não existe discriminação.

9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? sim

10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?

Acorda 6 horas e pega o ônibus às 6:20.

11) Qual a cidade que mais frequenta? matão

12) Qual a regularidade da visita?

() 1 vez a cada três meses

() 1 vez por mês

() 3 vezes por mês

() 1 vez por semana

(X) 2 ou mais vezes por semana

() quase não vai a cidade

13) R: vou continuar os estudos em Matão.

Questionário para a pesquisa "Educação do e no campo: uma solução contra a discriminação do trabalhador do campo?"

Idade do aluno: 14 anos Sexo: (X) feminino () masculino

- 1) Há quanto tempo você estuda em uma escola do campo?
sempre estudei aqui 10 anos.
- 2) Você percebe alguma coisa de diferente nesta escola que não possui nas escolas da cidade?
Não acho muita coisa diferente esta escola é igual a qualquer outra escola da cidade.
- 3) Quais as vantagens de estudar em uma escola do campo?
É um lugar bem tranquilo é mais perto de casa e tem vantagens aqui.
- 4) Quais as desvantagens de estudar em uma escola do campo?
Não tem, mas se tem vantagens igual a qualquer outra escola.
- 5) É trabalhado algum conteúdo específico do campo nas disciplinas? Qual?
Sim, a história das pessoas que foi criada morando aqui a muito tempo.
- 6) Você gosta de estudar em uma escola do campo? Por quê?
Sim, porque aqui é um lugar bem o estudo é tranquilo é pro e muito bom.
- 7) Se pudesse escolher onde você estudaria? Por quê?
Eu preferia a do campo, mas se tem que estudar em outra escola fora do campo.
- 8) Você já se sentiu discriminado por morar no campo? Em quais momentos? Cite se preferir um exemplo de situação em que se sentiu discriminado.
Não, já mais se sentiu discrim. um dia quando para muitos pessoas da cidade gostava de estudar aqui no campo.
- 9) Como você vem para a escola? Utiliza o transporte escolar? sim
- 10) Se utiliza o transporte escolar, que horas você acorda e que horas pega o ônibus para vir à escola?
Eu acordo às 5:39, eu peço o ônibus às 6:20.
- 11) Qual a cidade que mais frequenta? Itirapina e Matão
- 12) Qual a regularidade da visita?

() 1 vez a cada três meses	(X) 1 vez por semana
() 1 vez por mês	() 2 ou mais vezes por semana
() 3 vezes por mês	() quase não vai a cidade